

**PSICOLOGIA
DE MASSA
DO FASCISMO**
wilhelm
reich

**PSICOLOGIA
DE MASSA
DO FASCISMO**

**wilhelm
reich**

biblioteca ciência e sociedade

1

publicações escorpião

Título original: **Massenpsychologie des Fascismus**,
Sexpol Verlag, 1933.

Tradução a partir da versão francesa de
Editions La Pensée Molle

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO*

A classe operária alemã acaba de sofrer uma grave derrota, e com ela, todas as forças progressivas, revolucionárias, criadoras de cultura, que lutam pelos antigos objectivos de liberdade da humanidade trabalhadora. O fascismo triunfou, e consolida as suas posições de hora em hora por todos os meios de que dispõe, em primeiro lugar pela mutação bélica que impõe à juventude. Mas contra a ressurreição da Idade Média, contra a política de rapacidade imperialista, contra a brutalidade, a mística e a escravização dos espíritos, pelos direitos naturais dos trabalhadores e dos criadores, duramente tocados pela exploração económica de um punhado de magnatas financeiros, pela abolição dessa ordem social criminosa: o combate continuará sem descanso. Mas não basta apenas que continue: trata-se sobretudo de saber se, como e em quanto tempo ele levará à vitória do socialismo internacional.

As formas sob as quais se efectuou a tomada de poder pelo nacional-socialismo deram ao socialismo internacional uma lição que não podemos esquecer: ou seja que, para vencer a reacção política, não são precisas frases, mas um saber efectivo, não apelos, mas o despertar de um entusiasmo revolucionário autêntico, não aparelhos de partidos burocratizados, mas organizações de trabalhadores que pratiquem a democracia interna e que deixem o campo livre a todas as iniciativas, e tropas de combatentes convictos. Ensinaram-nos que a falsificação dos factos e o encorajamento por sugestão superficial levam certamente ao desencorajamento das massas, logo que a lógica de aço do processo histórico revela a realidade.

O trabalho sexológico e político que realizei durante anos no seio das organizações de trabalhadores, especialmente entre os jovens, deu-me a convicção inabalável de que a classe que os

Tradução J. Silva Dias
Capa FLIP
Edição PUBLICAÇÕES ESCORPIÃO
Porto/Outubro de 1974

* Para melhor situar **Psicologia de Massa do Fascismo** na obra e na vida militante de W. Reich, e ainda no contexto histórico da época, leia-se as notas inseridas em apêndice, no final do livro a págs. 183 e 185.

dirigentes «enviados por Deus» do «Terceiro Reich» rotulam de «sub-humanidade», mantendo-a subjugada, traz em si o futuro da humanidade, pois que encerra mais cultura, honra, moralidade natural e ciência da verdadeira vida do que o que exige toda a livralhada da filosofia moral burguesa e as grandes frases da reacção política; trata-se, é claro, de uma outra cultura, de uma outra honra, de uma outra moralidade, pois que não possuem um reverso sórdido na prática.

Embora, hoje, milhões de trabalhadores, abatidos, desiludidos, se entreguem à resignação, e adiram até ao fascismo, não há, no entanto, razão para desesperar. A convicção subjectiva com a qual milhões de partidários de Hitler acreditam na missão socialista do nacional-socialismo, por mais que derrame sobre a Alemanha tantos horrores e misérias, não deixa por isso de ser um ganho poderosamente positivo para o futuro socialista. É travar a manifestação dessa força histórica desembaraçar-se pura e simplesmente do nacional-socialismo como de uma obra de escroques e de mistificadores, se bem que aí se encontrem na verdade, escroques e mistificadores. Só objectivamente Hitler é um mistificador, na medida em que agrava o domínio do grande capital; subjectivamente, é um fanático sinceramente convicto do imperialismo alemão a quem um êxito colossal, objectivamente fundado, poupou o desencadear da doença mental que nele existe. Não só nos condenamos a um impasse, mas vamos contra o resultado pretendido, se tentarmos ridicularizar os dirigentes nacional-socialistas por velhos métodos fora de época. *Com uma energia inaudita e grande habilidade, levaram efectivamente as massas ao entusiasmo e assim conquistaram o poder.* O nacional-socialismo é nosso inimigo mortal, mas só podemos vencê-lo se atribuirmos aos seus *pontos fortes* o justo valor e se tivermos a coragem de os proclamar. Podemos dispensar métodos mesquinhos; a demagogia grosseira é sempre um sinal de fraqueza teórica e prática e, a nada levando, é objectivamente contra-revolucionária. O que temos a dizer e a mostrar aos milhões de desencorajados, e aos milhões de nacional-socialistas ainda entusiastas que possuem sentimentos socialistas, é que a força dos nacional-socialistas se deve à sua convicção de uma missão divina, mas que não existe missão divina e que apenas está em causa o imperialismo bélico; que as suas organizações militares são magníficas, mas que significam a aproximação do fim da humanidade e que devem prosseguir outros fins, aqueles aos quais aspira o próprio SA comum: o derrubamento do capital; que Hitler crê libertar o povo, mas que tem contra si um destino *inexorável*: o desmoro-

namento do capitalismo, que desejamos, e que ele não poderá jamais conjurar.

É com a convicção profunda de que existem centros revolucionários que, equipados com as armas da ciência, seguem com atenção o processo da época actual, decididos a travar efectivamente esse último combate tão celebrado, assim que se inverter a marcha dos acontecimentos, movimento que desde já apoiam por todos os meios, é essa convicção que devemos incutir nas massas. A combatividade da juventude *na realidade* encontra-se do nosso lado; a vontade de alegria de viver da juventude será a força mais poderosa da revolução.

Quem não estiver convencido do vigor socialista real das massas laboriosas e não distinguir as forças revolucionárias positivas que se encontram juguladas no nacional-socialismo, não poderá também desenvolver nenhuma prática revolucionária nova. Quem, por outro lado, não utilizar agora a ciência social de que apenas nós dispomos para chegar em primeiro lugar ao domínio teórico da situação social, e não explorar a fundo o tempo que lhe deixa o refluxo actual do movimento operário, quem se deixar reduzir ao optimismo vazio e ao trabalho estéril, esse faz na prática o jogo da reacção política.

A compreensão científica dos acontecimentos, mesmo os mais melindrosos, procura eliminar na medida do possível as fontes de erro infinitamente múltiplas que podem penetrar na visão das coisas; é por isso que ela opera com lentidão e só de muito longe pode acompanhar os acontecimentos. Contudo, os oprimidos exigem aos trabalhadores científicos que dirijam as pesquisas para as questões actuais. A ciência é inimiga mortal da reacção política. Mas o sábio que pensa salvar a existência sendo prudente e «apolítico» e que, vendo mesmo os mais prudentes expulsos e presos, não soube extrair a lição desses factos, esse sábio já não pode ter a pretensão de ser tomado a sério e participar mais tarde na reconstrução efectiva da sociedade. Os seus lamentos e inquietação pela cultura não passam de efusões sem convicção, se não souber reconhecer, a partir dos acontecimentos, que são precisamente a *sua* ciência, a *sua* energia científica que fazem falta àqueles em quem deposita as esperanças no momento das catástrofes. O seu apolitismo é um elemento da força da reacção política e ao mesmo tempo da própria ruína.

Que aquele que julgasse evidentes as consequências deste escrito pense bem que as forças progressivas da história são em grande parte deixadas por cultivar porque existe escassez de forças devidamente formadas e porque os sábios se fecham no seu isolamento universitário, se é que não se deixam subjugar. Desejo ardentemente

uma crítica científica desta obra, não dessas que fabricam teorias sobre a existência humana num gabinete de estudos, mas daqueles que extraem as suas descobertas da vida real dos homens por um contacto íntimo com eles, como sempre me esforcei por fazer.

Este escrito foi elaborado no decorrer da vaga reaccionária ascendente que assolou a Alemanha nos anos 1930-1933. Destina-se a dar *um mínimo* de base teórica ao jovem movimento sexual-político, ainda pouco desenvolvido, e a extrair do caso da reforma sexual alguns dos pontos essenciais pelos quais se pode abordar praticamente o problema. Liga-se a tentativas anteriores de classificar o processo da economia sexual na nossa sociedade; mas dado que esse processo não passa de uma parte da dinâmica global da sociedade, a nossa investigação debruça-se igualmente sobre os problemas do movimento político geral. Em consequência dos acontecimentos políticos da Alemanha, já não foi possível alcançar a profundidade desejada, se é que a ela se pode aspirar em qualquer trabalho científico em geral. Esperar que o pedantismo científico tenha encontrado plena satisfação não me pareceu possível nos tempos que vivemos, tanto mais que tinha pouca esperança de renovar nos prazos previsíveis os materiais que tinha reunido com grande dificuldade e que se tinham perdido por ocasião da catástrofe.

Esforcei-me por apresentar este assunto difícil de maneira tão simples quanto possível, de modo a que a obra seja acessível até ao funcionário-trabalhador médio. Sei que não o consegui perfeitamente. No caso em que a reacção política procurasse vingar-se do conteúdo deste escrito sobre a psicanálise ou seus representantes ela feriria ao lado do alvo. *Freud* e a maioria dos seus discípulos recusam as consequências sociológicas da psicanálise e procuram activamente não sair fora do âmbito da sociedade burguesa. Portanto, não são nem culpados nem responsáveis de que haja políticos que se sirvam dos resultados científicos da pesquisa psicanalítica.

Lembremos de resto que, segundo um dito famoso, a arma da crítica não poderia substituir a crítica das armas. Se este escrito for capaz de abreviar a via difícil que leva à crítica das armas terá atingido a sua finalidade.

Setembro de 1933.

WILHELM REICH

CAPÍTULO I

A IDEOLOGIA COMO PODER MATERIAL

1. O desvio

No decorrer dos meses seguintes à tomada do poder pelo nacional-socialismo na Alemanha, frequentemente se podia fazer a observação que vamos tomar como ponto de partida. Vimos aparecer dúvidas quanto à justeza da concepção fundamental que possui o marxismo a respeito da história social, mesmo entre aqueles que, durante anos, tinham demonstrado pela acção a sua firmeza revolucionária. Essas dúvidas relacionam-se com um facto, de início incompreensível, mas que é impossível negar: o fascismo, sendo por finalidades objectivas e por essência o representante mais extremo da reacção política e económica, assume desde há vários anos as dimensões de um fenómeno internacional, e supera em muitos países, de modo visível e inegável, o movimento proletário revolucionário. O facto de que esse fenómeno é mais fortemente pronunciado nos países altamente industrializados só agrava o problema. Face ao reforço internacional do nacionalismo impõe-se o facto do fracasso do movimento operário, numa fase da história moderna que se tinha tornado economicamente madura para a deslocação do modo de produção capitalista. A isso acresce a recordação inapagável do falhanço da Internacional Operária quando da eclosão da guerra mundial e do esmagamento do levante revolucionário de 1918-1923 fora da Rússia. Essas dúvidas ligam-se portanto a factos de grande peso; se estes forem justificados, se a concepção fundamental de *Marx* não for justa, será então necessário que o movimento operário tome resolutamente uma orientação

nova se quiser atingir a sua finalidade, se a concepção fundamental de Marx for justa, é necessário então analisar, de modo tão profundo e diversificado quanto possível, as causas do fracasso do movimento operário até agora registado, e—isto é fundamental—dilucidar até ao fim esse movimento de massa de um tipo novo que o fascismo representa na história; daí poderia resultar uma prática nova.

Em caso algum podemos esperar uma mudança da situação actual se não for possível comprovar uma e outra hipóteses. É evidente que não se atingirá o objectivo nem fazendo apelo à consciência revolucionária de classe dos operários nem exercendo o método à moda de Coué, hoje praticado com tanta predilecção, que oculta as derrotas e disfarça factos importantes com ilusões. Seria igualmente ilusório que nos satisfizéssemos com o facto de que também o movimento operário «caminha em frente», que aqui e ali existem combates e greves. Pois que o decisivo não é o facto de caminhar em frente, mas sim a que ritmo se caminha em relação ao reforço e ao progresso, no plano internacional, da reacção política.

Se o jovem movimento sexual-político está interessado numa elucidação radical desses problemas não é somente porque faz parte integrante da luta de libertação social em geral, mas também sobretudo porque a realização dos seus objectivos está indissolivelmente ligada à realização dos objectivos económico-políticos do movimento operário. É por isso que queremos tentar mostrar, a partir do aspecto sexual-político do movimento operário, em que ponto os problemas especificamente sexuais-políticos se cruzam com os problemas políticos gerais.

Em muitas assembleias alemãs, ouviam-se frequentemente anti-capitalistas sensatos, e cheios de boas intenções, mesmo quando pensavam em termos nacionalistas e metafísicos, como por exemplo *Otto Strasser*, apresentar aos marxistas esta objecção: «Vocês, os marxistas, referem-se habitualmente à doutrina de *Karl Marx*. Mas ao que sabemos, *Marx* ensinou que a teoria só pela prática pode ser confirmada. Ora vocês limitam-se a dar explicações das derrotas da Internacional Operária. O vosso marxismo fracassou: o que serviu para explicar a derrota de 1914 foi a deserção da social-democracia; quanto a 1918, foi a traição da sua política e das suas ilusões. E agora vocês vêm com novos argumentos na manga para explicar que no momento da crise mundial as massas oscilaram para a direita e não para a esquerda! Mas nem todas essas explicações poderão suprimir o facto da derrota! Depois de 80 anos seria bom ver na prática a confirmação da doutrina da revolução

social! O vosso erro principal consiste em negar a alma ou o espírito ou em zombar dele, e em não compreendê-lo, ele que imprime movimento a todas as coisas». Esses eram mais ou menos os seus argumentos, e os relatores marxistas não encontravam respostas apropriadas a tais questões. Tornava-se cada vez mais claro que, ao limitar o debate aos processos de crise socio-económicos *objectivos* (modo de produção capitalista, anarquia económica, etc.), a propaganda política de massa não atingia ninguém além da minoria daqueles que se encontravam já incorporados à frente da esquerda, que não bastava colocar em primeiro plano a miséria material, a fome das massas, pois isso faziam todos os partidos políticos, e até a Igreja; e finalmente o que aconteceu foi o triunfo, no mais profundo da crise e da privação, da mística do nacional-socialismo sobre o socialismo científico. Era necessário portanto confessar que havia manifestamente, na propaganda e na concepção de conjunto, uma enorme lacuna a partir da qual se podia igualmente verificar que se tratava de insuficiências na apreensão marxista da realidade política, insuficiências para as quais se podiam encontrar todos os remédios no método do materialismo dialéctico. Mas não se tinha tirado partido dessas possibilidades; digamos, para antecipar brevemente, que a política marxista não tinha incorporado, ou o tinha feito mal, aos seus cálculos e à sua prática política a psicologia das massas e os efeitos sociais do misticismo.

Quem tenha seguido e vivido praticamente a teoria e a prática do marxismo destes últimos anos, na esquerda revolucionária, apercebeu-se necessariamente de que aquelas se limitavam apenas ao domínio dos processos *objectivos* da economia e à política do Estado no sentido estrito, que não seguiam com atenção nem compreendiam aquilo a que se chama o «factor subjectivo» da história, a ideologia das massas, na sua evolução e nas suas contradições; omitiam sobretudo a aplicação de modo sempre novo e a conservação sempre viva do método do materialismo dialéctico, a apreensão por esse método, de modo sempre renovado, de cada fenómeno social *novo*. A aplicação do materialismo dialéctico a fenómenos históricos novos—e o fascismo é um fenómeno desse género, que nem *Marx* nem *Engels* conheceram e que *Lenine* só examinou em seu início—não pode conduzir a uma prática falsa, e isso por uma razão muito simples, mas gravemente menosprezada até hoje: a compreensão burguesa da realidade passa ao lado das suas contradições e dos seus dados reais; a prática política burguesa serve-se automaticamente das forças da história que constituem obstáculo à evolução; só pode ter êxito nessa tarefa enquanto a ciência revolucionária não tiver revelado *completamente*

as forças que, opostas às primeiras, necessariamente as devem derrotar. Como mais adiante explicaremos, a base de massa do fascismo, a pequena-burguesia revoltada, não tinha posto em movimento apenas as forças regressivas da história, mas também forças que exerciam uma poderosa pressão para a frente; essa contradição não foi compreendida, melhor, a inteira questão da pequena-burguesia nunca esteve no primeiro plano dos debates até pouco tempo antes da tomada do poder por Hitler, e mesmo quando isso aconteceu, neste ou naquele caso, foi sempre de modo unilateral, mecanicista. Em todos os domínios da existência humana, a prática revolucionária é manifesta desde que se apreendam as contradições em cada novo processo; consiste então, muito simplesmente, em colocar-se ao lado das forças que agem no sentido da evolução voltada para a frente, e em garantir o seu domínio para favorecer a tomada de consciência. Ser radical significa, dizia *Karl Max*, «tomar as coisas pela raiz»; se tomarmos as coisas pela raiz, se compreendermos o seu processo contraditório, então a prática revolucionária está garantida. Se não as compreendermos assim, cai-se, queira-se ou não, designemo-nos ou não materialistas dialécticos, no mecanicismo, no economicismo ou mesmo na metafísica, e desenvolve-se necessariamente uma prática falsa. Por conseguinte, uma crítica dessa prática falsa só tem sentido e valor prático se for capaz de demonstrar em que ponto não foram compreendidas as contradições da realidade. *Marx* realizou um acto revolucionário, não lançando apelos ou indicando objectivos revolucionários, mas principalmente reconhecendo no proletariado a força progressiva da história e dele dando uma explicação adequada à realidade das contradições da economia capitalista, de modo que todos hoje podem saber quais são as forças económicas que se dirigem para a frente e aquelas que se interpõem como obstáculo a esse impulso. Se o movimento operário fracassou foi necessariamente porque as forças que impedem a marcha para a frente ainda não foram completamente dilucidadas, e isso sem dúvida em muitos pontos essenciais.

Por isso, o marxismo vulgar, cuja característica principal é negar na prática o método do materialismo dialéctico ao não aplicá-lo, foi levado a postular que uma crise económica com a amplitude da de 1929-1933 devia necessariamente conduzir a uma evolução ideológica de esquerda nas massas atingidas. Enquanto se falava na Alemanha, mesmo após a derrota de Janeiro de 1933, de um «impulso revolucionário», a realidade mostrava que a crise económica, que deveria ter levado, de acordo com as previsões, a uma evolução para a esquerda da ideologia das massas, tinha

conduzido de facto a uma evolução de extrema direita na ideologia das camadas proletarizadas e daquelas que tinham mergulhado numa miséria mais profunda que nunca. Disso resultou um desvio entre a evolução da base económica que impulsionava para a esquerda, e a evolução da ideologia das mais largas camadas da população, que se fazia para a direita. Esse desvio não foi compreendido. E porque não foi percebido, também se não pôde levantar o problema de saber de que modo a grande massa se pode tornar nacionalista num processo de pauperização. Termos como «chauvinismo», «psicose», «consequências de Versailles», não bastam para explicar na prática a tendência do pequeno-burguês, por exemplo, para aderir à extrema-direita em caso de pauperização, porque não apreendem realmente o processo. Além disso, não foram apenas os pequeno-burgueses, mas largas partes do proletariado, e nem sempre as piores, que oscilaram para a direita. Não se compreendeu que a burguesia, prevenida pelo êxito da revolução russa, recorre a experiências preventivas novas não ainda explicadas, que o movimento operário não analisou (por exemplo o plano Roosevelt); não se compreendeu que o fascismo, no seu ponto de partida e no início da sua transformação em movimento de massa, se volta de início contra a grande burguesia, e que não é possível arrumá-lo dizendo que ele «não passa do defensor do capital financeiro», quanto mais não seja porque se trata de um movimento de massa.

Onde se situa o problema?

A concepção fundamental de *Marx* apreendia primeiramente a exploração da mercadoria força de trabalho, e a concentração do capital segundo um processo necessário num pequeno número de mãos, acompanhado pela pauperização progressiva da maioria da humanidade trabalhadora, em primeiro lugar do proletariado. Desse processo *Marx* deduz a necessidade objectiva da «expropriação dos expropriadores». As forças produtivas da sociedade capitalista fazem rebentar o quadro do modo de produção, a contradição entre produção social e apropriação privada dos produtos pelo capital não pode ser resolvida a não ser pela adequação do modo de produção ao estado das forças produtivas. A produção social deve juntar-se a apropriação social dos produtos. O primeiro acto dessa adequação é a revolução social; esse é o princípio económico fundamental do socialismo científico. Essa adequação só pode realizar-se se a maioria pauperizada estabelecer a «ditadura do proletariado» como ditadura da maioria dos trabalhadores sobre a minoria

dos proprietários desde então expropriados dos meios de produção. As condições económicas prévias à revolução social verificaram-se, de acordo com a teoria de Marx: o capital está concentrado num pequeno número de mãos, a transformação da economia em economia mundial encontra-se em contradição o mais aguda possível com o sistema alfandegário dos Estados nacionais, a economia capitalista só atinge metade da sua capacidade de produção e deu provas completas da sua anarquia, a maioria da população dos países altamente industrializados está pauperizada, cerca de 50 milhões de pessoas encontram-se desempregadas, centenas de milhões de trabalhadores só conseguem assegurar uma existência famélica. Mas a expropriação dos expropriadores não se realiza, e contrariamente às previsões, parece que a história, na encruzilhada dos caminhos entre socialismo e barbárie, toma primeiro a direcção da barbárie, pois que outra coisa significa o reforço internacional do fascismo e o esmagamento do movimento operário? E que aquele que ainda deposita esperanças com *certeza* numa saída revolucionária da guerra mundial que se prepara, que conta por assim dizer que as massas voltarão as armas que lhes colocaram nas mãos contra o inimigo interior, que esse siga pelo menos a evolução da técnica guerreira recente e não rejeite a priori o argumento ultimamente expresso segundo o qual o armamento de largas massas é muito improvável na próxima guerra. Seguindo essa concepção, as acções guerreiras seriam dirigidas contra as massas não armadas dos grandes centros industriais, e executadas por um pequeno número de técnicos muito seguros e seleccionados. Mudar o nosso modo de pensamento e de reflexão é, por essa razão, condição prévia indispensável a uma prática socialista nova.

2. Estrutura económica e ideológica da sociedade

Se a nossa concepção de um desvio, à primeira vista desconcertante, entre a situação económica e a ideologia das massas proletárias e proletarizadas é justa, tendo precisamente esse desvio ajudado o fascismo a tomar o poder na Alemanha, devemos poder apreendê-lo por meio do nosso método materialista dialéctico. O que decerto está em jogo é o problema do papel da ideologia e da atitude afectiva das massas como factor histórico, do *efeito retroactivo da ideologia sobre a base económica*. Se a pauperização material de largas massas não levou a uma revolucionarização no sentido da revolução proletária, se a crise deu objectivamente lugar a ideologias contrárias à revolução, a evolução da ideologia das mas-

sas destes últimos anos entrou o desenrolar das forças produtivas, a solução revolucionária da contradição entre as forças produtivas do capitalismo monopolista e o seu modo de produção.

Segundo Kunik («*Versuch einer Feststellung der sozialen Gliederung der deutschen Bevölkerung*», «Die Internationale», 1928, colectado por Lenz: «*Proletarische Politik*», Internationaler Arbeitsverlag, 1931) a estrutura de classes da sociedade alemã apresenta-se do seguinte modo:

	População activa em milhares	com as famílias em milhões
Proletários	21.789	40,7
Classe média das cidades	6.157	10,7
Pequenos e médios camponeses	6.598	9,0
Burguesia (incluindo os proprietários funditários e os grandes agricultores)	718	2,0
População (sem as mulheres e crianças)	34.762	Total 62,4
Estratificação do proletariado:		
		em milhares
Trabalhadores da indústria, dos transportes, do comércio, etc.		11.826
Trabalhadores agrícolas		2.607
Trabalhadores a domicílio		138
Empregados domésticos		1.326
Pensionados sociais		1.717
Empregados subalternos (até 250 marcos por mês)		2.775
Funcionários subalternos (+ aposentados)		1.400
		21.789
Estratificação da classe média das cidades:		
		em milhares
Camadas inferiores dos pequenos empresários (trabalho a domicílio, arrendamento, empresas individuais ou que não empregam mais de duas pessoas)		1.916
Pequenos empresários com três empregados ou mais		1.403
Empregados e funcionários médios		1.763
Profissões liberais e estudantes		431
Pequenos possuidores de rendas e pequenos proprietários		544
		6.157
Camadas médias no campo:		
		em milhares
Pequenos camponeses e arrendatários (até 5 ha)		2.366
Camponeses médios (de 5 a 50 ha)		4.232
		6.598

Estes números correspondem ao recenseamento de 1925.

Mas eles reflectem apenas — e é o que devemos fixar — a estratificação ligada à situação económica, e não a estratificação ideológica, que é diferente dessa. Do ponto de vista *sócio-económico*, a Alemanha de 1925 incluía pois:

	População activa	
	População activa	com as famílias
Proletariado	21,789 milhões	40,7 milhões
Classes médias	12,755 »	19,7 »

Segundo uma estimativa grosseira, a estrutura *ideológica* tem o seguinte aspecto:

Proletária (produção colectiva; trabalhadores da indústria, do comércio, dos transportes etc., e trabalhadores agrícolas) 14,433 milhões

Pequena-burguesia 20,111 »

Trabalhadores a domicílio (produção individual)	138 mil
Empregados domésticos (experiências devidas à propaganda doméstica)	1.326
Pensionatos sociais	1.717
Empregados subalternos (experiências nas grandes empresas, por exemplo «Nordstehn», em Berlim)	2.775
Funcionários subalternos (por exemplo controladores das contribuições, carteiros)	1.400
	7.356 mil (proletários económicos)
Classes médias das cidades	6.157
Classes médias dos campos	6.589
	20.111 mil

Seja qual for o número de membros das classes médias que tenham votado em partidos de esquerda, ou, inversamente, de proletários que tenham votado em partidos de direita, surpreende o facto de que os *números de estratificação ideológica* por nós levantados *coincidem aproximadamente com os números das eleições de 1932*: comunistas e sociais-democratas totalizavam na última estimativa 12 a 13 milhões de votos, o NSDAP e os nacio-

nais-alemães cerca de 19 a 20 milhões. Isso prova que, do ponto de vista da política prática, foi determinante não a estratificação económica, mas a estratificação ideológica. Assim, as classes médias assumem maior importância do que aquela que lhes tinha sido atribuída.

É na época do declínio rápido da economia alemã, de 1929 a 1932, que se situa o grande salto do NSDAP, que passa de 8000 mil votos em 1928 a 6,4 milhões no Outono de 1930, 13 milhões no Verão de 1931 e 17 milhões em Janeiro de 1933. Segundo os cálculos de *Jager* («Hitler», «Roter Aufbau», Outubro de 1930), cuja exactidão não pude verificar, os 6,4 milhões de votos nacional-socialistas compreendiam já cerca de três milhões de proletários no plano económico à razão de 60 a 70% de empregados e 30 a 40% de operários.

Ao que eu saiba, foi *Karl Radek* quem com maior clareza entendeu o aspecto problemático do processo sociológico recente, o qual escrevia desde 1930, após o primeiro avanço do NSDAP:

«Não existe nenhum precedente conhecido, na história da luta política, sobretudo num país de diversificação política antiga, no qual cada novo partido tem dificuldades extremas para conseguir um lugar à mesa ocupada pelos velhos partidos. Nada é tão característico quanto o facto de nada se ter dito, tanto na literatura burguesa quanto na socialista, a respeito desse partido que toma o segundo lugar na vida política alemã. É um partido sem história, que surgiu repentinamente na vida política da Alemanha, como uma ilha que, por efeito de forças vulcânicas, emerge repentinamente no meio do mar». («*Deutsche Wahlen*», Roter Aufbau, out. 1930).

Não duvidamos de que essa ilha também tem a sua história e de que dispõe de uma lógica interna.

Face à alternativa: «ruína na barbárie» ou «ascensão para o socialismo», o elemento decisivo reside, segundo todas as reflexões que até agora foi possível fazer, nisto; ou a estrutura ideológica das massas dominadas se alinha pela sua situação económica, ou dela se dissocia; quer de maneira tal que a exploração é suportada passivamente, como nas grandes sociedades asiáticas, quer de maneira que a ideologia da maioria dos oprimidos é contrária à situação económica, como hoje na Alemanha.

O problema fundamental consiste portanto em saber o que condiciona a situação assim descrita ou, se quisermos, aquilo que impede a harmonia entre a situação económica e a ideologia.

Trata-se pois de apreender a essência da estrutura ideológica e a sua relação com a base económica de que é originária.

Para compreender isto, é necessário começar por nos desembaraçarmos de algumas concepções do marxismo vulgar que barram o caminho a uma compreensão do fascismo. Essencialmente são as seguintes.

O marxismo vulgar separa esquematicamente o ser social, na maioria das vezes o ser económico, do ser em geral, e afirma que a ideologia e a «consciência» dos homens são determinadas só e imediatamente pelo ser económico. Assim chega a uma oposição mecânica entre economia e ideologia, base e superestrutura; faz depender a ideologia, esquemática e unilateralmente, da economia, e não distingue a dependência entre a evolução da economia e a da ideologia. Por essa razão, fecha-se ao problema daquilo a que se chama o «efeito de volta da ideologia». Se bem que agora fale do «atraso do factor subjectivo», tal como Lenine o entendia, na prática não consegue vencer esse atraso porque começou por retirar o facto subjectivo, unilateralmente, da situação económica, sem buscar primeiramente as contradições da economia na ideologia; e, em segundo lugar, sem entender a ideologia como força histórica.

Na verdade, recusa-se a compreender a estrutura e a dinâmica da ideologia relegado-a para a «psicologia» que nada teria de marxista, e abandona o campo do factor subjectivo, daquilo a que se chama a «via da alma» na história, ao idealismo metafísico da reacção, aos *Gentile* e aos *Rosenberg*, que atribuem apenas ao «espírito» e à «alma» a feitura da história e que, coisa estranha, acabam mesmo por conseguir isso. A negligência desse aspecto do materialismo histórico é um processo ao qual *Marx*, no seu tempo, tinha já oposto uma crítica de princípio, tomando por objecto o materialismo do séc. XVIII. Para o marxista vulgar, a psicologia é a priori, em si mesma, um sistema metafísico e ele não pensa em distinguir o carácter metafísico da psicologia burguesa dos seus elementos materialistas fundamentais, que a pesquisa psicológica burguesa traz à luz e que nós devemos desenvolver, indo mais longe que ela. Ele condena em vez de efectuar uma crítica produtiva e julga-se bom materialista quando condena, sob a etiqueta de «idealistas», factos tais como «pulsão», «necessidade» ou «processo psíquico». Dessa forma cai em imensas dificuldades e só colhe fracassos, pois é forçado, na sua prática política, a fazer continuamente psicologia prática, a falar das necessidades das massas, de consciência

revolucionária, de vontade de greve, etc. Ora, quanto mais nega a psicologia, mais faz ele próprio psicologismo metafísico, e até pior: uma espécie de melancólico *coveismo*, por exemplo quando explica uma situação histórica a partir da «psicose hitleriana» ou quando consola as massas dizendo-lhes que confiem nele, que apesar de tudo as coisas avançam, que é impossível destruir a revolução etc. Pouco a pouco enterra-se e acaba por insuflar nas pessoas uma coragem ilusória, sem dizer na realidade seja o que for de concreto a respeito da situação, sem compreender o que efectivamente se passou. Que para a burguesia não exista nunca situação sem saída, que uma crise económica grave possa conduzir tanto à barbárie quanto ao socialismo, esse é um problema que para ele ficará apenas letra morta. Em vez de derivar o pensamento e a acção da realidade, transforma a realidade em imaginação, de modo a que ela corresponda aos seus desejos.

A psicologia materialista dialéctica não pode ser senão a pesquisa desse factor subjectivo da história, da estrutura ideológica dos homens de uma época e da estrutura ideológica da sociedade que constituem. Ela não se opõe, como a psicologia burguesa e a economia psicologista, à sociedade de *Marx*, erguendo frente a ela uma «concepção psicológica» do social, mas subordina-se e integra-se, num ponto muito preciso, a essa teoria que deriva a consciência do ser.

A tese de *Marx* segundo a qual o material (o ser) se transpõe na cabeça do homem em ideal (em consciência), e não inversamente na origem, deixa dois problemas em aberto: em primeiro lugar, de que modo isso acontece, o que se passa então «na cabeça do homem», em segundo lugar, de que modo a consciência assim produzida (falaremos a partir de agora em *estrutura psicológica*) repercute por sua vez no processo económico. A psicologia analítica preenche essa lacuna ao revelar o processo interior à vida psíquica do homem, que é determinado pelas condições de existência, e ao apreender assim efectivamente o factor subjectivo. Ela tem portanto uma tarefa rigorosamente circunscrita. Não pode por exemplo explicar a génese da sociedade de classes ou o modo de produção capitalista (quando tenta fazê-lo, logo habitualmente daí surgem inépcias reaccionárias, por exemplo que o capitalismo é uma manifestação da cobiça dos homens), mas ela é sem dúvida a única habilitada — e não a economia social — a buscar de que maneira as condições da sua existência nele repercutem, de que modo ele tenta acomodar-se com essa existência, etc. É certo que ela estuda apenas o indivíduo, mas quando se especializa na exploração dos processos psicológicos típicos *comuns* a uma camada social, a uma classe, a

um grupo profissional etc., e deixa de lado as diferenças, torna-se psicologia de massa.

Ao fazer isto, a psicologia refere-se ao próprio *Marx*:

«As condições prévias de que partimos não são arbitrárias, não são dogmas, são condições prévias reais de que só podemos abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, a sua acção e as suas condições materiais de vida, tanto as condições pré-existentes quanto as que foram originadas pela acção».

(*Ideologia Alemã*, I)

«O homem é ele próprio a base da sua produção material como de qualquer outra produção que realiza. Todas as circunstâncias que afectam o homem, o sujeito da produção, modificam portanto mais ou menos todas as suas funções e actividades, como criador da riqueza material, das mercadorias. Desse ponto de vista, pode-se efectivamente demonstrar que todas as condições e funções humanas seja qual for a maneira e o momento em que se apresentam, têm influência na produção material e têm sobre ela repercussões mais ou menos determinantes».

(*Teorias sobre a mais-valia*, 1905 I)

Não estamos a dizer novidades nem a fazer uma revisão de *Marx*, censura que muitas vezes ouviremos: «*Todas as condições humanas*» — tanto como as condições do processo de trabalho, é necessário incluir as sublimações mais pessoais, mais privadas e mais altas da vida pulsional e do pensamento humano, portanto também, eventualmente, a vida sexual das mulheres, dos jovens e das crianças, do mesmo modo que o estado da pesquisa marxista sobre essas condições e a sua aplicação a novos problemas sociais. Graças a uma categoria particular dessas condições humanas, *Hitler* conseguiu fazer uma história que não é possível abolir com chacotas. Se *Marx*, portanto, não elaborou e não podia elaborar sociologia sexual, porque não existia então ciência da sexualidade, o problema agora é integrar ao edifício do materialismo histórico não só as condições económicas, mas também essas condições, arruinar a hegemonia dos místicos e dos metafísicos nesse domínio.

Quando uma ideologia repercute de volta no processo económico é necessariamente porque se transformou em força material. Se uma ideologia se torna em força material quando se apodera das massas, devemos continuar a formular esta pergunta: de que modo isso aconteceu? De que modo se tornou possível a repercussão material de um estado de facto ideológico, ou seja, por exemplo, de uma teoria que arrasta transformações históricas? Responder a essa pergunta é também necessariamente responder à questão da prática da psicologia de massa.

A ideologia de cada formação social não tem por única função reflectir o processo económico dessa sociedade, mas também a de a enraizar nas estruturas psíquicas dos homens dessa sociedade. Os homens estão sujeitos às próprias condições de existência de duas maneiras; de maneira directa, pela repercussão imediata da sua situação económica e social, e de maneira indirecta, pela estrutura ideológica da sociedade; têm portanto que desenvolver sempre na sua estrutura psíquica uma contradição que corresponde à contradição que existe entre as repercussões da sua situação material e as repercussões da estrutura ideológica da sociedade. O trabalhador, por exemplo, está sujeito tanto à sua situação de classe quanto à ideologia geral da sociedade burguesa. Mas não sendo os membros das diferentes camadas sociais apenas objecto dessas influências, mas reproduzindo-as também, na qualidade de sujeitos actuantes, inevitavelmente que o seu pensamento e acção devem estar tão cheios de contradições quanto a sociedade de que provêm. Mas, na medida em que uma ideologia transforma a estrutura psíquica dos homens, ela não se limitou a reproduzir-se, mas, o que é mais importante, tornou-se força activa, poder material, sob a forma de homens que por esse modo foram concretamente transformados e que por esse facto agem de modo transformado e contraditório. É dessa maneira, e dessa maneira *somente*, que se torna possível o efeito de volta da ideologia de uma sociedade sobre a base económica, da qual proveio. O «efeito de volta» perde o seu carácter aparentemente metafísico ou psicológico quando pode ser apreendido na sua materialidade como estrutura psíquica do homem actuante. Enquanto tal, esta é objecto de uma psicologia científica, ou seja marxista. Por essa forma confere-se precisão à comprovação de que a ideologia se transforma mais lentamente que a base económica. Porque as estruturas psíquicas, que correspondem a uma situação histórica determinada, se formam em seus grandes traços na primeira infância e têm um carácter muito mais conservador que as forças produtivas técnicas, segue-se que, com o tempo, as estruturas psíquicas se atrasam em

relação ao desenvolvimento das relações materiais de que provieram e que evoluem rapidamente e entram em conflito com as formas de vida ulteriores. Essa é a característica principal que define a natureza daquilo a que se chama a tradição; mas, depois de tudo isto, ainda não apreendemos o conteúdo desta.

3. A problemática da psicologia de massa

Vimos até agora que a situação económica e a situação ideológica das massas não se sobrepõem necessariamente e que podem mesmo dissociar-se em larga medida. Precisamos além disso reconhecer que a situação económica não se transpõe de modo imediato e directo para a consciência política. Se fosse esse o caso, há muito tempo que a revolução teria surgido. Em função dessa dissociação entre a situação económica e a ideologia ou a consciência política, a análise da realidade deve ser dupla: independentemente do facto de ser possível apreender grosseiramente a ideologia deduzindo-a da existência social, a situação económica deve ser apreendida com a ajuda de uma outra problemática além da estrutura ideológica: aquela de um ponto de vista socio-económico, esta de um ponto de vista psicológico. Ilustremos com um exemplo simples o que acabamos de dizer: quando os trabalhadores que têm fome devido a baixas de salários entram em greve, a sua acção deriva directamente da sua situação económica. O mesmo acontece quando um esfomeado rouba. Para explicar o roubo pela fome ou a greve pela exploração, não se necessita de uma explicação psicológica suplementar. Nesse caso a ideologia e a acção correspondem à pressão económica. Situação económica e ideológica sobrepõem-se. A psicologia burguesa costuma nesse caso querer explicar pela psicologia por que motivos pretensamente irracionais se roubou ou se entrou em greve, o que sempre leva a explicações reacconárias. Para a psicologia materialista dialéctica, o problema é exactamente inverso: o que é necessário explicar não é que o faminto roube ou que o explorado entre em greve, mas por que razão a maioria dos famintos não rouba e a maioria dos explorados não entra em greve. O socio-económico, portanto, explica integralmente um facto social, quando a acção e o pensamento são racionais e adequados, ou seja, quando estão ao serviço de satisfação das necessidades e quando reproduzem e continuam de modo imediato a situação económica. Fracassa quando o pensamento e a acção dos homens estão em *contradição* com a situação económica, quando são portanto *irracionais*. O marxismo vulgar e o economicismo, que não

reconhecem a psicologia, encontram-se desarmados frente a essa contradição. Quanto mais mecanicista for o marxista vulgar, economicista, mais ele nega a psicologia do homem e mais ele cai na prática da propaganda de massa, num psicologismo dos mais superficiais: em vez de descobrir e de eliminar no indivíduo de massa a contradição psíquica, pratica um *coueísmo* triste, ou explica o movimento nacionalista por uma «psicose de massa». A problemática da psicologia de massa marxista toma pois o seu ponto de partida onde falha a explicação socio-económica *sem mediações*. Será que por isso a psicologia de massa se opõe à sócio-economia? Não. Antecipando: o pensamento e a acção das massas, que estão em contradição com a situação socio-económica imediata, são por sua vez consequência de uma situação socio-económica anterior, *mais antiga*. É costume explicar o entrave ao desenvolvimento da consciência revolucionária por aquilo a que se chama a tradição. Mas até agora não se examinou o que vem a ser a «tradição», que elementos materiais e psíquicos ela põe em jogo. A economia desconheceu até hoje que a questão essencial não é saber que a consciência de classe existe, e de que modo, no trabalhador (é uma coisa evidente!), mas saber *o que entrava o desenvolvimento da consciência de classe*.

A recusa da observação e da prática psicológica na política proletária deu origem até agora nas discussões a uma problemática política improdutivo. Por exemplo, os comunistas explicaram a tomada do poder pelo fascismo pela política ilusória e enganadora da social-democracia. Essa explicação acaba por levar a um beco sem saída, pois que é precisamente essa a função da social-democracia, enquanto pilar objectivo do capitalismo: espalhar ilusões. Enquanto ela existir é isso que fará. Essa explicação não origina uma nova prática. Igualmente improdutivo é a explicação segundo a qual a reacção política teria sob a forma do fascismo «obscurecido», «pervertido» e hipnotizado as massas. Essa é e permanece a função do fascismo enquanto existir. Não é produtivo, pois não aponta uma saída, fundamentar a política unicamente na função objectiva de um partido capitalista, função que consiste em ser ele um sustentáculo do domínio capitalista. Naturalmente é preciso tornar patente a função objectiva da social-democracia e do fascismo. Mas a experiência ensina que a revelação sob mil formas dessa função não persuadiu as massas, portanto que a problemática socio-económica por si só não basta. É-se levado a perguntar *o que se passa nas massas* para que elas não tenham podido nem querido reconhecer essa função. A resposta típica «os trabalhadores não podem deixar de reconhecer...» ou «não compreendemos...» não tem utilidade alguma.

Por que razão os trabalhadores não reconhecem e por que razão nós não compreendemos? Pode considerar-se estéril igualmente a problemática que subtendia por exemplo a discussão entre a oposição de direita e o Komintern. Os direitistas afirmavam que os trabalhadores não eram combativos, a «linha» pelo contrário afirmava que isso era errado, que os trabalhadores eram revolucionários e que as afirmações dos direitistas representavam uma traição ao pensamento revolucionário. As duas problemáticas, porque representavam uma dicotomia, eram mecanicistas, não dialécticas. Para se conformar à realidade teria sido necessário afirmar que o trabalhador médio traz em si uma *contradição*, a oposição *simultânea* de uma posição revolucionária e de um entrave (*Hemmung*) burguês (cf. por exemplo o laço que une o operário social-democrata aos dirigentes), que ele não é portanto nem revolucionário nem burguês de uma só peça, mas que se encontra no meio de um conflito: a sua estrutura psíquica deriva por um lado da sua situação de classe que abre caminho às posições revolucionárias, por outro lado da atmosfera geral da sociedade burguesa, estando as duas coisas em *contradição*.

É decisivo, não só perceber essa *contradição*, mas também conhecer de que modo concreto aquilo que é burguês e aquilo que está de acordo com a classe se apresenta entre os trabalhadores. A mesma problemática naturalmente é também válida para o membro das classes médias. Este, pelo contrário, ainda que já proletarianizado no plano económico, receia cair no proletariado e torna-se um reaccionário extremo, o que não pode ser compreendido de modo imediato de um ponto de vista socio-económico. Também ele traz em si uma *contradição* entre sentimentos de revolta e objectivos e conteúdos reaccionários.

Não damos, por exemplo, uma explicação da guerra pela sociologia quando trazemos à luz as leis económicas e políticas particulares que a condicionam *de modo imediato*, como por exemplo as tendências alemãs de anexação que antes de 1914 se orientavam para as bacias mineiras de Briey e Longwy, para o território industrial da Bélgica, para o alargamento das posições coloniais na Ásia Menor, etc. As *contradições* económicas do imperialismo alemão eram de certo o factor actual determinante, mas devemos integrar igualmente a base *psicológica de massa* da guerra mundial, devemos perguntar: por que razão o terreno psicológico de massa era capaz de absorver a ideologia imperialista, de transpor em actos as palavras de ordem impérialistas. Dá-se uma resposta insatisfatória a essa pergunta se atribuirmos a responsabilidade única à defecção dos dirigentes da II Internacional. Por que razão se deixaram trair milhões

de trabalhadores socialistas e anti-imperialistas? O medo das consequências de uma recusa do serviço militar só teve influência em relação a uma minoria. Aquele que viveu a mobilização de 1914 sabe que nas massas proletárias se manifestaram os mais diversos estados de espírito. Desde uma recusa consciente numa minoria, passando por uma submissão espantosa ao destino, ou uma apatia, em vastíssimas camadas, até ao puro entusiasmo guerreiro não só nas camadas médias como também no coração dos círculos proletários. Tanto a apatia de uns quanto o entusiasmo dos outros foram sem contestação os alicerces da guerra ao nível da estrutura de massa (*masenstrukturelle Fundierung*). Esse fundamento psicológico de massa da guerra mundial deve ser esclarecido adoptando o seguinte ponto de vista: a ideologia imperialista da alta finança só pôde tornar-se em força material porque transformou concretamente no sentido do imperialismo as estruturas das massas trabalhadoras, porque existiam princípios *gerais* da sociedade de classes que tornaram a guerra possível, princípios dos quais não podemos desfazer-nos dizendo que se tratava de uma «psicose de guerra» ou de uma «cegueira das massas». Haveria *contradição* com a teoria marxista da consciência de classe se se pensasse que as massas podem com facilidade ser puramente enganadas. Neste caso, trata-se manifestamente do seguinte problema considerável: qualquer organização social produz nas massas dos seus membros as estruturas de que necessita para os seus objectivos fundamentais.¹ Sem essas estruturas, que a psicologia de massa deve explorar, a guerra não teria sido possível. Deve existir uma correlação importante entre a estrutura económica de uma sociedade e a estrutura psicológica de massa dos seus membros; não só no sentido em que as ideologias dominantes são as ideologias da classe dominante, mas, o que é mais importante para a solução de questões políticas práticas: que as *contradições* da

¹ «Os pensamentos da classe dominante são também os pensamentos dominantes de cada época, ou, por outras palavras, a classe que é a potência material dominante da sociedade é também a potência dominante espiritual. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe do mesmo lance dos meios da produção intelectual, de tal modo que os pensamentos daqueles a quem se recusam os meios de produção intelectual são submetidos pela mesma ocasião a essa classe dominante. Os pensamentos dominantes não passam da expressão ideal das relações materiais dominantes, consistem nessas relações materiais dominantes apreendidas sob forma de ideias, portanto na expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; por outras palavras são as ideias da sua dominação». Marx, *Ideologia Alemã*, p. 46; Ed. Sociales, p. 92.

estrutura económica de uma sociedade devem também necessariamente estar representadas nas estruturas psicológicas da massa dos oprimidos. Caso contrário, seria impensável que as leis económicas de uma sociedade só através da «acção», ou seja, das estruturas psíquicas das massas submetidas a essas leis, pudessem alcançar uma eficiência concreta.

É verdade que o movimento proletário não ignorou a importância daquilo a que se chama o «factor subjectivo da história» (em oposição ao materialismo mecanicista, Marx concebe o homem em seu princípio como sujeito da história e Lénine elaborou precisamente esse aspecto do marxismo); o que faltava era a *concepção da acção irracional, inadequada, por outras palavras, da dissociação entre economia e ideologia*. Temos que ser capazes de explicar de que modo foi possível que a mística vencesse a sociologia científica. Essa tarefa só poderá ser realizada se a nossa problemática for de molde a permitir que da explicação dada se deduza automaticamente uma prática nova. Se o trabalhador não é nem burguês nem revolucionário exclusivamente, mas se ele se encontra no centro de uma contradição entre aspirações reaccionárias e revolucionárias, deve necessariamente, se esclarecermos essa contradição, surgir daí uma prática que oponha às forças psíquicas conservadoras as forças psíquicas revolucionárias. A mística é reaccionária, o homem burguês é místico. Se ridicularizarmos a mística, se, sem a explicarmos, nos livrarmos dela como se fosse uma cegueira ou uma psicose, daí não resulta nenhuma prática para lutar contra a mística. Pelo contrário, se for possível explicar a mística de modo materialista, daí deve necessariamente resultar um contraveneno político contra ela. Mas para realizar essa tarefa é necessário compreender as relações entre a situação social e a formação da ideologia, em particular as relações que não são directamente explicáveis de um ponto de vista socio-económico, as relações que são *irracionais*, nos limites dos meios de conhecimento existentes.

4. A função social da repressão sexual.

Já Lénine se tinha impressionado com um comportamento curioso irracional das massas antes das revoltas ou no desenrolar delas. Ele narra do modo seguintes os levantes de soldados em 1905, na Rússia:

«O soldado tinha grande simpatia pela causa dos camponeses; os seus olhos iluminavam-se mal se evocava o campo. Mais de uma vez, nas tropas, o poder tinha passado para as

mãos dos soldados, mas quase nunca se assistiu a uma firme utilização desse poder; os soldados hesitavam; algumas horas após terem morto um superior a quem odiavam, libertavam os restantes, iniciavam negociações com as autoridades, depois deixavam-se executar, submetiam-se à fôrula e novamente consentiam em ficar debaixo do jugo...»¹

A mística de qualquer matiz explicará esse comportamento pela natureza moral do homem que constituiria um obstáculo a uma rebelião contra a instituição divina da propriedade privada, contra a autoridade do Estado e dos seus representantes; o marxista vulgar passa ao lado desses fenómenos sem lhes prestar atenção — aliás não encontraria para eles nem inteligência nem explicação, pois que não podem ser explicados directamente pela economia. A concepção freudiana aproxima-se mais do facto quando reconhece nesse comportamento o efeito de um sentimento de culpabilidade em relação a figuras paternas, sentimento que se origina na infância dos homens. Simplesmente nada nos diz sobre a origem e a função sociológica desse comportamento e portanto não leva a solução prática alguma. Do mesmo modo desconhece a relação que existe com o modo de vida sexual das amplas massas.

Com o fim de esclarecer o problema de saber de que modo podemos abordar a análise desses fenómenos psicológicos de massa de natureza irracional, necessitamos de uma rápida visão de conjunto da problemática da *economia sexual* — problemática em outra ocasião estudada com minúcia.

A *economia sexual* é uma orientação de pesquisa que se constituiu há alguns anos, através de uma sociologia da vida sexual humana, pela aplicação nesse campo do materialismo dialéctico e que dispõe já de uma série de observações de tipo novo. O seu ponto de partida reside nos seguintes pressupostos.

Marx descreveu a vida social dominada pelas condições da produção económica e pelas lutas de classes que a partir de um momento determinado da história nascem dessas condições. A dominação da classe oprimida pelos proprietários dos meios de produção só raramente utiliza os meios da violência brutal; a sua arma principal é constituída pelo seu poder ideológico sobre os oprimidos,

¹ Lénine: «Sobre a religião».

poder fortemente sustentado pelo aparelho de estado. Sabemos já que *Marx* considera como primeiro pressuposto da história e da política o homem vivo, o homem que produz, com as suas qualidades psíquicas e físicas. A estrutura do homem actuante, aquilo a que se chama o «factor subjectivo da história», permaneceu inexplorada por que *Marx* era sociólogo e não psicólogo, e porque nessa época não existia psicologia científica. O problema que consiste em saber por que razão os homens suportam desde há séculos a exploração e humilhação moral, em resumo, a escravidão, ficou sem resposta; apenas se tinha em conta o processo económico da sociedade e o mecanismo de exploração baseado na economia privada.

Quase meio século mais tarde, *Freud* descobria, com a ajuda de um método específico a que chamou *psicanálise*, o processo que domina a vida psíquica. As suas descobertas mais importantes são apontadas a seguir. Elas tiveram um efeito devastador sobre toda uma série de concepções precedentes e em si mesmas surgem como subversivas, o que logo de início lhes valeu um ódio geral¹.

A consciência é apenas uma pequena parte do psiquismo, ele próprio dirigido por processos psíquicos que se passam de modo inconsciente e que portanto não são acessíveis ao domínio da inconsciência; cada fenómeno tão absurdo quanto o sonho, o acto falhado, as manifestações absurdas do doente mental, etc., tem uma função e um «sentido» e podemos compreendê-lo plenamente se soubermos inseri-lo na história do desenvolvimento da pessoa considerada. Assim, a psicologia que até então vegetava, seja como uma espécie de física do cérebro («mitologia do cérebro»), seja como doutrina de um espírito objectivo misterioso, passou a incluir-se no grupo das ciências.

A *segunda* grande descoberta foi que a criança já desenvolve uma sexualidade vivaz que nada tem a ver com a reprodução, que, portanto, *sexualidade* e *reprodução, sexual* e *genital* não são coisas equivalentes; além disso, a decomposição analítica dos processos psíquicos mostrou que a energia sexual, a *libido*, emanando de fontes corporais, constitui o motor central da vida psíquica logo que entra em conflito com as condições reais da existência. Os pressupostos biológicos e as condições sociais da vida reencontram-se portanto no psiquismo.

¹ Do ponto de vista marxista, há uma apresentação mais aprofundada em Reich: «Materialismo dialéctico e psicanálise».

A *terceira* grande descoberta foi que a sexualidade infantil de que faz parte igualmente o essencial da relação pais-filhos («complexo de Édipo») é geralmente recalcada devido ao temor de sanções por actos e pensamentos sexuais (o que constitui no fundo a «angústia de castração»), o que quer dizer que a sexualidade é obstruída a via da acção e que ela se apaga na memória. O recalçamento da sexualidade infantil subtrai portanto esta à dominação da consciência, mas sem lhe retirar a força; mais ainda, aumenta-a e permite-lhe assim manifestar-se em diferentes perturbações patológicas da vida psíquica. Como não existe praticamente excepção a essa regra no homem civilizado, *Freud* pôde afirmar que a humanidade no conjunto era paciente sua.

A *quarta* descoberta, que é para nós importante neste caso, foi que as instâncias morais no homem, longe de serem de origem supra-terrestre, derivam essencialmente das medidas de educação dos pais e dos seus representantes na primeira infância. No coração dessas medidas de educação agem as que são dirigidas contra a sexualidade da criança. O conflito que originariamente se trava entre os desejos da criança e as proibições dos pais prossegue em seguida como conflito entre pulsão e moral *no interior* da pessoa. As instâncias morais, elas próprias inconscientes, agem no adulto contra o conhecimento das leis da sexualidade e da vida psíquica inconsciente; apoiam o recalçamento sexual («resistência sexual») e explicam a resistência do mundo face à descoberta da sexualidade infantil.

Cada uma dessas descobertas (referimos apenas as mais importantes para o nosso tema), só pela sua existência já representava um abalo grave contra a filosofia moral burguesa, em particular contra a religião, que defendiam valores morais eternos, que faziam reinar sobre o mundo um espírito objectivo e negavam a sexualidade infantil, do mesmo modo que restringiam a sexualidade à função de reprodução. Até aqui, essas descobertas não puderam desenvolver os seus efeitos, porque a sociologia psicanalítica que se construiu baseada nelas lhes retirou o que traziam de progressista e de subversivo. Não é aqui a ocasião de o demonstrar. A sociologia analítica tentou analisar a sociedade como um indivíduo, postulou uma oposição absoluta entre processo cultural e satisfação sexual, concebeu as pulsões destrutivas como dados biológicos ordinários, que dominam para sempre os destinos humanos, negou a existência de uma época primitiva matriarcal e conduziu a um cepticismo paralizante, porque recuou diante das consequências das suas próprias descobertas. Hoje opõe-se às tentativas que surgem para tirar

essas consequências, e na luta contra essas tentativas, de nenhum modo os seus representantes se mostraram inconsequentes. O que em nada muda o facto de estarmos decididos a defender com a maior energia as grandes descobertas freudianas contra qualquer ataque, venha donde vier.

A problemática da economia sexual que toma o ponto de partida nessas descobertas não constitui uma dessas tentativas habituais de substituir, de completar, *Marx por Freud* ou *Freud por Marx*, ou de os misturar, etc. (não falamos aqui da crítica materialista-dialéctica da teoria psicanalítica). Indicámos anteriormente o lugar no materialismo histórico onde a psicanálise tem uma função científica a preencher, que a sócio-economia não pode preencher: a compreensão da estrutura e da dinâmica da ideologia, não do seu terreno histórico.

No seu núcleo clínico, a psicanálise constitui o fundamento de uma futura psicologia materialista-dialéctica. Incorporando os conhecimentos da psicanálise, a sociologia acede a um nível mais elevado, torna-se capaz de dominar muito melhor a realidade porque o homem é finalmente apreendido em sua natureza própria. Que não possa imediatamente dispensar conselhos práticos fáceis só o político acanhado a censurará por isso. Que esteja contaminada por todas as distorções que habitualmente se agarram à ciência burguesa, só um político cabotino aproveitará a ocasião para por isso a recusar em bloco. Que ela tenha entendido a sexualidade, o marxista autêntico reconhece-lo-á como um facto científico revolucionário.

Daí resulta que a ciência da economia sexual, construída sobre os alicerces *sociológicos* de *Marx* e *psicológicos* de *Freud*, constitui essencialmente uma psicologia de massa e uma sociologia sexual científica. Ela arranca do ponto em que, após a rejeição da sociologia e da filosofia da cultura idealistas de *Freud*,¹ a problemática psicológica clínica da psicanálise se detém.

A psicanálise revela-nos os efeitos e os mecanismos da repressão e do recalçamento sexuais e as suas consequências patológicas. A economia sexual prossegue: por que razão *sociológica* a sexualidade é reprimida pela sociedade e chega a ser recalçada pelo indivíduo? A igreja diz: pela salvação da alma no além, a filosofia moral mística diz: devido à natureza ética eterna do homem; a filosofia da cultura

¹ Na qual se encontram, apesar de todo o seu idealismo, mais verdades que em todas as sociologias burguesas e em muitas psicologias «marxistas» juntas.

freudiana pretende que as coisas se passam assim para a própria «cultura»; fica-se céptico e pergunta-se por que razão então o onanismo das crianças ou o acto sexual entre púberes perturbaria a construção de postos de gasolina ou o fabrico de aviões. Presente-se que isso é exigido, não pela actividade cultural em si, mas pelas formas actuais dessa actividade, e fica-se de bom grado disposto a sacrificar as formas se por essa maneira pudesse ser eliminada a imensa miséria das crianças e dos jovens. A partir de então já se não trata de um problema cultural, mas de ordem social. Examina-se a história da repressão sexual e verifica-se que esta não se manifesta no início do desenvolvimento cultural, que portanto não constitui o pressuposto da formação da cultura mas só começa a formar-se relativamente tarde, com a propriedade privada dos meios de produção e o início da divisão em classes. Os interesses sexuais de todos começam a entrar ao serviço dos interesses económicos de uma minoria; esse facto fixou-se numa forma organizacional: o casamento monogâmico e a família patriarcal. Com a restrição e a repressão da sexualidade o modo de sentir do homem modifica-se, a religião negadora da sexualidade surge e a classe dominante edifica pouco a pouco uma organização própria de política sexual: a igreja com todos os seus precursores, que não tem outro fim que não seja erradicar o prazer sexual e através dele um pouco de felicidade na terra. Isto encontra todo o seu sentido sociológico se o relacionarmos com a exploração, agora florescente, da força de trabalho humana.

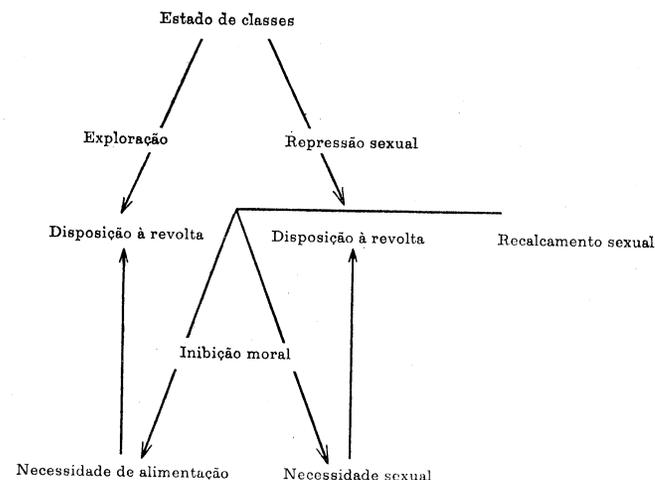
Para compreender essa relação é necessário entender a instituição social nodal na qual se encontram entremeadas a situação económica e a situação da economia sexual da sociedade baseada na economia privada. Se se não toma em consideração essa instituição, é impossível compreender a economia sexual e o processo ideológico do patriarcado. A psicanálise de pessoas de qualquer idade, país ou camada social dá o seguinte resultado: a conexão da estrutura socio-económica e da estrutura sexual da sociedade, e a reprodução ideológica da sociedade, produzem-se nos quatro ou cinco primeiros anos da vida e no interior da família. A igreja limita-se em seguida a perpetuar essa função. É desse modo que o estado de classe manifesta imenso interesse pela família: esta tornou-se a sua fábrica de estrutura e de ideologia.

Localizámos a instituição na qual se ajustam os interesses sexuais e económicos. Agora devemos perguntar de que modo esse ajuste se produz e qual o seu mecanismo. Também neste ponto a análise da estrutura típica do homem burguês (incluindo o proletário) traz uma resposta desde que, evidentemente, se levante esse tipo de

problemas na análise individual. A inibição moral da sexualidade natural cuja fase é constituída pelos graves danos feitos à sexualidade *genital* da criança, torna-a ansiosa, tímida, receosa diante da autoridade, obediente no sentido burguês: gentil e bem educada; sendo desde então qualquer movimento (*Regung*) agressivo carregado de uma forte angústia, a inibição paraliza no homem as forças da revolta, pela proibição sexual de pensar estabelece uma inibição de pensar e uma incapacidade de crítica gerais. Resumindo, o seu objectivo é fabricar um cidadão que se adapte à ordem assente na propriedade privada, que a tolere apesar da miséria e das humilhações. Como etapa prévia nessa via, a criança passa pelo estado autoritário em miniatura que é a família, a cuja estrutura a criança tem que começar por adaptar-se se mais tarde quiser poder inserir-se no quadro geral da sociedade. A reestruturação (*Umstrukturierung*) do homem — e isto deve ser determinado com exactidão — resulta centralmente do enraizamento da inibição e da angústia sexuais no material vivo das pulsões sexuais.

Compreendemos imediatamente por que razão a família é encarada, pela economia sexual, como o lugar de reprodução ideológica mais importante do sistema social baseado na economia privada, tomando para exemplo a média das esposas cristãs de operários. Essa esposa cristã média tem a mesma fome que a mulher comunista, sofre portanto a mesma situação económica, mas vota Zentrum e mais tarde Nazi; se explicarmos além disso a realidade da diferença na ideologia sexual entre a mulher média que tem consciência de classe e a mulher cristã média, reconhecemos então a importância decisiva da estrutura sexual: a inibição moral, antisexual, impede a mulher cristã de chegar à consciência da sua situação global e acorrenta-a à igreja tão fortemente quanto esta lhe faz recear o «bolchevismo sexual». De um ponto de vista teórico, as coisas apresentam-se do modo seguinte. O marxista vulgar de pensamento mecanicista suporá que a consciência de classe, ou seja, a compreensão da situação social, deveria ser particularmente pronunciada quando à miséria económica se acrescenta a miséria sexual. Segundo essa hipótese, a massa dos jovens e a massa das mulheres deveria ter uma consciência de classe muito mais desenvolvida que os homens. A realidade mostra precisamente o contrário e face a ela o marxista vulgar encontra-se totalmente desamparado. Ele achará incompreensível que a mulher cristã nem ao seu programa preste atenção. A explicação é a seguinte: a repressão da satisfação das necessidades puramente materiais produz resultado diferente da repressão das necessidades sexuais. A primeira leva à revolta, mas a segunda, por submeter as exigências sexuais ao recalçamento, reti-

rando-as da consciência e enraizando-as interiormente sob a forma de proibição moral, proíbe a realização da revolta cuja fonte se encontra em *ambas* as formas de repressão. E mesmo a inibição da revolta é também inconsciente. Na consciência do homem apolítico médio nem sequer encontramos uma disposição rudimentar à revolta. O seguinte esquema servirá para explicitar as relações:



O recalçamento sexual não reforça a reacção política apenas com a ajuda do processo descrito, que torna os indivíduos de massa passivos e apolíticos. Cria também na estrutura do homem burguês uma força secundária; um interesse artificial que apoia activamente a ordem dominante. Com efeito, se pelo processo do recalçamento sexual a sexualidade for excluída das vias naturais da satisfação, toma os caminhos diversos da satisfação substitutiva. Assim, por exemplo, a agressividade natural amplifica-se para transformar-se em sadismo brutal que constitui uma parte essencial da base psicológica de massa da guerra, posta em cena por um pequeno número de pessoas devido a interesses imperialistas. Para tomar outro exemplo: o efeito do militarismo repousa essencialmente, do ponto de vista da psicologia de massa, num mecanismo libidinal; o efeito sexual do uniforme, o efeito de excitação erótica das paradas, porque executadas de acordo com um ritmo, o carácter exibicionista da

aparência militar, tudo isso, se revelou na prática, até hoje, muito mais claro para uma mulher a dias ou para uma empregada média do que para os mais cultos dos nossos políticos. A reacção política, pelo contrário, utiliza conscientemente esses interesses sexuais. Não só fabrica para os homens uniformes com o aparato de pavões, mas, como na América, coloca mulheres atraentes nas operações de recrutamento. Finalmente lembremos ainda os cartazes de recrutamento das potências ávidas de guerra, cujo conteúdo é mais ou menos o seguinte: «Se quiseres conhecer os países estrangeiros entra na marinha real»; e os países estrangeiros são representados por mulheres exóticas. Por que razão alcançam efeito esses cartazes? Porque a restrição sexual criou na nossa juventude uma fome sexual.

Tanto a moral sexual, que inibe a consciência de classe, quanto as forças que respondem aos interesses capitalistas, tiram a sua energia da sexualidade recalcada. Estamos agora em melhores condições para compreender um elemento do processo do «efeito de volta» da ideologia sobre a base económica: a inibição sexual modifica estruturalmente o homem oprimido economicamente, de tal modo que ele age, sente e pensa contra o seu interesse material. O que equivale a uma assimilação à burguesia.

Assim a observação de Lênine se confirma e interpreta pela psicologia de massa. Os soldados de 1905 viam inconscientemente nos oficiais os pais da sua infância, condenados na representação de Deus, que proibiam a sexualidade e que nessa época se não tinha o direito de matar, nem se podia fazê-lo, embora eles destruíssem a alegria de viver. Os remorsos após a tomada do poder e as tergiversações eram a expressão no seu contrário, em piedade, de um ódio transformado que desse modo não podia ir até à acção.

Assim o problema prático da psicologia de massa é activar a maioria passiva da população que traz sempre a sua ajuda à reacção política, e eliminar os freios que agem contra o desenvolvimento da consciência de classe que se deduz da situação socio-económica. As energias psíquicas de uma massa média que segue com excitação um desafio de futebol ou que vibra com uma opereta de pacotilha, se fossem libertadas das suas amarras e guiadas para as finalidades racionais do movimento operário, já não poderiam ser acorrentadas (*binden*). É com base nesse ponto de vista que é feita a seguinte análise da economia sexual.

CAPÍTULO II

A IDEOLOGIA DA FAMÍLIA NA PSICOLOGIA DE MASSA DO FASCISMO

1. *Führer e estrutura de massas*

Se a história do processo social deixasse aos historiadores burgueses tempo para se dedicarem a considerações sobre o passado da Alemanha desde há algumas décadas, seguramente veriam no êxito de Hitler durante os anos 1928-1933 a prova de que são os grandes homens que fazem a história ao inflamarem as massas com as «suas ideias»: na realidade, um dos traços fundamentais da propaganda nacional-socialista é ter por base essa ideologia do «führer». Da mesma forma que não conhecem o mecanismo do seu êxito, os propagandistas nazis não podem compreender o solo histórico do movimento nazi. Portanto, é totalmente lógico que o nazi Wilhelm Stapel tenha escrito em seu tempo em *Cristandade e Nacional-Socialismo (Christentum und Nationalsozialismus, Hanseatische Verlagsanstalt)*: «Sendo o movimento nacional-socialista um movimento *elementar*, não podemos abordá-lo com «argumentos». Os argumentos só poderiam ter efeito se o movimento se tivesse desenvolvido com argumentos». De acordo com esta caracterização, os discursos nos comícios nazis eram assinalados ao nível concreto por medidas muito hábeis para manipular os sentimentos dos indivíduos de massa, e evitar em toda a medida possível desenvolver uma argumentação concreta. Por variadas vezes em *Mein Kampf*, Hitler sublinha a ideia de que a táctica justa no plano da psicologia de massas deve renunciar a argumentar e limitar-se a expôr às massas, sem descontinuidade, «o grande salto final». Que objectivo final *posterior* à tomada do poder é esse, facilmente o podemos ver com

o fascismo italiano; do mesmo modo, os recentes decretos de *Göring* contra as organizações económicas da classe média, a recusa da «segunda revolução» esperada pelos seus partidários, a não-execução das medidas socialistas prometidas, etc... revelam já a função objectiva própria do fascismo. A opinião seguinte mostra-nos a que ponto *Hitler* ignorava o mecanismo dos seus êxitos:

«Só essa grande linha, que não deve ser nunca abandonada, permite com conseqüente insistência, que deve permanecer sempre a mesma, que nos aproximemos do objectivo final. Então poderemos comprovar com espanto a que resultados imensos, a custo compreensíveis, essa perseverança conduz.»

(*Mein Kampf*, p. 203)

Não se pode portanto explicar em caso algum o êxito de *Hitler* pela sua função objectiva na história do capitalismo, pois se essa função tivesse constituído o conteúdo imediato da propaganda, teria tido por resultado o contrário daquilo que se esperava. A pesquisa dos efeitos produzidos por *Hitler* no plano da psicologia de massa deve partir da hipótese de que um dirigente (*Führer*), ou apenas o representante de uma ideia, só pode obter êxito (se não em período histórico prolongado, pelo menos em período limitado) se as suas posições pessoais, a sua ideologia ou programa, tiverem ressonância na estrutura média de uma larga camada de indivíduos de massa. Surge então o problema mais amplo: que situação histórica e sociológica está na origem dessas estruturas de massas? Por esta forma, a problemática da psicologia de massa desloca-se da metafísica para a realidade da vida social. Só se a estrutura da personalidade de um «*Führer*» corresponder às estruturas dos indivíduos de massa em largas camadas da população, pode um «*Führen*» fazer história. E a questão de saber se ele faz história de modo *definitivo* ou apenas *provisório* depende unicamente da direcção do seu programa, conforme este se encaminhe em direcção à evolução do processo social ou vá em sentido contrário. É por isso que, além de errado, leva à confusão política tentar explicar o êxito de *Hitler* unicamente pela demagogia dos nacional-socialistas, pelo «obscurcimento das massas», pelo seu «descaminho», ou mesmo pelo vago conceito de «psicose nazi» que nada enuncia — o que até os comunistas fizeram. Trata-se precisamente de compreender por que razão as massas se mostraram receptivas àquilo que era efectivamente (de um ponto de vista objec-

tivo) um obscurcimento e uma situação psicótica. Isso quer dizer que, sem a análise precisa daquilo que se passa nas massas, não se pode resolver o problema, como também não é possível resolvê-lo indicando a função objectiva do movimento hitlerista no processo histórico. É que, como já se disse, o êxito do NSDAP contradiz essa função — contradição que só pode ser resolvida no plano da psicologia de massa.

O nacional-socialismo serviu-se, em função dos diferentes objectivos da sua propaganda, de meios diferentes e fez promessas diferentes conforme as camadas sociais de que necessitava. Assim por exemplo, na primavera de 1933, a propaganda chamou a atenção para o carácter revolucionário do movimento nazi porque queria conquistar os operários da indústria, e celebrou o Primeiro de Maio após ter tranquilizado a nobreza em Potsdam. Se daqui se deduzisse que o êxito de *Hitler* deve ser atribuído à sua trapaça política, cair-se-ia, enquanto marxista, em contradição e negar-se-ia praticamente a revolução social. A questão fundamental é a seguinte: *por que razão se deixam as massas mistificar politicamente?* Elas tinham inteira possibilidade de controlar a propaganda dos diferentes partidos. Por que razão não descobriram que *Hitler* prometia, por um lado aos trabalhadores a expropriação daqueles que possuem os meios de produção, por outro lado aos capitalistas garantias contra a greve?

A estrutura da personalidade de *Hitler* e a sua história não têm importância para a compreensão do nacional-socialismo. Seja como for, é interessante de um ponto de vista académico ver que a origem pequeno-burguesa das suas ideias coincide, nas grandes orientações, com o meio compósito das estruturas psicológicas de massa que aceitaram com aqodamento as suas ideias.

Hitler apoia-se, como qualquer movimento fascista, nas diferentes camadas da pequena-burguesia. O nacional-socialismo manifesta todas as contradições que caracterizam a psicologia de massa da pequena-burguesia. O que importa é primeiramente apreender essas contradições na sua própria organização ideológica, em segundo lugar estudar a origem comum dessas contradições nas relações de produção do capitalismo imperialista. Limitar-nos-emos às questões respeitantes à ideologia *sexual*.

2. As origens de Hitler

O chefe da classe média alemã em revolta é ele mesmo filho de funcionário e conta com precisão o conflito que teve que enfrentar, e que é precisamente específico da estrutura de massa pequeno-

-burguesa. O pai queria que ele se tornasse funcionário, mas o filho revoltou-se contra o projecto paterno, decidiu não o pôr em prática «sob pretexto algum», tornou-se pintor e por isso mesmo proletarizou-se. Mas ao lado dessa revolta contra o pai subsistiu a consideração e o reconhecimento da sua autoridade. Essa posição dupla frente à autoridade: *a revolta contra a autoridade simultânea ao seu reconhecimento e à submissão a essa autoridade*, é o factor central de qualquer estrutura pequeno-burguesa no momento da passagem da puberdade à idade adulta — e é particularmente acentuada quando as condições de vida materiais do indivíduo são as de um proletário.

Em relação à mãe, *Hitler* tinha uma posição nitidamente positiva; fala a respeito dela com muito sentimento, e afirma que chorou uma única vez na vida: no dia em que lhe morreu a mãe. É evidente que a sua recusa ideológica da sexualidade e a idealização da mãe provêm da teoria racista e da teoria sobre a sífilis (cf. capítulo seguinte).

Na qualidade de jovem nacionalista e de austríaco, *Hitler* decidiu combater a dinastia reinante na Áustria que abria o solo alemão à «eslavização». Nessa polémica contra os Habsbourg, ocupava um lugar não desprezível a censura de que entre eles se incluíam sífilíticos. Poderíamos não prestar atenção a isso se não fosse a constante incidência, de modo especialíssimo, do tema do «envenenamento do corpo do povo» e o conjunto da problemática relativa à sífilis, que foram mais tarde, após a tomada do poder, peças mestras da política interior.

Hitler simpatizou inicialmente com a social-democracia porque ela combatia pelo sufrágio universal por voto secreto, o que traria um enfraquecimento do poder dos Habsbourg, que ele odiava. Mas a importância dada às classes, a negação da nação, da autoridade, do estado, do direito de propriedade, da religião e da moral, repugnavam-lhe. Porém a reviravolta decisiva na formação da sua ideologia deu-se quando, na empresa de construções onde trabalhava, o convidaram a aderir ao sindicato. Recusou e explicou a recusa pelo facto de que, pela primeira vez, tinha compreendido qual a função da social-democracia.

Bismarck tornou-se então o seu ideal, porque ele tinha realizado a unificação da nação alemã e porque tinha combatido a casa reinante da Áustria. O anti-semita *Lueger* e o nacional-alemão *Schot-nerer* tiveram igualmente um papel decisivo na evolução de *Hitler*. Desde então, tomou como ponto de partida objectivos nacionalistas e imperialistas que pensava realizar com meios mais apropriados do que o velho nacionalismo «burguês». A escolha dos meios resul-

tou do seu conhecimento do poder do marxismo organizado e da importância das massas para qualquer movimento político.

«Só quando à visão do mundo internacionalista, dirigida politicamente pelo marxismo organizado, se opuser uma visão do mundo popular (volkisch), organizada e dirigida na mesma unidade, só então o êxito, sendo igual em ambos os lados a energia combativa, se inclinará para o lado da verdade eterna». «O que garantiu o êxito dessa visão do mundo internacionalista foi o facto de ser representada por um partido político organizado como as secções de assalto; o que fez fracassar a concepção do mundo oposto foi até hoje a falta de uma representação organizada na unidade. Não é pela dedicação indefinida à exegese de uma visão geral das coisas, mas dotando-nos da forma limitada e por isso congregadora de uma organização política, que uma visão do mundo poderá combater e vencer».

(*Mein Kampf*, p. 422-423).

Hitler depressa se deu conta do fracasso da política social-democrata mas também, ao mesmo tempo, da importância dos velhos partidos burgueses, incluindo o partido «nacional-alemão».

«Tudo isso não passava da consequência necessária da ausência de uma nova visão do mundo fundamental, que se opusesse ao marxismo e tivesse uma vontade imperiosa de conquista» (p. 190). «Quanto mais reflectia outrora sobre a ideia de uma mudança necessária de atitude dos governos em relação à social-democracia, enquanto incarnação momentânea do marxismo, mais me apercebia de que nada de válido existia para substituir essa doutrina. Não existia movimento algum do qual se pudesse esperar êxito em atrair as numerosas tropas de trabalhadores que mais ou menos tivessem perdido os chefes. É insensato e mais que estúpido supor que o fanático do internacionalismo, que se separou desse partido de classe, regressará imediatamente a um partido burguês, ou seja, a uma outra organização de classe» (p. 190).

«Os partidos burgueses», conforme o nome que a si mesmos atribuem, nunca mais atrairão para o seu campo as massas «proletárias», pois que aqui dois mundos separados se defrontam, sendo esse corte em parte natural, em parte artificial—

e as suas relações mútuas só podem ser a luta. Mas nesse caso o vencedor só pode ser o mais jovem e seria o marxismo» (p. 191).

A fundamental tendência anti-soviética do nacional-socialismo apareceu muito depressa.

«Se se quisesse terra na Europa só às expensas da Rússia isso seria possível, era pois necessário que o novo Reich se pusesse a caminho seguindo a pegada dos antigos cavaleiros da Ordem a fim de dar pela espada alemã, à charrua alemã a gleba e à nação o pão quotidiano» (p. 154).

Assim *Hitler* apela para os sentimentos nacionalistas das massas e ao fazê-lo decide organizar-se como o marxismo numa base de massa, desenvolver e levar a bom termo uma técnica de propaganda própria.

Ele quer portanto, o que abertamente confessa, impor o imperialismo nacionalista com métodos tirados do marxismo e da técnica de organização de massas. Que a sua propaganda tenha podido enraizar-se dependia das estruturas pequeno-burguesas das massas. Que essa organização das massas triunfasse não depende de *Hitler*, mas das massas. De tal modo que a importância sociológica de *Hitler* provém, não da sua personalidade, mas da significação que lhe dão as massas. E o problema é tanto mais candente quanto *Hitler* despreza profundamente as massas graças às quais quer impor o seu imperialismo. A esse respeito, eis entre muitas outras uma declaração franca:

«A voz do povo nunca foi mais que a expressão daquilo que do alto se lançou sobre a opinião pública» (p. 140).

Quais as estruturas que nas massas estavam prontas a absorver a propaganda de *Hitler*?

3. *Psicologia de massa da pequena-burguesia*

Já dissémos que se não pode explicar o êxito de *Hitler* nem pela sua «personalidade», nem pela função objectiva que desempenha a sua ideologia no capitalismo abalado; nem sequer por um simples «obscurcimento» das massas que o seguiram. Colocámos no centro a questão de saber *aquilo que se passou nas massas para que*

elas tenham seguido um partido cuja direcção apenas representa, quer objectiva quer subjectivamente, os interesses do grande capital.

Para dar uma resposta a esta questão, é necessário antes de mais afirmar que o movimento nacional-socialista, nos seus primeiros êxitos, se apoiou em largas camadas daquilo a que se chama a classe média, ou seja, os milhões de empregados dos sectores privado e público, os comerciantes médios e o campesinato médio e pequeno. *Considerado do ponto de vista da sua base social, o nacional-socialismo é um movimento pequeno-burguês, e isso onde quer que se manifeste.* Essa pequena burguesia, que outrora se mantinha no campo dos diferentes partidos democratas burgueses, passou portanto, para que mudasse de localização política, por uma transformação interior. Tanto as semelhanças fundamentais quanto as diferenças entre as ideologias liberal-burguesa e nacional-socialista se explicam pela situação social e pela estrutura psíquica correspondente da pequena-burguesia.

A pequena-burguesia nacional-socialista é semelhante ao liberalismo democrático pequeno-burguês numa outra época histórica do capitalismo. O nacional-socialismo tirou as suas vitórias nas eleições de 1930 e 1932 quase exclusivamente do partido nacional-alemão, do Wirtschaftspartei e dos grupúsculos do Reich. Só o Zentrum católico conservou a sua posição, mesmo nas eleições da Prússia em 1932. Só nessas eleições da Prússia em 1932 o nacional-socialismo conseguiu penetrar igualmente nas massas laboriosas. Mas tanto depois como antes, a classe média continuou a ser a tropa principal da Cruz Gamada. No meio da mais grave perturbação económica que conheceu o capitalismo no decorrer da sua existência, a classe média entrou na cena política sob a forma do nacional-socialismo e deteve o declínio revolucionário do domínio capitalista. A reacção política sabe apreciar com muita exactidão a importância da pequena-burguesia. «A classe média é de importância decisiva para a existência de um estado» lia-se num panfleto dos Deutschnationalen, de 8 de Abril de 1932.

A questão da importância política da classe média desempenhou um grande papel no interior da esquerda, nas discussões que se seguiram ao 30 de Janeiro. Até 30 de Janeiro deu-se muito pouca importância à classe média, porque todas as atenções se voltavam para o estudo do desenvolvimento da reacção política, da direcção burguesa do estado, e porque a problemática da psicologia de massa faltava aos políticos. Após essa data, viu-se a «rebelião da classe média» aparecer na frente da cena. Se acompanharmos a discussão desta questão, podemos verificar que duas opiniões principais se manifestaram: uma representava a ideia de que o fascismo não é

mais que a política do grande capital; a outra não desconhecia esse facto, mas chamava a atenção para a «rebelião da classe média», o que valeu aos seus representantes a censura de que obliteravam o papel reaccionário do fascismo; ao fazer isso, invocava-se o apelo de *Thyssen* ao ditador da economia, a dissolução das organizações económicas da classe média, o desvanecimento da «segunda revolução», em resumo o carácter *puramente* reaccionário do fascismo, que aparecia cada vez mais e sempre mais abertamente a partir do fim de Janeiro de 1933 mais ou menos.

Na discussão, que foi muito animada, puderam comprovar-se alguns pontos obscuros: o facto de que o nacional-socialismo se tenha revelado cada vez mais, após a tomada do poder, como um nacionalismo imperialista da grande burguesia, que se apressou a eliminar do movimento tudo o que pudesse ser «socialista» e que prepara a guerra por todos os meios, não está em contradição com esse outro facto que consiste em que, considerado do ponto de vista da sua base de massa, o fascismo era na realidade um movimento da classe média. Sem a promessa de travar a luta contra o grande capital, *Hitler* jamais teria conseguido o apoio das camadas da classe média. Ajudaram-no a vencer porque estavam *contra* o grande capital. Sob a sua pressão, os dirigentes tiveram que começar a tomar medidas anti-capitalistas que tiveram que interromper sob pressão da grande burguesia. Se não distinguimos os interesses, ao nível da base de massa de um movimento político, da função objectiva deste — as duas coisas estão em contradição e à partida encontravam-se reunidas no movimento nazi — não é possível entendermo-nos, pensando uns no papel objectivo do fascismo, outros nos interesses subjectivos das massas fascistas, quando se fala de «fascismo». Foi na natureza oposta desses dois aspectos do fascismo que se basearam todas as suas contradições, assim como a sua reunião *na* forma «nacional-socialismo» que caracteriza o movimento de *Hitler*. Na medida em que o nacional-socialismo era obrigado a manifestar o seu carácter de movimento das classes médias (*antes* da tomada do poder e imediatamente após), era de facto *anti-capitalista*; na medida em que, para consolidar e manter o seu poder uma vez este ganho — e não expropriando o capital —, cada vez abandona mais o seu carácter anti-capitalista e manifesta cada vez mais nitidamente apenas a sua função capitalista, torna-se o melhor defensor e o melhor sustentáculo da ordem económica baseada no grande capital. É então totalmente indiferente saber se os seus dirigentes, e em que grau, são honesta ou desonestamente socialistas convictos, tanto como saber se há, e quantas, pessoas que enganam o povo e quantos oportunistas. Não se pode estabelecer com isso os princípios de uma

política anti-fascista. A história do fascismo italiano teria podido fornecer todos os elementos para compreender o fascismo alemão e a sua dualidade, pois também o fascismo italiano reunia em um todo os dois aspectos ou funções já referidas, aspectos ou funções que se contradizem nitidamente.¹

Aqueles que negam ou não avaliam segundo o seu justo valor as funções que desempenha a base de massa do fascismo ficam de olhos parados na perspectiva histórica a longo prazo, ou seja, em que as classes médias, porque não dispõem dos principais meios de produção nem trabalham neles, não podem fazer a história a longo prazo e são portanto obrigadas a oscilar entre a burguesia e o proletariado. Por trás da perspectiva a longo prazo não vêem a perspectiva histórica *curta*: as classes médias podem «fazer a história», e fazem-na, se não a *longo prazo*, pelo menos para um *período histórico limitado no tempo* — o fascismo italiano e o fascismo alemão no-lo ensinam. Pensamos agora não só na destruição das organizações operárias, nas vítimas inumeráveis, na entrada em cena da barbárie, mas sobretudo nos obstáculos postos ao desenvolvimento da crise económica de modo a que ela não pudesse evoluir no sentido de uma transformação política da sociedade, de uma revolução social. A coisa é clara: quanto maior volume e peso as camadas das classes médias tiverem numa nação, maior importância decisiva possuem na medida em que constituem uma força social com impacto, limitado no tempo, mas decisivo. Na hora actual assistimos a esse paradoxo histórico: que o fascismo nacional-socialista está a ponto de ultrapassar nos países ocidentais o próprio comunismo internacional, como movimento *internacional*. Não ver isso, ter ilusões sobre o progresso do movimento revolucionário em relação à reacção, é simplesmente preparar o suicídio político, mesmo que se possuam as melhores intenções. Esse problema merece a maior atenção, e é significativo além disso que o processo que se

¹ Nas discussões travadas pelos comunistas no interior do seu partido, reinou uma grande controvérsia sobre a questão de saber se o fascismo é um sinal de reforço ou de enfraquecimento do capitalismo: uma problemática mecanicista que, entre outras coisas, cindiu e enfraqueceu a esquerda revolucionária. Se se tivesse feito incidir a atenção sobre a realidade em vez de sobre teses de congresso, facilmente se teria podido estabelecer o seguinte: quando o capitalismo experimenta grandes dificuldades económicas origina movimentos nacionais — sinal de fraqueza, portanto, cuja finalidade é consolidar o poder; se consegue fazer crescer o fascismo e finalmente conduzi-lo à vitória, então, de sinal de fraqueza que era, o movimento de massa reaccionário será transformado em sinal de força.

desenrola actualmente nas camadas das classes médias de todos os países mereça mais atenção que esse facto conhecido, banal, que consiste em que o fascismo significa a reacção económica e política extrema. Esse último elemento por si só não permite pôr em execução uma política, como aliás largamente demonstrou a história de 1928 a 1933.

Se as classes médias se puseram efectivamente em movimento e, sob a forma do fascismo, entraram na cena da história na qualidade de força, e se quisermos conquistá-las ou neutralizá-las, importam menos as intenções reaccionárias dos *Hitler e Göring* que os interesses das camadas médias.

A existência de um movimento fascista é sem dúvida alguma a expressão social do medo que a grande burguesia tem do bolchevismo, na fase de derrocada iminente. Mas que esse movimento fascista possa tornar-se um movimento de massa e mesmo chegar ao poder, o que é condição para que realize a sua função objectiva (apoiar o grande capital e aniquilar o movimento operário), já não se trata então dos interesses da grande-burguesia mas sim do movimento de massas das classes médias que torna possível esse processo. É só tomando em consideração essas oposições e contradições, cada qual em seu tempo, que podemos apreender os fenómenos em contradição uns com os outros, e, o que não é desprezível, que podemos dispensar debates ociosos e formação de fracções.

A posição das classes médias é determinada *pela sua posição no modo de produção capitalista, pela sua posição no aparelho de estado capitalista, pela sua situação familiar particular, que é determinada directamente pela posição no processo de produção, mas que fornece a chave para compreender a sua ideologia*. Podemos comprová-lo no facto de que a posição dos pequenos camponeses, empregados e comerciantes médios mostra diferenças económicas mas se caracteriza por uma situação familiar em seus grandes traços *idêntica*.

O rápido desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, a progressão constante e rápida da mecanização da produção, a concentração dos diferentes ramos da indústria em sindicatos e em trustes monopolistas, constituem o fundamento da proletarianização crescentes dos comerciantes e dos artífices pequeno-burgueses. Não podendo enfrentar a concorrência da grande indústria, que trabalha de modo mais racional e a melhor preço, as pequenas empresas pareclitam inelutavelmente.

«As classes médias nada mais têm a esperar desse sistema a não ser o aniquilamento sem piedade. O problema

portanto é: ou toda a gente cai numa massa enorme, cinzenta e sinistra, um proletariado em que toda a gente possui a mesma coisa, ou então a força e a tenacidade voltarão a dar aos indivíduos a possibilidade de adquirir bens próprios, pelo seu trabalho e esforço. Classe média ou proletariado! Essa é a questão!»

advertiam os nacionais-alemães antes das eleições do presidente do Reich em 1932. Os nacionais-socialistas não procederam com essa deselegância que consiste, na propaganda, em abrir uma larga brecha entre classes médias e proletariado, e ao proceder assim tiveram mais êxito.

Na propaganda do partido nazi, a luta contra as grandes casas de comércio também teve grande importância. Mas a contradição entre a função que o nacional-socialismo desempenhava para a grande indústria e os interesses das classes médias, nas quais se apoiava, exprimiu-se na conversa de *Hitler com Knickerbocker*:

«Não deixaremos as relações germano-americanas dependentes de uma lojeca (o que se visava era o futuro de Woolworth em Berlim)... a existência de tais empresas constitui um auxílio para o bolchevismo... destroem muitas pequenas existências. É por isso que não as autorizaremos, mas pode estar certo de que as vossas empresas desse tipo em nada serão diferentemente tratadas das empresas alemãs similares»¹.

As dívidas privadas ao estrangeiro eram um grande peso para as classes médias. Mas enquanto que *Hitler* era partidário do pagamento das dívidas privadas, porque no plano da política exterior dependia da execução das exigências do estrangeiro, os seus partidários reclamavam a supressão dessas dívidas. A pequena-burguesia revoltava-se pois «contra o sistema» — por isso entendia entre outras coisas a «dominação marxista» da social-democracia —, mas era inacessível aos argumentos de facto dos marxistas.

Não compreendia que, devido ao desenvolvimento da grande indústria, estava votada, como camada social, à ruína; revelou-se

¹ Após a tomada do poder, no decorrer dos meses de Março-Abril, desencadeou-se uma ofensiva de massa contra os grandes armazéns, que muito rapidamente foi freada pela direcção do NSDAP (proibição dos atentados arbitrários contra a economia, dissolução das organizações das classes médias, etc.).

impermeável à demonstração segundo a qual, se na verdade desapparece no comunismo enquanto camada ou classe, ao nível dos indivíduos que a compõem a sua existência material nele teria maiores garantias, ainda que sob outra forma. Ora essa outra forma era o que precisamente a aterrorizava. Não tinha nenhuma ideia dela, não compreendia que as coisas devem mudar, e a propaganda comunista — sem já falar na subestimação da pequena-burguesia — não soube encontrar a forma apropriada para lhe apresentar com clareza e intensidade suficientes o seu destino histórico.

Qualquer que tivesse sido o desejo dessas camadas da pequena burguesia, no decorrer da crise, de se reunirem e organizarem, a concorrência económica entre as pequenas empresas funcionou porém contra o estabelecimento de um sentimento de solidariedade que respondesse ao do proletariado. Já pela sua situação social, o pequeno-burguês não pode solidarizar-se, nem com a própria camada social, nem tão pouco com o proletariado; com a própria camada social, porque nela reina a concorrência, com o proletariado industrial, porque o que ele mais teme é precisamente a proletarização. Contudo, o movimento fascista significa uma união da pequena burguesia. Em que base, do ponto de vista da psicologia de massa?

Encontramos a resposta a essa pergunta na posição dos funcionários e dos pequenos e médios empregados. O empregado médio está numa situação económica mais desvantajosa que o operário médio qualificado; essa situação mais desvantajosa é em parte compensada pela perspectiva mínima de uma carreira, mas sobretudo, para o funcionário, pelo facto do seu futuro estar garantido para o resto da vida. Estando assim nessa situação de dependência em relação às autoridades estabelecidas, forma-se igualmente nessa camada uma atitude psicológica de concorrência em relação aos colegas, que se opõe ao desenvolvimento da solidariedade de classe. A consciência social do funcionário não se caracteriza pela consciência de comunidade de destino com os seus colegas de trabalho, mas pela sua posição em relação à autoridade pública e à «nação». Essa posição consiste numa completa *identificação com o poder de estado*¹, no empregado consiste numa identifi-

cação com a empresa que serve. É tão explorado quanto o operário. Por que razão não desenvolve como este um sentimento de solidariedade? Devido à sua posição intermediária entre a autoridade e o proletariado. Subalterno em relação ao topo, é frente à base o representante dessa autoridade e, enquanto tal, goza de uma certa protecção moral (não material). Encontramos nos sub-oficiais dos diferentes exércitos a formação perfeita desse tipo psicológico de massa.

Podemos reconhecer a força dessa identificação com o empregador, sob uma forma crua, nos criados das casas nobres, nos empregados domésticos, etc. Transformam-se completamente assumindo atitudes, modos de pensar e de ser da classe dominante e vão ao ponto de exagerar esse comportamento para esconderem a sua origem proletária.

Essa identificação com a autoridade, com a empresa, com o estado, com a nação, etc., que se resume na fórmula: «Eu sou o estado, a autoridade, a empresa, a nação», representa uma realidade psíquica e constitui um dos melhores exemplos de uma ideologia transformada em força material. O empregado, o funcionário, começa por alimentar o ideal de ser idêntico ao seu superior, até que pouco a pouco, por efeito da sua dependência material crónica, o seu ser se transforma no sentido da classe dominante. Com o *olhar constantemente virado para o alto*, o pequeno-burguês forma uma *forquilha entre a sua situação económica e a sua ideologia*. Vive em condições mediócras mas aparece exteriormente como se tivesse um poder de representação, mostrando um exagero frequentemente ridículo. Come mal e insuficientemente, mas atribui grande valor ao «vestuário a preceito». O chapéu alto e a casaca são os símbolos materiais dessa estrutura. E poucas coisas são mais apropriadas para ajuizar ao primeiro relance da psicologia de massa de uma população quanto a observação do seu vestuário. É pelos «olhos voltados para o alto» que se marca a diferença específica da estrutura pequeno-burguesa com a estrutura de classe do operário de fábrica.

A que profundidade se situa essa identificação com a autoridade? Que essa identificação existe, já o sabemos mesmo se o formulávamos diferentemente. Mas trata-se de saber se e de que modo, fora dos factores económicos que agem directamente, se encontram factos afectivos, determinados indirectamente pela economia, na base da atitude pequeno-burguesa, e se a determinam de tal modo que a ideologia pequeno-burguesa não seja abalada em tempo de

¹ Por «identificação» a psicanálise entende o facto de uma pessoa começar a sentir que constitui um só com outra pessoa, tomando desta qualidades e atitudes que não tinha antes, e de se colocar pela imaginação no lugar do outro; esse processo tem por fundamento uma transformação efectiva da pessoa que se identifica, «retomando em si» qualidades do modelo.

crise, mesmo quando o desemprego destrói a base económica imediata.

Dissémos mais acima que a situação económica das diversas camadas da pequena-burguesia é diferente, mas que a sua situação familiar é idêntica, a traços largos. E é nessa situação familiar que encontramos a chave do fundamento efectivo da estrutura atrás descrita.

4. *Laço familiar e sentimento nacional*

Em primeiro lugar, a situação familiar das diferentes camadas da pequena burguesia não está separada da sua posição económica imediata. Onde a crise capitalista ainda não interveio, a família — com excepção dos funcionários — constitui simultaneamente a pequena empresa económica. A família participa no trabalho da empresa do pequeno comerciante e assim se economizam forças de trabalho estranhas e mais caras. Na pequena e média empresa agrícola, essa coincidência da família e do modo de produção é ainda mais profunda. O modo de organização económica do grande patriarcado (por exemplo Zadruga) repousa fundamentalmente nessa coincidência. É esse entrosamento íntimo da família e da economia que nos fornece a resposta ao problema de saber por que razão o camponês está «ligado à terra», «agarrado à tradição» e por isso é tão facilmente acessível à reacção política. Isso, não no sentido de que apenas o modo de organização económica condicionaria o apego à terra e à tradição, mas no sentido de que o modo de produção do camponês exige um laço familiar estreito entre todos os membros da família, e esse laço implica uma repressão e um recalçamento sexuais. É a partir dessa dupla base que se ergue em seguida o pensamento camponês típico, de que o respeito pela propriedade privada e a moral sexual patriarcal formam o centro. Voltaremos adiante às dificuldades encontradas pelo governo soviético na colectivização do campo e descobriremos que não era apenas «o apego à gleba», mas essencialmente o laço familiar criado pela gleba, que constituía a causa de tão grandes dificuldades.

«A possibilidade de conservar uma classe camponesa sadia como base da nação inteira é na realidade inestimável. Muitos dos nossos sofrimentos actuais provêm de relações doentias entre o povo da cidade e o do campo. Uma estirpe robusta de pequenos e médios camponeses foi sempre a

melhor protecção contra as doenças sociais tal como as conhecemos hoje. Mas é também a única solução que permite a uma nação encontrar, no ciclo interior da sua economia, o pão quotidiano. Indústria e comércio perdem a sua posição dominante malsã e integram-se no âmbito geral de uma economia nacional baseada nas necessidades e no equilíbrio». (*Mein Kampf*, p. 151-152).

É a posição adoptada por *Hitler*. Por absurda que seja de um ponto de vista económico, por magro que fosse o êxito da reacção política se por acaso deixasse de desenvolver a grande indústria e, no campo, a grande exploração mecanizada, e se desse modo ela detivesse o declínio da pequena burguesia e do pequeno camponato, a verdade é que essa propaganda por isso mesmo se torna mais importante do ponto de vista da psicologia de massa, mais eficaz sobre as estruturas, fixadas nas famílias, das camadas pequeno-burguesas.

O entrosamento íntimo do laço familiar e da economia camponesa devia encontrar a sua expressão após a tomada do poder pelo NSDAP. Já que o movimento de *Hitler*, segundo a sua base de massa e a sua estrutura ideológica subjectiva, é um movimento da pequena burguesia, não obstante a sua função objectiva que é consolidar o domínio do grande capital, um dos primeiros passos para o reforço das camadas médias foi o regulamento sobre «A nova organização das relações de propriedade no campo» de 12 de Maio de 1933, que regressa a formas seculares e que procede da «indissolúvel aliança do sangue e do solo».

Eis o teor de certas passagens características:

«A indissociável aliança do sangue e do solo é condição indispensável da vida sã de um povo. O regime camponês dos séculos passados garantia juridicamente essa união que provém do sentido natural da vida que tem o povo. A quinta era a herança *inalienável* da descendência da família camponesa. Um direito estranho à raça estabelece-se por força e destrói o fundamento legal desse regime camponês. Contudo, em numerosos distritos do país, o camponês alemão, que tinha uma sã ideia da base da vida do seu povo no respeito dos costumes, conservou a quinta intacta, de geração em geração.

Uma tarefa urgente do governo do povo, que agora despertou, é consolidar o ressurgimento nacional pelo estabeleci-

mento legal da aliança indissolúvel do sangue e do solo, que foi mantida nos costumes alemães pelo direito sobre a herança de um domínio.

Aquilo que, no papel de herança do tribunal competente, se regista como propriedade rural e florestal (domínio hereditário) transmite-se segundo o direito de herança. O proprietário desse domínio hereditário chama-se camponês. Um camponês não é proprietário de vários domínios hereditários. Apenas um dos filhos do camponês poderá tomar posse do domínio. É o *herdeiro principal*. A quinta cuidará das necessidades dos co-herdeiros até que estes tenham atingido a autonomia social. Se por acaso, sem que o tivessem merecido, caíssem na miséria, poderiam, mesmo nos anos ulteriores, buscar asilo na quinta (asilo domiciliar). Se o domínio, que deveria normalmente ser registado no rol, não o é, persiste o direito de o herdar em virtude do direito de herança.

Só um camponês, cidadão alemão e de *sangue alemão*, pode possuir um domínio. Quem tiver na ascendência masculina, ou entre os antepassados até à quarta geração, uma pessoa de origem judaica ou de cor, não é de sangue alemão. Futuramente, qualquer casamento contraído com uma pessoa que não seja de sangue alemão torna a descendência duradouramente inapta a possuir um domínio camponês.

A lei tem por fim proteger as quintas do endividamento e de uma fragmentação perigosa, para as manter duradouramente como herança na família de camponeses livres. Ao mesmo tempo, a lei pretende permitir uma partilha saudável das grandes propriedades agrícolas. Um grande número de pequenas e médias firmas viáveis, repartidas o mais igualmente possível em todo o país, é necessário para que seja preservada a saúde do povo e do estado».

O exame exacto da lei implica que se coloque a questão de saber quais são as tendências que se exprimem nela. A lei está um pouco em contradição com os interesses dos grandes agrários que têm por objectivo a absorção de todas as empresas camponesas médias e pequenas, uma separação sempre crescente em proprietários do solo e proletariado rural desprovido de bens. Essa contradição, ou essa oposição, é largamente compensada por um segundo e poderoso interesse de classe da burguesia: manter a classe média camponesa, porque ela representa a base de massa do seu domínio. O pequeno proprietário não se identifica somente ao grande proprietário enquanto *possuidor*

privado: isso pouco peso teria se pela pequena e média propriedade se não conservasse uma atmosfera ideológica, a da família que administra uma pequena empresa, da qual provêm em geral os melhores combatentes nacionalistas, e que transforma as mulheres em suas próprias estruturas conforme a ideologia nacionalista e religiosa. Visto por dentro, foi a isso que muitas vezes se chamou «a influência moral conservadora do saudável campesinato». Mas trata-se de um problema de economia sexual.

O entrosamento, aqui descrito, do modo de produção capitalista e da família capitalista é uma das numerosas fontes da ideologia fascista das «famílias numerosas». Mas essa questão voltará a levantar-se num outro contexto.

O fechamento das famílias e a concorrência a que se dedicam, típicas da pequena burguesia, correspondem à delimitação económica das pequenas empresas. Desde agora compreende-se que o pensamento individualista, tão oposto às ideias colectivistas do comunismo, encontre aqui a sua fonte. Mas esse estado de facto reclama uma explicação muito mais pormenorizada¹.

Essa situação económica e familiar seria insustentável, dada a organização natural dos homens, se não fosse garantida por outros estados de facto. Entre eles uma certa relação entre o homem e a mulher, que identificamos como relação patriarcal, e um certo modo de vida sexual.

No seu empenho em demarcar-se do proletariado, a pequena burguesia urbana, cuja situação económica não é melhor que a do proletariado industrial, só pode apoiar-se nas suas formas de vida familiares e sexuais, que organiza então de modo determinado. Aquilo que lhe falta no plano económico deve ser compensado no plano moral. Esse motivo é o elemento mais eficaz de identificação dos funcionários com o poder de estado. Já que não estamos na situação da grande burguesia, mas como ao mesmo tempo nos identificamos com ela, é necessário que as ideologias culturais nos retribuam aquilo que a situação económica nos tira. As formas da vida sexual, assim como as outras formas culturais

¹ Apesar da ideologia «O interesse geral passa antes do interesse pessoal» e apesar do «pensamento corporativo» do fascismo. Os elementos fundamentais da ideologia fascista permanecem individualistas, como o «princípio do chefe», a política familiar, etc. Aquilo que é colectivista no fascismo provem das tendências socialistas da sua base de massa, tal como aquilo que é individualista provem dos interesses do grande capital e do comando fascista.

de vida que dela dependem, servem essencialmente para nos demarcarmos em relação ao que se situa *abaixo* de nós.

A soma dessas atitudes morais que se agrupam em torno da posição relativa à sexualidade, e que se caracterizam geralmente como «espírito filistéu», culmina nas representações — dizem representações e não actos — *da honra e do dever*. Deve-se apreciar correctamente o efeito dessas duas palavras sobre a pequena burguesia para que valha a pena tratarmos delas mais adiante. É necessário dizer que sempre surgem na ideologia fascista e na teoria da raça. Com efeito, o modo de existência pequeno-burguês e o comércio pequeno-burguês das mercadorias impõem prática e realmente, em múltiplos casos, o comportamento precisamente contrário a esses valores. Na economia mercantil privada é mesmo necessário um pouco de desonestidade para existir. Quando um camponês compra um cavalo, desvaloriza-o em qualquer caso. Se revender o mesmo cavalo um ano mais tarde, este ter-se-á tornado mais jovem, melhor e mais valioso do que um ano antes. O dever repousa em interesses comerciais e não em particularidades do carácter nacional. A nossa mercadoria será sempre a melhor, a mercadoria estrangeira será sempre a pior. Os modos e o comportamento dos pequenos comerciantes testemunham, até na gentileza e submissão frente aos seus clientes, a cruel coacção do seu modo de existência económico, que a longo prazo não pode deixar de dobrar à sua lei o mais perfeito carácter. E, contudo, o conceito de honra e de dever desempenha na pequena burguesia uma função inteiramente decisiva. Isso não se pode explicar somente por uma vontade de dissimulação de origem grosseiramente material. Pois mesmo quando deparamos com a mais pura hipocrisia, o êxtase psíquico é autêntico. Apenas se levanta o problema de saber quais as suas fontes.

Ele provém das fontes da vida afectiva inconsciente, às quais de início se não presta atenção, cuja relação principal com essa ideologia, tipicamente, se não reconhece de bom grado. A análise do pequeno-burguês não deixa dúvida alguma sobre o significado da relação entre a sua vida sexual e a sua ideologia do dever e da honra.

Antes de mais, a posição do pai no estado e na economia reflecte-se no seu comportamento patriarcal em relação ao resto da família. O estado autoritário é representado na família pelo pai, tornando-se desse modo a família o instrumento mais precioso do seu poder.

Essa posição do pai reflecte o seu papel político e revela a relação da família com o estado autoritário. O próprio pai adopta

no interior da família a posição que toma em relação a ele o seu superior hierárquico no processo de produção. E reproduz nos filhos, particularmente nos de sexo masculino, o seu estado de sujeição em relação à autoridade. Dessas relações decorre a atitude passiva, servil, do homem pequeno-burguês diante das figuras dos dirigentes. E *Hitler*, sem que no fundo o suspeitasse, explora essas atitudes das massas pequeno-burguesas quando escreve:

«O povo, na sua esmagadora maioria, é de constituição e mentalidade de tal modo feminina que a percepção afectiva determina o seu pensamento e comportamento muito mais que a reflexão lúcida.

E essa percepção não é complicada, mas pelo contrário muito simples e forma um todo. Ai não se encontram diferenciações numerosas, mas um positivo e um negativo, o amor ou o ódio, a justiça ou a injustiça, a verdade ou a mentira, mas nunca isto ou aquilo pela metade, ou parcialmente etc.» (*Mein Kampf*, p. 201).

Não se trata de uma «constituição» mas de um exemplo típico da reprodução de um sistema social nas estruturas dos seus membros.

Essa posição do pai exige nomeadamente um recalque sexual dos mais severos nas mulheres e nas crianças. Se as mulheres submetidas a influências pequeno-burguesas desenvolvem uma atitude de resignação que repousa numa rebelião sexual recalcada, os filhos, por seu lado, além de uma posição submissa em relação à autoridade, desenvolvem uma forte identificação com o pai que, mais tarde, se tornará uma identificação de forte carga afectiva com qualquer autoridade. Durante muito tempo, isso permanecerá um enigma insolúvel: como é possível que o fabrico e a formação das estruturas psíquicas da camada que sustenta a sociedade se harmonizem com tanta exactidão como as peças de uma máquina de precisão, à organização económica e aos objectivos da classe dominante? Aquilo que descrevemos como a reprodução psicológica de massa do sistema económico de uma sociedade parece ser em todo o caso o mecanismo fundamental do processo ideológico.

O lugar na concorrência económica e social só muito tardiamente contribui para o desenvolvimento da estrutura individualista de pequena-burguesia, e as ideologias reacçãoárias assim formadas edificam-se num segundo tempo com base em processos psíquicos que se desenrolam já no psiquismo da criança

que cresce no meio familiar. Encontra-se então, antes de mais, a concorrência entre as crianças e os adultos, em seguida a concorrência mais vasta entre as crianças de uma só e mesma família nas suas relações com os pais. Essa concorrência que, mais tarde, na idade adulta e na vida extra-familiar, é essencialmente económica, aplica-se na infância principalmente às relações, que têm uma ressonância afectiva muito forte, de amor e de ódio entre os membros da família. Não convém estudar aqui essas relações mais profundamente e em seus pormenores. Esse problema deverá ser objecto de pesquisas especiais. Basta-nos estabelecer aqui que as inibições e os enfraquecimentos da sexualidade, que constituem as condições primordiais da manutenção da família burguesa e que são as bases mais essenciais da formação da estrutura do homem pequeno-burguês, são impostas de modo decisivo com a ajuda da angústia religiosa, que se alimenta com o sentimento de culpabilidade sexual e assim se enraíza profundamente na vida afectiva. É a partir desse ponto que se ergue o problema das relações da religião com a negação do desejo sexual. O enfraquecimento sexual tem por consequência uma depreciação da consciência de si que, num caso, é compensada por uma atitude de brutalidade em relação à sexualidade, no outro por traços particulares de carácter. A coacção em ordem ao domínio de si em matéria sexual, ou seja, à manutenção do recalque, leva à formação de representações convulsivas, de ressonância afectiva particularmente acentuada, relativas à honra, ao dever, à coragem, ao domínio de si.¹ O carácter convulsivo e a carga de afecto dessas atitudes psíquicas estão em contradição estranha com a realidade dos modos de comportamento pessoais. O primitivo satisfeito no plano genital é homem de honra, consciente do seu dever, corajoso e senhor de si, sem dar muito que falar a respeito. Essas atitudes estão organicamente inscritas na sua personalidade. Aquele que está genitalmente enfraquecido deve exortar-se continuamente a dominar a sexualidade, a defender a honra sexual, a ser corajoso em face da tentação, etc... Todos os adolescentes e crianças passam pelo combate contra a tentação do onanismo. Nesse combate desenvolvem-se todos os elementos, sem excepção, da estrutura do homem burguês, que constituem o seu núcleo afectivo. É na pequena burguesia que essa estrutura está mais fortemente elaborada, mais profundamente enraizada. É nessas fontes, engendradas pela repressão, imposta, da vida

¹ Particularmente instrutivo para o conhecimento dessas relações é o livro do nacional-socialista Ernst Mann «A moral da força» [Die Moral der Kraft].

sexual, que a mística de qualquer natureza tira as suas energias mais fortes, e em parte também os seus conteúdos. Na medida em que as camadas proletárias são atingidas pelas mesmas influências da sociedade burguesa, aqueles que pertencem a essas camadas elaboram as atitudes correspondentes; contudo, no proletariado, devido ao seu modo de existência específico, diferente do da pequena burguesia, as forças contrárias, que afirmam a sexualidade no indivíduo, são muito mais pronunciadas e também muito mais conscientes. O enraizamento afectivo dessas estruturas em favor da angústia inconsciente, a sua dissimulação por formações psíquicas e por traços de carácter que parecem totalmente assexuais, são causa de que se não consigam abordar, apenas com os argumentos da razão, essas camadas profundas da personalidade. O alcance dessa observação para a política sexual prática será examinado no último capítulo.

O combate consciente e aquele, muito mais importante, que é *inconsciente*, contra as nossas próprias necessidades sexuais não pode ser tratado aqui pormenorizadamente, quanto à sua importância para a transposição do modo de existência material dos homens nos diversos modos de pensamento metafísico e místico. Mencionaremos apenas um desses modos de pensamento que é típico da ideologia nacional-socialista. Encontra-se sempre a enumeração de uma série: *honra pessoal, honra da família, honra da raça, honra do povo*. Ela é logicamente erguida e segundo a lógica de sucessão das etapas da formação individual da ideologia, apenas se esquece de incluir o terreno económico-sociológico: *o capitalismo ou, se for preciso, o patriarcado — a instituição do casamento — a repressão sexual — o combate pessoal contra a nossa própria sexualidade, o sentimento compensador de honra pessoal etc.* O ponto último da série é a ideologia da «honra do povo». Coincide com o núcleo afectivo do sentimento nacional. Mas a sua compreensão pede uma dedução mais avançada.

O combate contra a sexualidade das crianças e dos adolescentes feito pela sociedade patriarcal e o combate que dele depende, no eu pessoal, joga-se no quadro da família, que até agora mostrou ser a melhor instituição para levar também esse combate a bom termo. As exigências sexuais naturalmente levam a toda a espécie de relações com o mundo, a um contacto íntimo com ele, sendo as formas e os conteúdos os mais variados. Se forem reprimidas, só lhes resta a possibilidade de se manifestarem no âmbito estreito da família. A inibição sexual é a base do reforço familiar dos indivíduos, do mesmo modo que é a base da consciência individualista da personalidade. Deve considerar-se estritamente que os comportamentos metafísicos, individualistas, sentimentais em relação à família não pas-

sam das diversas faces do único e mesmo processo fundamental de negação da sexualidade, ao passo que o pensamento materialista, voltado para a realidade, não mística, adopta uma atitude mais livre em relação à família, manifesta no mínimo indiferença em relação à ideologia sexual burguesa. É importante neste caso que a inibição sexual seja o intermediário do laço com a família, que a obstrução do caminho que conduz à realidade sexual do mundo transforme o laço biológico original da criança em relação à mãe, e também da mãe em relação aos filhos, em fixação sexual inextricável e numa incapacidade de contrair outros laços.¹ O que opera no coração do laço familiar é o laço com a mãe. As *representações da pátria e da nação* são, no seu núcleo subjectivo-afectivo, *representações da mãe e da família*. Para a burguesia, a mãe é a pátria da criança, e a família a sua «nação em ponto pequeno». Compreende-se assim por que razão o nacional-socialista *Goebbels* escolheu, para epígrafe dos seus dez mandamentos do calendário popular nacional-socialista de 1932, seguramente sem conhecimento das relações mais profundas, as palavras seguintes: «A pátria é a mãe da tua vida, não o esqueças». Para a «Festa das Mães», em 1933, podia ler-se em «*Angriff*»:

«*Festa das mães*. A revolução nacional varreu tudo o que era mesquinho! As ideias comandam novamente e comandam tudo simultaneamente — família, sociedade, povo. A ideia da festa das mães é feita para honrar o que simboliza a ideia alemã: a Mãe alemã! Em parte alguma, a não ser na nova Alemanha, essa importância cabe à mulher e a à Mãe. Ela é a guardiã da vida familiar, onde germinam as forças que devem novamente conduzir o nosso povo para o alto. Ela — a Mãe alemã — é a única depositária da ideia do povo alemão. «*Ser alemã*» está eternamente ligado ao conceito de «mãe». Existirá alguma coisa que possa reunir-nos mais estreitamente do que a ideia de uma comum veneração da mãe?»

Essas frases, quanto mais falsas do ponto de vista económico e social, melhor atingem a sua finalidade do ponto de vista ideológico. O sentimento nacional é, por consequência, o prolongamento directo do laço familiar e enraiza-nos como este, afinal de contas,

¹ O «complexo de Édipo», que Freud descobriu, não é pois tanto causa mas antes consequência dos limites sociais fixados à sexualidade da criança. E os pais, de modo totalmente inconsciente, fazem adoptar as concepções da igreja e da classe dominante.

na fixação¹ à mãe. Isto não deve ser interpretado biologicamente. Pois esse laço à mãe é ele mesmo, desde que se desenvolva em laço familiar e nacional, um produto *social*. Na puberdade daria lugar a outros laços — nomeadamente a relações sexuais adultas — se os limites sexuais fixados à vida amorosa o não perpetuassem. É somente nessa perpetuação socialmente estabelecida que ele se torna uma força social reaccionária. Se o proletariado desenvolve opiniões nacionais consideravelmente menos marcadas, comparadas com as da pequena burguesia, isso deve atribuir-se ao seu modo de existência social diferente e devido ao seu modo de existência familiar muito mais livre.

Que não venham agora amedrontadamente censurar-nos por biologizarmos a sociologia, pois que em momento algum esquecemos que esse modo diferente de existência familiar do proletariado é por si próprio condicionado pela posição deste no processo de produção do capital. Devemos contudo equacionar o problema de saber por que razão o proletariado é especificamente acessível ao internacionalismo, e por que razão a pequena burguesia, pelo contrário, se inclina tão fortemente para o nacionalismo. Ao nível da situação económica objectiva, não se pode estabelecer o factor que nos diferencia a não ser quando se introduzem as relações, previamente descritas, entre a sua economia e a sua existência familiar. Não de outro modo. Não exagero ao dizer que a notável repugnância de muitos teóricos marxistas em considerarem a existência familiar como um factor *equivalente*, no que respeita ao enraizamento do sistema da sociedade, ou até *decisivo* da formação da ideologia, deve atribuir-se a seus próprios laços familiares. Nunca se sublinhará bastante o facto de que o laço familiar com a sociedade de classe tem grande intensidade e fortíssima carga afectiva².

¹ Ou seja, um laço nunca dissolvido, enraizado no inconsciente.

² Aquele que não superou o seu laço com a família e com a mãe, ou que, ao menos por lucidez, o afasta dos seus juízos, esse despreza a aplicação do método materialista-dialéctico ao domínio da formação da ideologia. Aquele que quisesse rejeitar essas coisas como sendo «freudismo» só provaria o seu cretinismo científico. Deve argumentar-se e não tagarelar sem conhecimento do assunto. Freud descobriu o complexo de Édipo. Sem essa descoberta uma política familiar revolucionária seria impossível. Mas Freud está tão longe dessa valorização e interpretação sociológica do laço familiar quanto o economista mecanicista está longe da compreensão da sexualidade como factor histórico. Que nos demonstrem uma eventual apli-

A unidade essencial da ideologia familiar e nacional pode ser levada mais longe. As famílias são tão delimitadas umas em relações às outras quanto as nações em regime capitalista. Em ambos os casos, em última análise, as bases são motivações sociais. A família do pequeno-burguês (funcionário, pequeno empregado) está submetida à pressão constante das necessidades de alimentação e outras preocupações materiais. A tendência à expansão económica das famílias pequeno-burguesas numerosas reproduz assim a ideologia imperialista: «A nação tem necessidade de espaço e de alimento». É por essa razão que o pequeno-burguês deve ser, com facilidade particular, acessível à ideologia imperialista. Pode identificar-se completamente com a nação que pensa em termos de pessoa. Assim, o imperialismo objectivo do estado reproduz-se ideologicamente no imperialismo subjectivo da família.

Certas frases de *Goebbels*, tiradas da brochura «Os portadores malditos da cruz gamada» (Eher-Verlag, München; p. 18 e p. 16) são interessantes; escreveu-se para responder à questão de saber se o judeu é um ser humano:

«Se alguém der uma chicotada à tua mãe em pleno rosto, será que então também lhe dizes: Muito obrigado! Ele também é um ser humano!? Não é um ser humano, é um monstro! Quantas coisas piores ainda não fez o judeu à *nossa mãe Alemanha* (sublinhado por W. R.) e não continua a fazer-lhe hoje ainda? O judeu corrompeu a nossa raça, fez apodrecer a nossa força, minou os nossos costumes e quebrou o nosso vigor... O judeu é a encarnação do demónio da degenerescência... começa a oferecer os povos em holocausto».

Deve-se conhecer o significado da castração como punição das faltas sexuais e do desejo sexual, deve-se compreender o pano de fundo psico-social dos fantasmas do assassínio ritual assim como do anti-semitismo em geral, e além disso avaliar correctamente o sentimento de culpabilidade sexual, e a angústia sexual do homem pequeno-burguês, para poder avaliar de que modo essas frases, redigidas inconscientemente pelo autor, agem na vida afectiva incons-

cação errada do materialismo dialéctico, mas que se não neguem os factos que cada trabalhador consciente conhecia exactamente, antes que Freud descobrisse o complexo de Édipo. E que se derrube a fonte cultural nacional-socialista, não com palavras de ordem mas com saber. Podemos enganar-nos e podemos corrigir os próprios erros, mas ser limitado em matéria científica é contra-revolucionário.

ciente do leitor que pertence às massas. Aí se encontra a raiz do anti-semitismo dos nacionais-socialistas. Não passariam então de acções de mistificação? É claro que há também mistificação. Mas, ao mesmo tempo, facilmente se esqueceu ver que o fascismo, ideologicamente, é o estertor de uma sociedade na agonia, tanto do ponto de vista sexual quanto do económico, que se revolta contra as tendências dolorosas mas decididas do bolchevismo à liberdade tanto sexual quanto económica, uma liberdade tal que só de imaginá-la o homem *burguês* se enche de uma angústia mortal. Isso significa: com o estabelecimento da liberdade económica pelo comunismo instaura-se uma abolição das velhas instituições ideológicas e culturais, e em particular sexuais, de que o homem burguês, e o proletário igualmente quando vê as coisas de modo burguês, são alimentados. Particularmente o medo da «liberdade sexual», que aparece na imaginação do pensamento burguês como o caos sexual e a depravação sexual, manifesta-se recalando a aspiração a ser libertado do jugo da exploração económica. Isso só dura enquanto durar essa representação do caos sexual. E só pode durar porque essas questões tão importantes não são esclarecidas nas massas. Nisso, a política sexual situa-se absolutamente no centro da política. E quanto mais avançado for o estágio do desenvolvimento do capitalismo, mais se estende em seguida e aprofundam o emburguesamento ideológico do proletariado, mais o trabalho revolucionário na frente cultural, o trabalho político-sexual, que constitui a nosso ver o seu núcleo central, adquire uma importância decisiva.

Nessa combinação dos factos económicos e ideológicos, a família burguesa apresenta-se como o primeiro e principal lugar de reprodução do sistema capitalista, ou ainda, do sistema de economia privada, como fábrica da sua ideologia e da sua estrutura. É por isso que a «defesa da família» é o primeiro mandamento da política cultural reaccionária. Fundamentalmente, isto esconde-se ideologicamente atrás da palavra de ordem pomposa de «defesa do estado, da cultura e da civilização».

Num manifesto eleitoral do NSDAP para a eleição presidencial de 1932 (*Adolf Hitler*: «O Meu Programa»), diz-se:

«A mulher é por natureza e destino a companheira do homem. Mas ambos são por isso, não apenas companheiros de vida, mas também camaradas de trabalho. Tal como o desenvolvimento económico de milénios transformou as esferas de trabalho do homem, ele transforma logicamente também os domínios de trabalho da mulher. Para além da sujeição ao trabalho comum, existe ainda, para lá do homem e da mulher, o

dever de perpetuar o próprio homem. Nessa missão dos cônjuges, os seus dons particulares, atribuídos a ambos pela providência na sua sabedoria eterna de modo imutável, encontram também as suas bases. A mais alta tarefa assinalada aos dois companheiros de vida e camaradas de trabalho é portanto *zornar possível a formação da família. A sua destruição definitiva significaria o fim de toda a humanidade superior.* Por mais vastas que possam ser as esferas de actividade da mulher, o *objectivo final de um autêntico desenvolvimento orgânico e lógico deve sempre contudo encontrar-se na formação da família.* Ela é a mais pequena, mas mais preciosa unidade na organização de toda a estrutura do estado. O trabalho honra a mulher tanto quanto o homem. Mas a criança enobrece a mãe».

No mesmo manifesto afirma-se, sob o título «*A salvação do campesinato significa a salvação da nação alemã*»:

«Vejo, além disso, na manutenção e no encorajamento de um campesinato são, a melhor protecção contra as doenças sociais, bem como contra a decadência racial do nosso povo».

Não devemos, em momento algum, esquecer o laço familiar tradicional do campesinato, se não quisermos enganar-nos. Continuemos:

«Creio que um povo, para elevar a sua resistência, não deve apenas viver segundo considerações racionais, mas necessita também de uma estabilidade espiritual e religiosa. A intoxicação e a decomposição do corpo do povo pelas manifestações do nosso bolchevismo cultural são quase mais devastadoras que a acção do comunismo político e económico».

Sendo um partido que, como o fascismo italiano, age como defensor da grande propriedade predial, o NSDAP deve conquistar as massas do pequeno e médio campesinato, deve constituir com ele uma base social. Ademais, naturalmente não pode manifestar, para efeitos de propaganda, os interesses da grande propriedade predial, pelo contrário, vê-se obrigado a recorrer às estruturas dos pequenos camponeses, tais como foram produzidas pela coincidência dos modos de existência familiar e económico. A frase «o homem e a mulher são camaradas de trabalho» é válida somente do ponto de vista dessas camadas da pequena burguesia. Não é válida para o proletariado.

Aliás, só formalmente é válida para os camponeses, pois a mulher do camponês é na realidade serva do camponês. Contudo, é determinante que a ideologia fascista da organização hierárquica do estado seja prefigurada e realizada na organização hierárquica da família camponesa. A família camponesa é uma nação em ponto pequeno e cada membro dessa família é identificado com essa pequena nação. O terreno para a adopção da ideologia, diferentíssima, do grande imperialismo, que tem a sua base nomeadamente nas leis do capitalismo, é por esse modo preparado, no campesinato e em qualquer outra camada da pequena burguesia, na qual coincidem pequena empresa económica e família. Mas a nossa atenção é neste caso atraída pela idealização da maternidade. Quais são as relações dessa idealização com a reacção sexual política?

5. O amor próprio nacionalista

Na estrutura do pequeno-burguês enquanto indivíduo de massa, os laços nacionais e familiares coincidem. Esses laços são particularmente intensificados por um processo que, não só se desenvolve paralelamente a eles, mas que, mais precisamente, deles deriva. Para a psicologia de massa, o chefe (Führer) nacionalista representa a encarnação da nação. É apenas na medida em que esse chefe incarna a nação, em conformidade com os sentimentos da massa, que pode instaurar-se em relação a ele um laço pessoal. Na medida em que ele consegue despertar nos indivíduos de massa laços afectivos familiares historicamente preponderantes, fica a ser do mesmo lance uma figura paterna, ou seja que concentra em si todas as posições afectivas primitivamente adoptadas em relação ao pai, severo, mas também protector e representativo (pelo menos representativo na imaginação da criança). Frequentemente ouviam-se partidários do nacional-socialismo, com os quais se falava do carácter insustentável, devido às suas contradições, do programa do NSDAP, dizer que Hitler entendia muito melhor do assunto, que ele encontraria todas as soluções. Vemos assim exprimir-se claramente a posição infantil da busca de uma protecção junto do pai. Mais essencial ainda é contudo a identificação dos indivíduos de massa com o pai. É de uma importância decisiva para a tática do partido revolucionário, que visa destacar dos seus chefes os aderentes de um outro partido. Quanto maior é a aflicção efectiva do indivíduo de massa devida à sua educação, e maior é a identificação com o chefe, mais a necessidade infantil de um apoio se disfarça sob a forma do sentimento de formar uma coisa só com o chefe. Essa inclinação à

identificação do homem pequeno-burguês é o fundamento psicológico do seu *narcisismo* nacional, ou seja, do amor próprio (Selbstgefühl) que tira da «grandeza da nação». O pequeno burguês reencontra-se a si próprio no chefe, no Estado autoritário, em virtude dessa identificação, experimenta-se a si mesmo como defensor do «povo» («Volkstum»), da «nação», o que o não impede, sempre em virtude dessa identificação, de desprezar ao mesmo tempo a massa e de a ela se opor enquanto indivíduo. A sua situação de miséria material e sexual é psicologicamente abafada pela ideia exaltante de fazer parte da raça dos senhores e de ser conduzido por um génio, a tal ponto que, em momentos privilegiados, não se apercebe da sua decadência completa, do seu esmagamento que faz dele um instrumento privado de significação e de sentido crítico. No polo oposto, há o trabalhador que atingiu consciência de classe, aquele que pôs fora do circuito de si mesmo a sua estrutura pequeno-burguesa, ou que a extirpou pela formação política e por outros processos, aquele que se identifica com a massa *internacional* dos trabalhadores em vez da pátria nacional. Sente-se a si mesmo como chefe, não em virtude de uma identificação, mas em virtude da sua consciência de fazer parte da classe necessariamente ascendente. Quais são as forças psicológicas determinantes na matéria? A resposta não é difícil. Os sentimentos que servem de fundamento a esse tipo tão diferente de psicologia de massa são os mesmos que nos nacionalistas. É somente o conteúdo da excitação afectiva (Gefühlsregung) que é diferente. O impulso para a identificação é o mesmo; mas o seu objecto é o companheiro de classe em vez do chefe, a classe própria em vez da classe dominante, os povos oprimidos da terra em vez da família. É o colectivismo que se opõe ao individualismo, o que não quer dizer que o trabalhador deixe por esse facto de alimentar uma consciência da sua personalidade própria, do mesmo modo que em tempo de crise o pequeno-burguês individualista se põe a sonhar em «prestar serviço à comunidade», a sonhar com que «a utilidade pública passe à frente da utilidade pessoal». Mas o conteúdo diferente dessa consciência da personalidade própria torna possível que os sentimentos colectivistas não entrem em oposição com os sentimentos individualistas no trabalhador, mas que precisamente derivem dessa consciência colectiva. É portanto errado pensar, como dizem muitas teorias comunistas, que os sentimentos colectivistas formem com os sentimentos individualistas uma oposição absoluta. O próprio Marx nunca o pensou assim.

Devemos ainda perguntar quais os efeitos que orientam, no trabalhador chegado à consciência de classe, a energia de identificação e de ligação numa direcção tão radicalmente diferente. Em grande

escala, de um ponto de vista de classe, é em primeiro lugar o modo de produção colectivo na fábrica que forma um contraste brutal com o modo de trabalho individual do camponês ou do pequeno comerciante. Mas como sempre, devemos perguntar igualmente nesse ponto por que meios esse modo de vida diferente se traduz de forma diferente. A situação social é apenas a condição exterior, ainda que decisiva em primeira instância, ainda que determine o processo ideológico no indivíduo de massa. Trata-se de explorar as forças motoras graças às quais este ou aquele conteúdo do mundo político consegue garantir o domínio exclusivo da vida afectiva. Uma primeira coisa é certa: não é a fome; ela não é em todo o caso o factor decisivo sem o qual a revolução já teria sucedido há muito tempo. Por susceptível que seja essa observação de derrubar representações vulgares que se tornaram tradicionais, ela é inatacável.

Quando os psicanalistas estreitos em matéria sociológica explicam a revolução a partir da revolta contra o pai, têm em consideração o revolucionário dos meios intelectuais, no qual esse factor é evidentemente decisivo. A repressão das crianças pelos pais não é menor na classe operária, é mesmo por vezes mais brutal que na pequena burguesia. Não é esse, pois, o problema. Se quisermos responder a essa questão, devemos procurar o elemento decisivo específico, e encontramos-lo no modo de produção dessas camadas e na posição em relação à sexualidade que daí decorre. Mas para evitar qualquer equívoco: a sexualidade é reprimida pelos pais também no proletariado. Mas as contradições a que se expõem os filhos dos trabalhadores não estão presentes na pequena burguesia. Na pequena burguesia, *apenas* nos apercebemos da repressão da vida sexual. O que, nessa camada, se manifesta como actividade sexual que contradiz a moral, não passa da expressão pura e simples da contradição entre o impulso e a inibição sexuais. No caso do proletariado, outra coisa sucede. Além da ideologia pequeno-burguesa, ele contém, mais ou menos marcadas conforme os casos, as suas próprias concepções sexuais, que são precisamente opostas às primeiras. A isso acresce a contradição devida ao habitat e à existência colectiva na empresa. Tudo isso vai contra a ideologia sexual pequeno-burguesa.

Por consequência, o tipo médio do proletário distingue-se do tipo médio do pequeno-burguês pela sua atitude aberta e natural frente à questão sexual, por mais confuso e emburguesado que seja por outro lado. Revela-se sempre incomparavelmente mais acessível que o pequeno-burguês típico a considerações de economia sexual, e aquilo que o torna mais acessível a isso é precisamente a ausência das atitudes que descobrimos no centro da ideologia nacional-socialista e religiosa: ou seja, a identificação com o poder estatal,

com o «chefe supremo», com a nação. Isso prova igualmente que os elementos nucleares da ideologia nacional-socialista pertencem à esfera da economia sexual. As duas coisas, ou seja tanto a ideologia nacionalista quanto a economia sexual específica, são evidentemente determinadas em última análise pela diferença da situação de classe.

Quanto ao facto do difícil acesso, por consequência da sua economia individualista e do domínio do isolamento familiar, do pequeno campesinato à consciência da sua situação de classe, o qual em compensação é muito facilmente acessível à ideologia da reacção política, e de que nisso reside a razão do desvio entre a situação social e a ideologia; já nos explicámos a respeito desse assunto. Caracterizado por um patriarcado dos mais estritos e pela moral que lhe corresponde, não deixa por isso de desenvolver formas proletárias — ainda que totalmente desfiguradas — na sua vida sexual. Como no proletariado — e ao contrário da pequena burguesia —, a juventude camponesa cedo experimenta relações sexuais: mas, devido à estrita educação patriarcal, ou fica perturbada ou mostra-se brutal; a vida sexual pratica-se às escondidas, a frigidez das moças é de regra, os crimes sexuais e o ciúme brutal, bem como a escravização das mulheres, são fenómenos sexuais típicos do meio camponês. Em nenhum lugar como no campo grassa a histeria. O casamento é, conforme aos imperativos económicos, o objectivo último da educação.

No mundo dos trabalhadores da indústria assistiu-se, no decorrer das últimas décadas, a um processo ideológico que podemos observar em estado puro naquilo a que se chama a aristocracia operária, mas que também não poupou os trabalhadores médios. Trata-se daquilo a que se chama o emburguesamento do proletariado na época da democracia burguesa. Para compreender qual a via pela qual o fascismo penetrou na classe operária, ainda que muito tardiamente, em geral quando a pequena-burguesia já constituía a sua base de massa, é necessário acompanhar passo a passo o processo ideológico que se efectua no seio do proletariado quando da passagem da democracia burguesa às fases preparatórias da ditadura dos decretos-leis, da eliminação do parlamento até à ditadura fascista aberta.

6. Emburguesamento ideológico do proletariado

O fascismo penetra nos trabalhadores por duas vias: por intermédio do chamado *Lumpenproletariat* (tudo vai contra essa formulação) graças a uma corrupção directamente material, e por intermédio

da «aristocracia operária», tanto por meio da corrupção material quanto da influência ideológica. Quando se fala do proletariado que se transviou, toda uma série de perguntas fica sem resposta. É certo que o fascismo, com a sua falta completa de escrúpulos políticos, promete tudo a toda a gente; assim, por exemplo, podia ler-se num artigo de *Jarmer*, «Capitalismo» (em: *Angriff*, de 24-9-31):

«Verificamos com prazer que Hugenberg, no congresso dos Nacionais Alemães em Stettin, se voltou nitidamente contra o capitalismo internacional. Mas simultaneamente insistiu na ideia de que um capitalismo seria necessário».

«Por isso mesmo traçou de novo a linha de demarcação entre os Nacionais Alemães e os Nacionais-socialistas: com efeito, estes estão persuadidos de que o sistema económico capitalista, que na hora actual desaba no mundo inteiro, deve ser substituído por outro sistema, pela razão de que, mesmo no âmbito de um capitalismo nacional, não pode reinar a justiça».

Essas afirmações quase parecem comunistas. Com a intenção consciente de enganar, a propaganda fascista apela para a consciência revolucionária do operário de fábrica. Mas a grande questão é saber por que razão os operários nacional-socialistas não reconheceram com rapidez que o fascismo promete tudo a toda a gente. Do mesmo modo, soube-se que *Hitler* tinha feito acordos com grandes industriais, que recebeu deles dinheiro e que lhes prometeu proibir greves. Para que, apesar de um trabalho intenso de desmascaramento realizado pelos comunistas, essa contradição não se tenha manifestado no operário médio, é preciso que isso se deva à sua estrutura psicológica. Na sua conversa com o jornalista americano *Knickerbocker*, *Hitler* exprimiu-se nestes termos sobre a questão do reconhecimento das dívidas privadas em relação ao estrangeiro:

«Estou convencido de que os banqueiros internacionais depressa se darão conta de que a Alemanha, sob um governo nacional-socialista, é um lugar de investimento seguro, pois foi atribuído ao crédito uma taxa de juro de 3% líquido».

Se a propaganda revolucionária tem por tarefa central «esclarecer» o proletariado, isso não pode fazer-se simplesmente apelando para a sua consciência de classe, que, notemo-lo, não está desenvolvida ou é impura, apresentando-lhe constantemente a situação económica e política objectiva, revelando-lhe constantemente a im-

postura de que é objecto. O primeiro dever da propaganda revolucionária consiste em ter em conta com a maior compreensão possível as *contradições no trabalhador*, a ter em conta o facto de que se não trata de uma consciência de classe que de algum modo seria clara, mas encoberta ou obscurecida, mas que os elementos da estrutura psíquica que constituem a consciência de classe estão em parte por desenvolver, em parte misturados com elementos contrários, constitutivos da estrutura pequeno-burguesa. A tarefa fundamental da propaganda consiste em decantar a consciência de classe das largas massas.

Nos períodos de democracia burguesa «pacífica», o operário de fábrica que tem trabalho dispõe fundamentalmente de duas possibilidades: a identificação com a pequena-burguesia, considerada, de um ponto de vista ideológico, como estando acima dele, ou a identificação com a sua própria classe, que já sob o capitalismo desenvolve formas de vida próprias, em oposição às formas burguesas. A primeira via significa: invejar o pequeno-burguês, imitá-lo e, se surge a possibilidade material, adoptar completamente os seus hábitos de vida. A segunda via significa: rejeitar essas ideologias e esses hábitos, tomar distância em relação a eles, desaprová-los e apresentar como alternativa o seu próprio modo de vida. Em razão da simultaneidade da acção exercida pelo modo de vida social e pelo modo de vida da própria classe, as duas possibilidades são tão fortes uma quanto a outra, em todo o caso estão abertas as duas vias que a elas conduzem. O movimento revolucionário não avaliou igualmente, segundo o seu justo valor, a importância dos pequenos hábitos quotidianos, aparentemente secundários, e mesmo muitas vezes a utilização deles feita foi errada. O quarto de dormir pequeno-burguês, que o proletário monta logo que tem possibilidade, mesmo quando por outro lado tem uma consciência de classe, a repressão da mulher, que se impõe mesmo quando ele é comunista, o vestuário a preceito ao domingo, a dança pequeno-burguesa e mil outros «pormenores» têm, pela sua acção crónica, uma influência contra-revolucionária que milhares de comícios e panfletos apenas contrabalançam. A vida pequeno-burguesa exerce uma acção permanente, penetra em todos os interstícios da vida quotidiana, pelo contrário o trabalho na fábrica e os panfletos só exercem a sua acção durante algumas horas. É por isso que é cometer uma falta grave ter em consideração os instintos pequeno-burgueses dos trabalhadores organizando festas pequeno-burguesas «para se pôr ao nível das massas», sem por outro lado eliminar os elementos pequeno-burgueses e desenvolver por todos os meios os germes da forma de vida proletária. Por todos os meios da propaganda. No

«vestido de noite», que a mulher de um trabalhador veste para determinada «festa», mais coisas se revelam sobre a psicologia do trabalhador em regime capitalista do que em mil artigos. O vestido de noite ou o copo de cerveja em família são apenas a manifestação exterior de um processo que se desenrola nesse trabalhador, um sinal de que existe já disposição para acolher, quer a propaganda social-democrata, quer a propaganda nacional-socialista. Quando então, além disso, o fascismo promete a supressão do proletariado e obtém êxito por essa forma, em 90 casos em 100 não foi o programa económico que teve influência, mas sim o vestido de noite. Devemos dar muito maior importância a estas coisas da vida quotidiana. É a partir delas que se forma concretamente a consciência de classe ou o seu contrário, não a partir de grandes frases ou palavras, que apenas despertam um entusiasmo passageiro. Esse é um trabalho importante e fecundo em sofrimento. O trabalho revolucionário de massa na Alemanha limitou-se quase exclusivamente à propaganda contra a fome. Se bem que esse fosse o argumento *mais importante*, era, como se verificou, uma base demasiado estreita. A vida dos indivíduos de massa joga-se em mil coisas por trás dos bastidores. O jovem trabalhador, por exemplo, tem mil preocupações de ordem sexual e cultural que o invadem logo que tenha satisfeito, por pouco que seja, a sua fome. A luta contra a fome trava-se na primeira frente, mas não deve ser a única nessa posição: é necessário que aquilo que se passa nos bastidores da vida humana seja trazido energicamente, sem reticências nem escrúpulos, para as luzes da ribalta do circo de animais sábios no qual todos somos ao mesmo tempo espectadores e actores.

Ver-se-ia que, já sob o capitalismo, o proletariado daria mostras de uma criatividade indefinida nas suas tentativas para manifestar as suas formas de vida e o seu modo de ver as coisas. Se a política penetrasse pelas mais pequenas fendas da vida quotidiana, levaria às massas contaminadas pela pequena-burguesia as emoções e os sentimentos que confeririam à secura dos factos políticos um impulso irresistível. É indispensável trabalhar esses problemas de modo pormenorizado, concreto, consciencioso. Ao fazê-lo, garantir-se-á e acelerar-se-á a vitória da revolução. Que se não venha com a má objecção segundo a qual essas propostas não passam de meios de fazer crer que o homem poderia transformar-se no interior do capitalismo. Essa luta para utilizar todos os elementos do modo de vida proletário não significa um arranjo no interior do capitalismo, mas uma luta para se demarcar daquilo que é burguês, uma luta para afirmar os germes de um modo de vida proletário com o fim de se opôr à vergonha de ser proletário. Pois que, enquanto os

elementos pequenos-burgueses levarem a melhor sobre os elementos de classe no trabalhador, este dificilmente poderá ser ganho à causa revolucionária e ter um comportamento correspondente. Mas existe igualmente outra razão pela qual se não pode renunciar a esse trabalho de psicologia de massa e a essa propaganda.

A vergonha do proletário, que é o oposto exacto da consciência proletária e um elemento central da tendência para imitar o pequeno-burguês, constitui igualmente o fundamento psicológico de massa sobre o qual o fascismo se apoia logo que começa a penetrar nos operários. O fascismo promete a supressão das classes, ou seja, a supressão da condição proletária, e por esse meio tem ressonância nas posições pequeno-burguesas do trabalhador. Na medida em que os proletários emigram do campo para a cidade, trouxeram com eles a ideologia da família camponesa, que como já mostrámos, representa o melhor terreno para alimentar a ideologia nacional-imperialista. A isso acresce ainda um processo ideológico que se desenrola no movimento operário, ao qual até hoje se deu demasiado pouca atenção quando se avaliam as possibilidades do movimento revolucionário, nos países de baixo desenvolvimento industrial e nos de alto desenvolvimento.

Quando Kautsky não tinha ainda caído na qualidade de inimigo cruel da revolução, observava que o trabalhador na Inglaterra altamente industrializada tem um nível político mais baixo que o trabalhador da Rússia fracamente industrializada (*Soziale Revolution*, ed., p. 59-60). Os acontecimentos políticos dos últimos 15 a 20 anos nos diferentes países do mundo não deixam dúvida alguma de que nos países com desenvolvimento industrial baixo, como por exemplo na China e na Índia, se deram mais facilmente levantes revolucionários do que na Inglaterra, na América e na Alemanha. E isso apesar de um movimento operário, nesses últimos países, mais penetrado pela consciência de classe, mais organizado, apoiando-se numa velha tradição. Se pusermos de parte a burocratização do movimento operário, por si mesma um sintoma patogénico que só na história encontraria explicação, levanta-se a questão do enraizamento extraordinariamente forte da social-democracia e do trade-unionismo nos países ocidentais. *A base psicológica de massa da social-democracia é constituída pelas estruturas pequeno-burguesas dos seus aderentes.* Falta explicar historicamente a transformação que se processa no proletariado no capitalismo avançado, transformação tal que apesar do fiasco da política social-democrata, apesar de erros repetidos e demonstrados durante décadas, era impossível abalar a ideologia social-democrata. Como para o fascismo, também neste caso o problema não é apenas, ou sequer principalmente, o da política da

direcção do partido, é o da base psicológica de massa nos trabalhadores. De modo algum é possível fornecer aqui na íntegra uma análise pormenorizada dessas relações. Para isso faltam ainda todas as premissas. Queria simplesmente indicar alguns factos que me parecem muito importantes e que verosimilmente teriam permitido ao político, se os tivesse explorado de perto, resolver mais de um enigma.

Nos primeiros estádios do capitalismo, além de uma separação económica nítida entre burguesia e proletariado, existe uma separação ideológica, em particular moral, igualmente nítida. A ausência de qualquer política social, os dias de trabalho esgotantes de 16, 18 horas e mais, o baixo nível de vida dos operários de fábrica, tal como é descrito de modo clássico por *Engels em Situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, não permitem uma assimilação ideológica do proletariado à burguesia. As estruturas burguesas não estão praticamente elaboradas, a não ser sob a forma de uma submissão ao destino. O estado de espírito do proletariado e do campesinato caracteriza-se pela apatia e pela indiferença. Mas, como não existe neles um modo de pensamento burguês, essa apatia não impede que os sentimentos revolucionários se revelem espontaneamente, em ocasiões determinadas, tomem uma intensidade e força inesperada. No capitalismo avançado, pelo contrário, as coisas são diferentes. Quando o movimento operário organizado obtem conquistas no plano social, tais como a limitação do tempo de trabalho, direito de voto, garantias sociais, isso tem um efeito duplo: por um lado, é certo, um reforço das classes, mas ao mesmo tempo um processo contrário instaura-se: paralelamente à elevação do nível de vida, a assimilação com a pequena burguesia, com o desenvolvimento do sentimento de solidariedade proletária, de «olhos voltados para o alto». Nas épocas de prosperidade, esse emburguesamento intensifica-se para depois, de repente, quando a crise rebenta, agir como um obstáculo importante à transformação dos sentimentos de classe em consciência revolucionária.

A força política, incompreensível de um ponto de vista puramente político, que tem a social-democracia nos períodos de crise, é a expressão perfeita dessa contaminação burguesa do proletariado. Trata-se então de a apreender igualmente através dos seus elementos constitutivos. Dois factos aparecem aqui em primeiro plano: o laço com o dirigente, ou seja, a crença inabalável na infalibilidade do dirigente político¹ (apesar da existência de críticas, por outro lado, mas

¹ No Verão de 1932, após uma reunião em Leipzig, falava da situação política com alguns trabalhadores sociais-democratas que tinham assistido à reunião. Davam razão a todos os argumentos contra a propaganda feita

que não desembocam na acção) e a assimilação, no plano da moral sexual, à burguesia. Em toda a parte a grande burguesia se esforça com energia por favorecer esse emburguesamento. Se de início ela manejava no sentido próprio a matraca, agora — onde o fascismo ainda não venceu — mantém-na em reserva e só a utiliza frente ao trabalhador dotado de consciência de classe; para a massa dos trabalhadores sociais democratas, dispõe pelo contrário de um meio mais perigoso: a ideologia pequeno-burguesa em todos os domínios.

Assim, quando o trabalhador social-democrata se encontra numa situação de crise que o degrada à categoria de *coolie*, a evolução da sua consciência de classe sofre com o seu emburguesamento. Não obstante crítica e revolta, ou permanece no campo da social-democracia, ou ainda, indeciso e hesitante devido às graves contradições entre as suas posições revolucionárias e pequeno-burguesas, desiludido pelos seus dirigentes, vai ao partido nacional-socialista buscar um melhor substituto, caminhando desse modo no sentido da menor resistência. É então que depende da justeza ou do carácter errado da táctica do partido revolucionário que ele abandone essa tendência e chegue a uma plena consciência da sua posição real no processo de produção capitalista. A afirmação comunista segundo a qual a política social-democrata abre caminho ao fascismo é portanto exacta, não apenas no plano político, mas, o que é essencial, também no plano da psicologia de massa. Uma decepção contra a social-democracia, simultaneamente com a acção de uma contradição entre empobrecimento e modo de pensamento burguês, conduz necessariamente ao campo do fascismo, se o partido revolucionário cometer graves erros. Foi assim, por exemplo, que em Inglaterra, após o fiasco da política do Labour Party, começou nos anos 1930-1931 uma fascização dos trabalhadores, que nas eleições de 1931 se voltaram para a direita em vez de se encaminharem para o comunismo.

Quando *Rosa Luxembourg* afirmava que a luta revolucionária não é possível com «coolies», levantava-se o problema de saber que

pela social-democracia por uma via democrática para o socialismo e por outro lado mal se distinguem dos trabalhadores comunistas. Perguntei a um deles porque não tiravam as consequências disso e se não separavam dos dirigentes. A resposta espantou-me, de tal modo estava em contradição com as opiniões precedentes: «Os nossos dirigentes decerto sabem o que fazem». Quase podíamos tocar aqui com o dedo a contradição na qual se enrede o trabalhador social-democrata: laço com o chefe, que não permite a crítica, que é ao mesmo tempo feita da sua política, de passar à acção. Percebeu-se melhor o grave erro que se cometia quando se tentava conquistar o trabalhador social-democrata injuriando o seu dirigente. Estando identificado ao dirigente, desse modo só podia reagir afastando-se.

tipo de *coolie*: o *coolie antes ou depois* do emburguesamento. Antes, encontramos uma apatia difícil de romper, mas igualmente uma grande faculdade em empreender acções revolucionárias: após o emburguesamento, passamos a lidar com um «coolie» *desiludido*. Não será difícil conquistá-lo para a revolução? Por quanto tempo conseguirá o fascismo utilizar para os seus próprios fins a sua decepção em relação à social-democracia, à qual se junta a sua «rebelião contra o sistema»? Se é certo que não podemos resolver agora essas questões, que são cheias de consequências, é igualmente certo que a estratégia revolucionária internacional deve ter em conta esses problemas, se quiser determinar os seus pontos de ataque principais.

CAPITULO III

A TEORIA RACIAL

1. *O seu conteúdo*

A charneira em volta da qual se articula a teoria fascista alemã é a sua teoria racial. O programa económico daquilo a que se chamou os 25 pontos não aparece na ideologia fascista senão como um meio de seleccionar a raça germânica e de a proteger de eventuais cruzamentos, que segundo a opinião dos nacional-socialistas significam sempre o declínio da «raça superior». Mais ainda, a decadência de uma civilização proviria igualmente do cruzamento de raças. O mais nobre dever de uma nação, por consequência, é «conservar a pureza da raça e do sangue»; para cumpri-lo, é necessário estar pronto a todos os sacrifícios. Actualmente na Alemanha, essa teoria é transposta por todos os meios para a prática sob a forma de perseguição aos judeus e repercute-se desse modo na história.

A teoria racial parte da hipótese de que o acasalamento exclusivo de cada animal com a sua própria espécie constitui uma «lei de bronze» na natureza. Só circunstâncias excepcionais, tais como talvez o cativo, podem transgredir essa lei e levar ao cruzamento de raças. Mas a natureza vingá-se e opõe-se a isso por todos os meios, quer tornando os bastardos estéreis, quer limitando a fecundidade dos descendentes. A cada cruzamento de dois seres vivos de «nível» diferente a descendência deve representar uma coisa híbrida. A natureza tende a elevar a vida, é por isso que o abastardamento está em contradição com a vontade da natureza. A selecção da espécie superior faz-se também na luta pelo pão quotidiano, no decorrer da qual os seres mais fracos, ou seja, menos válidos de um ponto de vista racial, morrem. E isso está logicamente na «vontade

da natureza» pois se os mais fracos, que são numericamente maioria, expulsassem as espécies de qualidade superior que são em número inferior, qualquer perpetuação e qualquer elevação da raça cessariam. A natureza submete portanto os mais fracos a condições de vida mais duras que limitam o seu número; não tolera contudo que o resto cresça sem discernimento, mas efectua uma escolha impiedosa segundo critérios de força e de saúde.

Pode transpor-se essa lei para os povos. A experiência histórica ensina-nos que da «mistura do sangue» de um ário com povos mais «fracos» resulta sempre a decadência do representante da civilização. A consequência seria o abaixamento do nível da raça superior e a regressão física e intelectual, mas por isso também o início de um «mal» em progressão segura.

Segundo *Hitler*, o continente americano ficaria forte «enquanto não fosse também vítima do «crime contra o sangue» (*Blutschande*), ou seja, enquanto se não misturasse com povos não germânicos.

«Mas provocar essa evolução significa taxativamente cometer um pecado contra a vontade do criador eterno».

Segundo *Hitler*, é necessário dividir a humanidade em raças que criam a civilização, as que a representam e as que a destroem. Enquanto fundador de civilização, só o ariano entra em linha de conta, pois está na origem «dos alicerces e das muralhas das criações humanas». Os povos asiáticos, como por exemplo os japoneses e os chineses, não teriam feito mais do que receber as civilizações arianas e ter-lhes-iam dado uma forma própria. Os judeus, pelo contrário seriam a raça destruidora das civilizações. A presença de «homens inferiores» foi a primeira condição indispensável para a formação de uma civilização superior. A primeira civilização humana terá sido baseada na utilização de raças humanas inferiores. Antes de mais o vencido, e somente muito mais tarde o cavalo, teria puxado a charrua. O ariano, como conquistador, tinha submetido às suas ordens as massas inferiores, depois tinha regulado a sua actividade segundo a sua vontade e para os seus próprios fins. Mas, logo que os vencidos começaram a apropriar-se da língua e das particularidades do «senhor», e logo que as estrictas barreiras entre senhor e escravo caíram, o ariano renunciou à pureza do seu sangue e perdeu em compensação «a estadia no paraíso». Foi assim que perdeu o génio civilizador.

«A mistura do sangue e o abaixamento, por ela ocasionado, do nível da raça são a causa única da morte das civili-

zações antigas; pois os homens não perecem perdendo guerras mas perdendo essa força de resistência que é própria apenas do sangue puro» (*Mein Kampf*. p. 224).

Neste caso não pode tratar-se de refutar ponto por ponto, de um ponto de vista de especialista, essa concepção fundamental. Essa concepção vai buscar um argumento à hipótese darwiniana da selecção natural, que em mais de um de seus elementos é tão reaccionária quanto foi revolucionária a prova darwiniana da descendência das espécies dos seres vivos inferiores. Ela constitui a dissimulação teórica da função imperialista da ideologia fascista: pois se os arianos são o único povo criador da civilização, podem, em virtude de missão divina, aspirar à dominação do mundo. E uma das reivindicações cardiais de *Hitler* é de facto o alargamento das fronteiras do Reich alemão, em particular «em direcção ao leste», ou seja, em direcção aos territórios soviéticos. A glorificação da guerra imperialista coloca-se desde então inteiramente no âmbito dessa ideologia:

«A finalidade, para a qual no decorrer da guerra combate-mos, era a mais elevada e a mais violenta que se possa atribuir ao homem; era a liberdade e a independência do nosso povo, a garantia alimentar para o futuro e para a honra da nação» (*Mein Kampf*. p. 194). «A razão que nos leva a lutar é a preservação da existência e do crescimento da nossa raça e do nosso povo, o alimento dos seus filhos e a manutenção da pureza do sangue, a liberdade e a independência da pátria, a fim de que o nosso povo possa tornar-se apto a preencher a missão que lhe foi assim designada pelo criador do universo» (p. 234).

Só a origem subjectiva e a formação das ideologias objectivamente adaptadas aos interesses do capital financeiro nos interessam, e mais particularmente a omissão afectiva das contradições e dos absurdos da teoria racial. É assim que os teóricos racistas que se referem a uma lei biológica silenciam o facto de que a selecção racial nos animais é um produto artificial. Não se trata de saber se o cão e o gato, mas se o cão de pastor e o galgo experimentam uma aversão instintiva contra o cruzamento.

Os teóricos do racismo, tão velhos quanto o imperialismo, querem realizar a pureza da raça em povos nos quais em consequência da extensão da economia mundial, a mistura das raças está de tal forma avançada que a pureza racial só assume importância nos cérebros esclerosados. Não abordaremos aqui o outro absurdo se-

gundo o qual existiria na natureza uma delimitação das raças e não, pelo contrário, o acasalamento sem escolha alguma. Não é o conteúdo racial que importa para o exame presente da teoria racial, que em vez de partir dos factos para chegar aos melhores juízos, parte dos juízos para chegar aos factos. Os argumentos não servem para nada quando temos que lidar com um fascista que tem uma convicção narcísica da superioridade da sua raça germânica, já que opera não com argumentos mas com juízos de valor afectivos. Para a prática política é, portanto, inútil querer provar-lhe que os negros e os italianos não têm menos «raça» que os germânicos. Ele sente-se «superior», e não se fala mais nisso. Só é possível abalar a teoria racial descerrando, para lá da refutação dos factos, as suas funções escondidas. Existem duas essencialmente: a função *objectiva* que consiste em tapar com um manto biológico as tendências imperialistas, e a função *subjectiva* que é exprimir certas correntes *afectivas, inconscientes*, nos sentimentos do homem nacionalista e de esconder atitudes psíquicas determinadas. Só discutiremos aqui a respeito da segunda função. O que aqui principalmente nos interessa é que *Hitler* fala de «crime contra o sangue» se um ariano tem relações sexuais com um não-ariano, quando habitualmente se designa de «crime contra o sangue» as relações sexuais entre parentes consanguíneos. De onde vêm essas inépcias numa «teoria» que tem a pretensão de se tornar a base de um mundo novo, de um «terceiro Reich»? Se nos habituamos à ideia de que os alicerces irracionais, efectivos, dessa hipótese devem a sua existência, afinal de contas, a condições de existência reais e determinadas; se nos desembaraçarmos da ideia de que a descoberta dessas fontes irracionais de concepção do mundo, nascidas numa base racional, significa deslocar a questão para um plano metafísico, abriremos a via que leva à própria fonte da metafísica e apreenderemos, não apenas as condições históricas do seu nascimento, mas também a sua substância material. Possam os resultados falar por si próprios.

2. Função objectiva e subjectiva da ideologia

O motivo mais frequente dos equívocos relativos às relações de uma ideologia com a sua função histórica vêm da não diferenciação da sua função objectiva e da sua função subjectiva. As concepções da classe dominante não podem inicialmente ser compreendidas a não ser a partir da base económica de que provieram. É assim que a teoria racial fascista e a ideologia nacionalista, seja como for, têm uma relação concreta com as finalidades imperialistas de uma camada

dirigente, que procura resolver dificuldades de natureza económica. Os nacionalistas alemães e franceses da guerra mundial lançaram cada um por seu lado um apelo à «grandeza da nação», atrás do qual se encontravam as tendências expansionistas do grande capital alemão e francês. Mas esses factores económicos não constituem a substância da ideologia referida, mas somente o terreno histórico e económico no qual essas ideologias podem formar-se, as condições indispensáveis para o seu nascimento. Por vezes, o nacionalismo nem sequer é representado objectivamente no plano social (devido ao seu conteúdo), e muito menos forma com ele uma ideologia racista. No antigo império austro-húngaro, o nacionalismo não coincidia com a raça, mas com a «prática». Quando *Bethmann-Hollweg*, em 1914, apelou para «o germanismo contra o eslavismo», logicamente deveria ter marchado sobre a Áustria, esse estado de predominância eslava. Desse modo, as condições económicas de uma ideologia explicam realmente a sua base material e o seu papel histórico objectivo, mas nada nos ensinam directamente a respeito do núcleo subjectivo material dessas ideologias. Esse último é dado directamente enquanto *aparelho psíquico* dos homens sujeitos às condições económicas referidas e que desse modo reproduzem na ideologia o terreno histórico-económico. Desenvolvendo as ideologias, esses homens transformam-se a si mesmos; é no seu processo de formação que podemos encontrar o núcleo material das ideologias. Desse modo, a ideologia surge como tendo uma dupla base material: *indirectamente* a estrutura económica da sociedade, *directamente* a estrutura típica dos homens que a reproduzem, por sua vez determinada pela estrutura económica da sociedade.

A estrutura do fascismo caracteriza-se pelo seu modo de pensar metafísico, por ser dominada por ideais abstractos, éticos, e por sua crença na missão divina do «Führer». Esses traços fundamentais ligam-se a um estrato mais profundo, que se caracteriza por uma forte ligação autoritária a um ideal de Führer ou à nação. A crença numa «raça de senhores» torna-se a mola mais poderosa, tanto para a ligação das massas nacional-socialistas ao Führer, quanto da base psicológica do alistamento livremente consentido. Além disso, o que desempenha um papel decisivo é uma identificação intensa com o «Führer». Na sua dependência psíquica, cada nazi toma-se por um «pequeno Hitler». Mas o que agora conta é a base material dessas atitudes fundamentais. É necessário procurar descobrir as funções energéticas que, elas próprias condicionadas pela educação e por toda a atmosfera social, transformam a tal ponto as estruturas humanas que nelas podem desenvolver-se tais tendências reacçãoárias que, mesmo gritando até à rouquidão a sede de liberdade, não se

apercebem das algemas que lhes são colocadas, nem sentem, na sua total identificação com o «Führer», a afronta que lhes é feita com a designação de «sub-homens».

Se pusermos de lado a cegueira proveniente da fraseologia ideológica, se determinarmos o seu conteúdo afectivo e se soubermos colocá-la convenientemente em ligação com os pontos de junção ideológico-sexuais do processo da formação das ideologias, o que logo impressiona é a assimilação estereotipada da expressão «envenenamento da raça» com «envenenamento do sangue». Que significado se deve atribuir a isso?

3. *Unidade da raça, envenenamento do sangue e misticismo*

«Paralelamente à contaminação política e moral do nosso povo, propagava-se já desde há numerosos anos um envenenamento não menos terrível do corpo do povo pela sífilis» escreve *Hitler* (p. 269). A causa disso seria antes de mais «a prostituição do amor. Mesmo se ela não tivesse por resultado essa terrível epidemia, representaria uma degradação muito grave para o povo, pois que os estragos morais devidos à degenerescência bastam já para fazer perecer um povo lentamente, mas seguramente. Essa judaização da nossa vida espiritual e a introdução do mercantilismo nos nossos apetites sexuais hão-de corromper, mais tarde ou mais cedo, toda a nossa descendência...» (p. 270). «O pecado para com o sangue e a raça é o pecado original deste mundo e o fim da uma humanidade resignada» (p. 272). A mistura das raças leva portanto, conforme essa opinião, à mistura do sangue, e desse modo ao «envenenamento do sangue e do corpo». «Podemos encontrar os resultados mais visíveis dessa contaminação das massas pela sífilis nos nossos filhos. São eles principalmente o produto lamentável da infecção, que continuamente aumenta, da nossa vida sexual, os vícios dos pais manifestam-se nas doenças dos filhos» (p. 272).

Por «vícios dos pais» só pode querer-se dizer que estes últimos se misturaram com sangue de uma outra raça, portanto sobretudo com sangue judeu, o que permitiu à «peste judia mundial» penetrar no sangue ariano «puro». É necessário notar que essa teoria do envenenamento está intimamente ligada com a tese política do envenenamento da «germanidade» pelo «judeu internacional Karl Marx». Uma das fontes mais poderosas da ideologia política e do anti-semitismo do nacional-socialismo encontra-se na esfera fortemente marcada afectivamente pelo medo da sífilis. Por conseguinte, a *pureza da raça*,

ou seja, a *pureza do sangue*, é um objectivo digno de esforço e que é necessário alcançar por todos os meios.¹

Hitler insiste em muitas ocasiões que nos devíamos dirigir às massas, não com argumentos, provas e conhecimentos, mas apenas com sentimentos e profissões de fé. Mas, na linguagem do nacional-socialismo, como por exemplo em *Kaysersling*, *Driesch*, *Rosenberg*, *Stapel*, etc. o lado nebuloso e místico é tão impressionante que vale a pena analisá-lo.

O que se esconde então atrás do misticismo dos fascistas que fascinou as massas a esse ponto?

A análise das «provas», dadas por *Rosenberg* em «*Mito do séc. XX*» da validade de teoria racial fascista, dá-nos a resposta ao problema. *Rosenberg* escreve logo de início:

«Os valores da alma racial, que enquanto forças motoras se encontram por trás da nova imagem do mundo, não estão ainda transformados em consciência viva. A alma significa contudo a raça visto de dentro. E inversamente a raça é o mundo exterior da alma» (*Mito* p. 22).

¹ O *Times* escreveu a 23 de Agosto de 1933: o filho e a filha do enviado americano em Berlim estavam entre os estrangeiros que no Domingo 13 de Agosto se encontravam em Nuremberga e viram de que modo se comportava uma jovem pelas ruas; de cabeça rapada, um cartaz estava fixado às suas tranças cortadas com a inscrição seguinte: «Entreguei-me a um judeu». Vários outros estrangeiros foram também testemunhas desse espectáculo. A todo o instante há turistas em Nuremberga e essa parada com a jovem desenrolava-se de tal modo que poucas pessoas no centro da cidade puderam deixar de a ver. A jovem, que segundo a descrição de alguns estrangeiros era magra, frágil e, apesar da sua cabeça rapada e do seu estado, particularmente bonita, foi levada ao longo da série de hotéis internacionais perto da estação, pelas ruas principais, cuja circulação estava bloqueada pela multidão, e de restaurante em restaurante. Era escoltada por SA, seguida por uma multidão que foi avaliada, segundo um observador digno de fé, em cerca de 2 mil pessoas. Ela desfaleceu várias vezes e foi então levantada pelos vigorosos SA que a acompanhavam; por vezes estes erguiam-na a fim de que os espectadores afastados pudessem vê-la; a população aproveitava então para a insultar e troçar dela e convidava-a por brincadeira a fazer um discurso. Em New-Ruppin, nos arredores de Berlim, uma jovem foi levada através da cidade sob vigilância dos SA por se não ter levantado quando se tocava o canto de Horst-Wessel. Trazia às costas e no peito um cartaz que dizia: «Eu, criatura desavergonhada,ousei ficar sentada quando se cantava o canto Horst-Wessel e mostrei assim desprezo pelas vítimas da revolução nacional». Mais tarde a mesma jovem foi de novo levada pelas ruas. A hora durante a qual se devia desenrolar o espectáculo tinha sido antes mencionada no jornal local, de modo que foi possível reunir uma grande multidão».

Aqui temos uma das inumeráveis frases tipicamente nazis, que à primeira vista não fazem sentido algum, que parecem mesmo escondê-lo propositamente até aos olhos daquele que as escreveu. É necessário contudo conhecer o alcance psicológico sobre as massas precisamente dessas frases cobertas com um manto místico e avaliá-las convenientemente, para compreender também o seu alcance político. Lemos mais adiante:

«Por conseguinte, a história das raças é ao mesmo tempo a história da natureza e da mística da alma, ao passo que a história da religião do sangue é inversamente a grande narração universal da grandeza e da decadência dos povos, dos seus heróis e dos seus pensadores, dos seus inventores e dos seus artistas».

Mas se reconhecermos esse facto, imediatamente devemos admitir que o combate do sangue e a mística pressentida dos acontecimentos da vida não são duas coisas diferentes, mas que representam uma só e mesma coisa de modo diferente. «Combate do sangue», «mística pressentida dos acontecimentos da vida...» «Grandeza e decadência dos povos...» «Envenenamento do sangue...», «A peste judia mundial...», tudo isto se encontra na mesma linha, desde a «luta do sangue» até ao terror sangrento contra o «materialismo judaico» de Marx e ao boicote dos judeus.

Em nada se presta serviço à causa do materialismo histórico quando nos contentamos em rir dessa mística, em vez de a desmascarar e de a reduzir ao conteúdo material no qual ela se baseia. Antecipemos: o que neste caso existe de essencial, de mais importante no plano prático, é o processo energético da economia sexual. A ideologia da «alma» e da sua «pureza» é a ideologia da assexualidade, da «pureza sexual», portanto no fundo um fenómeno de recalcamento sexual e de medo da sexualidade devidos à sociedade patriarcal baseada na economia privada.

«A controvérsia entre o sangue e o meio ambiente, entre o sangue e o sangue, é o último fenómeno que podemos atingir, atrás do qual não nos é consentido procurar e explorar» diz Rosenberg. Engana-se: somos exigentes o bastante para estudar e trazer à luz o processo vivo «entre o sangue e o sangue», não apenas de um modo não sentimental, mas mesmo para destruir desse modo uma pedra angular da ideologia nacional-socialista.

Queremos deixar Rosenberg fornecer por si próprio a prova da nossa tese, segundo a qual o núcleo da teoria racista do fascismo é o medo e o temor da sexualidade *sensual*, física. Rosenberg procura

provar a validade da tese segundo a qual é necessário atribuir a grandeza e decadência dos povos ao cruzamento de raças, ou seja, ao envenenamento do sangue, tomando para exemplo os gregos antigos. Originariamente os gregos teriam sido os representantes da pureza da raça nórdica. Os deuses Zeus, Apolo e Minerva teriam sido os «índices» de uma piedade muito grande e pura, «os guardiões e protectores daquilo que é nobre e cheio de alacridade», «os defensores da ordem, os senhores da harmonia, da força da alma, da medida artística». Minerva representaria: «O símbolo do relâmpago roedor da vida saído da cabeça de Zeus, a virgem sensata e prudente, guardiã do povo dos helenos e fiel protectora do seu combate».

«Essas criações piedosíssimas da alma grega evidenciam o rigor da evolução da vida interior, então ainda *pura*, do homem nórdico, elas são no sentido mais elevado do termo profissões de fé e expressão de uma confiança na sua própria espécie» (*Mito*, p. 41 e seguintes).

Depois os deuses do Próximo Oriente são opostos a esses deuses que representam tudo aquilo que é puro, elevado e religioso:

«Ao passo que os deuses gregos eram heróis da luz e do sol, os deuses dos não-árrios do Próximo Oriente tinham todas características terrestres».

Deméter e Heres seriam os produtos típicos dessa «alma racial»; *Diónisos, enquanto Deus do êxtase, da volúpia, das bacantes excitadas, significaria a «irrupção da raça estrangeira dos etruscos e o início da decadência do helenismo».*

Aqui, Rosenberg escolhe de modo arbitrário, unicamente para apoiar a sua tese da alma racial, os deuses que simbolizam um dos processos contraditórios do estabelecimento da civilização grega, coloca-lhes uma etiqueta grega e apresenta os outros igualmente provenientes da cultura grega como deuses *estrangeiros*. Segundo Rosenberg, é a pesquisa histórica que é responsável pela errada compreensão da história grega, pois ela tornou «insípida a existência das raças» e deu uma falsa interpretação do *helenismo*.

O grande romancista alemão sente com o frémido da veneração, de que modo véus cada vez mais sombrios são

interpostos diante dos deuses luminosos do céu, e mergulha profundamente no instintivo, no informe, no demoníaco, no sexual, no extático, no otónico, a *veneração da mãe* (sublilhado por W. Reich) não deixando por isso de qualificar tudo isso de helénico» (*Mito*, p. 43).

A filosofia idealista de qualquer matiz não analisa as condições dessa emergência do «extático» e do «instintivo» em certas épocas culturais; ela tem antes tendência a enredar-se em apreciações abstractas sobre o valor do fenómeno, ditadas por essa mesma concepção da cultura que, à força de se elevar acima do «terrestre» acabou hoje por se esboroar. Também nós chegámos a juízos de valor, mas fazemos com que derivem das condições do processo social que se manifesta sob a forma do «declínio» de uma cultura, a fim de destacar as forças progressivas e aquelas que constituem um freio, de compreender o fenómeno do declínio como um acontecimento histórico e — ponto capital — de balizar os germes das novas formas de cultura cuja eclosão em seguida favorecemos. Quando, adiante do declínio da cultura capitalista do séc. XX, *Rosenberg* nos traz à memória o destino dos gregos, coloca-se ao lado das tendências conservadoras da história, a despeito de todas as suas asserções sobre a «renovação» da germanidade (*Deutschtum*). Tornaremos mais firme a nossa posição sobre a revolução cultural e o seu núcleo económico-sexual, se conseguirmos apreender o ponto de vista da reacção política e compreender de que modo ele está ligado aos interesses da classe dominante ocupada em analisar o seu declínio. Para o filósofo burguês da cultura, que não pode ou não quer mudar o seu ponto de vista de classe, existe uma única alternativa: ou por meio de magníficas proezas da revolução científica, resignar-se e tornar-se céptico, ou então fazer rodar, por métodos revolucionários, a roda da história às arrecuas. Mas, se se muda de perspectiva na concepção da cultura, se no desabamento da antiga cultura não se vê o fim da civilização em geral mas sim o fim de uma *certa* civilização «prenhe» de uma nova forma de civilização, daí resulta então uma transformação automática de juízos de valor — positivos ou negativos — que antes se lançavam sobre este ou aquele elemento de cultura. O único problema é compreender a relação que a revolução económica e o movimento operário mantêm com os fenómenos que eram considerados, do ponto de vista burguês, como sintomas de declínio. É, por exemplo, mais que uma simples questão de forma económica que está em causa quando a reacção se pronuncia em etnologia pela teoria patriarcal, o marxismo

pelo contrário pela teoria matriarcal. Além dos dados objectivos tirados da pesquisa histórica, essa posição põe em jogo interesses afectivos inerentes às duas correntes sociológicas contrárias, que correspondem a processos objectivos da economia sexual, dos quais até agora se não tinha tomado consciência. O matriarcado, a respeito do qual se possuem provas históricas, não é apenas a organização do comunismo económico primitivo, mas também a da sociedade organizada no plano da economia sexual.¹ Ao contrário, o patriarcado não repousa apenas na economia privada; tem também uma organização de moral sexual negativa.

Quando, muito tempo após ter perdido o apanágio da pesquisa científica, a Igreja mantinha ainda solidamente enraizada a tese da natureza moral do homem, da sua essência monogâmica, etc., as descobertas de *Bachofen* ameaçavam derrubar tudo. Se se ficava aturdido com a organização sexual matriarcal não era tanto devido à organização consanguínea do parentesco, tão diferente da nossa, mas devido à liberdade que ela tinha como consequência na vida sexual, cujo verdadeiro alicerce, ou seja, a ausência de propriedade privada dos meios de produção, foi descoberto primeiro por *Morgan* e em sua pegada por *Engels*. Para ser lógico consigo mesmo, *Rosenberg* é obrigado, enquanto ideólogo do fascismo, a negar a formação da cultura grega antiga a partir de estados matriarcais prévios — historicamente comprovados — e a recorrer, em vez disso, à hipótese segundo a qual «os gregos adoptaram desse modo (ou seja, com o dionísíaco), no seu corpo e no seu espírito, uma essência estrangeira».

A ideologia fascista (diferentemente da ideologia cristã, como mais tarde veremos), separa as necessidades sensuais eróticas dos sentimentos morais de defesa inerentes às estruturas humanas produzidas pelo patriarcado, e atribui-as respectivamente a diferentes raças: *nórdico torna-se sinónimo de luminoso, augusto, celeste, puro*; inversamente, «*da Ásia Menor*» equivalente a *instintivo (triebhaft), demoníaco, sexual, extático*. Assim se explica a recusa da busca «romântica intuitiva», de um *Bachofen* por exemplo, como teoria da pretensa vida dos antigos gregos. A ideologia e a teoria fascista da raça colocam no lugar central um aspecto do «indivíduo real» patriarcal, ou seja, a reacção condicionada pelo patriarcado à «ideia matriarcal», infra-estrutura subterrânea da ideologia; absolutizado,

¹ Cf. a este respeito *Morgan* («Sociedade primitiva») e *Engels* («Origem da família») e por outro lado *Malinowski* («A vida sexual dos selvagens») e *Reich* («A irrupção da moral sexual»).

eternizado, opõe-se como linha «pura» ao outro aspecto. Assim, o carácter grego, racial, torna-se uma emanção do puro, do assexual; pelo contrário, a raça estrangeira, a «etrusca», constitui o «bestial». É por essa razão que o patriarcado deve ser colocado na origem da história do homem ariano:

«É no solo da Grécia que numa fase decisiva da história mundial se travou o primeiro grande combate entre os valores da raça, que se soldou pela vitória da essência nórdica. De então em diante o homem ia entrar na vida pelo lado do *dia* e da *vida*, são as leis da luz e do céu, é o espírito e a essência do pai que presidem ao nascimento daquilo que entendemos por cultura grega, como a mais prestigiosa herança da antiguidade que nos tenha cabido» (*Rosenberg*).

A ordem sexual patriarcal, derivada das transformações do matriarcado tardio (autonomização económica da família do chefe em relação à gens materna, trocas crescentes entre as tribos, desenvolvimento dos meios de produção, etc.) torna-se a base original da ideologia patriarcal, retirando às mulheres, crianças e adolescentes a liberdade sexual, transformando a sexualidade em mercadoria, ou mais exactamente colocando os interesses sexuais ao serviço dos interesses económicos. A sexualidade passa a estar desfigurada no sentido do diabólico, do demoníaco, que é necessário domesticar. À luz das exigências patriarcais, a casta sensualidade do matriarcado aparece como o desencadeamento voluptuoso de poderes obscuros, o dionisíaco torna-se um desejo culpado que a cultura patriarcal não pode conceber de outra maneira a não ser como caótico e sujo. Submetido do interior e do exterior à marca de estruturas da sexualidade humana desfiguradas e tornadas lúbricas, o homem do patriarcado encontra-se pela primeira vez acorrentado a uma ideologia para a qual sexual e impuro, sexual e baixo, ou demoníaco, são representações indissociáveis.

Mas esse juízo de valor encontra além disso uma justificação racional a um nível secundário.

Com a instauração da castidade, as mulheres perdem a castidade sob a pressão das reivindicações sexuais; nos homens, a sensualidade natural e terna dá lugar a uma brutalidade sexual, o que implica para as mulheres a concepção segundo a qual o acto sexual teria para elas um significado desonroso. As relações sexuais extra-conjugais não são na realidade suprimidas em parte alguma; mas, pelo facto da transformação da escala de valores e da abolição das

instituições, que garantiam a sua regulamentação no tempo do matriarcado, entram em contradição com a moral oficial e, por consequência, praticam-se às escondidas. Mas a mudança da posição social da sexualidade tem também por corolário a mudança do vivido sexual. A contradição, doravante estabelecida, perturba a aptidão dos indivíduos para a satisfação; o sentimento de culpabilidade sexual faz rebentar o desenrolar natural dos actos sexuais e provoca estases da sexualidade que se libertam por exutórios diversos. Neuroses, aberrações sexuais e comportamento sexual associal surgem então e tornam-se fenómenos sociais endémicos. A sexualidade da criança e do adolescente, à qual o matriarcado atribuía um valor positivo, é sujeita a uma repressão sistemática, variável somente nas formas conforme a fase do patriarcado em que nos encontramos. Essa sexualidade assim desfigurada, perturbada, brutalizada e rebaixada, sustenta por sua vez essa mesma ideologia que lhe deu origem. As apreciações negativas da sexualidade podem agora pretextar com razão que a sexualidade é algo de desumano e bestial; elas esquecem simplesmente que essa sexualidade desumana e bestial não é a sexualidade «em si», mas justamente a sexualidade do patriarcado. E a ciência sexual do patriarcado tardio na era do capitalismo não está menos sujeita a esses juízos de valor do que as concepções vulgares, o que a condena a uma esterilidade total.

Veremos adiante por que através a religião se transforma em concentração organizada desses juízos de valor e dessas ideologias. Fixemos de momento um único ponto: se a religião nega o princípio da economia sexual em geral, se condena o sexual como um fenómeno *internacional da humanidade* de que apenas o além nos pode salvar, o fascismo nacionalista relega a sensualidade sexual para a raça estrangeira» que simultaneamente rebaixa. A desvalorização da «raça estrangeira», por si mesma derivada de leis *gerais* de qualquer organização patriarcal, forma desde então um conjunto orgânico com as tendências imperialistas da classe dominante na época do patriarcado tardio, tendências que são produto de contradições económicas *específicas* e cujo efeito se exerce *imediatamente*.

Do mesmo modo que na mitologia cristã Deus não aparece nunca sem o seu adversário, o diabo, como «deus dos infernos», e que a vitória do deus celeste sobre o deus subterrâneo se torna símbolo da elevação humana, assim os mitos divinos helénicos reflectem o combate entre as tendências sensuais e as que exigem a castidade. Aos olhos do moralista abstracto e do filósofo mistificador, esse combate aparece como uma luta entre duas «entidades» ou «ideias humanas», das quais uma é logo julgada como baixa e a outra «propriamente humana» ou «sobre-humana». Mas, se reduzirmos tanto

esse «combate das entidades» quanto a escala de valores invocada à sua origem material, se os arrumarmos no lugar que lhes cabe na estrutura sociológica atribuindo à sexualidade o papel que lhe cabe enquanto factor histórico, chegamos às conclusões seguintes. Cada tribo que evolui da organização matriarcal para a organização patriarcal deve necessariamente modificar a estrutura sexual dos seus membros para encontrar na esfera sexual as formas de vida que correspondem às leis fundamentais da propriedade privada. Isso é indispensável, porque as mudanças económicas, a transferência do poder e da riqueza da gens à família do chefe e a constituição das classes realizam-se essencialmente graças à repressão das tendências sexuais dos homens dessa época.

O casamento, e o dote que o acompanha, torna-se o fulcro da transformação de uma organização em outra¹. Paralelamente ao reforço da posição dos homens e em particular do chefe, graças ao dote oferecido pela gens da mulher à família do marido, o interesse material dos homens das «gentes» e das famílias de uma categoria superior leva à consolidação dos laços matrimoniais; é que nesse estádio do desenvolvimento, só o homem tem interesse no casamento, e não a mulher. Mas por esse facto, o simples casamento sindiástico, que pode ser rompido a qualquer momento, transforma-se no casamento monogâmico do patriarcado. O casamento monogâmico torna-se a instituição de base do patriarcado, coisa que é ainda hoje. Mas para fortalecer laços matrimoniais, é necessário restringir e desvalorizar cada vez mais as tendências sensuais genitais naturais. Isso não acontece apenas para a classe «inferior» cada vez mais sujeita à exploração; as camadas sociais que até então não conheciam contradição alguma entre moral e sexualidade sentem-se também atingidas por essa contradição, de modo cada vez mais conflituoso. Com efeito, a moral já não age apenas do exterior; não desenvolve a sua eficiência plena a não ser quando interiorizada, quando transformada em inibição sexual pessoal. Nos diversos estádios desse processo será este ou aquele aspecto da contradição a dominar. No estádio inicial, será a necessidade sexual que virá ao de cima, em seguida a inibição moral; mas é sem dúvida por ocasião de perturbações políticas que põem em causa o conjunto da organização social que o conflito entre sexualidade e moral aparecerá no primeiro plano e se exacerbará, o que será sentido por alguns como catástrofe moral, por outros como libertação ou «revolução sexual».

¹ Provém disso em «A irrupção da moral sexual» (Verlag für Sexualpolitik, 1932).

sem que por isso o seja realmente. Em qualquer caso, o conteúdo ideológico da representação do «declínio da cultura» é a representação da emergência das tendências sexuais naturais; se é experimentado como «declínio» é somente porque a atitude moral própria se encontra com isso ameaçada. O único fenómeno objectivo é de facto o declínio do sistema de organização social que mantinha e alimentava as instâncias morais individuais no interesse da instituição matrimonial e familiar. Nos gregos antigos, cuja história escrita aliás só começa com o pleno desenvolvimento do patriarcado, encontramos como organização sexual: domínio dos homens, hetairas para as camadas superiores, prostituição para as camadas médias e inferiores, e ao lado, mulheres casadas escravizadas, que levam uma existência miserável e fazem simplesmente figura de máquinas de reprodução. A dominação dos homens na era platónica é totalmente homossexual¹.

As contradições da economia sexual da Grécia tardia apareceram quando a instituição estatal entrou em declínio político e económico. Para o fascista *Rosenberg*, o «ctónio» mistura-se com o «apolíneo» na época dionisíaca como factor de declínio. O falo, escreve *Rosenberg*, torna-se o símbolo da visão do mundo da Grécia tardia. Para o fascista portanto, o sexual ressurgue como fenómeno de declínio, como lubricidade, lascívia e sujeira sexual da época de declínio. Mas isso corresponde, não apenas ao fantasma do pensador fascista, mas também à situação real da contradição ardente que habita o vivido dos homens dessa época. As festas dionisíacas correspondem às orgias e mascaradas de todos os géneros da nossa burguesia. Basta saber exactamente aquilo que se passa nessas festas para não se cometer o erro muito espalhado de ver nessas actuações «dionisíacas» o cume de toda a experiência sexual. Em nenhuma outra parte vemos revelarem-se com tanta radicalidade as contradições insolúveis no âmbito dessa sociedade — entre o desejo sexual desenfreado e a aptidão para o gozo arruinada pela moral. «A lei dionisíaca da satisfação sexual sem fim significa a mistura de raças sem limites entre helenos e indígenas da Ásia Menor de todas as tribos e de toda a espécie» (*Mito*, p. 52). Imaginem um historiador do quarto milénio que apresentasse as festividades sexuais da burguesia do séc. XX como uma mistura sem limites entre alemães, judeus e negros de todas as tribos e de todas as espécies!

¹ É o mesmo princípio que domina inconscientemente a ideologia fascista do meio dirigente masculino.

Vemos aqui claramente a função ideológica da representação da mistura das raças. É o reflexo de defesa que se opõe ao dionisíaco o qual se enraíza por sua vez no interesse económico que a sociedade patriarcal encontra na instituição matrimonial. É pela mesma razão que na história de Jasão o casamento aparece como uma defesa contra o hetairismo.

As hetairas são mulheres que já não querem submeter-se ao jugo do casamento e reivindicam a autodeterminação da sua vida sexual. Mas essa reivindicação entra em contradição com a educação para o casamento que receberam na infância e que tornou o aparelho psíquico inapto para o gozo sexual.

É por isso que a hetaira se lança em aventuras a fim de escapar à homossexualidade para a qual é empurrada, ou então vive ao mesmo tempo as duas experiências cheja de perturbação e dilaceramento. O hetairismo encontra o seu complemento na homossexualidade dos homens que, devido à vida conjugal que lhes é imposta, recorrem à hetaira ou ao efebo, junto dos quais procuram restaurar a sua aptidão para o gozo sexual. A estrutura sexual dos fascistas, que preconizam o mais estrito patriarcado e que reactivam efectivamente na sua ideologia e vida familiar a vida sexual da era platónica, ou seja a «pureza» na ideologia, a dilaceração e a morbidez na vida sexual real, deve necessariamente reproduzir — como se compreende — as condições sexuais da era platónica. *Rosenberg* e *Blüher* só reconhecem o Estado como instituição viril de base homossexual. É notável ver de que modo a concepção do não-valor da democracia procede dessa ideologia. *Pitágoras* é recusado por que se apresenta como o profeta da igualdade de todos, como o «anunciador do telurismo democrático, da comunidade de bens e de mulheres». A associação estreita entre essas duas representações — comunidade de bens e comunidade de mulheres — desempenha um papel central na luta anti-bolchevique. Reduz-se a explicação da democratização do regime patrício em Roma, que até ao séc. V fornecia 300 senadores vindos de 300 famílias nobres, ao facto de que a partir desse século os casamentos entre patrícios e plebeus foram autorizados, o que representava um «declínio racial». Assim a democratização de um sistema político, estabelecida por casamentos mistos, é também interpretada como um fenómeno de declínio da raça. É nesse ponto que o carácter politicamente reaccionário da teoria da raça se revela até ao fim. Pois a partir desse momento as relações sexuais entre gregos ou romanos de classes diferentes tomam o sentido de uma perniciososa mistura de raças. *Os membros da classe oprimida são postos no mesmo plano que os homens da raça estrangeira.* Noutra passagem, *Rosenberg* fala do proletariado e do seu movimento como

do «ascenso dessa humanidade saída do asfalto das grandes metrópoles com todos os sub-produtos da casta asiática» (*Mito*, p. 66). *Por trás da ideia da mistura com raças estrangeiras esconde-se portanto a ideia de relações sexuais com membros da classe oprimida*, o que esconde por sua vez a tendência da burguesia para a segregação das classes, segregação decerto muito nítida num plano puramente económico, mas totalmente obtiterada no plano da moral sexual devido a restrições sexuais a que são submetidas as mulheres burguesas. Mas a promiscuidade sexual da classe dominante com a classe dominada significa simultaneamente o desmantelamento das bases ideológicas principais do domínio de classe, de facto a possibilidade de uma «democratização, ou seja, da proletarianização sexual e ideológica da juventude burguesa e pequeno-burguesa. Pois o proletariado em qualquer organização social produz, devido à situação de classe, representações e comportamentos sexuais que representam para os interesses de classe de qualquer burguesia um perigo inteiramente mortal.

Se a ideia da mistura de raças esconde afinal de contas a ideia da mistura de membros da classe dominante com membros da classe oprimida, temos aí manifestamente a chave que nos permite compreender a função da repressão sexual na sociedade de classes. Nesse ponto, podemos distinguir diferentes funções e não devemos admitir em caso algum uma correlação mecânica entre a repressão sexual e a classe oprimida, por analogia com a exploração material. As relações entre repressão sexual e sociedade de classe são muito mais complexas. Vamos contentar-nos em sublinhar aqui duas dessas funções:

1) Dado que a repressão sexual deriva originariamente dos interesses económicos ligados aos direitos hereditários e ao casamento, ela começa no próprio seio da classe dominante. A moral da castidade e da fidelidade tem desde o início maior peso e rigor para os membros femininos da classe dominante. Dessa forma deve ser garantida a conservação da propriedade que foi adquirida por exploração das classes inferiores.

2) Na época do capitalismo inicial e nas grandes culturas asiáticas de carácter feudal, a classe dominante *não tem ainda* interesse na repressão moral das camadas dominadas. A constituição de um movimento operário organizado, a conquista de vantagens sociais e a elevação que trazem do nível cultural de largas massas populares são acompanhadas pelo emburguesamento destas últimas no plano da moral sexual. Só nesse momento a classe dominante

começa a ter interesse na «moralidade» dos oprimidos. Ao mesmo tempo que a ascensão de um movimento operário organizado, engrena-se portanto um processo oposto que consiste na assimilação ideológica do proletariado à burguesia.

Mas as formas da vida sexual que correspondem à situação de classe própria nem por isso se perdem; perpetuam-se ao lado das ideologias da classe dominante que doravante se implantam cada vez mais e desenvolvem a contradição que já descrevemos, específica do proletariado, entre estrutura burguesa e estrutura proletária. Historicamente, o desenvolvimento dessa contradição de psicologia de massa coincide com a rendição do absolutismo feudal pela democracia burguesa. É certo que a exploração se limitou a mudar de formas, mas essa mudança de forma arrasta igualmente uma mudança na ideologia do proletariado. Esse é o estado de facto a respeito do qual *Rosenberg* fala em termos místicos, quando escreve que o antigo deus da terra, Poseidon, repellido por Atena, a deusa da assexualidade, reina sob a terra, sob o templo de Atena, sob a forma de uma serpente, do mesmo modo que o «dragão pelágico Pítio» se encontra em Delfos sob o templo de Apolo. «Mas o Teseu nórdico não matou os monstros em toda a Ásia Menor; ao menor descuido do sangue ariano, os monstros estrangeiros sempre renasciam, ou seja, a casta mestiça da Ásia Menor e a robustez física dos Osticos (*Ostische Menschen*)».

O que dissémos basta para tornar claramente compreensível o que se entende por «robustez física»: ou seja, essa parte de simplicidade natural na vida sexual que distingue o membro da classe explorada do membro da classe dominante, e que pouco a pouco é corroída no decorrer do processo de «democratização», sem nunca se perder completamente. Do ponto de vista psicológico, a serpente Poseidon e o dragão Pítio representam a sensualidade genital simbolizada como falo. Ela está vencida, tornou-se subterrânea na estrutura social da sociedade e dos homens que a constituem, mas não está destruída. A camada superior da sociedade feudal, que tem um interesse económico directo na negação da sensualidade fálica, sente-se tanto mais ameaçada pelas formas da vida sexual, mais próximas da natureza, da camada oprimida, quanto ela própria não só não superou essa sensualidade, como pelo contrário a vê reaparecer sob formas desfiguradas e perversas. Os costumes sexuais do proletariado representam portanto um perigo não apenas psicológico, mas também social, para a classe dominante, que se sente antes de tudo ameaçada na instituição familiar. Enquanto a burguesia for economicamente forte, enquanto se encontrar na sua fase ascendente, como por exemplo a burguesia inglesa no meio do séc. XIX,

ela consegue manter intacta a demarcação que a separa do proletariado no plano da moral sexual. Mas, em épocas em que a sua dominação é abalada, particularmente em períodos de crise aberta como por exemplo na Europa Central e na Inglaterra desde o início do séc. XX, os entraves morais à sexualidade relaxam-se no seio da própria burguesia. O desmoronamento da moral sexual começa pela liquidação dos laços familiares na grande burguesia, enquanto que no início, a pequena e média burguesias, identificando-se completamente ao grande burguês e à sua moral, se tornam os representantes verdadeiros da moral sexual que é ainda oficialmente proclamada pela grande burguesia. É quando começa a proletarização económica da pequena burguesia que a grande burguesia deve necessariamente ver na vida sexual do proletariado uma ameaça particularmente perigosa para a manutenção das suas instituições sexuais. Dado que elas se apoiam essencialmente na pequena-burguesia, apega-se particularmente à moral desta e à sua imunização contra as «influências da humanidade inferior». Com efeito, se a pequena burguesia viesse a perder a sua atitude ideológica em matéria de moral sexual, na mesma medida em que perde a sua posição económica intermediária entre o proletariado e a grande burguesia, isso constituiria para o capital uma ameaça das mais sérias. Pois o «dragão pítio» dormita também no fundo de cada pequeno-burguês, pronto a qualquer momento a quebrar os entraves que o retêm e do mesmo lance a carapaça ideológica da reacção. É por isso que em período de crise o capital reforça sempre a sua propaganda pela moralidade e pela consolidação do casamento e da família. A família é, com efeito, a ponte pela qual a pequena burguesia passa da sua situação económica miserável à ideologia reaccionária. Se a família fosse abalada por crises económicas e pela proletarização das classes médias, logo o enraizamento ideológico do sistema dominante se veria gravemente em perigo. Ainda teremos que aprofundar esta questão. Devemos levar a sério as declarações do biólogo e «raçólogo» nacional-socialista de Munique, *Leng*, quando afirmava em 1932, no decorrer de um congresso da sociedade nacional-socialista «*Deutscher Staat*», que a família era o ponto crucial da política cultural. Acrescentemos que isso vale tanto para a política da revolução quanto da reacção, pois essas observações têm implicações políticas de grande alcance.

CAPÍTULO IV

O SIMBOLISMO DA CRUZ GAMADA

Explicámos já por que razão o fascismo deve ser considerado como um problema de massa, e não apenas como o problema da personalidade de *Hitler* ou da função objectiva do partido nacional-socialista. Expusémos de que modo pode acontecer que a massa proletarizada adira com tal entusiasmo a um partido intrinsecamente reaccionário. Ora, para formular passo a passo, sem risco de erro, as consequências práticas que daí resultam para a acção política sexual, é antes de mais necessário examinar os meios simbólicos pelos quais os nacionais-socialistas acorrentam as estruturas revolucionárias das massas à reacção, e cujo mecanismo lhes escapa.

O nacional-socialismo agrupou muito rapidamente, nas SA, trabalhadores que tinham na maioria opiniões confusamente revolucionárias, mas que tinham ao mesmo tempo posições autoritárias; eram na maior parte desempregados e adolescentes sem experiência política. Por essa razão, a propaganda é contraditória, diferente conforme a camada da população a que se dirige. Já o mostrámos em parte. É somente na manipulação da sensibilidade mística das massas que ela é coerente e unívoca.

Conversando com partidários do nacional-socialismo ou sobretudo com SA, vemos claramente que a apresentação em termos revolucionários do nacional-socialismo foi o factor decisivo da adesão das massas. Podiam ouvir-se nacionais-socialistas negar que *Hitler* representasse o capital. Podiam ouvir-se SA proferir as mais graves ameaças em relação a *Hitler* se ele viesse a trair a causa da revolução. Podiam ouvir-se SA a dizer que *Hitler* era o *Lénine* alemão. Aqueles que tinham passado da social-democracia e dos partidos liberais do centro para o nacional-socialismo eram massas em geral revoluciona-

das, antes apolíticas ou que tinham apenas uma consciência política confusa. Aqueles que abandonaram o partido comunista eram muitas vezes elementos de tendência revolucionária proletária que não conseguiam compreender muitas das medidas políticas contraditórias do KPD, e por outro lado pessoas que se deixavam fascinar pelo aspecto exterior do partido de Hitler, pelo carácter militar, pelas demonstrações de força, etc.

Entre os meios simbólicos da propaganda o que mais impressiona desde logo é o símbolo da bandeira.

«Nós somos o exército da cruz gamada;
Agitai as bandeiras vermelhas,
Para os trabalhadores alemães queremos
Aplainar o caminho da liberdade».

Este texto, se nos referimos ao seu conteúdo afectivo, é revolucionário sem equívoco algum. Os nacionais-socialistas utilizam também à vontade músicas comunistas às quais adaptam outros textos. No mesmo sentido, há as formulações políticas que se encontram às centenas nos jornais de *Hitler*, como por exemplo:

«A burguesia política está prestes a deixar a cena onde se faz a história. É substituída pela classe (Stand) até hoje oprimida do povo trabalhador do punho e da frente, dos operários (Arbeitertum), que deve realizar a sua missão histórica».

Na bandeira habilmente composta, o carácter subjectivo e afectivo da ideologia de massas nacional-socialista é bem posto em relevo. *Hitler* escreve a propósito da bandeira:

«Na qualidade de socialistas nacionais, vemos na nossa bandeira o nosso programa. No vermelho, vemos a ideia social do nosso movimento; no branco, a ideia nacionalista; na cruz gamada, a missão de combater pela vitória do homem ariano, que será também a vitória da ideia do trabalho criador, trabalho que desde toda a eternidade foi anti-semita e que será anti-semita para toda a eternidade» (*Mein Kampf*, p. 557).

Que o vermelho e o branco devam necessariamente ressoar com a estrutura contraditória do pequeno-burguês é o que salta aos olhos do que acabamos de transcrever. O que até hoje ainda não foi esclarecido é a função que desempenha a cruz gamada na vida

afectiva. Por que razão esse símbolo se adequa tão bem a suscitar sentimentos obscuros? *Hitler* diz que é um símbolo de anti-semitismo. Ora a cruz gamada só muito tarde se tornou isso. E por outro lado, não está resolvida a questão do conteúdo afectivo do anti-semitismo.

A partir do conteúdo irracional da teoria da raça pudémos explicar uma parte como sendo uma valorização afectiva de rejeição daquilo que é sensual, sexual, e sujo. Desse ponto de vista, o judeu e o negro são colocados no mesmo plano na representação do nacionalista, quer seja alemão ou americano. Segundo reportagens dignas de fé da luta racial travada na América contra o negro, este é concebido como o porco sexual que viola as mulheres brancas. E *Hitler* escreve sobre a ocupação de cor da Renânia:

«Em França somente, reina hoje mais do que nunca um entendimento estreito entre as intenções da Bolsa, os judeus que a mantêm e os desejos de uma política nacional de tendência chauvinista. É precisamente por essa razão que a França é e continua a ser de longe o inimigo mais terrível de todos. Esse povo que se deixa cada vez mais arrastar para a negritação (Vernegerung), representa, por sua submissão aos objectivos da hegemonia mundial judaica, um perigo sempre ameaçador para a perpetuação da raça branca na Europa. Pois a pestilência do sangue negro nas margens do Reno, no coração da Europa, serve tanto a sede de vingança sádica e perversa desse inimigo chauvinista hereditário do nosso povo, quanto a fria manigância do judeu que pensa, por esse meio, emprender a bastardização do continente europeu a partir do seu centro e, infectando a raça branca com uma humanidade inferior, sapor as bases de uma existência soberana» (O. c. p. 704-705).

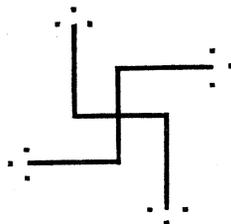
Devemos treinar-nos energeticamente em escutar com atenção o que diz o adversário em vez de o desqualificar como idiota ou charlatão. Compreendemos melhor agora o conteúdo afectivo dessa teoria que toma ares de um delírio de perseguição, se a aproximarmos da teoria da infecção do corpo do povo. A cruz gamada tem também um conteúdo afectivo apto para suscitar as mais profundas emoções, mas, de modo tragicómico, de maneira totalmente diferente daquela que *Hitler* imagina.

A cruz gamada encontrou-se primeiro entre semitas, ou seja, no pátio dos mirtos do Alhambra de Granada. *Herta Heinrich* encon-

trou-a nas ruínas, da sinagoga de Edd-Dirkke, a leste do Jordão, nas margens do lago de Genesareth. Aí tinha a seguinte forma:¹



Encontra-se muitas vezes a cruz gamada associada a um losango, a primeira como símbolo do princípio masculino, a segunda como símbolo do princípio feminino. Percy Gardner encontrou-a nos gregos, que a chamavam *Hemera*, como símbolo solar, o que designa de novo o princípio masculino. Löwenthal² descreve uma cruz gamada do séc. XIV na toalha do altar da igreja Maria zur Wiese em Soest; e aí ela encontra-se combinada com uma volva e uma cruz de travessa dupla. A cruz gamada aparece aí como símbolo do céu de tempes-tade, o losango como símbolo de terra fecunda. Smigorski encontrou a cruz gamada sob a forma do *svastika* indiano, como relâmpago quadripartido com três pontos em cada braço; podemos esquematizá-lo assim:



Lichtenberg encontrou cruzes gamadas com uma cabeça no lugar dos três pontos. A cruz gamada é portanto originariamente um sím-

¹ Herta Heinrich: «Hakenkreuz Vierklee und Granatapfel» (Cruz gamada, trevo de quatro folhas e granada) (Zeitschrift für Sexualwissenschaft, 1930, p. 43).

² Todos estes dados segundo Löwenthal, John: Zur Hakenkreuzsymbolik (Acerca do simbolismo da cruz gamada), (Zeitschrift für Sexualwissenschaft, 1930, p. 44).

bolo sexual que tomou, no decorrer do tempo diversas significações, entre outras, mais tarde, também a de uma roda de moinho, portanto um símbolo de trabalho. Dado que, na origem, trabalho e sexualidade eram afectivamente a mesma coisa, pode encontrar-se uma explicação para a descoberta feita por *Bilmans* e *Pengerots* na mitra de São Tomás Becket, proveniente da proto-história indo-europeia: uma cruz gamada com a seguinte inscrição:

«Salve, Terra, mãe dos homens, cresce sob o abraço de Deus, cumulada de frutos em benefício dos homens».

A fecundidade é neste caso representada sexualmente como o acto sexual da terra mãe com Deus pai. Segundo *Tsélenine*, os lexicógrafos sânscritos chamam ao galo, como ao gozador, *svastika*, ou seja, cruz gamada, em referência à pulsão sexual.

Se observarmos uma vez mais as cruzes da página precedente, elas revelam-se como a representação de *duas figuras humanas enlaçadas*, esquematizadas é verdade, mas fáceis de reconhecer como tais na sua forma original. A cruz gamada da esquerda representa um acto sexual em posição horizontal, a outra um acto sexual em posição vertical.

Essa incidência da cruz gamada na vida afectiva inconsciente não é evidentemente a causa, mas simplesmente um adjuvante poderoso para o êxito da propaganda de massa fascista. Sondagens feitas junto de pessoas de idade, sexo e posição social diferentes revelaram que somente poucas pessoas não reconhecem o significado da cruz gamada; a maior parte acaba por advinhá-lo mais cedo ou mais tarde quando a observam tempo suficiente. Pode pois formular-se a hipótese de que esse símbolo, que representa duas figuras enlaçadas, tem um grande poder de excitação sobre camadas profundas e inconscientes do psiquismo, poder que tem tanto mais efeito quanto o sujeito estiver mais insatisfeito, ou quando tiver uma nostalgia sexual, consciente ou inconsciente, mais forte. Se esse sinal além do mais é apresentado como um símbolo de respeitabilidade e de fidelidade, tem igualmente em conta as tendências defensivas do eu moral e pode por isso ser mais facilmente aceite. Seria totalmente falso fazer derivar desses factos uma praxis que consistisse por exemplo em desvalorizar a eficiência do símbolo, revelando com grande ruído diante das massas o seu significado; pois que, em

primeiro lugar, como é evidente, não queremos depreciar o acto sexual, mas, em segundo lugar, chocaríamos sem dúvida essencialmente com reacções de recusa, dado que o disfarce moral funcionaria como resistência à aceitação das nossas hipóteses. O trabalho de política sexual passa por outras vias.

CAPÍTULO V

OS PRESSUPOSTOS DE ECONOMIA SEXUAL DA FAMÍLIA BURGUESA

Visto que a sociedade de classes baseada na economia privada se reproduz com o auxílio decisivo da família, sob a forma de estruturas individuais de massa determinadas, a família deve ser abordada e defendida como a base do «estado, da cultura e da civilização». Nessa propaganda, ela pode apoiar-se em factores afectivos profundos nas massas. O político reaccionário não pode nem reconhecer, nem utilizar para os seus próprios fins o facto de que a base última de qualquer sociedade é constituída pela forma de produção que está na sua base, sendo a da sociedade burguesa a propriedade privada dos meios de produção. Pois, nessa propaganda política em que estão em causa efeitos de psicologia de massa, não se lida directamente com as bases e processos económicos, mas com a sua representação psíquica na «cabeça dos homens», ou seja, com as estruturas humanas determinadas pelas relações de produção. Esse ponto de vista impõe comportamentos determinados na propaganda política, e a sua negligência pode levar a erros de psicologia de massa. A política sexual revolucionária não pode então contentar-se com a evidenciação das bases objectivas da família burguesa, deve além disso, se quiser ter uma acção justa no plano da psicologia de massa, basear-se num conhecimento preciso dos processos psíquicos com cuja ajuda o processo de produção do capital se realiza, se reproduz ideologicamente e se mantém.

Do ponto de vista do materialismo histórico, a família não pode ser considerada como base do estado burguês, mas apenas como uma de suas instituições de apoio mais importantes. Mas decerto devemos abordá-la como a *célula ideológica* central, ou seja, como

o mais importante lugar de produção do homem burguês. Nascendo e transformando-se ela própria com base em relações de produção determinadas, torna-se a instituição principal na conservação do sistema que condiciona. Hoje como outrora, as concepções de *Morgan* e de *Engels* são plenamente válidas. Contudo, nesse contexto não é a história da família que nos interessa mas a questão actual e importante do ponto de vista da política sexual, que é de saber que concepção a política sexual proletária deve adoptar para se opor de modo fecundo à política sexual e cultural reaccionária, no centro da qual a questão da família se põe com tanto êxito. Uma discussão rigorosa sobre os efeitos e as bases, subjectivas da família burguesa é tanto mais necessária quanto sobre esse problema reina, mesmo nos círculos revolucionários, uma grande confusão.

A família burguesa encerra uma contradição cujo conhecimento preciso é de importância decisiva para uma política sexual eficaz.

Para a conservação da instituição da família, não existe apenas a dependência económica da mulher e das crianças em relação ao marido e ao pai. Essa dependência só é suportável para os oprimidos com a condição de que a consciência de serem as mulheres e as crianças seres sexuais, seja abafada tão profundamente quanto possível. *A mulher não deve figurar como ser sexual, mas apenas como genitora.* A ideologia da maternidade, o seu culto, que estão tão grosseiramente em contradição com a brutalidade com a qual as mães são na realidade tratadas pelo povo trabalhador, servem essencialmente como meio de não deixar as mulheres adquirirem consciência sexual, de fazer surgir o recalçamento sexual imposto, de fazer perecer a angústia sexual e o sentimento de culpabilidade sexual. O reconhecimento e a afirmação da mulher na qualidade de ser sexual implicaria o desabar de qualquer ideologia da família. A política sexual proletária cometeu até hoje o erro de não concretizar suficientemente a palavra de ordem do «direito da mulher ao próprio corpo», de não caracterizar e não apoiar clara e categoricamente a mulher como ser sexual tanto pelo menos quanto como mãe. Além disso baseou a política sexual principalmente na função de reprodução, em vez de romper com a unidade burguesa de sexualidade e reprodução. Desse modo não podia fazer frente à reacção sexual, com força suficiente.

A ideologia da «felicidade da família numerosa» constitui um apoio para a família, não apenas para os fins objectivos do imperialismo bélico, mas também fundamentalmente para responder à necessidade de eclipsar a função sexual da mulher em relação à função de reprodução. A oposição burguesa de «mãe» e de «filha», como por exemplo no filósofo burguês Weininger, corresponde à oposição

erectiva no homem *burguês* entre prazer sexual e reprodução. Segundo essa concepção, o acto sexual realizado pelo desejo envilece a mulher e a mãe, e é prostituta aquela que afirma essa concepção e vive de acordo com ela. A concepção biológica da vida sexual, no sentido em que a sexualidade e a reprodução seriam idênticas, em que para além da reprodução nada haveria a afirmar, é o traço fundamental da política sexual burguesa. Essa concepção não é menos burguesa quando é defendida por comunistas como Salkind e Stoliarow.

A fim de que as finalidades objectivas do imperialismo bélico do capital monopolista sejam preenchidas com certeza, é indispensável a intervenção de uma transformação das mulheres de modo a que nenhuma revolta, de espécie alguma, possa manifestar-se nelas contra a função que lhes é imposta, de se limitarem a uma máquina de reproduzir. Quer dizer que a função de satisfação sexual não deve atrapalhar a da reprodução e, aliás, uma mulher consciente sexualmente não seguiria nunca de bom grado as palavras de ordem reaccionárias que desejam a sua escravização. Essa oposição entre a satisfação sexual e a reprodução vale apenas para o sistema económico capitalista e não para o socialismo: isso depende das condições sociais nas quais as mulheres têm que dar à luz, nas condições favoráveis a respeito das quais vela a sociedade ou nas condições do capital que não conhece nenhuma protecção materna ou infantil suficiente. Assim, quando as mulheres têm que dar à luz docilmente, sem qualquer assistência da sociedade, sem mesmo poderem tomar parte na decisão, sem garantia de segurança para educar os filhos, sem mesmo terem o direito de fixar o número de crianças a dar à luz, é necessário que a maternidade seja idealizada, em oposição à função sexual da mulher.

Por isso, quando queremos compreender o facto de que o partido de *Hitler* se apoiava principalmente no sufrágio das mulheres tanto como o Centro, devemos compreender, além da função objectiva de escravização das mulheres, igualmente o seu mecanismo psicológico. E esse mecanismo é a oposição entre a mulher como reprodutora e como ser sexual. Obtemos então uma compreensão mais aprofundada das tomadas de posição do fascismo, como esta por exemplo:

«A conservação da família numerosa já existente é uma questão de sentimento social, a conservação da forma da família numerosa é uma questão de concepção biológica e de convicção nacional. A família numerosa não deve conservar-se por não ter o suficiente para comer, mas deve conservar-se

enquanto elemento de qualidade superior e indispensável do povo alemão. De qualidade superior e indispensável, não apenas porque só ela garante a conservação do número da população no futuro (função objectiva do imperialismo, N. do A.) mas porque a moralidade e a cultura populares encontram nela o mais forte sustentáculo... A conservação das famílias numerosas existentes confunde-se com a conservação do próprio tipo da família numerosa, porque esses dois problemas não são de facto separáveis um do outro... A conservação da forma da família numerosa é uma necessidade imperiosa de política estatal e cultural... Essa convicção contradiz também, estritamente, a abolição do parágrafo 218 e considera a vida que concebe como tabu. Pois a autorização da interrupção da gravidez contraria o significado da família cujo dever é precisamente elevar os jovens, e essa autorização seria afinal a destruição definitiva da família numerosa».

Isto escrevia o *Völkischer Beobachter* de 14 de Outubro de 1913. Portanto, até a respeito da questão do parágrafo sobre o aborto, a política familiar burguesa é o ponto chave, muito mais importante que os factores de interesse para um exército de reserva industrial e de carne para canhão para a guerra imperialista, factores que até aqui foram postos em primeiro plano pela política sexual proletária. O argumento do exército de reserva perdeu quase inteiramente o sentido nos anos da crise económica com exércitos de desempregados de vários milhões na Alemanha, e de cerca de 40 milhões para o conjunto do mundo capitalista. Quando a reacção política nos repete sem cessar que a manutenção do parágrafo sobre o aborto é necessária no interesse da família e da ordem moral, quando a higienista social-democrata *Grothjan* segue aqui a mesma direcção que os nacionais-socialistas, então devemos acreditar que a família e a moralidade constituem forças de importância decisiva.

Não temos o direito de as afastar por serem «ideais». O problema reside no laço das mulheres à família por meio da repressão das suas necessidades sexuais, o problema é a influência que essas mulheres exercem no marido num sentido reaccionário, o problema é garantir o efeito que exerce a propaganda sexual anti-bolchevique em milhões de reprimidos sexuais e que exerce essa repressão das mulheres resignadas. Do ponto de vista revolucionário, é errado não seguir a reacção em toda a parte em que ela desenvolve a sua acção contra-revolucionária. Devemos combatê-la onde ela defende o seu sistema. O interesse para a família enquanto instituição de manutenção do estado encontra-se portanto em primeira linha em

todas as questões da política sexual reaccionária. E esse interesse coincide com o interesse convergente de todas as camadas da pequena burguesia para quem a família constitui a unidade económica, ou melhor, que a constitui antes da crise. É desse ponto de vista que a ideologia fascista considera estado e sociedade, economia e política. A sexologia reaccionária é igualmente dominada por esse ponto de vista, determinado pelo antigo modo de produção da pequena burguesia, quando aborda o estado para o considerar como um «todo orgânico». O proletariado, para o qual família e modo de vida social não coincidem, para o qual portanto a família não está enraizada de modo orgânico na economia, o proletariado está portanto apto a apreender a natureza do estado como uma divisão de classes; o ponto de vista «biológico», segundo o qual o estado seria um todo orgânico, não pode pois servir-lhe para a sua sexologia e para a sua política sexual. Quando o proletariado se revela acessível a essa concepção reaccionária, isso deve-se à penetração do modo de vida familiar da pequena burguesia nas camadas dos operários da indústria. E o pequeno campesinato e a pequena burguesia seriam mais acessíveis à consciência de pertencerem à classe dos explorados se as suas situações familiares não estivessem, até um estádio determinado da organização económica capitalista, imbricadas de forma orgânica com as suas situações económicas.

Dizemos até determinado período, pois na crise mundial viu-se que, com a ruína económica da pequena empresa, afrouxou essa dependência entre a família e a economia. Mas a própria natureza da tradição frequentemente citada da pequena burguesia, ou seja a intensidade desses laços familiares, continuou ulteriormente a produzir efeitos. A pequena burguesia tornava-se, pois, desse modo, muito mais receptiva à ideologia fascista da «família numerosa» do que à ideologia comunista da regulação dos nascimentos, principalmente porque a propaganda comunista não esclarecia esses problemas e não os colocava em primeiro plano.

Por clara que seja essa situação de facto, seria errado o nosso caminho se o não apreciássemos em relação com outras situações de facto que estão em contradição com ela. E não chegaríamos de certo a perspectiva alguma de política sexual, ou chegaríamos a uma perspectiva de política sexual errada, se desprezásssemos as contradições que existem na vida do pequeno burguês (e do proletariado na medida em que for pequeno burguês). A primeira contradição determinante joga-se no pequeno-burguês entre o modo de pensar e de sentir no plano da moral sexual e o seu modo de existência concreto no domínio sexual. Um exemplo: na Alemanha ocidental, havia um grande número de organizações proletárias para a regulação dos

nascimentos que eram, na maior parte, de espírito «socialista». Quando da campanha Wof-Kienle em 1931, houve votos no parágrafo respeitante ao aborto e nessa ocasião as mesmas mulheres que votaram pelo Centro ou pelo partido Nacional-Socialista (nazi) pronunciaram-se pela derrogação do parágrafo, quando os seus partidos a isso se opunham, violentamente. Essas mulheres votaram a favor da palavra de ordem socialista porque queriam garantir as suas relações sexuais, mas simultaneamente votavam pelos seus partidos, não porque não tivessem conhecimento dos seus projectos em matéria de política demográfica, mas, pelo contrário, porque estavam ao mesmo tempo, sem que se apercebessem da contradição, embebidas da ideologia reaccionária da «maternidade pura», da oposição entre maternidade e sexualidade, antes de mais da ideologia da família. Essas mulheres nada sabiam sem dúvida do papel sociológico da família no capitalismo, mas estavam influenciadas pela política anti-bolchevique da reacção política: aceitavam a regulação dos nascimentos mas não desejavam o sistema que pode realizar na prática para as massas essa regulação dos nascimentos e criar igualmente condições prévias económicas para essa regulação.

A reacção sexual serviu-se também de todos os meios para utilizar para os seus fins o laço familiar, particularmente nas mulheres. Se uma mulher pequeno-burguesa ou uma mulher de operário, cristã ou nacionalista tipo, não compreende a política proletária da família, essa incompreensão deveria ser tanto maior se a uma propaganda do tipo que veremos a seguir se não opusesse, por parte dos revolucionários, uma contra-propaganda correspondente em matéria de política sexual.

Já em 1918, um cartaz que a «União para a luta contra o bolchevismo» publicou, era assim concebido:

«Mulheres alemãs!

Sabem qual a ameaça que vos traz o bolchevismo?

- 1) O direito à propriedade sobre as mulheres entre 17 e 32 anos é suprimido.
- 2) Todas as mulheres são propriedade do povo.
- 3) Aqueles que eram até agora proprietários conservam, para além da sua vez, o direito sobre a própria mulher.
- 4) Cada homem que quiser utilizar um exemplar do bem do povo necessita de um atestado do comité de trabalho.

- 5) O homem não tem o direito de monopolizar uma mulher mais do que três vezes por semana e mais de três horas.
- 6) Todos devem denunciar as mulheres que se recusarem.
- 7) Os homens que não pertencerem à classe operária devem pagar cem rublos por mês para terem o direito de utilizar esse bem do povo».

O primeiro sentimento da mulher apolítica tipo é, sem equívoco, uma recusa aterrorizada, mas o sentimento das mulheres simpatisantes é mais ou menos este:

(Carta de uma correspondência operária)

«Admito que só resta uma saída para sair da miséria actual, para nós trabalhadores, é o socialismo. Mas ele deve manter-se em determinados limites razoáveis e não rejeitar, como mau e inútil, tudo o que existia antes. Se não, isso levaria a um regresso dos costumes ao estado selvagem que seria ainda muito mais terrível do que a situação material miserável de hoje. E infelizmente um ideal elevado e muito importante é atacado pelo socialismo: o casamento. Neste campo quer-se provocar a liberdade total, a desordem integral, de algum modo o bolchevismo sexual. Cada homem deve viver a sua vida livremente e sem coacção. A pertença mútua de um homem e de uma mulher deve deixar de existir; hoje vai-se com um, amanhã com outro, conforme o capricho do momento. É a isso que se chama a liberdade, o amor livre, a nova moral sexual. Mas essas belas palavras não podem enganar-me sobre o facto de que aqui graves perigos nos espreitam. Os sentimentos mais nobres e elevados dos homens são conspurcados desse modo: o amor, a fidelidade, o sacrifício. É absolutamente impossível e contra a natureza que um homem ou uma mulher possa amar ao mesmo tempo várias pessoas. A consequência só poderia ser uma degradação imprevisível que aniquilaria a cultura. É certo que não sei como se passam essas coisas na União Soviética, mas, ou os russos são homens diferentes, ou então não permitiram essa liberdade absoluta e também lá existem algumas medidas coactivas. Portanto, por atraentes que sejam as teorias socialistas, e ainda que esteja de acordo convosco em todas as questões económicas, estou ultrapassada no que respeita à questão sexual e, ao mesmo tempo, as minhas dúvidas alargam-se ao conjunto do problema».

O movimento revolucionário não teve, até aqui, êxito com a sua política sexual, em relação às possibilidades de uma política sexual consequente, porque não respondia com as mesmas armas às tentativas da reacção, empreendidas com êxito, de se apoiar nas forças do recalçamento sexual na burguesia. Se a reacção sexual, tal como o movimento proletário para a reforma sexual, tivesse propagado pura e simplesmente as suas teses de política demográfica, não teria atraído ninguém. Ora, ela funcionou com êxito graças à angústia sexual, particularmente das mulheres e da juventude feminina, ela ligou com habilidade a realização das finalidades objectivas de política demográfica do capital às inibições afectivas próprias à família e outras inibições morais da população, e isso não apenas em círculos puramente pequeno-burgueses. As centenas de milhares de trabalhadores organizados pela cristandade testemunham-no.

Segue-se mais um exemplo do método de propaganda da reacção: ¹

«Na sua campanha destruidora contra o mundo burguês no seu conjunto, os bolcheviques tinham, desde o início, dirigido os seus ataques especialmente contra a família, «esse vestígio particularmente tenaz do antigo regime maldito». A assembleia plenária do Komintern de 10 de Junho de 1924 proclamava já: «A revolução é impotente enquanto a noção de família e de relação familiar subsistir». Em seguida a essa tomada de posição, imediatamente começou um violento combate contra a família. A bigamia e a poligamia não são proibidas e são por conseguinte autorizadas. A atitude dos bolcheviques face ao casamento é caracterizada pela seguinte definição da união conjugal, que o professor *Goichbarg* tinha proposto: «O casamento é uma instituição para uma satisfação mais fácil e menos perigosa das necessidades sexuais». A estatística do recenseamento geral de 1927 mostra até onde vai a decadência da família e do casamento nas condições de então. O *Izvestia* escreve: «Em Moscovo, o recenseamento da população verificou numerosos casos de poligamia e de polian-dria. Casos em que duas ou até três mulheres designam o mesmo homem como seu cônjuge podem ser considerados

¹ («O universo diante do abismo», «A influência do bolchevismo cultural russo sobre os outros povos», *Deutscher Volkskalender*, página 47).

fenómenos correntes. Não nos espantamos quando o professor alemão *Selheim* descreve as relações familiares na Rússia do modo seguinte: «É um regresso absoluto à organização sexual dos tempos sombrios mais recuados, a partir da qual se desenvolveu o casamento e uma organização sexual utilizável no decorrer dos milénios».

A vida conjugal e familiar é igualmente atacada pelas proclamações da liberdade absoluta das relações sexuais. A conhecida comunista *Smidowitch* estabeleu um esquema da moral sexual ¹ que segue especialmente a juventude de ambos os sexos. O esquema contém mais ou menos o seguinte:

1) Cada estudante da faculdade operária, mesmo se for menor, é autorizado a satisfazer as suas necessidades sexuais, e obrigado a satisfazê-las.

2) Quando um homem deseja uma jovem, seja uma estudante, operária ou mesmo uma rapariga da idade escolar, essa jovem tem a obrigação de se submeter a esse desejo, caso contrário será considerada como filha de burguês que não pode passar por uma autêntica comunista.

A *Pravda* escrevia abertamente: «Só existem entre nós relações sexuais entre homem e mulher, não sabemos o que é o amor, o amor é desprezível como sendo qualquer coisa de psicológico; entre nós só a fisiologia tem razão de ser». A seguir a essa tomada de posição comunista, cada mulher ou rapariga deve satisfazer a pulsão sexual do homem. Dado que isso se não passa decerto sempre espontaneamente, a violação das mulheres na Rússia soviética tornou-se verdadeiramente um flagelo».

Não é possível suprimir a função que desempenham essas mentiras da reacção simplesmente desmascarando-as, e decerto também não defendendo-se com afirmações do tipo: somos tão «morais quanto a burguesia, o comunismo não destrói a família e a moral etc...» O facto é que a vida sexual se modifica no comunismo, que a antiga ordem sexual se decompõe. Não deve negar-se esse facto, não pode sequer encontrar-se a linha política justa quando se tolera e se deixa desenvolver no seu próprio campo posições ascéticas a este respeito. Teremos que voltar ulteriormente a este assunto com pormenor.

¹ As observações de *Smidowitch* eram na realidade concebidas ironicamente e pretendiam criticar a vida sexual dos jovens.

A política sexual proletária não teve o cuidado de explicar e dar base, *de modo duradouro*, à organização *real* da vida sexual no estado soviético, de compreender e dominar a angústia das mulheres diante da liberdade sexual, mas antes de mais de esclarecer as questões nas próprias fileiras, por uma demarcação conseqüente e duradoura entre as concepções morais da burguesia e as do proletariado. A prática ensina que cada pequeno-burguês tipo adere à organização proletária da vida sexual quando esta lhe é explicada de modo suficientemente aprofundado.

O movimento anti-bolchevique tem raiz nas concepções familiares da reacção política, que encontra a sua base económica no modo de existência económico da pequena-burguesia, e a sua base ideológica na ideologia religiosa e outras ideologias metafísicas. O núcleo da política cultural da reacção política é a questão sexual. Por conseguinte, o núcleo da política cultural revolucionária deve igualmente tornar-se a questão sexual.

CAPÍTULO VI

A IGREJA COMO ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DA POLÍTICA SEXUAL DO CAPITAL

1. O interesse que apresenta a Igreja

Se quisermos ter em cada caso ideias claras acerca das tarefas que nos esperam na nossa luta de política sexual, devemos considerar com atenção as posições ofensivas e defensivas da burguesia na frente da política cultural. Recusamo-nos a mandar passear as fórmulas místicas da reacção como uma simples «manobra de diversão» política. Já o dissémos: se a burguesia consegue êxitos com ajuda de uma certa propaganda ideológica, não pode tratar-se de uma simples cortina de fumo; é necessário, pelo contrário, que esteja em jogo em cada caso um problema de psicologia de massa; é necessário que as massas sejam submetidas a um processo, ainda desconhecido de nós, que as torna capazes de pensar e agir contra o seu próprio interesse. Essa questão é decisiva, pois, sem esse comportamento de massa, a classe dominante seria totalmente impotente; é somente a disposição das massas para aceitar essas ideias, aquilo a que poderíamos chamar o «terreno psicológico de massa» do domínio de classe, que faz a força da burguesia. É por isso que é uma tarefa urgente chegar a compreender perfeitamente esse ponto.

A acentuação da pressão material sobre a classe dominada costuma acompanhar-se sempre de um reforço da pressão moral. Isso não pode ter por função senão evitar uma eventual rebelião das massas contra a pressão económica por um reforço da sua dependência ideológica e moral face à ordem dominante. De que modo isso se realiza?

Dado que a intoxicação religiosa é a medida essencial em psicologia de massa para preparar o terreno para a adopção da ideologia fascista em caso de crise, uma análise da ideologia fascista não pode evitar a elucidação dos efeitos psicológicos da religião.

Quando após a queda de Brüning, o governo Papen tomou o poder na primavera de 1932, uma das suas primeiras providências foi anunciar a realização de uma educação moral e cristã mais es-trita da nação. O governo de Hitler limita-se hoje a continuar esse programa, agravando-o.¹

Podia ler-se num decreto relativo à educação da juventude:

«A juventude estará preparada para enfrentar o seu duro destino e as altas exigências do futuro apenas se estiver dominada pela ideia de povo e de Estado... o que equivale a dizer que ela deve ser educada para a responsabilidade e para o espírito de sacrifício em relação ao conjunto. *A frouxidão e uma complacência excessiva em relação a cada tendência individual não são adequadas* a uma juventude que um dia será rudemente assaltada pela vida. Com efeito, a juventude só será convenientemente preparada para servir o povo e o Estado quando tiver aprendido a trabalhar com competência, a pensar com clareza, a fazer o seu dever, e quando tiver sido igualmente habituada a *integrar-se com disciplina e obediência aos princípios que ordenam a comunidade educativa e a submeter-se de bom grado à sua autoridade...* A educação para o autêntico lealismo de Estado deve ser completada e aprofundada por uma formação sobre a cultura alemã, fundada na comunidade de valores culturais históricos do povo alemão... *pela imersão no dever histórico* da nossa etnia... A educação para o lealismo de Estado e para o civismo popular (Volksbürgentum) tira o essencial da sua energia interior das verdades do cristianismo... Fidelidade e responsabilidade face ao povo e à pátria encontram o seu *enraizamento mais profundo na fé cristã*. É por isso

¹ Por exemplo (notificação publicada em Hamburgo em Agosto de 1933): «**Campo de concentração para os praticantes «imorais» de desportos náuticos.** Hamburgo. A polícia de Hamburgo ordenou aos seus agentes que prestassem particular atenção ao comportamento dos praticantes de desportos náuticos que, em muitas ocasiões, «achincalharam os princípios da moral pública». A prefeitura de polícia notifica publicamente que intervirá sem hesitação alguma e que colocará em campo de concentração os utilizadores de canoa que infringirem as suas ordens, a fim de que aprendam a comportar-se segundo as regras da decência e da moralidade».

que sempre considerarei meu dever particular garantir os direitos e o livre desenvolvimento da *escola cristã e as bases cristãs de qualquer educação*».

Devemos agora perguntar em que consiste essa força da fé cristã tão apreciada a justo título pelo capital. Quando a reacção política pensa que a educação para o «lealismo de Estado» retira o essencial da sua força interior das «verdades do cristianismo» tem mil vezes razão. Mas antes de passar a demonstrá-lo devemos recapitular brevemente as divergências que se desenham no seio do campo da reacção a propósito da concepção do cristianismo.

O imperialismo nacional-socialista e o imperialismo wilhelmiano diferem quanto à psicologia de massa que os fundamenta na medida em que o nacional-socialismo tem por base de massa uma classe média *proletarizada* ou em vias de proletarização, enquanto que o império alemão tem por base uma classe média *florescente*. É por isso que o cristianismo do imperialismo wilhelmiano devia necessariamente diferir do cristianismo do nacional-socialismo; contudo, as modificações da ideologia não atingem de modo algum as bases da visão cristã do mundo; reforçam pelo contrário a sua função.

O nacional-socialismo começou, pelo menos na pessoa do seu conhecido representante *Rosenberg*, que pertence à ala direita, por recusar o Antigo Testamento sob o pretexto de que era «judeu». Do mesmo modo, o internacionalismo da Igreja romana passa por judeu. A Igreja internacional deve ceder lugar à «Igreja nacional-alemã». A seguir à tomada do poder por Hitler, a Igreja foi efectivamente domesticada, o que estreitou o seu campo de influência política, mas alargou consideravelmente o seu campo de acção moral e ideológica.

«Não há dúvida que o povo alemão encontrará também um dia, para o seu conhecimento de Deus, a forma que reclama o elemento nórdico do seu sangue. Não há dúvida que só então a Trindade do *sangue*, da *fé* e do *Estado* será perfeita» (*Gottfried Feder: O programa do NSDAP e as suas bases ideológicas*. p. 49).

Era necessário evitar a qualquer preço uma identificação do Deus judeu com a Santíssima Trindade. O único ponto embaraçoso era então o facto de que o próprio Jesus era judeu; *Stapel* encontrou rapidamente processo de se desembaraçar: se Jesus era filho de *Deus*, não podia ser considerado como judeu. Os dogmas enquanto tradição judaica deviam dar lugar à «experiência da consciência

peçoal»; a remissão dos pecados devia dar lugar ao «pensamento do sentimento da honra pessoal».

A crença na ideia cristã de que as almas são acompanhadas após a morte é rejeitada como «charlatanismo medicinal típico dos povos dos mares do sul». O mesmo acontece a respeito da concepção virginal de Maria. Eis o que diz a esse respeito *Scharnagel*:

«Ele (*Rosenberg*) confunde o dogma da concepção imaculada da bem-aventurada Virgem, ou seja, a sua isenção do pecado original... com o dogma do nascimento virginal de Jesus («que foi concebido pelo Espírito Santo»)...

Teremos ainda que examinar em pormenor as razões pelas quais a Igreja devia necessariamente ter um imenso êxito ao apoiar-se essencialmente na doutrina do pecado original como acto sexual realizado por prazer (e não, como se pensa, num pecado original concebido como assassínio do pai original). O nacional-socialismo conserva o tema, se bem que o explore com auxílio de uma ideologia diferente, mais conforme aos seus fins:

«O crucifixo é o símbolo da doutrina do cordeiro sacrificado, uma imagem que nos faz sentir o desabamento de todas as forças e que nos deprime também interiormente pela representação... cruel da dor, que nos humilha, como o querem as igrejas ávidas de domínio... Uma igreja alemã substituirá pouco a pouco a crucifixo, nas igrejas que hão-de passar para a sua tutela, pelo espírito de fogo que ensina, pelo herói no seu sentido mais sublime». (*Rosenberg: Mito etc.*, p. 577).

Trata-se simplesmente de mudar a natureza das prisões: o cristianismo masoquista, internacional, deve dar lugar ao cristianismo sado-narcisista do nacionalismo. Trata-se, daqui em diante,

«...de reconhecer a honra nacional alemã como a referência suprema de qualquer acção, a fim de viver para ela (*Hitler: Mein Kampf*, p. 512)... O Estado deixará livre curso a qualquer convicção religiosa, autorizará a pregação de qualquer forma de doutrina ética, com a condição de que nenhuma dentre elas constitua um obstáculo à afirmação da honra nacional». (*Mein Kampf*, p. 566).

Já vimos que a ideologia da honra nacional deriva da honra familiar e que esta deriva por sua vez de uma ordem fundada na

negação sexual. Nem o cristianismo nem o nacional-socialismo tocam na instituição matrimonial; para o primeiro, o casamento é, posta de lado a função reprodutiva, uma «comunidade total para todos os aspectos e por toda a duração da vida»; para o nacional-socialista, é uma instituição para a salvaguarda biológica da raça. Para ambos, qualquer vida sexual fora do casamento está excluída.

O nacional-socialismo quer por outro lado manter a religião não em bases históricas mas em bases «actuais». Essa mudança explica-se a partir do declínio da moral sexual cristã que a referência a exigências históricas já não basta para travar.

«O Estado racial do povo encontrará necessariamente ainda, um dia, o seu enraizamento mais profundo na religião. Será somente quando a fé em Deus já não estiver ligada a um acontecimento particular do passado, mas quando estiver intimamente misturada por laços sempre renovados de uma experiência vivida de todos os instantes à acção e ao ser conforme à raça (*artgemäss*) do povo e do Estado, assim como do indivíduo, será somente então que o nosso mundo será de novo alicerçado em bases sólidas» (*Ludwig Haage: National-sozialistische Monatshefte*, ano primeiro, n.º 5, p. 213).

Não o esqueçamos: «acção e ser conforme à raça» significa «moralidade», ou seja, na prática, negação sexual.

É precisamente examinando o que levou os nacional-socialistas a diferenciarem-se da Igreja, e aquilo que eles defendem juntamente com ela, que podemos traçar a separação entre o que é secundário e aquilo que tem eficácia real para a função reaccionária da religião. 1

1 Os nacional-socialistas rejeitaram, é verdade, a concordata da Baviera (15-7-1930) e a concordata da Prússia (1-7-1929). Contudo, essa recusa incidia apenas sobre a dotação de 1931 que se elevava a 4 122 370 marcos. Não se atacou o aumento que fez passar o complemento de receitas pastorais, na Baviera de 5,87 milhões de marcos em 1914 para 19,7 em 1931 (ano de crise grave!). Retirámos as indicações seguintes sobre a concordata da Baviera de um artigo de *Robert Boeck* «As concordatas dizem-te respeito»: nos termos da concordata de 25-1-1925, faziam-se à Igreja as seguintes concessões:

1. Os eclesiásticos são funcionários do Estado.
2. O Estado reconhece que a secularização de 1817 (expropriação de bens eclesiásticos) trouxe um grave prejuízo para a Igreja, e confia a esta o cuidado de reclamar a restituição desses bens ou o seu equivalente em dinheiro, ou seja 60 milhões de marcos-ouro.
3. O Estado deve afectar cerca de 50 % dos rendimentos das florestas do Estado bávaro ao pagamento de uma parte das rendas devidas

O aspecto histórico, os dogmas, numerosos artigos de fé defendidos com ardente energia perdem, como vimos, a sua importância a partir do momento em que se consegue substituí-los na sua função por alguma coisa de eficácia idêntica. O nacional-socialismo deseja igualmente a «experiência religiosa» e essa é a única coisa que lhe importa; simplesmente quer fundá-la em outras bases. Que «experiência vivida de todos os instantes» é essa?

2. O combate contra o «bolchevismo cultural»

A afectividade nacionalista e familiar está intimamente ligada a sentimentos religiosos mais ou menos obscuros, mais ou menos apresentados sob roupagens racionalizantes. Publicaram-se a esse respeito montanhas de livros. Não há que fazer neste domínio — provisoriamente pelo menos — uma crítica académica e pormenorizada. Continuamos na linha do nosso problema principal: se o nacional-socialismo e a Igreja se apoiam no pensamento e na afectividade mística das massas e têm êxito nisso, a luta dirigida contra eles só tem possibilidade de triunfar se conseguirmos acelerar e intensificar o ritmo da propaganda anti-religiosa de tal modo que esta, para retomar um bom *slogan* revolucionário, «alcance e ultrapasse» a intoxicação mística das massas. Não basta que o movimento atêista progrida nos países capitalistas, se progridir com tal lentidão que

à Igreja, e hipotecou portanto praticamente os seus rendimentos florestais à Igreja.

4. A Igreja está autorizada a levantar impostos (imposto de Igreja: Kirchensteuer) na base das funções civis dos contribuintes.

5. A Igreja tem o direito de adquirir e ter a título de propriedade novos bens, que são invioláveis e garantidos pelo Estado.

6. O Estado compromete-se a indicar e a pagar aos altos dignitários eclesiásticos «uma residência em relação com a sua dignidade e o seu estado».

7. A Igreja, os seus padres e os seus 28 mil monges gozam de uma liberdade ilimitada no exercício das suas actividades religiosas e industriais (livros, fabrico de cerveja e aguardente).

8. Cada uma das duas universidades de Munich e de Würzburgo deve empregar um professor de filosofia e de história que seja homem de confiança da Igreja e que só ensine de acordo com o seu espírito.

9. O Estado garante o ensino religioso nas escolas primárias, e o bispo e os seus delegados recebem a atribuição do direito de denunciar junto

cada vez mais se atrase em relação à intoxicação religiosa. É isso infelizmente que acontece. A razão só pode dever-se a uma apreensão teórica imperfeita do fenómeno religioso. A propaganda atêista contenta-se essencialmente em revelar a função capitalista *objectiva* da Igreja e os crimes dos príncipes e funcionários da Igreja. Isso só resulta junto de uma parte relativamente fraca das massas, que por si mesma já se aproximou da frente revolucionária. A grande maioria permanece fora de alcance. A razão é que a propaganda atêista só faz apelo à compreensão das massas e não aos seus sentimentos. Ora, se alguém tem sentimentos religiosos, a denúncia de um príncipe da Igreja, por mais hábil que seja, deslizará por ele sem que o atinja, do mesmo modo que a mais rigorosa demonstração do apoio financeiro que a Igreja recebe do Estado explorador graças ao dinheiro dos operários será para ele de tão pequeno efeito quanto a análise histórica da religião por *Marx* e *Engels*.

O movimento atêista procura hoje, é verdade, recorrer a meios afectivos. Assim por exemplo, as festas solenes da juventude organizadas pelos livre-pensadores alemães proletários pretendiam estar ao serviço desse trabalho. Apesar de tudo isso, as associações cristãs da juventude continuaram a agrupar cerca de 30 vezes mais jovens que as do partido comunista e da social-democracia. Diante de cerca de milhão e meio de jovens cristãos em 1930-1932, tinha-se mais ou menos 50 mil comunistas e 60 mil socialistas. Em 1931, o nacional-socialismo agrupava, segundo as suas próprias indicações, cerca de 40 mil jovens. Extraímos números pormenorizados da *Pro-*

das autoridades civis, pedindo-lhes que tragam remédio ao problema, as situações que poderiam ofender os alunos católicos na sua prática religiosa pública, e as influências desfavoráveis ou deslocadas (!) a que poderiam ser submetidos.

Após estimativas circunspectas, a concordata garantiu à Igreja católica da Baviera a indemnização de um bilião de marcos em valores diversos, a saber: subvenções em espécie, bens, isenções de impostos imobiliários e comerciais e receitas próprias.

O Estado bávaro pagou à Igreja católica, em 1916, 13 milhões de marcos, em 1929, 28 468 400 marcos e em 1931, 26 052 250.

É manifestamente necessário que a Igreja preste serviços apreciáveis ao Estado. — A ratificação da concordata entre o Reich alemão e o Vaticano em Julho de 1933 não instaurou entre a Igreja e o Estado relações radicalmente novas, determinantes para a psicologia de massa. As funções fundamentais da Igreja no âmbito da economia privada permaneceram intactas.

letarische Freidenkerstimme de Abril de 1932. Segundo ela, contavam-se na:

Federação dos jovens católicos da Alemanha	386.879
União central das associações das raparigas católicas da Alemanha	800.000
União das Associações de Celibatários Católicos	93.000
União das associações da juventude feminina católicas da Alemanha do sul	25.000
União das associações de católicos livres da Baviera	35.220
União dos alunos católicos dos estabelecimentos de ensino secundário Neudeutschland	15.290
Federação da juventude católica das povens trabalhadoras da Alemanha	8.000
União do Reich das federações alemãs Windhorstl	10.000

(Os números são extraídos do pequeno «Manual das Associações de juventude», 1931).

O importante é a composição social. Na Federação dos jovens católicos da Alemanha, as proporções eram as seguintes:

Operários	4,6 %
Artífices	21,6 %
Juventude rural	18,7 %
Comerciantes	5,9 %
Estudantes	4,8 %
Funcionários	3,3 %

O elemento proletário constitui a maioria deles. A repartição segundo a idade estabelecia-se como segue em 1929:

14-17 anos	51,0 %
14-17 " "	28,3 %
21-25 " "	15,5 %
mais de 25 anos	7,1 %

4/5 dos membros encontravam-se portanto na idade da maturidade sexual, ou seja, numa idade post-pubertária.

Ora, enquanto que a posição comunista colocava na primeira fila da luta pela adesão dessa juventude a filiação de classe mais do que as questões ideológicas (*Weltanschauungsfragen*), a organiza-

ção católica garantia justamente as suas posições na frente cultural e ideológica. Os comunistas escreviam:

«No termo de um trabalho lúcido e firmemente orientado, a filiação de classe mostrar-se-á também entre os jovens católicos mais forte do que as questões inibidoras da ideologia... Devemos insistir, não na questão ideológica, mas na questão de filiação de classe, da miséria comum que nos unex».

Por seu lado, a direcção da juventude católica escrevia (em *Jungarbeiter*, n.º 17, 1931):

«É na sua implantação entre os jovens operários e entre as crianças operárias desde a mais tenra idade que reside o perigo mais poderoso, e sem dúvida o maior, que pode constituir o partido comunista. Felicitamo-nos ao ver o governo do Reich tomar as mais severas providências contra o partido da subversão comunista. Mas esperamos antes de mais que o governo alemão se oponha com o maior rigor ao combate dos comunistas contra a Igreja e a religião».

Em Berlim, os postos de controle destinados a «preservar» a juventude da sujidade e da porcaria eram ocupados por representantes de 8 organizações católicas. Num apelo lançado pela juventude centrista em 1932, podia ler-se:

«Reclamamos que o Estado proteja por todos os meios o património cultural cristão contra uma imprensa suja e uma literatura ordinária que envenenam o povo, contra uma produção cinematográfica erótica, que degrada ou falsifica os valores nacionais...»

Assim a Igreja defende a sua função capitalista por outro ponto que não aquele a que se ataca o movimento comunista. Podia ler-se na *Freidenkerstimme* já citada: mostrar

«aos jovens trabalhadores cristãos o papel da Igreja e das suas organizações na adopção das medidas de fascização e no apoio dado aos decretos de urgência e às medidas de destruição económica, essa deve ser a tarefa da juventude livre-pensadora proletária».

Por que razão, como nos ensina a experiência, as massas dos jovens trabalhadores cristãos se revelaram invulneráveis a essa ofensiva? Por que razão não se aperceberam *por si próprios* da função capitalista da Igreja? Manifestamente porque essa função lhes é escondida, porque eles foram estruturados de tal modo que se tornaram crédulos e desprovidos de espírito crítico. É necessário não esquecer também que os representantes da Igreja aparecem muitas vezes nas organizações dirigidas *contra* o capital, de modo que uma oposição entre as tomadas de posição dos comunistas e as dos padres não é imediatamente perceptível pelos jovens. Existe *um único* domínio no qual a demarcação é clara: *o da sexualidade*. Mas acontece justamente que esse domínio permanece completamente por cultivar no que respeita ao trabalho de contra-ofensiva revolucionária.

Não basta verificar que o Estado capitalista pode dispor à vontade da família, da Igreja e da escola para ligar a juventude ao seu sistema e à sua ideologia. No seio do capitalismo não podemos tocar nessas instituições, porque são protegidas por todo o poder do aparelho de Estado; a sua supressão pressupõe a revolução social. Por outro lado, o abalo da sua eficiência reaccionária é uma das condições prévias essenciais à revolução social e portanto é uma das condições prévias da sua supressão. Essa é a tarefa principal da frente cultural vermelha. Para poder realizá-la, é de importância decisiva conhecer os meios e as vias pelas quais a família, a escola e a Igreja podem ter esses efeitos, esclarecer o processo psicológico que engendram esses efeitos nos adolescentes proletários. Não basta neste caso recorrer ao conceito geral de «escravização» ou de «embrutecimento». Embrutecimento e escravização só explicam o resultado; o que está em causa são os processos que permitem aos interesses capitalistas chegar aos seus fins.

No que respeita à função da repressão da vida sexual da juventude já tentámos revelá-la num escrito nosso intitulado *O combate sexual da juventude*. No âmbito do *presente* escrito, trata-se de procurar quais os elementos centrais do combate cultural anti-bolchevique e em que dados afectivos a frente cultural bolchevique se deve apoiar para os contrariar. Também neste caso devemos conformar-nos ao princípio de escutar com atenção aquilo em que a reacção cultural mais insiste, pois ela não o faz incidentalmente, nem por manobra de diversão, mas sim por que se trata manifestamente de terrenos de luta essenciais para a ideologia e política marxistas e antimarxistas.

Enquanto não dispusermos dos conhecimentos necessários e da formação indispensável para dirigir vitoriosamente a luta no terreno

da cultura e da ideologia, *luta centrada em torno da questão sexual*, seremos obrigados a fugir a essa luta. Se pelo contrário conseguirmos garantir uma posição firme na frente cultural teremos então entre mãos todos os meios para preparar as vias da luta económico-política. Pois digamo-lo mais uma vez: *é a inibição sexual que fecha o caminho ao adolescente médio em direcção à frente vermelha*. Devemos estar preparados para fazer face com os meios adequados às correntes morais que constituem a coesão da frente cristã. Para isso é absolutamente necessário reconhecer a sua posição ideológica.

Tomamos ao acaso uma das publicações anti-bolcheviques mais típicas, a do pastor nacional-socialista *Braumann* intitulada «O bolchevismo como inimigo mortal e como terror da religião» (1931). Poderíamos igualmente atermo-nos a qualquer outra publicação. Os argumentos são sempre os mesmos no essencial, e não se trata agora de entrar nas divergências de pormenor.

«Cada religião consiste em libertar do mundo e dos seus poderes pela relação com a divindade. É por isso que o bolchevismo não poderá nunca acorrentar totalmente os homens, enquanto permanecer neles um vestígio de religião» (*Braumann*, p. 12).

Decerto encontramos aqui claramente expressa a função da religião que consiste em desviar das desgraças do presente, em «libertar do mundo», portanto em impedir a revolta contra as verdadeiras causas da miséria; mas as conquistas da ciência a respeito da função sociológica da religião não levam muito longe na prática propagandista. O que é mais útil para a prática anti-religiosa são as experiências instrutivas que se fazem no decorrer das discussões entre adolescentes ateus e crentes. Elas permitem-nos também compreender as incidências psicológicas da função objectiva da religião, ou seja, elas abrem-nos o seu aspecto subjectivo, a ideologia e o sentimento religioso dos indivíduos de massa.

Um grupo de juventude comunista tinha convidado um pastor protestante para uma discussão sobre a crise económica. Este apresentou-se seguido e protegido por uma vintena de jovens cristãos cuja idade ia de 18 a 25 anos. A sua exposição comportava essencialmente as seguintes tomadas de posição, sendo a nosso ver o facto mais importante a sua maneira de saltar para a mística a partir de verificações de factos em parte exactos. Segundo ele, as causas da miséria eram a guerra e o plano Young. A guerra mundial tinha sido expressão da corrupção dos homens e da sua baixa moral, uma injustiça e um pecado. A exploração praticada pelos capitalistas era igual

mente um grande pecado. Vemos já por esta tomada de posição típica quanto é difícil para a propaganda anti-religiosa neutralizar a influência de um homem da Igreja, quando ele próprio toma uma posição anti-capitalista e quando entra assim em ressonância com os sentimentos anti-capitalistas da juventude cristã. O capitalismo e o socialismo eram, no essencial, a mesma coisa; o socialismo da União Soviética era também uma espécie de capitalismo; a construção do socialismo arrastava inconvenientes para certas classes, do mesmo modo que o capitalismo os trazia para outras. Era necessário «quebrar o focinho» ao capitalismo sob todas as suas formas; o combate do bolchevismo contra a religião era um crime; o que era causa da miséria não era a religião mas o facto de que o capitalismo fazia um mau uso da religião. (O pastor era francamente progressista). Que consequências se podiam daí tirar? Dado que os homens eram maus e pecadores, era impossível de modo geral suprimir a miséria; era necessário suportá-la, acomodar-se com ela. O próprio capitalismo se encontrava no desassossego. A miséria *interior*, que era a miséria essencial, não desapareceria mesmo no final do terceiro plano quinquenal soviético.

Alguns adolescentes comunistas procuraram defender o seu ponto de vista: o que estava em causa não era o capitalismo individual, mas o sistema. Tratava-se de saber se era a maioria que era oprimida ou uma minoria em vias de desaparecimento que anteriormente dispunha da «bela vida». O expediente que consistia em suportar a miséria só conseguia prolongar a miséria e correr em auxílio do capital. E por aí fora. No final, chegou-se a um acordo em como uma reconciliação das posições não era possível e cada qual partia com a mesma convicção com que chegara. Os jovens companheiros do pastor estavam suspensos dos seus lábios; pareciam viver nas mesmas condições proletárias de opressão material que os comunistas; e contudo todos se uniam ao ponto de vista de que ainda se não tinha encontrado remédio algum para a miséria, e que era necessário tirar daí as conclusões e confiar em Deus.

Terminado o colóquio, perguntei a alguns adolescentes comunistas por que razão não tinham abordado a questão essencial aos olhos da Igreja, ou seja, a continência dos adolescentes e o bolchevismo cultural. Segundo pensavam, isso era demasiado perigoso e demasiado grave, mas faria o efeito de uma bomba, e não era costume falar disso no decorrer de discussões políticas.

Algum tempo antes tinha-se realizado num bairro do oeste de Berlim um comício de massa, no decorrer do qual representantes da Igreja e do partido comunista tinham apresentado os seus pontos de vista. Uma boa metade dos 1800 participantes era cristã e

pequeno-burguesa. Enquanto relator principal, resumi a posição comunista relativa ao parágrafo sobre o aborto em algumas perguntas:

1. A Igreja afirma que a utilização de meios contraceptivos é contra a natureza pela mesma razão que qualquer entrave à procriação natural. Se a natureza é tão minuciosa e tão sábia, por que razão criou ela um aparelho sexual que não incita a ter relações sexuais apenas tantas vezes quantas se deseja ter filhos, mas em média 2 a 3 mil vezes na vida?

2. Os representantes presentes da Igreja deveriam confessar francamente se eles próprios não recorrem à satisfação sexual senão quando desejam filhos (eram padres protestantes).

3. Por que razão Deus criou no aparelho sexual duas espécies de glândulas: uma para a excitação sexual e outra para a procriação?

4. Por que razão as crianças já manifestam uma sexualidade muito antes que a função de procriação comece a actuar?

As respostas embaraçadas dos representantes da Igreja desencadearam tempestades de risos. Quando tentei em seguida esclarecer a função que desempenha, no âmbito do sistema capitalista, a negação da função de prazer pela Igreja e pela ciência burguesa, a saber que a repressão da satisfação sexual conduz precisamente à humildade e à renúncia geral, igualmente no plano material, pus toda a sala do meu lado. Os representantes da Igreja estavam vencidos.

A experiência repetida dos comícios de massa ensina que a adesão dos auditores é função do laço que se estabelece entre a função política reaccionária da religião e a repressão sexual, que é proporcional à clareza e à franqueza com as quais se expõe, do ponto de vista médico e político, o direito à satisfação sexual. As razões desse estado de facto devem ser analisadas em pormenor.

3. O apelo ao sentimento religioso

No dizer da propaganda anti-bolchevique, o bolchevismo alimentaria um «ódio sistemático a qualquer religião», em particular àquela que está ligada aos «valores interiores». Devido ao seu materialismo, o bolchevismo só veria os bens materiais, a sua única preocupação seria produzir bens materiais. Não teria a menor compreensão dos valores espirituais e dos bens da alma.

Que são realmente esses valores espirituais e esses valores da alma? Fala-se muitas vezes de fidelidade e de fé; mas no resto a fraseologia afoga-se no conceito indeterminado de «individualidade».

«O bolchevismo, querendo aniquilar qualquer individualidade, destrói a família que confere sempre ao homem uma marca individual. É por isso que ele odeia qualquer forma de aspiração nacional. Todos os povos devem tornar-se tão semelhantes entre si quanto possível e ser-lhe dóceis. Mas todos os esforços em vista de aniquilar a vida pessoal própria serão vãos enquanto viver ainda no homem uma centelha de religião, porque na religião transparece sempre novamente a liberdade pessoal em relação ao mundo exterior».

O reaccionário político pressupõe portanto que existe um laço íntimo entre a família, a nação e a religião, ou seja, o estado de facto que foi até aqui completamente deixado de lado pela pesquisa marxista. Em primeiro lugar, a formulação segundo a qual a religião brota da liberdade em relação ao mundo exterior confirma a verificação feita pela psicanálise de que a religião oferece uma satisfação fantasma que vem substituir uma satisfação real; o que está perfeitamente de acordo com a tese de *Marx* segundo a qual a religião tem sobre as massas o efeito do ópio. Isso é mais do que uma simples metáfora. Teremos que provar que a experiência religiosa desencadeia efectivamente no aparelho psíquico os mesmos processos que uma dose equivalente de ópio, ou seja, *que se trata de processos no aparelho sexual que determinam estados de tipo narcótico*.

Mas precisamos antes de mais de nos informarmos com maior precisão a respeito das relações entre a afectividade religiosa e a afectividade familiar. *Braumann* escreve na linguagem típica da ideologia reaccionária:

«Mas o bolchevismo tem ainda um outro meio de aniquilar a religião, ou seja, a destruição sistemática da vida conjugal e familiar. Ele sabe muito bem que é precisamente da família que emana o essencial da energia que alimenta a vida religiosa. É por isso que o casamento e o divórcio são facilitados ao ponto de a vida conjugal russa se situar no limite do amor livre».

A propósito do efeito cultural destruidor que teria a semana de cinco dias na Rússia soviética, pode ler-se:

«Isso serve tanto para a destruição da vida familiar quanto da religião... O mais grave de tudo são os estragos que o

bolchevismo implica no plano sexual. Pela sua destruição da vida conjugal e familiar, favorece as divagações impudicas de toda a espécie, até as relações contra a natureza entre irmão e irmã, pais e filhos. (Isso visa a supressão da punição do incesto na União Soviética). O bolchevismo não conhece já nenhuma inibição moral».

Em vez de opor a essas posições da reacção política a análise precisa dos processos históricos em curso no domínio da cultura sexual, as publicações soviéticas esforçam-se as mais das vezes por se defender dizendo que de modo nenhum é verdade que a vida sexual seja imoral na União Soviética, que pelo contrário os casamentos tendem de novo a consolidar-se, etc. Politicamente ineficientes, essas tentativas de defesa traem mesmo, além disso, a realidade dos factos. *Do ponto de vista cristão*, a vida sexual na União Soviética é efectivamente imoral, e não pode falar-se de uma consolidação dos casamentos, dado que essa instituição, como a concebem os burgueses e os cristãos, deixou de existir. De direito e de facto, é o casamento sindiásmico que reina actualmente na União Soviética. Trata-se simplesmente, não apenas de demonstrar com o maior rigor a necessidade desse processo, mas sobretudo de fazer tomar consciência às massas da população da contradição em que vivem: a saber, que aspiram com todas as suas forças em segredo exactamente àquilo que o bolchevismo realiza nos factos, aderindo no entanto ao mesmo tempo à ideologia cristã. Mas, para poder desempenhar essa tarefa, é necessário ter elaborado uma teoria clara das relações que ligam a família, religião e sexualidade.

Mostrámos mais acima que a afectividade nacionalista é a continuação directa da afectividade familiar. Agora devemos ainda provar que o sentimento religioso é igualmente uma fonte de ideologia nacionalista, portanto que as posições familiar e religiosa são elementos fundamentais da psicologia de massa do nacionalismo. Assim se confirmará, para a psicologia de massa, que a educação cristã abre a via ao fascismo, a partir do momento em que um abalo económico põe as massas em movimento.

Se o sentimento nacional deriva do laço com a mãe (sentimento do país natal), a afectividade religiosa deriva da atmosfera sexual indissolivelmente ligada a esse laço familiar. O laço familiar pressupõe a inibição da sensualidade sexual. A essa inibição da sensualidade encontram-se expostas sem excepção todas as crianças da sociedade fundada na economia privada, em especial as raparigas. Nenhuma actividade sexual, por evidente que seja e por mais «liberta» que pareça, pode dissimular ao conhecedor essa inibição profunda-

mente implantada; melhor, numerosas manifestações patológicas que intervêm na vida sexual posterior, tais como escolha indiferenciada do parceiro, agitação sexual, tendência aos comportamentos aberrantes etc., derivam justamente dessa *inibição* da aptidão para a experiência sensual. O resultado infalível dessa inibição da experiência sensual («impotência orgástica»), específica de qualquer educação burguesa e ligada a sentimentos de culpabilidade inconscientes e à angústia sexual, é uma nostalgia sexual inextirpável, crónica, cujos efeitos são na maior parte dos casos inconscientes, e que é acompanhada regularmente por sentimentos de tensão corporal na região do coração e do diafragma, sede principal da excitação sexual *inibida*. A localização popular do sentimento de nostalgia no peito encontra justificação na fisiologia.

A tensão perpétua do aparelho psico-físico começa por originar na criança e no adolescente púbere fantasias diurnas que são particularmente aptas para se transmutarem e prolongarem em afectividade mística, sentimental e religiosa, porque a atmosfera na qual vive o homem burguês está saturada disso. Na criança média de cada camada social encontra-se assim constituída uma estrutura que inevitavelmente absorve as influências místicas do nacionalismo, da religião e da superstição sob todas as suas formas. O conto de terror contado na tenra infância, os romances policiais que chegam depois, a atmosfera misteriosa da igreja não passam de fases preparatórias daquilo que se desenvolve na ressonância do aparelho psíquico quando das solenidades militares e patrióticas. Para avaliar o efeito do misticismo segregado pela sociedade e a sua receptividade pelo aparelho psíquico, não é essencial que nos detenhamos nos aspectos superficiais da personalidade, que podem ser desprovidos de misticismo, rudes, ou até brutais. São os processos que agem em profundidade que nos interessam. O sentimentalismo e a devoção religiosa de um *Matuschka*, de um *Haermann* ou de um *Kürten*, não apenas estão em contradição com a sua crueldade bestial, mas estão também em estreita correlação com ela. Para quem conhece bem a estrutura das profundezas, essas oposições não passam de elementos coerentes que devem a sua origem a uma única e mesma fonte: a saber, a *nostalgia vegetativa* engendrada pela inibição sexual, que encontra impedido o caminho da sua satisfação prevista pela natureza e que, por um lado, se torna por esse facto facilmente apta para a descarga muscular e pode, por outro lado, devido ao sentimento de culpabilidade concomitante, irradiar em experiência mística e religiosa. É verdade que foram as declarações da mulher que permitiram concluir que o infanticida *Kürten* era sexualmente perturbado; mas isso não bastou para surpreender os

«especialistas» de psiquiatria clínica. O par brutalidade-afectividade religiosa encontra-se com regularidade por toda a parte onde existe perturbação da aptidão normal para a experiência sensual. Isso não é menos válido para os inquisidores da Idade Média, para o cruel e religioso Filipe II de Espanha, que para qualquer autor actual de genocídio. Nos casos em que a excitação insatisfeita não é abafada por uma afecção histérica numa síncope angustiada do aparelho psíquico, ou por uma neurose obsessiva em sintomas psíquicos absurdos e grotescos, a realidade da ordem patriarcal e cristã oferece suficientes ocasiões de descarga, que, devido à racionalização social desses comportamentos, apagam o seu carácter patológico.¹ Valeria a pena aprofundar a sociologia das diferentes seitas religiosas da América, da ideologia budista nas Índias, das diferentes correntes teosóficas e antroposóficas, assim como a dos círculos místicos de todo o género considerados como fenómenos sociais significativos da economia sexual patriarcal. Que nos baste verificar agora que os grupos sociais, que são os círculos místicos, são simplesmente a concentração de estados de facto que se reencontram com uma forma mais difusa, menos apreensível, sem que por isso seja menos nítida, em todas as camadas da população. Entre o grau de afectividade místico-sentimental-religiosa e o grau de perturbação média da experiência sensual, existe uma relação determinada. Basta observar o comportamento dos espectadores, na maioria proletários e pequeno-burgueses, de uma opereta de pacotilha para aprender mais a respeito desses problemas que em cem manuais de sexologia, mesmo os que são escritos por pretensos socialistas. A diversidade e a variedade dos conteúdos e das orientações desse vivido religioso-místico só são igualadas pelo carácter universal, invariável e típico da sua base na economia sexual. Compare-se, para verificar a justeza desta tese, o vivido realista, vigoroso, desprovido de sentimentalismo, dos membros das associações proletárias de nudismo, com o vivido sentimental, místico e artificialmente naturista dos seus homólogos burgueses e facilmente se verificará que estes últimos estabelecem uma oposição entre a sensualidade sexual e a nudez, enquanto que os primeiros apreendem o sentido verdadeiro do nudismo e frequentemente a ele conformam o seu modo de vida, o que lhes vale serem

¹ Regra geral, os morfínomanos são normalmente inaptos à satisfação; é por isso que tentam satisfazer as suas excitações por meios artificiais, sem nunca o conseguirem de modo duradouro. Habitualmente são sádicos, místicos, *fats*, homossexuais e atormentados por uma angústia devoradora, que tentam abolir por um comportamento brutal.

perseguidos pela reacção política. As associações proletárias de nudismo cometeram simplesmente a grave falta de não tomarem abertamente e sem ambiguidade o partido da sensualidade sexual sã, e apelaram em vez disso, como Koch em 1932, para os juizes capitalistas. Mascararam com pudor o sentido verdadeiro do nudismo, que representa uma rebelião das necessidades sexuais reprimidas contra a ordem sexual actual, e desse modo retiraram qualquer decisão ao seu empreendimento, sem falar da hipocrisia pequeno-burguesa que se exprime nesse facto.

Não podemos deter-nos de momento na objecção evidente que diz que o primitivo matriarcal que vive de acordo com os princípios de economia sexual tem também uma afectividade mística. Seria necessária uma longuíssima demonstração para estabelecer que a coisa é fundamentalmente diferente conforme se trata do homem matriarcal ou do homem patriarcal. A demonstração pode apoiar-se antes de mais no facto de que a posição da religião face à sexualidade se transformou no decorrer do patriarcado, e que no termo do processo ela era fundamentalmente hostil à sexualidade quando originariamente fora, no essencial, uma religião da sexualidade.

4. O objectivo do bolchevismo cultural aos olhos da reacção

O comunismo concentra actualmente todas as suas forças na abolição das bases económicas do sofrimento humano. Porque parte desses sofrimentos e porque atribui a sua razão fundamental às contradições económicas do sistema capitalista, a necessidade primordial da transformação económica da ordem social eclipsa os seus objectivos e as suas intenções ulteriores. Enquanto que o comunista é muitas vezes obrigado a adiar a solução, ou até a discussão, de problemas em si mesmo muito urgentes até ao momento em que a tarefa mais urgente de todas, quer dizer, a instauração das condições prévias indispensáveis à solução dessas questões, esteja realizada, o reaccionário por seu lado trava precisamente o mais encarniçado combate contra os objectivos últimos do comunismo que eclipsam as tarefas preparatórias imediatas.

«O bolchevismo cultural pretende a decomposição da cultura que até agora conhecemos e a sua transformação, com o fim de a colocar ao serviço exclusivo da felicidade terrestre do homem...»

escreve Kurt Hutten no seu panfleto *Bolchevismo cultural* (Verlag des evangelischen Volksbundes, 1931). Ora, se quisermos ter nós

próprios uma posição clara sobre o problema cultural, é necessário começar por decidir se a reacção política ataca nas suas censuras alguma coisa que a revolução cultural bolchevique visa efectivamente, ou se lhe atribui, por razões demagógicas, objectivos completamente estrangeiros às finalidades do comunismo. No primeiro caso, é indispensável defender e elucidar com rigor a necessidade histórica desses objectivos. No segundo caso, basta descerrar as intenções ocultas, de carácter político, da alegação, ou seja, desmentir as intenções que a reacção atribui abusivamente ao comunismo.

Mas de que modo a reacção política considera a oposição entre felicidade terrestre e religião? Kurt Hutten escreve:

«Primeira observação: o bolchevismo cultural faz incidir o essencial da sua luta sobre a religião. Pois é a religião, enquanto é viva, que constitui o mais sólido baluarte contra os seus objectivos... Ela coloca toda a vida humana sob alguma coisa de extra-humano, sob uma autoridade eterna. Exige renúncia, sacrifício, adormecimento dos desejos pessoais. Rodeia a vida humana de uma aura de responsabilidade, de culpabilidade, de tribunal, de eternidade... Impede uma desinibição ilimitada dos instintos humanos.» «A revolução da cultura é a revolução cultural do homem, a submissão de todos os domínios da vida à ideia da felicidade».

O reaccionário não toma consciência das contradições económicas cuja solução leva à atenuação ou à supressão do sofrimento material. Sente simplesmente o perigo que ameaça a inculcação psíquica do sistema económico dominante (ou seja a «cultura»); mas actualmente tem desse perigo uma visão melhor e mais profunda que o revolucionário actual, porque, como já o dissémos, este concentrou num primeiro tempo todas as suas forças e toda a sua inteligência na transformação da ordem económica. O reaccionário tem consciência do perigo que traz a revolução à família e à moral burguesas, enquanto que o revolucionário médio está muito longe de suspeitar as consequências que arrastará a revolução para a família e para moral, e está longe de supor que ele é ainda muitas vezes nesse plano sensatamente pequeno-burguês. O reaccionário defende no absoluto e para a eternidade o heroísmo, a aceitação do sofrimento, a resistência às privações, e ao fazê-lo, defende os interesses do capital, quer o queira quer não. Mas para isso necessita de religião, ou seja, no fundo, de renúncia sexual. É por isso que a felicidade significa para ele essencialmente a satisfação sexual e nesse ponto tem razão. Também o revolucionário exige muita

renúncia, sentido do dever, abnegação, porque a possibilidade da felicidade deve antes de mais ser conquistada pela luta. Na sua prática do trabalho de massa esquece muitas vezes com facilidade — e por vezes com prazer — o objectivo verdadeiro, que não é o trabalho (o comunismo traz uma diminuição progressiva do tempo de trabalho), mas o jogo e a vida sexuais sob todas as suas formas, desde a sensualidade bruta até às mais elevadas sublimações da sexualidade; o trabalho é e continua a ser o alicerce da vida, mas no comunismo cada vez é menor o apelo às pessoas e ao tempo, para fazer cada vez mais apelo às máquinas e ao espaço. Nisso reside o essencial da racionalização socialista do trabalho, por oposição à racionalização capitalista.

As frases seguintes têm muitos homólogos nas publicações cristãs e reaccionárias, mesmo se a formulação nem sempre é tão clara quanto em *Kurt Hutten*:

«O bolchevismo cultural não data nem de ontem nem de hoje. Baseia-se numa aspiração inscrita no coração do homem desde os tempos pre-históricos: a nostalgia da felicidade. É a nostalgia original e eterna do paraíso terrestre... A religião da fé dá lugar à religião do prazer».

A isso opomos a questão: *por que razão* não há-de haver felicidade na terra, *por que razão* o prazer não seria o conteúdo da vida?

Tente-se fazer referendo sobre essa questão!

Mas o reaccionário tem ainda muito maior consciência (mesmo sendo através de deformações idealistas) do laço que existe entre a ideologia religiosa e a instituição do casamento e da família.

«Para enfrentar essa responsabilidade (para as consequências do prazer), a sociedade humana criou a instituição do casamento que deve constituir, enquanto comunidade por toda a vida, o meio protector da relação sexual».

E encontra-se logo a seguir todo o registo dos «valores culturais» que se dispõem no edifício da ideologia como as peças de uma máquina: «O casamento como laço, a família como exigência, a moral como autoridade, a religião como obrigação que emana da eternidade».

O reaccionário de tipo cristão ou fascista condena a forma burguesa do prazer sexual (sem que deixe contudo de sucumbir também a ela), porque o atrai e lhe repugna ao mesmo tempo. Não consegue resolver em si mesmo a contradição entre as suas solicita-

ções sexuais e as suas inibições morais. O revolucionário nega, desde que tenha ideias claras sobre a ideologia sexual, esse prazer *burguês* porque não é prazer que lhe pertença, não é a sexualidade do futuro, mas o prazer da contradição entre moral e instinto, o prazer da sociedade dos exploradores, um prazer degradado, sujo, mórbido. Comete apenas o erro, quando as suas ideias não são claras, de ficar pela condenação do prazer burguês, sem lhe opor a sua própria ideologia sexual positiva. Se não esclareceu as suas ideias sobre o modo de vida a que visa o comunismo, devido às próprias inibições burguesas, nega todo o prazer em geral, torna-se asceta e perde desse modo qualquer possibilidade de se fazer escutar pela juventude.¹ Mesmo antes da revolução, a decadência das formas burguesas da vida sexual dá lugar à *rebelião* sexual. Mas ela permanece de início como uma *rebelião* sexual burguesa da qual fogem muitos revolucionários, muitas vezes com razão. Ora o problema é transformá-la num sentido revolucionário, prolongá-la numa revolução sexual proletária, do mesmo modo que são em geral os abalos da vida burguesa que geram o futuro do socialismo.

¹ No filme soviético «O caminho da vida», que noutros aspectos é exemplar, não é a forma comunista da sexualidade que se opõe, na cena do botequim na floresta, à forma burguesa dissoluta, mas a ascese, a anti-sexualidade. O problema sexual da juventude é completamente posto entre parênteses; isso é politicamente falso e lança a confusão, em vez de trazer soluções.

CAPITULO VII

OS PRESSUPOSTOS DA PRÁTICA DE POLÍTICA SEXUAL NA LUTA CONTRA A RELIGIÃO

No decorrer de um comício em Berlim em Janeiro de 1933, o nacional-socialista Otto Strasser pôs ao contraditor, o comunista *Wittfogel*, uma pergunta desconcertante pela sua pertinência, que dava ao auditor de convicções materialistas o sentimento de que a resposta teórica e prática para que apelava não podia ser sentida pela hierarquia eclesiástica senão como o anúncio do seu fim próximo. Ele censurava aos marxistas que estes subestimassem a importância do psíquico e do religioso. A seu ver, se a religião fosse apenas, como o pretendia Marx, a flor que ornava a cadeia da humanidade laboriosa submetida à exploração, não podia compreender-se por que meios a religião, desde há milénios, e particularmente a religião cristã desde há dois milénios, conseguia manter-se quase sem mudança, tanto mais que no início a sua defesa tinha exigido mais vítimas que todas as revoluções juntas. A pergunta ficou sem resposta, mas insere-se perfeitamente nas explicações do presente escrito. Era necessário dizer que a pergunta é justificada, não como objecção à concepção materialista da história, mas como exortação de parte do contraditor metafísico a que nos interroguemos sobre se a concepção materialista do mundo explicaria igualmente a religião e os meios da sua inculcação. A resposta tinha que ser negativa: a doutrina materialista não tinha conseguido até agora compreender o poderoso conteúdo afectivo da religião em termos materialistas e desenvolver uma prática correspondente, ainda que os representantes da Igreja tivessem dado quase sem reserva, nos seus escritos e sermões, a solução do problema e a prática que dele decorre. O carácter de economia sexual da ideologia e do universo afectivo da

religião mostra-se à luz do dia; os livres pensadores passaram completamente ao lado, do mesmo modo que os mais famosos pedagogos passaram ao lado da sexualidade infantil, contudo tão manifesta. Não há dúvida que a religião dispõe de um bastião ainda hoje camuflado, que defendeu por todos os meios possíveis contra o bolchevismo cultural, antes mesmo que este se tenha simplesmente dado conta da sua existência.

1. *Inculcação da religião pela angústia sexual*

A religião hostil à sexualidade, ou seja, a religião no sentido mais estrito do termo, é um produto da organização patriarcal. Por esse facto, a relação pai-filho, que se encontra em qualquer religião patriarcal, e sobre a qual a psicanálise fez até agora incidir exclusivamente o peso da sua pesquisa, não passa do conteúdo necessário, determinado socialmente, do vivido religioso; mas o próprio vivido procede da repressão sexual do patriarcado que lhe fornece a sua base energética. O ofício que a religião se dedica a preencher no decorrer do tempo, a atitude de obediência e de renúncia face à autoridade, não passa em si mesmo de uma função secundária da religião, mesmo que depois se torne em função principal, no sentido dos interesses da classe dominante. Enquanto função historicamente recente e que serve fins de determinação secundária, pode apoiar-se numa base inabalável: isto é, na estrutura do homem patriarcal, modificada pela repressão sexual no sentido da substituição do vivido religioso ao vivido sexual. Se tivermos em conta essa fonte viva da atitude religiosa, facilmente compreenderemos que qualquer dogmatismo religioso se centre na negação do valor da carne, o que se exprime de modo particularmente claro nas duas religiões, cristianismo e budismo.

a. *Inculcação na infância*

«Meu Deus, vou dormir,
envia-me um anjinho.

Pai, deixa os teus olhos
repousar no meu leito.

Se hoje pequei,

Meu Deus, desvia o teu olhar.

Pai, tem paciência comigo
e perdoa-me o meu pecado.

Que todos os homens, grandes e pequenos,
estejam sob a tua protecção».

Essa é uma das numerosas orações típicas que as crianças devem recitar antes de dormir. Não se presta atenção alguma ao conteúdo dessas frases. E contudo elas contêm de forma concentrada todo o teor intelectual e afectivo da religião: na primeira estrofe, pedido de protecção, na segunda, repetição desse pedido dirigido directamente ao pai; na terceira, pedido de perdão por um pecado que se cometeu; que Deus Pai tenha a gentileza de *desviar o olhar*; com que se relaciona esse sentimento de culpabilidade? Por que razão o pedido de desviar o olhar? No centro do vasto círculo dos actos proibidos encontra-se a culpabilidade ligada ao jogo com os órgãos sexuais.

A proibição de tocar os órgãos sexuais seria ineficiente se não fosse escorada pela crença de que Deus *vê tudo* e de que se deve continuar a ser bem comportado mesmo quando os pais se ausentam. Aquele que, se bem que pondo-a em prática com os próprios filhos, recusar esta relação como fantasma forjado pela psicanálise, ficará talvez convencido, pelo seguinte significado episódio, de que a representação de Deus é inculcada por intermédio da angústia sexual.

Uma menina de cerca de sete anos, que tinha recebido uma educação deliberadamente ateia, desenvolveu a certa altura uma compulsão à oração; compulsão, na medida em que ela própria resistia e a sentia como contraditória com aquilo que sabia. Eis a história da génese dessa compulsão à oração: a criança tinha o hábito de se masturbar todos os dias antes de deitar. Um dia, contra o hábito, sentiu angústia: o seu impulso habitual deu lugar ao de se ajoelhar diante da caminha antes de adormecer e de recitar uma oração do género da que transcrevemos atrás. «Quando rezo, não sinto angústia». A angústia tinha surgido no dia em que tinha resistido à masturbação pela primeira vez. Por que razão essa recusa interior? Contou ao pai, em quem tinha toda a confiança, que tinha tido uma má experiência alguns dias antes num centro de férias. Como a maioria das crianças, tinha brincado às relações sexuais com um rapaz por trás de uma sebe («brinquei de papá e mamã»), e eis que chegou outro rapazinho e lhe gritou «pf...». Se bem que os pais lhe tivessem ensinado que não havia mal algum nessas brincadeiras, teve vergonha e, em vez disso, masturbou-se antes de se deitar. Uma noite, pouco antes de ter surgido a compulsão à oração, regressara com outras crianças de uma sessão política. No caminho tinham cantado canções comunistas. Encontraram então uma velha que logo lhes lembrou a feiticeira dos contos de Hänsel e Gretel. Esta gritou-lhes: «Bando de ímpios, que o diabo vos leve». Nessa noite, quando quis masturbar-se de novo, pensou pela primeira vez que

talvez existisse apesar de tudo um Deus que visse e castigasse a sua acção. Tinha estabelecido uma relação inconsciente entre a ameaça da véspera e a sua experiência com o rapazinho. Começou então a lutar também contra a masturbação, desenvolveu angústia e, para essa angústia, uma compulsão à oração. A oração tinha tomado o lugar da satisfação sexual. Contudo, a angústia não desapareceu completamente, começou pouco a pouco a desenvolver a noite das representações aterrorizantes. Agora tinha medo de um ser supra-terrestre que podia puni-la pelos seus pecados sexuais; por isso colocou-se sob a sua guarda, o que no fundo equivalia a buscar um apoio na sua luta de defesa contra a tentação de se masturbar.

Que se não considere esse processo como um fenómeno individual: é o processo típico da inculcação da representação de Deus na maioria das crianças, nos meios de cultura cristã. Como revelou a pesquisa analítica dos contos, os contos do tipo *Hänsel e Gretel* preenchem a mesma função: contêm a ameaça da punição da masturbação sob uma forma na verdade velada, mas sem equívoco para o inconsciente das crianças. Não é este o lugar para examinar pormenorizadamente de que modo o pensamento místico das crianças deriva desses contos e que relação mantém com a inibição sexual. Nenhum caso tratado ou examinado pela psicanálise deixa planar dúvidas sobre o facto de que os sentimentos religiosos se desenvolvem a partir da angústia da masturbação como ponto central do sentimento de culpabilidade em geral. Compreende-se tanto menos que esse estado de facto tenha sido ignorado até agora pela pesquisa psicanalítica. Na representação de Deus aparece objectivada a consciência moral própria, a exortação ou a ameaça interiorizada dos pais e dos educadores. Esse é um dado conhecido da pesquisa científica; o que é menos claro, é que a fé e o medo de Deus de um ponto de vista energético são uma excitação sexual que mudou de finalidade e conteúdo. A afectividade (*Empfinden*) própria à religião seria portanto a mesma que está ligada à sexualidade, quase com idêntico conteúdo psíquico. A partir daí compreende-se sem dificuldade o regresso do vivido sexual em muitos exercícios de ascese, como por exemplo no delírio de numerosas religiosas que julgam ser noivas de Cristo, delírio que chega sem dúvida raramente à consciência genital e que deve por esse facto tomar outros caminhos sexuais, por exemplo o do martírio masoquista. Reduzindo essas atitudes religiosas à relação parental, só se explica o conteúdo típico, mas não o vivido naquilo que ele tem de específico.

Voltemos ao caso da nossa criança. A compulsão para a oração desapareceu quando a menina esclareceu a origem da sua angústia, e deu lugar à masturbação, novamente isenta do sentimento

de culpabilidade. Por insignificante que pareça esse estado de coisas, as consequências, que daí decorrem para a política sexual a realizar face à intoxicação religiosa da nossa juventude, são importantes. Alguns meses após a desapareção da compulsão à oração de uma colónia de férias, a menina escrevia ao pai:

«Querido Karli, há, aqui um campo de trigo, e é junto ao campo que temos o nosso hospital (só para nos divertirmos, claro). Aí bricamos sempre aos médicos (somos cinco meninas). Quando um de nós tem alguma dor no rabinho vai lá porque aí temos pomadas e creme e algodão. Todas essas coisas a gente fanou».

Trata-se, sem dúvida, de *bolchevismo cultural da sexualidade*. Que se passa com a cultura? A menina estuda numa classe, ao mesmo ritmo que outras crianças, em média um ou dois anos mais velhas que ela, e os professores comprovam a sua aplicação e capacidades. No plano da política e da cultural geral, tanto como pelo seu vivo interesse pela realidade, ultrapassa de longe as crianças da mesma idade.

b. *Inculcação da religião na adolescência*

Tentámos mostrar, com o exemplo da menina, de que modo a angústia religiosa é inculcada já de modo típico na criancinha. Pudemos ver que é a angústia sexual que fornece a mediação principal para inculcar a ordem social da economia privada na estrutura das crianças desta sociedade. Devemos agora acompanhar o caminhar dessa função da angústia sexual no período da puberdade. Vejamos um panfleto cristão típico e tentemos analisar a questão a partir dele.

«Vitória ou fracasso?»

Nietzsche: Há lodo no fundo da alma, e mal deles se o lodo possui espírito.

Kierkegaard: Se só a razão for baptizada, as paixões continuam pagãs.

Duas rochas se erguem na vida de qualquer homem (Mann); é nelas que ele vence ou fracassa, se ergue ou cai: uma é Deus — a outra o sexo. Jovens sem conto fracassam ou caem na vida, não porque não tivessem aprendido bastante, mas porque não conseguem ter ideias claras sobre Deus e — porque não querem vencer o instinto (Trieb) que pode trazer aos homens uma felicidade inexprimível, mas também uma miséria insondável.

Tantos existem que nunca conseguem completar a própria humanidade porque se encontram sujeitos à vida instintiva! Em si mesmos, é verdade que os instintos poderosos não são um assunto de preocupações. Significam pelo contrário riqueza e acréscimo de vitalidade. Permitem um amor grande e poderoso e um elevado nível de trabalho e de rendimento. Marcam o despertar de uma forte personalidade. Mas o instinto volta-se contra ele mesmo e torna-se pecado contra o criador quando o homem já não o disciplina, quando perde o governo e se torna seu escravo. No homem ou domina o espírito ou o instinto, ou seja o animal. Os dois são incompatíveis. É por isso que qualquer homem que reflecte se defronta um dia com a pergunta gigantesca: queres aprender a conhecer o sentido verdadeiro da vida, que é o de brilhar como luz, ou queres deixar-te devorar pelos carvões incandescentes dos teus instintos indómitos?

Queres passar a vida como um animal ou como um ser espiritual?

O processo de que aqui se fala, o que leva a ser homem, é o problema do fogo no lar. Dominada, a força do fogo ilumina e aquece a sala, mas que desgraça se as chamas saem da lareira! Que desgraça se o instinto sexual chega a dominar o homem inteiro, de modo que o instinto se torna senhor de todos os seus pensamentos, acções e actividades!

A nossa época está doente. Em tempos mais antigos, exigia-se que Eros se submetesse à disciplina e à responsabilidade. Hoje pensa-se que o homem já não tem necessidade de disciplina. Mas ao fazer isto perde-se de vista que o homem de hoje que vive nas grandes cidades é muito mais nervoso e atreito a veleidades e que por isso necessita maior disciplina.

E agora olha em tua volta; não é o espírito que domina na nossa pátria; o que predomina são os instintos soltos e, acima de tudo, nos jovens, o instinto sexual desenfreado que degenera em depravação. Na fábrica e no escritório, no palco e na vida pública, reina o espírito da prostituição, grassa por todo o lado a obscenidade. E quanto desejo juvenil e alegre se estraga nos infernos contagiosos da grande cidade, nas tabernas e nos cabarés, nas casas de jogo e nos maus cinemas! O jovem de hoje julga-se superiormente inteligente quando presta homenagem à teoria da desinibição. Na ver-

dade, podemos aplicar-lhe a palavra que Goethe põe na boca de Metistófeles, no *Fausto*:

«Daquilo a que chama razão só se serve para ser mais animal que os animais».

Há duas coisas que entram no processo que leva a ser um homem: a grande metrópole com as suas condições de vida anormais e o demónio que nos habita. O jovem que chega pela primeira vez à grande cidade, vindo talvez do universo bem protegido da casa familiar, vê-se rodeado por uma multidão de impressões novas. Ruído incessante, imagens excitantes, leituras que perturbam o espírito, muitas vezes poucas possibilidades de movimento ao ar livre, o álcool, o cinema, o teatro, e para onde quer que se volte o olhar, roupas provocantes, que buscam o efeito sexual, quem poderia enfrentar um ataque tão maciço? E à tentação exterior, o demónio interior fica contentíssimo em anuir. Pois Nietzsche tem razão: «há lodo no fundo da alma»; em todos os homens, «os cães selvagens ladram na cave», esperando que os soltem.

Muitos caem sob a ditadura da depravação, porque não foram esclarecidos a tempo sobre os perigos que corriam. Não-de agradecer-nos uma advertência franca ou um conselho que lhes permita escapar a isso ou mudar de orientação.

A depravação atinge a maioria deles sob a forma de *masturbação*. Está cientificamente provado que ela começa muitas vezes numa idade terrivelmente precoce. É certo que as consequências desse mau hábito foram frequentemente exageradas. Contudo, a opinião de médicos eminentes deve convidar cada qual a tomar a sério o assunto. O professor Hartung, que foi durante muitos anos médico principal do departamento de dermatologia do hospital de Todos os Santos em Breslau, exprime-se a esse respeito com estas palavras: «Não há dúvida que um forte abandono à inclinação da masturbação é muito prejudicial à saúde do corpo, e que a prática desse vício ocasiona, particularmente no seguimento da nossa existência, perturbações como nervosismo geral, inaptidão para o trabalho intelectual e depravação física».

Ele insiste ainda particularmente no facto de que o homem que pratica a masturbação, consciente de fazer qualquer coisa de impuro, perde igualmente a estima que tem por si mesmo e a sua boa consciência. O sentimento perpétuo de um segredo repugnante que deve esconder aos outros degrada-o moralmente aos próprios olhos. Acrescenta que os jovens que se consagram a esse vício se tornam moles e depravados, perdem a vontade de trabalhar e que toda a espécie de

estados de excitação nervosa lhes enfraquecem a memória e a capacidade de rendimento. Outros médicos eminentes que escreveram também a esse respeito concordam com tudo que dissémos.

Mas a masturbação não se contenta em alterar o sangue; elimina forças e entraves (Hemmungen) psíquicos que são indispensáveis para se ser homem; tira à alma a sua integridade: *quando se torna um hábito duradouro*, tem os efeitos de um verme que rói.

Mas muito mais graves são as consequências da *depravação com o outro sexo*. Com efeito, não é por acaso que o flagelo mais terrível da humanidade — as doenças venéreas — é uma consequência dessa transgressão. A única coisa espantosa é o grau incrível de estupidez que podem atingir neste domínio pessoas que noutras coisas se pretendem inteligentes.

O professor de universidade *Paul Lazarus*, de Berlim, pinta um quadro impressionante da profunda incidência das doenças venéreas sobre a saúde moral e física do nosso povo.

Deve dizer-se que a *sífilis* é um dos cozeiros mais eficazes da força do nosso povo.

Mas a *blenorragia*, que muitos jovens consideram estupidamente com leviandade, é igualmente uma doença séria e perigosa. E o facto de não ser possível à ciência curá-la com segurança deveria já só por si banir qualquer desenvoltura.

O professor *Binswanger* disse a propósito das doenças venéreas: «É notável que casos, na aparência inteiramente benignos de contágio, provoquem males tão graves, de tal modo que muitas vezes o contágio inicial e o desencadear de uma afecção nervosa incurável são separados por muitos anos e que relativamente à doença hoje tão frequente, a que os profanos chamam amolecimento do cérebro, 60% dos casos são certamente devidos a uma contaminação sexual anterior».

Não nos comovemos nós até ao mais profundo de nós mesmos ao pensarmos que por esse pecado a juventude — aqueles que nos são mais próximos — mulher e filho — podem cair num lamentável estado de doença?

Mas devo ainda falar de um desvio que se apresenta hoje muito mais frequentemente do que pensam alguns: a *homossexualidade*. Digamos imediatamente, antes de começar, que de todo o coração nos compadecemos e compreendemos todos aqueles que, submetidos pela predisposição ou pela hereditariedade, travam um combate silencioso, muitas vezes desesperado, para preservar a pureza. Felizes aqueles que vencem nesse terreno; pois que combatem com Deus! Mas do mesmo modo que Jesus amava o pecador individual e ajudava todos aqueles que aceitavam a sua ajuda, opondo-se no

entanto ao pecado em si mesmo com uma severidade sagrada, também nós devemos opor-nos às manifestações da homossexualidade que corrompem o nosso povo e a nossa juventude. Já houve com efeito uma época na qual o mundo quase sossobrou na torrente da perversidade. Só o Evangelho foi então capaz de superar essa cultura que se estragava na podridão desses pecados de lubricidade repugnante e se mostrou apto a promover uma cultura nova. A propósito dos escravos e das vítimas desses pecados, São Paulo escrevia aos romanos: «os homens, abandonando o uso natural da mulher, arderam de desejo uns pelos outros, perpetrando a infâmia de homem a homem... Por isso também foram abandonados por Deus» (Rom. 1). A homossexualidade é a marca de Caim de uma cultura doente até à medula, privada de Deus e de alma. É uma consequência da concepção dominante do mundo e da vida cujo objectivo supremo é o prazer. É com razão que o professor *Foerster* diz na sua *Ética Sexual*: «Onde o heroísmo do espírito é ridicularizado e onde a desinibição natural é glorificada, aí todas as tendências perversas, demoníacas e baixas têm a coragem de se mostrar à luz do dia; vão até ao ponto de trocar da saúde como se fosse uma doença e erigem-se em norma de vida».

Hoje sobem das profundezas coisas que o homem não ousa confessar a si próprio, mesmo no seio da sua mais secreta depravação. Coisas muito diferentes hão-de ainda manifestar-se, e compreender-se-á então que só uma grande força espiritual — o Evangelho de Jesus Cristo — lhes poderá trazer remédio.

Muitos, no entanto, hão-de levantar objecções contra o que acabamos de dizer. «Não é esse», dizem talvez vocês, «um instinto natural que deve ser satisfeito?» — Quando a paixão se desencadeia, não se trata de algo natural, mas de alguma coisa profundamente contra a natureza. *Em quase todos os casos, é apenas pela própria culpa ou pela de outras pessoas que a má tendência foi preparada, incendiada e alimentada*. Pense-se num bêbado ou num morfinómano. Será que o desejo perpétuo de álcool ou de morfina é por acaso natural? Esse desejo só *artificialmente* foi *alimentado* pela frequência do vício. O instinto que Deus colocou em nós para que nos casássemos e perpetuássemos a raça humana é bom em si mesmo e não é muito difícil de dominar. Milhares de homens o dominam correctamente e com êxito.

«Mas não é então nocivo para o homem maduro afastar-se dessas coisas?» O professor *Hartung*, que queríamos citar de novo, diz textualmente a este respeito: «A minha resposta será clara e nítida: *Não*, pois não acontece assim. *O homem que vos*

disser que nos homens saudáveis a castidade e a continência poderiam provocar prejuízos no sentido amplo, está a desviar-vos para a pior desorientação, e se reflectiu verdadeiramente no que disse, é porque é ignorante ou mau».

É igualmente necessário prevenir com insistência contra o uso dos preservativos. A única protecção verdadeira é a continência até ao casamento. Tentei explicar-te com franqueza e exactidão as consequências da imoralidade. Estás a ver que corrupção do corpo e do espírito atinge aquele que se entrega a esse pecado. Mas a isso acresce o desastre que esse vício traz para a alma. Posso comprová-lo com uma seriedade sagrada: *A depravação é um crime contra Deus. Ela retira forçosamente a paz do coração e priva de qualquer alegria e tranquilidade verdadeiras.* Segundo a palavra de Deus: «*Quem semeia na sua carne, da carne recolherá a corrupção*» (Gal. 6,8).

O espírito da gente baixa irrompe como uma necessidade sempre que se perca a relação com o mundo sobrenatural.

Mas, em intenção de todos aqueles que não querem ser ou continuar a ser vítimas da imoralidade, acrescento ainda algumas palavras de conselho e de encorajamento. É necessário conseguir romper completamente com o pecado de imoralidade, *em pensamento, em palavras e em acções.* É a primeira coisa a que devem prestar atenção aqueles que não querem tornar-se seus escravos. É evidente que os *lugares de sedução* e de pecado devem deixar de ser frequentados; será mesmo preciso evitar tanto quanto possível tudo o que possa favorecer de algum modo a sedução. Por isso, deve evitar-se absolutamente a convivência com camaradas imorais, etc.; do mesmo modo, a leitura de livros lúbricos, a visão de imagens vis e de espectáculos duvidosos. Para isso é necessário procurar uma boa convivência que te apoiará e recuperará. Deve recomendar-se tudo o que endurece o corpo e facilita o combate contra a imoralidade, como a *ginástica, o desporto, a natação, os passeios*, levantar *imediatamente* após o despertar. A *moderação* no consumo de gulodices e sobretudo de bebidas. *É necessário evitar o álcool.* Mas tudo isso não basta ainda; pois, mesmo quando seguem todos esses conselhos, muitos são sempre levados de novo a fazer a experiência dolorosa de que o instinto desenfreado é na realidade demasiado forte.

Onde encontraremos a firmeza necessária para resistir, onde a força para a vitória de que necessitamos, se não queremos perder o melhor de nós próprios, a nossa própria personalidade? Quando a tentação nos vence como uma excitação inflamada, quando surge bruscamente o fogo ardente do prazer sensual, então vê-se que advertências só não bastam. É de uma força, de uma força viva que

necessitamos, para dominar os nossos instintos e para superar os poderes impuros em nós e em nossa volta. O único que nos pode dar essa força: Jesus. Não só nos obteve o perdão pelo seu sacrifício sangrento, de modo que podemos encontrar a paz sob as acusações da nossa consciência; mas é também para nós, pelo seu Espírito, a força viva de uma vida nova e pura. *Por ele, mesmo uma vontade paralizada ao serviço do pecado pode tornar-se de novo firme e ressuscitar para a liberdade e para a vida*, e mostrar-se vitoriosa nos duros combates com o pecado.

Aquele que quer atingir a verdadeira liberdade, que venha ao *Salvador vivo que retirou a sua força ao pecado e que tem para todos força e socorro em abundância. Não é uma teoria cristã, mas um facto que foi provado e que é experimentado todos os dias por numerosos jovens violentamente tentados.* Se possível, *confia-te também tu a um cristão sério e amigo verdadeiro* que possa aconselhar-te e combater contigo. *Pois sempre haverá combate, mas será um combate aberto para a vitória.*

E agora deixa-me fazer-te em conclusão uma pergunta pessoal: o que se passa contigo, amigo, e que farás com esta advertência?

Quererás, por alguns instantes de prazer fugaz, perder o teu corpo e a tua alma — na terra e na eternidade — ou queres deixar-te salvar, enquanto ainda é tempo?

Responde, por favor, com sinceridade, a estas perguntas, e tem a coragem de fazer o que Deus claramente revelou à tua consciência!

Escolhe honestamente! Mundo do vício ou mundo sobrenatural? Animal ou ser espiritual? »

Nesta escolha, o adolescente é colocado diante da alternativa: Deus ou a sexualidade. A «humanidade realizada» (Vollmenschentum) não se esgota decerto na assexualidade, mas esta é a sua primeira condição prévia. A oposição entre «animal» e «ser espiritual» modela-se pela oposição entre «sexual» e «espiritual»; é a mesma antítese que forma de modo constante, como o provaremos noutra lugar com exemplos, a base de qualquer filosofia moral burguesa e teosófica. Até aqui manteve-se inatacável, porque a sua base, a negação sexual, que corresponde a contradições reais na vida do homem burguês, ficava fora de alcance.

O adolescente médio, mesmo proveniente de meios proletários, é preparado para isso desde a mais tenra infância pela sua educação familiar, preso num conflito agudo entre a reivindicação sexual e a frustração (Versagung). Uma folha do género da que acima reproduzimos leva-o a buscar a solução ao conflito no sentido da Igreja,

sem suprimir por isso, é claro, a própria existência da dificuldade. A Igreja soluciona a dificuldade condenando oficialmente a masturbação em termos severos, mas deixando na prática essa saída aberta ao adolescente, que ela periodicamente absolve na confissão. Mas ao fazê-lo, depara com uma segunda dificuldade que é da mais alta importância para a política sexual. A Igreja não pode conservar a sua base de massa a não ser que recorra a duas táticas: primeiramente ligando-se às massas pela angústia sexual, mas em segundo lugar também mantendo a sua posição anti-capitalista. Condena a vida da grande cidade com as suas condições de sedução para os adolescentes, porque tem que combater a força sexual revolucionária que poderia ser suscitada na juventude e no proletariado da vida na grande cidade e que é efectivamente suscitada pelo relaxamento dos laços sexuais na fase imperialista. Por outro lado, a vida sexual das massas nas grandes cidades caracteriza-se por uma contradição exacerbada entre intensas necessidades sexuais e possibilidades de satisfação material e psíquica mínimas (o que aliás constitui a mais importante fonte de necessidades que muitos ramos da produção capitalista exploram, por exemplo o cinema etc.). Essa contradição não é diferente, no seu princípio, daquela que faz com que o capitalismo defenda por um lado, por todos os meios, a família, e que a destrua, por outro lado, com as suas crises económicas e a sua economia sexual. Conhecer essas contradições é de grande importância para a prática política sexual, pois isso abre largamente a possibilidade de atingir o aparelho ideológico da burguesia num dos seus pontos mais vulneráveis.

Onde deve o adolescente ir buscar a força própria para reprimir a sua sensualidade genital? Na fé em Jesus! E o adolescente encontra de facto nessa fé uma poderosa arma contra a sexualidade. A partir de que mecanismos? A fé em Deus, ela mesma adoptada desde a tenra infância no momento dos primeiros impulsos sexuais, mergulha num estado de excitação sexual que, não contente em fornecer um substituto à satisfação sexual genital, vai ao ponto de paralisar de facto a tendência sexual normal da maturidade. Com efeito, para realizar o mandamento da Igreja, o adolescente deve dirigir os seus impulsos no sentido da homossexualidade passiva, ou seja, deve desenvolver plenamente as suas predisposições correspondentes; a homossexualidade passiva é, do ponto de vista da energia pulsional, o antídoto mais eficaz para a sexualidade viril fálica, pois ela substitui à actividade e à agressividade a passividade e atitudes masoquistas, ou seja, precisamente as atitudes que determinam a base estrutural de massa da religião cristã, como de qualquer religião patriarcal. Mas isso significa também a instauração de uma propen-

são para a docilidade não crítica, para a crença na autoridade e para a adaptação fácil à instauração do casamento. Querendo aniquilar a força genital revolucionária, a Igreja limita-se na realidade a lançar contra ela uma outra força pulsional sexual. Ela própria recorre a mecanismos sexuais para chegar aos seus fins. São esses impulsos sexuais não genitais, que em parte despertou, em parte desenvolveu, que determinam em seguida a psicologia de massa dos discípulos da Igreja: ou seja, o masoquismo moral (e, muitas vezes também, nitidamente físico) e a homossexualidade passiva. É por isso incompleto, e mesmo em parte falso, explicar a religião e o seu poder a partir do laço infantil com o pai. Ela tira o seu poder da restrição da sexualidade genital, a qual só secundariamente leva à regressão para a homossexualidade passiva e masoquista. Tem portanto, no plano da dinâmica pulsional, uma base dupla: produção de angústia genital e substituição à genitalidade de tendências pulsionais infantis, tornadas anormais para o adolescente, e que tiram a sua força da frustração genital. Para levar a bom termo o nosso trabalho de política sexual junto da juventude cristã, consideramos provisoriamente que, para conduzir o combate contra a religião com meios apropriados, se pode e deve lançar a reivindicação genital dos adolescentes contra a sua reivindicação homossexual passiva. Essa tarefa de psicologia de massa coincide perfeitamente com as linhas de evolução objectiva do comunismo no terreno da política sexual: suspensão das frustrações genitais e encorajamento da vida sexual genital nos adolescentes.

Mas a revelação desses mecanismos de intoxicação religiosa das massas não esgota a questão. O *culto mariano* toma aí uma posição particular. Damos de novo o texto de uma folha típica, a fim de fixar as ideias:

O culto mariano e o jovem
pelo Dr. Teól. Gerhard Kremer

Qualquer piedade autêntica da juventude católica estará sempre sinceramente ligada ao ideal de Maria. Não é verdade que o culto mariano prejudique uma piedade forte e calorosa em relação a Cristo; pelo contrário, o verdadeiro culto mariano leva necessariamente a Cristo e a um comportamento conforme à moral. Não queremos privar-nos do ideal de Maria para a educação moral e religiosa da nossa juventude.

A juventude é uma época de devir, de combate exterior e interior. As paixões despertam; o homem é presa de uma fermentação

e de uma luta, de um impulso e de um crescimento tumultuosos. Nesse período de sofrimento, a juventude deve ter diante dos olhos um ideal forte e poderoso, um ideal luminoso e claro, que permaneça intacto no meio dos impulsos e das fermentações, e que possa entusiasmar os corações hesitantes, que eclipse pelo seu brilho os objectos vis e baixos e eleve para o alto o espírito vacilante. *Esse ideal para o jovem deve ser Maria, na qual se incarna uma pureza que eclipsa tudo pelo seu brilho.*

«Diz-se que há mulheres que educam pela sua presença, bastando o seu comportamento para expulsar os pensamentos baixos, banindo dos lábios qualquer palavra mais livre. Maria é essa mulher nobre por excelência. Um jovem cavaleiro que se consagrou ao seu serviço, que está persuadido de que o seu olhar repousa nele, é incapaz de qualquer vulgaridade. Mas se, esquecendo a sua presença, tivesse embora que cair, a sua lembrança causar-lhe-ia uma dor ardente na alma e ajudaria o seu lado nobre a voltar ao de cima» (P. Schilgen, s. j.).

Maria representa aos olhos do jovem a graça, a majestade e a dignidade sem par, como se não encontram na natureza, na arte e no mundo dos homens. Por que razão os artistas e os pintores sempre consagraram á Madona o seu talento e criação? Porque viam nela o cume de toda a beleza e dignidade. É uma dignidade e uma beleza que nunca hão-de decepcionar. O jovem tem diante dele uma soberana e uma rainha «a quem deve servir, aos olhos de quem deve dar provas, para chegar à honra suprema. Essa é a augusta senhora e a noiva espiritual à qual podes abandonar-te com toda a força do amor nascente do teu coração juvenil, sem temer desonra e profanação».

O ideal de Maria deve entusiasmar o jovem; sobretudo numa época que gosta de enegrecer aquilo que brilha e de arrastar o sublime pela lama, o ideal de Maria deve espalhar diante dele o luar da protecção e da força. Através dele, o jovem deve compreender que são apesar de tudo algo de grande e sublime a beleza e a castidade da alma. Nele deve encontrar a força de seguir o caminho que leva às alturas, mesmo se todos os outros perdem o melhor de si mesmos nos ambientes viciados. O ideal de Maria deve chamar aquele que vacila para que volte a si, deve reerguer e revigorar aquele que se debate, deve até levantar aquele que caiu a fim de que se recupere com nova coragem. Maria é a estrela do mar que brilha para o jovem na sombria noite da paixão; que, quando tudo nele parece abalado, desperta ainda os seus sentimentos nobres. «Quando percorro os montes e pradarias — Presa do meu tormento solitário — Vejo no vale a capela — de Nossa Senhora. — Se o meu pé toca

o limiar — logo o meu sangue se acalma: Penso pois em ti, Maria — E tudo logo melhora» (Fr. W. Weber).

Jovens que tendes o sentido do ideal e que travais uma luta encarniçada pela santidade virtuosa, *levantai os olhos para a vossa rainha e soberana.* Como pode um jovem erguer os olhos para ela sem ficar penetrado de um idealismo sagrado? Como pode ele recitar o «Avé Maria» sem experimentar nele a nostalgia de uma castidade vigorosa? Como poderia um jovem que se envolve no ideal de Maria entregar-se a aventuras contra a inocência feminina? Como pode ele chamar-lhe mãe e rainha, e tomar depois gosto pela indignidade da mulher? *Na verdade, o ideal de Maria, desde que tomado a sério, é para o jovem uma forte incitação e um apelo poderoso à castidade e à virilidade.* De olhos fixos nela, com a sua imagem no coração, não te sentes obrigado a tornares-se puro, por dura que seja a luta que travas?»

O que é decisivo para a atitude moral do jovem é a posição que adopta em relação à jovem, à mulher.

Outrora, o cavaleiro, quando era armado, devia fazer voto de proteger as mulheres desprotegidas. Era na época em que se construía catedrais para glória da rainha do céu». (P. Gemmel s. j.). Existe uma relação estreita entre o amor de Maria e o verdadeiro comportamento cavaleiresco em relação às mulheres. O homem que adere ao ideal de Maria traz nele, pela natureza das coisas, esse ideal cavaleiresco da Idade Média que procede da estima respeitosa que tem pela dignidade e majestade femininas. É por isso que a cerimónia em que se armavam os cavaleiros na Idade Média comprometia o jovem tanto com o serviço do amor sagrado quanto com a protecção da honra das damas. Os símbolos dessa cavalaria já não existem; mas o que é mais grave, é que na juventude masculina, o *respeito tímido da mulher enfraquece cada vez mais, dando lugar ao comportamento frívolo e baixo do cavaleiro saltador.* Se outrora o cavaleiro defendia e protegia, de couraça e armas na mão, a fraqueza e inocência femininas, o homem digno desse nome deve sentir hoje uma obrigação face à honra e inocência da mulher. Uma virilidade séria e uma verdadeira nobreza de coração manifestar-se-ão, de preferência e por excelência em relação ao sexo feminino. Feliz o jovem que envolveu a sua paixão com essa couraça! Feliz a rapariga que encontrou o amor de um jovem assim! *«Não faças mal a rapariga alguma e pensa que também a tua mãe foi uma rapariga!»*

O jovem de hoje é o homem e o marido de amanhã. Como perderá o marido e o homem proteger a feminilidade e a sua honra, se o jovem e noivo tiver profanado o amor e o tempo de noivado! O noivado deve ser um tempo de *amor sagrado não profanado.* Quantos

destinos humanos seriam mais felizes, se o ideal de Maria estivesse vivo no mundo da nossa juventude. Quantos males e sofrimentos não teriam ocasião de existir se os jovens não se transformassem em celerados do amor numa alma de rapariga. *Ó jovens, deixai a luz brilhante do ideal de Maria iluminar o vosso amor a fim de que não vacileis nem vos deixeis cair.*

O ideal de Maria pode ser de grande importância para a nossa juventude masculina. É por isso que desfraldámos nas nossas associações de juventude e nas nossas congregações o estandarte de Maria. Oh! possa a nossa juventude masculina católica agrupar-se em volta desse estandarte!» (Katholisches Kirchenblatt, n.º 18 3/5/1931).

Apela-se para o culto mariano para promover a castidade, e com muito êxito — reconheça-se. Devemos de novo perguntar qual o mecanismo psicológico que garante o êxito às intenções da Igreja. Uma vez mais, não se trata tanto do problema do papel sociológico objectivo da religião quanto do problema da psicologia das massas de adolescentes sujeitas a esse papel. O que está em causa é mais uma vez o aniquilamento das forças pulsionais genitais. Do mesmo modo que o culto de Jesus mobiliza as forças homossexuais passivas contra a genitalidade, assim o culto mariano mobiliza por sua vez forças sexuais, desta vez provenientes da própria esfera genital heterossexual. «Não faças mal a rapariga nenhuma e pensa que também a tua mãe foi uma rapariga». A mãe de Deus reassume pois, na vida afectiva do adolescente cristão, o papel da própria mãe, e o adolescente faz incidir automaticamente nela todo o amor, reforçado, à própria mãe, todo o poderoso amor dos seus desejos genitais. A proibição do incesto, sancionada pela ameaça de castração, dividiu então a sua genitalidade em sensualidade genital e em ternura dirigida para a mesma esfera sexual. A sensualidade teve que ser recalçada e a sua energia acentuou a tendência terna, transformando-a numa aptidão para a ligação indefectível, que é acompanhada por uma proibição violenta, não apenas em relação ao desejo incestuoso, mas também a qualquer relação sensual genital com uma mulher. Toda a força viva e o grande amor que o jovem saudável arreligioso investe no seu vivido genital com a amada, serve de apoio, no caso do religioso, ao culto mariano, após o recalçamento da sensualidade genital (que, como já o mostrámos, se encontra igualmente ligada de uma outra forma). É nestas fontes que a religião vai buscar ainda outras forças que não devem ser subestimadas, porque se trata de forças *não satisfeitas*. Explicam-nos também o poder milenário que a Igreja exerceu sobre os homens assim como as inibições que vão contra a formação cultural das massas.

2. Sentimento saudável de si e sentimento de si¹ neurótico

Para o jovem em plena posse da sua sexualidade e cuja economia sexual funciona bem, a experiência sensual com uma mulher significa ligação enriquecedora, exaltação da companheira, extirpação de qualquer tendência, venha de onde vier, ao rebaixamento da mulher que se entrega sexualmente. Após o recalçamento da sensualidade genital, as forças de defesa psíquica, desgosto e repugnância em relação à sensibilidade genital, necessariamente se desenvolvem; essas forças de defesa vão buscar a energia a diversas fontes. Em primeiro lugar, a força que defende é pelo menos tão forte como aquela da qual nos defendemos, a qual é aumentada pelo recalçamento e insatisfação e nada perde da sua virulência em ser consciente. A isso acresce a justificação da repugnância pelo comércio sexual devido à brutalização efectiva da vida amorosa do homem burguês. É essa vida amorosa *brutalizada* que é depois tomada como modelo de qualquer vida amorosa em geral. A moral começa portanto por criar aquilo de que ela se reclama em seguida para justificar a sua manutenção («O sexual é associal»). A terceira fonte afectiva é fornecida pela concepção sádica da vida sexual que as crianças de todos os meios culturais patriarcais adquirem na primeira infância. Dado que qualquer inibição da satisfação sexual genital exacerba os impulsos sádicos e que por consequência o conjunto da estrutura sexual se torna sádico; dado igualmente que na maior parte dos casos, reivindicações anais se substituem parcialmente ou inteiramente às reivindicações genitais, o slogan cristão do rebaixamento e da brutalização da mulher pelo comércio sexual entra em ressonância com a estrutura dos adolescentes, e é somente por esse atalho que assume todo o seu peso. Com efeito, antes mesmo de lhe chegarem os slogans da Igreja, o adolescente já formou a partir da experiência própria uma concepção sádico-anual da relação sexual. Temos pois aqui uma nova confirmação de que as potências de proibição moral do homem servem de base à força e ao poder das instâncias da reacção política. A relação entre a afectividade e a «moralidade» sexual começa agora a precisar-se. Sejam quais forem os conteúdos do vivido religioso, este constitui essencialmente o negativo da tendência sexual, a proibição sexual, mas com o auxílio de excitações sexuais não genitais. A diferença entre a afectividade religiosa e a afectividade sexual consiste em que a primeira não permite a per-

¹ Traduzimos assim o termo alemão: «Selbstgefühl».

cepção da excitação sexual enquanto tal e em que não existe acalmia, mesmo quando se verifica aquilo a que se chama êxito religioso.

Obstruída na percepção do prazer sexual e mesmo do prazer final, a excitação religiosa tem que implicar uma transformação permanente da aparelhagem psíquica. Pois não só o vivido sexual real em si mesmo é vivido como degradante, mas nem sequer pode alguma vez chegar à sua plena realização. A proibição da cobiça sexual deve integrar no ideal do eu representações carregadas afectivamente de pureza e perfeição éticas. O sentimento de si, que podem trazer a sensualidade saudável e a aptidão para a satisfação, resulta no homem religioso e místico dessas formações de defesa. No caso da afectividade religiosa, como no da afectividade nacionalista, o sentimento de si deriva dessas atitudes defensivas. Contudo, distingue-se já exteriormente do sentimento de si baseado na genitalidade: pelo seu carácter exibicionista, pela falta de naturalidade nas suas manifestações, pelas bases — facilmente referenciáveis pela psicologia das profundezas — que encontra num sentimento de inferioridade sexual, que leva à compensação por qualidades virtuosas *tomadas de empréstimo*. Isso explica por que razão o homem educado segundo a «moral» cristã ou nacional é tão facilmente acessível aos slogans da reacção política, tais como «honra», «pureza», etc.

CAPÍTULO VIII

ALGUNS PROBLEMAS DE PRÁTICA DA POLÍTICA SEXUAL

1. *Teoria e prática*

A pesquisa burguesa académica exige a separação do ser e do dever-ser, do conhecimento e da acção. É por isso que ela se julga «apolítica», alheia à política. A ciência lógica chega a afirmar que o dever-ser nunca pode ser deduzido do ser. Vemos aí uma limitação que tem por finalidade permitir aplicarmo-nos calmamente à pesquisa académica sem sermos obrigados a tirar daí as consequências que qualquer descoberta científica séria implica, consequências que são geralmente progressistas, muitas vezes até revolucionárias. Aos nossos olhos, a constituição de pontos de vista teóricos não procede unicamente das necessidades da vida concreta, da dificuldade em que nos encontramos para resolver os problemas práticos da nossa existência; o ponto de vista teórico não se deve limitar a promover um modo de acção e um domínio das novas tarefas práticas, melhores e mais adequadas; vamos mais longe: uma teoria não tem valor a nossos olhos senão quando ela se verifica na e pela prática. Deixamos tudo o resto aos escamoteadores do espírito, aos garantes da ordem dos valores burgueses. Temos de ultrapassar o obstáculo fundamental da pesquisa burguesa em matéria de religião, que continua prisioneira de considerações académicas e não pode por conseguinte indicar-nos nenhuma saída. Partilhamos com muitos investigadores burgueses a opinião de que a religião representa sob todas as suas formas o obscurantismo e a estreiteza de espírito. Sabemos que ao longo do processo histórico, a religião se tornou em instrumento nas mãos da classe dominante; sobre este

ponto também estamos de acordo com muitas investigadoras burguesas. A única coisa que nos distingue delas, é a nossa vontade profunda de levar até ao fim o combate contra a religião e a superstição, de fazer da nossa teoria uma prática implacável. Será que no combate entre o materialismo e o teísmo se esgotaram todos os recursos do primeiro? Devemos responder que não. Os do segundo foram sem dúvida nenhuma esgotados. Mas queremos dar primeiro algumas indicações através de uma breve retrospectiva.

2. O que foi até agora o combate contra a religião

Na evolução da religião e do combate contra ela, podem distinguir-se quatro fases. A primeira caracteriza-se pela ausência total de um ponto de vista científico sobre as coisas, sendo este substituído pelas concepções animistas e místicas. Antes de mais, para assegurar a sua existência, o primitivo sente necessidade de explicar os fenómenos naturais e de se sobrepor assim à sua angústia perante o incompreensível. Procura refúgio contra as potências superiores da natureza. Encontra estas duas coisas a um nível subjectivo — não objectivo — na mística, na superstição e na concepção animista dos processos naturais, incluindo os seus próprios processos interiores, psíquicos. Ele crê por exemplo que aumenta a fertilidade do solo erigindo esculturas fálicas ou que se defende da seca urinando. Esta situação é invariável quanto ao essencial em todos os povos do mundo, até que em finais da Idade Média as disposições ancestrais para uma apreensão científica da natureza começam, em estreita correlação com algumas descobertas técnicas, a tomar um carácter sério, inquietante para a mística e para a religião. Durante o processo da grande revolução burguesa, desencadeia-se uma luta ardente contra a religião e a favor das «luzes»: aproxima-se o momento em que a religião poderia ser substituída pela ciência para a explicação da natureza, pela técnica florescente no que respeita mais particularmente às necessidades humanas de segurança (segunda fase). Mas a burguesia, desde então no poder, dá meia-volta, e faz nascer uma contradição do processo cultural favorecendo por todos os meios a pesquisa científica, por um lado, porque esta facilita a exploração económica, mas fazendo por outro da religião o principal instrumento ideológico para oprimir as hostes inumeráveis dos assalariados (terceira fase). Esta contradição tem uma expressão trágico-cómica em certos filmes documentais, por exemplo em «Natureza e amor», em que cada parte é precedida de dois títulos: «A terra desenvolveu-se ao longo de milhões de anos através de processos

cósmicos, mecânicos e químicos» ou qualquer coisa do mesmo género, tendo por baixo: «No primeiro dia, Deus criou o céu e a terra». E na sala sentam-se grandes sábios, químicos e astrónomos, que contemplam em silêncio esta pacífica harmonia, convencidos como estão de que a «religião tem também o seu lado bom»: ilustrações vivas da separação entre a teoria e a prática. A dissimulação deliberada dos resultados da ciência às massas da população, e os «procès de singes» como nos Estados Unidos, favorecem a humildade, a ausência de espírito crítico, a renúncia voluntária e a esperança na felicidade extra-terrena, a crença na autoridade, o reconhecimento do carácter sagrado da propriedade privada, e da eternidade da inviolabilidade da família patriarcal. O proletariado e parte da pequena burguesia próxima dele criam o movimento de pensamento livre que a burguesia liberal admite de boa vontade desde que não ultrapasse certos limites. Mas os livres pensadores trabalham com meios insuficientes, tendo como único recurso os argumentos intelectuais, enquanto a Igreja beneficia do apoio do aparelho de poder do Estado e se apoia, do ponto de vista da psicologia de massas, sobre a mais poderosa força afectiva: a angústia e o recalçamento sexuais. Este grande poder no terreno da afectividade não encontra face a ele nenhuma força de impacto afectivo equivalente. Na medida em que os livre-pensadores praticam uma política sexual, ela é uma vez mais intelectualista ou limitada às questões da política demográfica; na melhor das hipóteses, inclui a reivindicação da igualdade dos direitos económicos da mulher, o que não pode ter um efeito de massa contra as forças da religião, dado que, para a maior parte das mulheres, a representação da igualdade dos direitos económicos é inconscientemente refreada por uma motivação de angústia sexual, quer dizer a angústia perante aquilo a que se chama a liberdade sexual, implícita na igualdade económica.

As dificuldades de um domínio destes dados afectivos ignorados constroem o movimento livre-pensador revolucionário a fixar-se cada vez mais na explicação da função de classe da religião e da Igreja, e em compensação a deixar na sombra a «questão da concepção do mundo» (Weltanschauungsfrage), porque se chega neste ponto, demasiadas vezes, a resultados contrários ao que se esperava: trata-se de uma posição que está perfeitamente justificada, dada a fase de combate em que se situa, na qual a religião não pode ser oposta nenhuma força afectiva equivalente.

A revolução russa ergue o combate contra a religião a um nível incomparavelmente mais elevado (quarta fase)¹. O aparelho de Estado já não está nas mãos da burguesia e da Igreja, mas nas dos comités executivos dos Sovietes. O movimento anti-religioso encontra um sólido fundamento na organização socialista da economia. Hoje, pela primeira vez, torna-se possível substituir em grande escala a religião pelas ciências da natureza, a superstição geradora de um sentimento de segurança pela técnica florescente, e destruir a religião através de uma expliação sociológica da sua função. O combate contra a religião efectua-se, quanto ao essencial, na URSS, de três modos: pela retirada do seu fundamento económico, portanto de uma maneira económica directa, pela propaganda anti-religiosa, portanto de uma maneira ideológica directa, e pela elevação do nível cultural das massas, de uma maneira ideológica indirecta, portanto.

A enorme importância do aparelho de poder do Estado para a existência da Igreja pode ler-se através de alguns números que esclarecem a situação da Rússia antiga. Em 1905 a Igreja russa possuía 2 611 000 desiatinas de terreno, à volta de 2 milhões de hectares. Em 1903 em Moscovo as paróquias possuíam 908 casas, e os mosteiros 146. Os rendimentos anuais dos metropolitans elevavam-se em Kiev a 84 000 rublos, em Saint-Petersbourg a 259 000, em Moscovo a 81 000, em Nijni-Novgorod a 307 000. Não se pode calcular o montante das receitas em géneros e das taxas sobre os diversos actos de culto. A Igreja empregava 200 000 pessoas para o sustento das quais recebia impostos maciços. O mosteiro de Troitzkiy-Lavra, ao qual se dirigiam em média 100 000 peregrinos por ano, dispunha de vasos sagrados cujo valor pode ser calculado em cerca de 650 milhões de rublos. Só se poderá calcular o poder económico da Igreja nos países capitalistas quando os conselhos de operários e de camponeses tiverem tomado o poder. Ele não é sem dúvida menor que na antiga Rússia.

¹ Bibliografia sobre a questão da religião na União Soviética: Escola e Igreja na Rússia Soviética, *Süddeutsche Arbeiterzeitung* de 26-9-1927; Igreja e Estado na República Soviética, Stepanov, *Jhrb. f. P. u. W.*, 1923-24; o movimento de livre-pensadores na Rússia, Muzak in: «*Der Freidenker*», n.º 6; as relações da igreja e do estado na nova Rússia, Jakob Weimar, *Nene Bahnen*, 1928; Lênine: sobre a religião, tomo 4 da Pequena Biblioteca de Lenine; Elgers: A revolução cultural socialista, *Verlagsanstalt proletarischer Freidenker*, 1931; Kurella: A revolução cultural socialista no pleno quinquenal, *Internationale Arbeiterverlag*; Feodorov: Propaganda anti-religiosa na aldeia; Wogan: A edificação socialista da aldeia e a religião.

Apoiando-se no poder económico, a igreja podia exercer o seu poder ideológico nas mesmas proporções. Escusado é dizer que todas as escolas eram confessionais, submetidas ao controlo e ao domínio dos padres. O primeiro artigo da constituição da Rússia czarista estipulava: «O soberano de todos os Russos é um monarca autocrata e absoluto, e o próprio Deus ordena a submissão voluntária ao seu poder de governo». Sabemos já o que Deus representa, sobre que sentimentos infantis tais frases podem encontrar apoio no homem. Actualmente, Hitler reestrutura a Igreja alemã exactamente dentro do mesmo espírito: alarga as suas atribuições, confere-lhe o direito pernicioso de preparar nas escolas o espírito das crianças para acolher as ideologias reaccionárias. A «moralização» ocupa a primeira linha na batalha que Hitler dirige para executar o testamento do Deus supremo. Voltemos à Rússia antiga, que foi desmascarada até ao fundo. Nos seminários e academias eclesiásticas, havia cadeiras especiais para o combate contra o socialismo. A 9 de Janeiro de 1905 o episcopado lançou um apelo que acusava os trabalhadores revoltados de estarem a soldo dos japoneses. A revolução de 1917 trouxe poucas mudanças; todas as Igrejas foram chamadas à ordem, mas a separação da Igreja e do Estado, há tanto esperada, ficou esquecida; à frente da administração da Igreja foi colocado um grande proprietário rural: o príncipe Lvov. Numa assembleia eclesiástica de Outubro de 1917, os bolcheviques foram excomungados; o patriarca Tikhon declarou-lhes guerra.

A 23 de Janeiro de 1918, o governo soviético decretou o seguinte:

No que respeita à religião, o PCR não se contenta com a separação já decretada entre a Igreja, dum lado, e o Estado e a escola, do outro, ou seja, medidas que figuram igualmente no programa da democracia burguesa, sem terem sido em parte alguma no mundo levadas até ao fim, em consequência das numerosas relações de facto que existem entre o capital e a propaganda religiosa.

O PCR está convencido de que só uma acção sistemática e consciente em todos os aspectos da vida social e económica das massas pode levar ao desaparecimento completo dos preconceitos religiosos. O partido enfrenta a supressão completa de todas as relações entre as classes exploradoras e a organização da propaganda religiosa: organiza uma larga propaganda anti-religiosa e de informação científica, dando assim um contributo efectivo para a libertação das massas trabalhadoras frente aos preconceitos

religiosos. Ao fazê-lo, deve-se evitar cuidadosamente ferir a sensibilidade dos crentes, que só conduziria ao reforço do fanatismo religioso.

Consequentemente, são proibidas em todo o território da República as ordens locais susceptíveis de limitar a liberdade de consciência ou de instaurar privilégios para aqueles que têm um credo particular. (§ 2 do decreto).

Cada cidadão pode professar a religião que lhe agradar ou não professar nenhuma; todas as restrições jurídicas anteriores referentes a este problema caducam.

Deve eliminar-se de todos os documentos oficiais qualquer menção à crença religiosa de um cidadão (§ 3 do decreto).

A actividade das instituições de Estado e das outras instituições sociais e de direito público processa-se sem nenhum rito ou cerimónia religiosa (§ 4).

O livre exercício das práticas religiosas é garantido desde que não provoque nenhuma perturbação da ordem pública e não seja acompanhado de limitação dos direitos de cidadãos da União Soviética. As autoridades locais estão habilitadas em tais casos a tomar as medidas que se impõem para salvaguardar a paz e a ordem pública (§ 5).

Ninguém se pode furtar aos seus deveres cívicos em nome das suas concepções religiosas. As excepções a esta regra só são admitidas por decisão do tribunal popular que resolverá cada caso particular, e com a condição de um dever cívico ser substituído por outro (§ 6).

O juramento religioso é abolido. Em caso de necessidade pronunciar-se-á uma declaração solene. (§ 7).

As certidões de estado civil são exclusivamente asseguradas pelas autoridades civis, e mais particularmente pelos serviços de registo de casamentos e nascimentos (§ 8).

A escola é separada da Igreja.

A propagação de doutrinas religiosas é proibida em todos os estabelecimentos de ensino do Estado, públicos e privados, onde se ensinam matérias de cultura geral (§ 9).

Todas as associações eclesiásticas e religiosas estão submetidas às disposições gerais respeitantes às associações e agrupamentos privados, e não gozam de nenhum subsídio, nem por parte do Estado, nem dos órgãos locais autónomos de auto-administração (§ 10).

A cobrança forçada de impostos a favor de associações eclesiásticas e religiosas, assim como medidas coercivas e

penais das ditas associações em relação aos seus membros, são ilícitas (§ 11).

As associações eclesiásticas e religiosas não possuem nenhum direito de propriedade, tal como não possuem os direitos de pessoa jurídica (§ 12).

Todos os haveres das associações eclesiásticas e religiosas na Rússia são declarados propriedades do povo.

Os edifícios e objectos destinados à prática do culto são deixados para uso gratuito das associações religiosas correspondentes por determinação especial tomada pelas autoridades centrais ou locais (§ 13).

Eclesiásticos, monges e religiosos não têm nenhum direito de voto porque não fazem nenhum trabalho produtivo.

Desde 18 de Dezembro de 1917, a gestão do estado civil passou para os serviços soviéticos. No comissariado popular para a justiça, criou-se um departamento de liquidação que empreendeu a liquidação das propriedades da Igreja. No mosteiro de Troitzkiy-Lavra por exemplo, instalou-se uma academia para o departamento electrotécnico do Exército Vermelho e um instituto de pedagogia técnica. Nos territórios dos mosteiros, instalaram-se os cartéis de trabalhadores e das comunas; as igrejas transformaram-se pouco a pouco em clubes de trabalhadores e salas de leitura. A propaganda anti-religiosa começou a desmascarar o logro directo de que o povo tinha sido vítima por parte da hierarquia eclesiástica. A fonte sagrada da igreja de São Sérgio revelou-se como uma simples bomba; a fronte de mais de um santo, que só se podia beijar a troco de dinheiro, nada mais era que um pedaço de coiro habilmente arranjado.

O efeito desta denúncia, face a massas de homens reunidos, foi pronto e radical. É evidente que a propaganda ateia inundou a cidade e o campo com milhões de brochuras e jornais de desmistificação. Construindo museus anti-religiosos de ciências da natureza, tornou-se possível a confrontação das concepções científica e supersticiosa do mundo.

Apesar de tudo isso, ouvi dizer em 1929 em Moscovo que os únicos grupos contrarrevolucionários organizados e estruturados eram as seitas religiosas. Sendo a relação das seitas religiosas com a vida sexual dos seus membros assim como com a estrutura sexual da sociedade gravemente negligenciada na União Soviética de um ponto de vista teórico e prático, porque subestimada, e tendo este estado de facto tido já consequências nefastas, somos levados a retomar a nossa temática.

3. *Consciência sexual contra a mística*

A destruição da base económica do poder da Igreja é impossível nos países capitalistas, e, mesmo depois da revolução, significa apenas a supressão dos auxiliares mais importantes da Igreja. Esta medida não atinge de maneira nenhuma o seu poder ideológico que se apoia nos sentimentos receptivos e nas estruturas supersticiosas dos indivíduos das massas médias. Eis porque o poder soviético começou pela influência ideológica. Mas a desmistificação da religião pelas ciências da natureza limitou-se a colocar ao lado dos sentimentos religiosos uma força intelectual, embora muito poderosa, e abandona em relação a tudo o resto o campo ao combate entre o intelecto e a afectividade mística do homem. Este combate só resulta no caso de personalidades que já se formaram a partir de outras bases. Vê-se que ele pode falhar mesmo no caso de personalidades deste tipo se se considerar o caso bastante frequente de materialistas lúcidos que cedem de uma maneira ou de outra, por exemplo a um impulso para rezar, às suas sensações religiosas. Um representante prevenido da Igreja procurará tirar daí argumentos para a sua causa, afirmando que isso demonstra justamente o carácter eterno e inextirpável do sentimento religioso. E contudo não tem razão, porque isso mostra simplesmente que, se o sentimento religioso se confrontou com a força do intelecto, não se tocou todavia nas suas raízes. Pode-se portanto logicamente dizer que a afectividade religiosa seria privada de todo o seu fundamento, se, não só fosse abolido o poder social da Igreja e uma força intelectual se opusesse à afectividade religiosa, mas também se, além disso, os próprios sentimentos que alimentam esta última fossem trazidos à consciência e pudessem abrir livremente passagem. Dado que a experiência irrefutável da psicanálise ensina que a afectividade religiosa tem origem na inibição sexual, que é na excitação sexual inibida que se deve procurar a origem da excitação religiosa, segue-se necessariamente que uma *consciência sexual clara e uma organização natural da vida sexual necessariamente não-de pôr termo a qualquer afectividade mística*, e portanto que *a sexualidade natural é inimiga mortal da religião*. Conduzindo o combate anti-sexual por onde pode, fazendo dele o centro dos seus dogmas e pondo-o no primeiro plano da sua acção sobre as massas, a Igreja limita-se a corroborar esta concepção.

Comecei por tentar reduzir um estado de coisas muito complexo à sua mais infima expressão, dizendo que a consciência sexual significava o fim da religião. Aperceber-nos-emos em breve que, por muito simples que seja a fórmula, o seu fundamento real e as

condições da sua realização prática são extremamente complexos e que exigem de nós todo o aparelho científico de que dispomos, tal como a convicção íntima da necessidade de um combate anti-religioso implacável, se se quiser defrontar com meios adequados o refinado aparelho ideológico da Igreja. Mas o resultado final recompensar-nos-á um dia de todo o nosso trabalho.

Para dar o justo valor às dificuldades com as quais esbarra a realização prática desta fórmula simples, é necessário compreender até ao fim alguns dados de base da organização psíquica do homem burguês, ou daquele que passou por uma educação burguesa. Se algumas organizações proletárias da parte ocidental católica da Alemanha se recusaram ao combate de política sexual contra a intoxicação religiosa com o pretexto de que tinham sofrido derrotas nesse plano, isso não vai contra a minha tese, mas testemunha pelo contrário a timidez, as reticências sexuais pessoais e a in experiência em matéria de política sexual dos que empreenderam essa luta, e sobretudo a sua falta de paciência e de aplicação para se adaptarem a um estado de coisas complicado, a fim de o compreender e dominar. Se for dizer simplesmente a uma mulher cristã, em estado de angústia sexual, que o seu sofrimento é de origem sexual, ela pôr-me-á sem dúvida na rua e terá razão. Esbarramos com a dificuldade de que, não só cada indivíduo tem em si contradições que é preciso compreender, mas que o problema tem aspectos práticos diferentes segundo as regiões e os países, e que é portanto necessário resolvê-lo através de métodos diferentes. Não se põe em dúvida que a prática da política sexual, ao progredir, reduzirá os obstáculos, mas só a prática pode resolver essas dificuldades. Basta estar de acordo com a nossa fórmula de base, e compreender a dificuldade na sua essência. Se há milénios que a religião domina a humanidade, ela pode bem exigir de nós, novatos na matéria, que a não subestimemos, que a apreendamos correctamente e nos mostremos ainda mais inteligentes, refinados e sabedores que os seus representantes.

4. *A destruição do sentimento religioso no indivíduo*

A partir da justa compreensão da inculcação da religiosidade e das possibilidades de a extirpar que nos dá a clínica psicanalítica através das suas experiências com o indivíduo burguês, podem-se tirar directivas aplicáveis à acção de massas. A experiência das alterações por que passam os homens religiosos, ou de um modo mais geral os místicos, ao longo de uma cura psicanalítica, é duma

importância decisiva, não tanto porque se poderia simplesmente alargá-la à acção de massas, mas porque nos revela as contradições, as forças antagónicas no indivíduo médio.

Já descrevi os processos psíquicos através dos quais as representações e os sentimentos religiosos são inculcados. Tentemos agora descrever a traços largos o processo de extirpação da religiosidade.

A posição religiosa funciona em primeiro lugar de uma maneira típica como a mais poderosa resistência à revelação da vida psíquica inconsciente, em particular das reivindicações sexuais recalçadas. É significativo que a proibição religiosa vise menos as tendências pulsionais infantis pré-genitais que as tendências genitais, e em especial a masturbação infantil, de que geralmente não fica nenhuma recordação consciente. O doente agarra-se às suas concepções ascéticas, morais e religiosas, exacerba a sua ideologia de oposição irreconciliável entre o «moral» e o «animal», ou seja a sexualidade natural, defende-se do psicanalista, que nada mais faz que levá-lo à consciência da sua sexualidade, recorrendo ao rebaiamento moral, à censura de incompreensão dos «valores espirituais» e de «materialismo baixo e grosseiro». Em resumo, quem conhece a argumentação dos representantes da Igreja e dos fascistas numa discussão política, dos caracterologistas e dos «humanistas» («Geisteswissenschaftler») numa discussão sobre ciências naturais, achará tudo isto familiar: é exactamente a mesma coisa. É característico que o temor a Deus e a proibição moral se reforcem, logo que a análise consegue abalar num ponto o recalco sexual. Se nos debruçarmos em particular sobre o conflito que deriva da angústia infantil perante a masturbação, e que em consequência disso a reivindicação sexual leve à acção com maior intensidade, o quadro clínico é em geral dominado por uma oscilação entre percepção intelectual e propensão à aquiescência sexual por um lado, e proibição moral da mais alta violência por outro, até ao momento em que as reivindicações genitais conseguem manifestar-se completamente e integrar-se na totalidade da pessoa. A credulidade religiosa diminui nas mesmas proporções em que se dissipa a angústia perante a sexualidade ou, se se preferir, perante a antiga interdição parental. Que se passou? Anteriormente o doente tinha-se servido inconscientemente da crença em Deus para manter os seus desejos sexuais recalcados. O seu eu estava demasiadamente frágil, ansioso, alienado da sua própria sexualidade, para poder dominar e governar por si só as potentes forças naturais. Quanto mais ele se defendia da sua sexualidade, mais as reivindicações se reforçavam, e em consequência tinha de desenvolver as suas inibições morais e religiosas. Durante a cura, este eu reforçou-se, a dependência infantil em relação a pais e educadores rompeu-se, ele

reconheceu o carácter natural da sexualidade recalçada, aprendeu a distinguir o que nela havia de infantil, de inutilizável neste momento, e o que correspondia à idade adulta e às exigências da vida real. O adolescente cristão reconhecerá por exemplo rapidamente que as suas intensas tendências exibicionistas e perversas correspondem por um lado a um retorno a formas infantis arcaicas de sexualidade, por outro, no que respeita à sua intensidade e ao seu carácter indomável, à inibição da sexualidade genital; reconhecerá igualmente que os seus desejos genitais de união com uma mulher mais ou menos reprimidos estão em completa harmonia com a sua idade e com a sua organização natural, que a sua satisfação é, não só possível, mas até necessária. Daí em diante já não terá necessidade do apoio da crença num Deus todo poderoso e do apoio da inibição sexual. Torna-se senhor de si e aprende a auto-governar-se. A isso acresce que a análise liberta a relação infantil de submissão em relação à autoridade do pai e das pessoas que o substituem, afrouxando os laços que o ligam a ele pelo reforço do eu, de maneira que o laço com Deus, que é uma continuação do laço com os pais, perde a sua força. Se a análise conduz finalmente o paciente a assumir uma vida amorosa normal e satisfatória, a religião perde o seu último ponto de apoio. Investigadores de teologia, por exemplo, confrontam-se então com enormes dificuldades, por que se torna impossível prosseguir com convicção no exercício da profissão. É que sabem por experiência própria que benefícios dela podem esperar para a sua saúde. A muitos não resta então outra solução a não ser substituir o sacerdócio pela investigação anti-religiosa sobre a religião.

Os processos por que passa o homem religioso só serão contestados pelo analista que não compreender teórica e praticamente as perturbações genitais dos seus pacientes, ou, como no exemplo de um pastor psicanalista conhecido, quando é de opinião que só se deve mergulhar no inconsciente a sonda da psicanálise até aos limites que a ética permitir. Mas nós não queremos ter nada a ver com uma ciência «apolítica» e «objectiva», do género daquela que, por exemplo, ao combater com extremo cuidado as consequências revolucionárias da psicanálise como «política», tira pelo seu lado como consequência o conselho dado às mães de combater as erecções dos miúdos, levando-os a reter a respiração. O que traz problemas em tais deduções tragico-cómicas, não é tanto a sua origem como o processo que as faz admitir à consciência do sábio e o transforma num padre, sem com isso o reabilitar aos olhos da reacção política. Ele comportou-se como os deputados alemães do SPD que, depois de terem cantado como os outros, num entusiasmo suplicante, o hino nacional, quando da última sessão parlamentar, nem por isso

deixaram, «na qualidade de socialistas», de ser enviados para um campo de concentração.

É necessário fixar que não atingiremos os nossos fins com discussões sobre a existência ou a inexistência de Deus, mas somente pelo levantamento dos recalcamientos sexuais e o afrouxar dos laços infantis em relação aos pais. Além disso não faz parte das intenções do terapeuta destruir a religião daquele que está a analisar; trata-se simplesmente como qualquer outro dado psíquico, que funciona como apoio ao recalcamiento sexual e consome a energia sexual. O processo analítico não consiste portanto em opor à concepção religiosa do mundo da pessoa que é analisada uma concepção materialista anti-religiosa; evita-se deliberadamente isso, porque não traria nenhuma mudança; consiste mais em desmascarar a posição religiosa como uma força anti-sexual e canalizar noutras direcções as forças que a alimentam. O homem que era anteriormente de uma moralidade excessiva em questões ideológicas, e em compensação perverso, lúbrico, crispado pela neurose na vida real, desembaraça-se desta contradição e, ao mesmo tempo que da moral, do carácter a-social e imoral da sua vida sexual, no sentido da economia sexual. A inibição insuficiente da moral e da religião é substituída pela regulação económico-sexual das necessidades sexuais.

A Igreja tem pois inteira razão do seu ponto de vista quando, para se manter e se multiplicar entre os homens, toma uma posição tão radical contra a sexualidade. Ela não se engana senão num dos seus pontos prévios, que é a sua mais importante justificação: é a sua moral que começa por levar a vida pulsional à dominação moral, pela qual ela se pretende chamada, e a abolição desta moral é a condição prévia indispensável para a abolição do que ela se esforça em vão por suprimir. É essa a tragédia fatal de qualquer moral e de qualquer religião, porque a descoberta dos processos de economia sexual que alimentam a religião leva na prática ao seu fim.

A consciência sexual e a afectividade religiosa não podem coexistir. Sexualidade e afectividade religiosa são, do ponto de vista energético, uma única e mesma coisa, enquanto a primeira for recalcada e puder transformar-se em excitação religiosa fora do controle da consciência. (Falávamos aqui evidentemente da vivência religiosa autêntica, e não da religião afectada de fins lucrativos).

Destes dados analíticos resultam por dedução necessária algumas consequências para a prática de massas, que vamos expor, depois de ter refutado algumas objecções que não podem deixar de ser levantadas.

5. *Objecções e práticas da política sexual*

Na prática da política sexual, estamos habituados a ver os especialistas profissionais de economia política insurgirem-se contra aquilo a que chamam «a exacerbação e o exagero da questão sexual» e a vê-los mandar passear todo o problema à menor dificuldade que necessariamente surge neste terreno novíssimo. É necessário que se comece a dizer a esses adversários de qualquer política sexual em geral que o seu ciúme é injustificado. A frente cultural da política sexual em nada afecta o seu próprio campo de política económica e estatal, como também não restringe o seu âmbito de trabalho; visa somente apreender um campo até aqui completamente desprezado, e contudo extremamente importante, do processo cultural. O combate da política sexual é uma parte do combate do conjunto da classe dos explorados e dos oprimidos contra a classe dos exploradores e opressores. Quanto ao alcance desse combate, ao lugar e ao volume que deve ocupar no movimento operário, não podemos decidi-lo hoje sentados num gabinete, sob pena de se cair no palavreado escolástico. Das discussões ao redor do papel e da importância da política sexual, tinha-se até agora o costume de construir uma rivalidade entre política económica e política sexual, em vez de concluir a partir da prática. Perder tempo com essas discussões seria malbaratá-lo. Quando todos os especialistas dos diferentes domínios tiverem daí extraído todo o necessário para aniquilar o capitalismo, quando cada qual dominar inteiramente o seu campo, então todas as discussões sobre a preeminência e função respectivas se tornarão supérfluas, então a importância objectiva dos diversos problemas se tornará evidente. A única coisa que importa, é não desistir da concepção fundamental segundo a qual a forma económica determina igualmente a forma da sexualidade, e segundo a qual não pode haver transformação das formas sexuais da existência humana sem transformação das suas formas económicas e políticas.

Uma objecção ociosa pretende que a política sexual é «individualista» pelo facto de derivar da teoria psicanalítica da sexualidade, e que é portanto inutilizável para a luta de classe. Existem slogans que se incrustam como tiques e que só é possível extirpar com remédios radicais. Sem dúvida que o método que permite realizar as descobertas é «individualista». Mas será que o objecto da sua investigação, ou seja, o resultado da repressão social da vida sexual, não diz respeito a todos os membros da nossa sociedade? Não é a miséria sexual, colectiva? Será que a profilaxia da tuberculose na União Soviética é individualista pelo facto do estudo do mal se fazer num doente individual? O movimento revolucionário cometeu até aqui

o erro grave de considerar a sexualidade como um «assunto privado». Não o é para a reacção política que opera sempre e em toda a parte por dois atalhos simultâneos: o da *política económica* e o da *«renovação moral»*. Até aqui trabalhámos apenas num deles. Devemos portanto politizar a questão sexual, *transformar* os bastidores da vida pessoal em tribuna pública, obter para a questão sexual o lugar que lhe cabe na frente do combate geral, e isso por uma forma totalmente diferente daquela com que até agora se abordou a única questão levantada neste campo, a da política demográfica.¹ Essa questão não é uma questão de política sexual no sentido estrito do termo; não toca na regulação da necessidade sexual, mas apenas na da reprodução, na qual o acto sexual está evidentemente implicado. Mas pondo isso de parte, nada tem a ver com a vida sexual real no seu sentido social e biológico. As massas da população não se interessam aliás de modo algum pelas questões de política demográfica, porque lhes são completamente indiferentes. E o parágrafo sobre o aborto não suscita interesse por razões demográficas, mas apenas devido à desgraça pessoal que implica. Na medida em que provoca desgraça, morte e pesar, o parágrafo sobre o aborto é um problema de política social. O problema do aborto só virá a ser um problema de política sexual no dia em que for inteiramente claro que, se as pessoas transgridem o parágrafo, é porque sentem a *necessidade imperiosa* de relações sexuais, mesmo quando não geram filhos. Não se prestou a isto até agora atenção alguma e é contudo, pelo seu impacto afectivo e do ponto de vista da propaganda de massa, *o ponto mais importante* da questão. Se um reacccionário encarregado de política social se lembrasse de dizer: «Vocês queixam-se do que vos custa o parágrafo sobre o aborto em saúde e vidas humanas, e contudo, vocês não sentem verdadeira necessidade de relações sexuais», então seríamos efectivamente apanhados desprevenidos, não tendo considerado até agora senão o aspecto

¹ O movimento proletário cometeu até agora o grave erro — e isso não contribuiu pouco entre outras coisas para a sua derrota — de transportar mecanicamente todas as palavras de ordem políticas da política sindical e do combate político central para todos os outros domínios da luta de classes, em vez de desenvolver em cada domínio da vida e da actividade humanas uma linha e uma tática adequadas a esse domínio. Assim, alguns dirigentes permanentes da organização alemã de política sexual queriam eliminar a questão sexual e «mobilizar as massas» nesse terreno pelo slogan «contra a fome e o frio». Opunham a «questão social» à questão sexual, como se a questão sexual não fizesse parte integrante do complexo da questão social!

demográfico do problema. A questão só tem sentido se tomarmos clara e *abertamente* partido pela necessidade de relações sexuais satisfatórias. As mulheres e os homens de todas as camadas sociais seriam muito mais sensíveis, na sua situação actual, à reivindicação das suas necessidades, que os preocupam permanentemente, do que à enumeração dos mortos que causa o parágrafo. O primeiro argumento ataca os seus interesses mais pessoais; o segundo faz apelo a um certo grau de consciência e de solidariedade sociais que devemos evitar supor que sempre existam no homem burguês. Do mesmo modo que, no plano do abastecimento em alimentos, se utiliza em propaganda a necessidade pessoal e não estados de facto sociais ou políticos menos imediatos, do mesmo modo isso ocorre espontaneamente no plano da política sexual. A questão é portanto uma questão de massa, uma questão de primeira importância na vida social.

Mais séria é a objecção que poderia vir do lado da psicanálise. O analista especializado dirá que é inteiramente utópico querer fazer política com a *infelicidade sexual* dos homens, tanto quanto com a sua exploração material, dado que é necessário, no tratamento individual, meses e anos de trabalho laborioso para fazer aceder as necessidades sexuais à consciência, estando as inibições morais tão profundamente enraizadas quanto a reivindicação sexual e ocupando na maioria das vezes o primeiro plano da vida consciente. De que modo se poderia trazer ao de cima o recalçamento sexual das massas, se se não dispõe de um meio *que corresponda à análise individual?* Essa objecção é séria e difícil de refutar. Se no início me tivesse deixado desviar, por causa dessas objecções, da realização prática do trabalho de política sexual e da acumulação de experiências, teria necessariamente concordado com aqueles que repelem a política sexual como uma questão individualista e que esperam um segundo Cristo para a resolver. Pessoas muito próximas de mim chegaram a objectar-me uma vez que as minhas tentativas teriam por único efeito uma desmistificação superficial que passaria ao lado das forças profundas do recalçamento sexual. Se uma pessoa prevenida pôde fazer essa objecção é porque a dificuldade merece um exame atento. No início do meu trabalho aliás, não teria podido responder a essas questões. Foi a prática que trouxe a solução.

Antes de mais, é necessário considerar com firmeza que o trabalho de política sexual nos coloca diante de uma outra tarefa diferente da do tratamento analítico individual. Neste último caso temos que suprimir recalçamentos e instaurar a saúde psíquica. Não é essa a tarefa da política sexual, que tem apenas que *tornar conscientes a contradição* e o sofrimento que habitam o homem burguês. Sabemos

que temos moral; quanto ao facto de termos uma sexualidade que deve ser satisfeita, ou não se está consciente disso, ou então o que se sabe a respeito é de tal modo travado pela moral que se não sentem os efeitos. O analista poderia objectar novamente que um trabalho de análise individual é igualmente necessário para que as reivindicações sexuais acedam à consciência. A isso a prática responde: se no decorrer da minha sessão vou falar a uma mulher pequeno-burguesa ou cristã das suas necessidades sexuais imediatamente ela me oporá o seu aparelho moral; não poderei penetrar nele nem convencê-la de coisa alguma. Mas, se a mesma mulher se encontrar exposta a uma atmosfera de *massa*, se por exemplo assistir a um comício de política sexual no qual se fala abertamente e claramente das suas necessidades sexuais, inicialmente em termos médicos, depois também em termos políticos, não se sentirá só, notará que todas as outras escutam igualmente coisas proibidas; ao seu super-ego individual ou, se quisermos, à sua instância moral, opõe-se uma atmosfera colectiva de afirmação sexual, uma nova moral, que pode realizar (ou até suprimi-la) a sua recusa da sexualidade, por alimentar ela mesma sem dúvida no seu foro íntimo pensamentos e desejos análogos, por também ela chorar em segredo a sua felicidade perdida ou por aspirar à felicidade sexual. A situação de massa reforça a reivindicação sexual; é valorizada socialmente; ou mesmo, se analisarmos com exactidão a questão da exigência da ascese e da renúncia, apresenta-se muito superior, mais humana, mais próxima da personalidade, recebe uma anuência automática e profunda. Não se trata portanto de trazer remédio mas de suscitar a consciência da repressão, de fazer entrar no campo da consciência o combate entre a sexualidade e a moral, de o atizar pela pressão de uma ideologia de massa e de o converter em acção política. Poder-se-ia agora retorquir novamente que essa tentativa é diabólica, porque mergulha os homens numa desgraça profunda, que é ela que os torna verdadeiramente doentes sem poder acudir-lhes. Isso faz-nos pensar na magnífica fórmula de *Pallenberg* em *O bravo pescador*: «O homem é um pobre traste; só que não sabe. Se o soubesse, que pobre traste seria!» A única resposta é: o capital e a sua Igreja são infinitamente mais diabólicos. Quanto ao resto, a mesma objecção se aplica, no fundo, também à desgraça da fome. O *coolie* indiano, que serve o capital sem o saber, que carrega o destino como uma fatalidade e tudo espera de Deus, conhece menos sofrimentos interiores do que aquele que está consciente da atrocidade da ordem das coisas e se revolta portanto em nome da sua consciência de classe contra a escravidão. Quem exigiria que por humanitarismo se escondesse ao *coolie* a verdade sobre o seu sofrimento? Só o farão

o representante da Igreja, o seu mandante capitalista e o professor chinês de higiene social. Essa «humanidade» é a eternização da desumanidade ao mesmo tempo que a sua camuflagem. A nossa «desumanidade» é o primeiro passo na luta que nos deve fazer chegar ao ponto a respeito do qual as belas almas proferem tão belos discursos, para se deixarem subjugar, quando chega o dia próprio, pela reacção fascista. Concedemos portanto que um trabalho efectivo e consequente em política sexual dá a palavra aos sofrimentos mudos, que cria novas contradições e que acentua as antigas, que torna a situação insuportável para os que a sofrem. Mas ao mesmo tempo abre a possibilidade de uma descarga: a possibilidade do combate político contra as causas sociais do sofrimento. É verdade que o trabalho de política sexual se ataca ao campo mais espinhoso, mais sensível e pessoal da vida humana. Mas a intoxicação mística das massas não o faz igualmente? E o que é decisivo é o fim que uma e outra coisa servem. Quem quer que já tenha visto nos comícios de política sexual os olhos e os rostos ardentes, quem escutou e teve que responder às centenas de questões relativas aos problemas mais pessoais, também adquiriu a convicção inabalável de que aí existe, enterrada, dinamite social que pode ajudar a fazer saltar esse mundo de auto-destruição quase inconcebível. Digamo-lo contudo: se esse trabalho viesse a ser executado pela espécie de revolucionários que rivalizam com a Igreja na afirmação e na defesa da moralidade, que consideram indigna da sublimidade da ideologia revolucionária responder a perguntas sobre a sexualidade, que rejeitam a masturbação infantil como uma invenção burguesa, como fizeram muitos chefes de pioneiros, em resumo, que apesar de todo o leninismo e marxismo estão completamente impregnados, numa parte importante do seu ser, de moral pequeno-burguesa, então seria fácil provar que as minhas experiências poderiam não ser justas, pois a massa reagiria imediatamente por uma recusa da sexualidade.

Devemos demorar um pouco mais a discutir a função da resistência moral com que deparamos no nosso trabalho. Dizia que as inibições morais individuais que, opondo-se às reivindicações sexuais, se apoiam hoje na atmosfera geral de negação sexual da sociedade burguesa, poderiam ser suficientemente despoletadas pela instauração de uma ideologia oposta de consentimento sexual, para que os homens se tornem receptivos ao programa de política sexual do comunismo e que sejam dessa forma subtraídos à influência da Igreja e das potências reaccionárias. É evidente que essa atmosfera de consentimento sexual só pode ser instaurada por uma poderosa organização internacional de política sexual. Foi agora difícil con-

vencer a direcção dos partidos comunistas de que essa é uma das suas tarefas principais.

Até agora só mencionámos as necessidades secretas e mudas dos indivíduos de massa sobre as quais pudémos apoiar-nos. Isso não basta. Do início do século à guerra, essas necessidades e a sua repressão existiam igualmente, e contudo um movimento de política sexual não teria tido então possibilidades de êxito. Desde então, algumas condições prévias sociais objectivas ao trabalho de política sexual apareceram, que é necessário conhecer com exactidão se quisermos considerá-las correctamente. O simples facto de que tantas associações de política sexual tenham sido criadas na Alemanha sob formas e direcções diversas, indica que se prepara no processo social uma nova forma de combate. Uma das condições prévias objectivas mais importantes da política sexual é que, pela monopolização e concentração do capital, pela criação de enormes empresas e, com elas, de imensas massas de empregados e de funcionários, os pilares da atmosfera moral anti-sexual, a pequena empresa e a família, ficaram abalados. As mulheres e as jovens que afluíam às empresas formaram concepções da vida sexual mais livres do que aquelas que lhes tinham proporcionado a educação dos pais. Se o proletariado, devido ao seu modo colectivo de trabalho, sempre foi mais acessível ao consentimento sexual, com a monopolização do capital o processo de desagregação moral começou também a ganhar a pequena burguesia. Se compararmos a juventude pequeno-burguesa de hoje com a de 1910 podemos verificar, sem precisar ir longe, que o fosso que separa a vida sexual real da ideologia ainda dominante na sociedade se tornou hoje intransponível. O ideal da jovem virgem tornou-se um assunto vergonhoso, ou pelo menos em qualquer caso o do rapaz virgem. Viu-se também que a pequena burguesia foi conquistada por posições mais abertas sobre o problema da fidelidade conjugal. O modo de produção industrial em grande escala permitiu que viessem ao de cima as contradições da economia sexual burguesa. Já não se trata de regressar à antiga harmonia entre a vida real e a ideologia, tal como ela dominava ainda de modo geral a pequena burguesia antes do início do século. Na qualidade de analista, tem-se uma visão aprofundada dos segredos da existência pequeno-burguesa, e pode verificar-se uma desagregação completa das formas de vida morais que ainda se afirmam em voz alta. Não contente em minar, ou até em destruir, o poder restritivo do meio familiar, a colectivização da vida dos jovens criou na juventude actual uma situação que apela inexoravelmente para uma concepção do mundo e para uma doutrina política de combate pela saúde sexual, pela consciência e liberdade sexuais. No início do século, teria sido

impensável que mulheres cristãs aderissem a associações de regulação dos nascimentos; hoje, isso torna-se cada vez mais regra geral. A tomada do poder na Alemanha pelos nacionais-socialistas não interrompeu esse processo; limitou-se a enviá-lo para os subterrâneos. O único problema é saber a forma que tomará o processo se a barbárie fascista durar mais tempo do que aquele que reecemos.

Outra circunstância objectiva, em estreita correlação com a preceúente, e o aumento rápido das perturbações neuróticas como expressão de uma economia sexual perturbada e um agravamento da contradição entre reivindicações sexuais reais por um lado, e a antiga inibição moral e a situação da educação infantil por outro lado. O aumento das neuroses significa também o acréscimo da disposição para tomar conhecimento da etiologia sexual das neuroses.

O factor mais favorável à prática política sexual é a importância da reacção política frente ao trabalho de política sexual. É bem sabido que nas bibliotecas populares é a literatura pornográfica a mais lida: isso indica a importância que tomaria a política sexual se conseguisse canalizar esse imenso interesse para a revolução. No domínio da política económica, os nacionalistas podem enganar as massas não prevenidas por muito tempo, com o pretexto de defender o direito do trabalho e dos trabalhadores. Outra coisa se passa em matéria de política sexual. Nunca a reacção política conseguirá opor à política sexual revolucionária um programa homólogo próprio que não seja uma repressão e uma negação total da vida sexual, o que, proclamado abertamente sob forma de programa, não deixaria de repugnar imediatamente às massas, com excepção de um pequeno número politicamente insignificante de velhas e de pequeno-burgueses inveterados e imbecis. É a juventude de hoje que está em causal E — isso é certo — ela já não é acessível a uma ideologia de negação sexual consciente. Essa é a nossa força. Quem pensar por exemplo no que significavam na Alemanha de 1933 os novos entraves à venda de preservativos, como aconteceu recentemente, dá-se conta que o trabalho revolucionário encontraria aí desde o início um terreno muito mais fácil do que no domínio da política económica. É difícil levar o trabalhador médio sem formação política, sobretudo quando está submetido à chantagem reaccionária, a ler uma brochura de política económica, enquanto que uma brochura sobre a sexualidade despertará imediatamente o seu interesse. Isso é especialmente válido para o empregado pequeno-burguês e para o operário que se tornou pequeno-burguês. Na Alemanha, as associações vermelhas conseguiram penetrar nas empresas por intermédio da política sexual, enquanto que estas estavam totalmente surdas ao tema do sindicato vermelho e assim permaneceram durante anos. É claro

que — e isso realizou-se como que espontaneamente na prática — o trabalho de política sexual deve necessariamente desembocar, no seu termo, em questões sociais gerais da luta de classe. Mas não devemos deixar-nos perturbar por certos factos, vendo por exemplo que operários e empregados nacionais-socialistas, ou até estudantes, aprovam sem reserva o consentimento revolucionário à vida sexual e assim entram em contradição com os seus dirigentes. E que poderiam aliás fazer esses dirigentes se se conseguisse tornar essa contradição totalmente consciente? Só lhes restava recorrer ao terror. A sua influência reduzir-se-ia logo. Chamamos mais uma vez a atenção para o facto do relaxamento objectivo dos entraves morais à sexualidade, que nenhuma circunstância poderia mudar, e para o que ele representa como nossa principal força. A única possibilidade seria — no caso em que o trabalho revolucionário desleixasse esse terreno — que a juventude continuasse a viver como o fez até aqui, mas dobrada sobre si e em segredo, sem tomar consciência das suas causas e das consequências desse modo de vida. Em compensação, no caso de um trabalho consequente de política sexual, a reacção política não teria nenhuma resposta, nenhuma ideologia a opor-nos. A sua doutrina de ascese só pode aguentar-se enquanto a afirmação sexual das massas permanecer secreta, dispersa, enquanto não estiver colectivamente reunida para conseguir o fracasso dessa reacção.

O fascismo alemão empenha-se actualmente com todas as forças em enraizar-se nas estruturas psíquicas, e por conseguinte faz incidir todo o peso do seu esforço no controlo dos jovens e crianças. O único meio que tem à disposição é despertar e manter a submissão à autoridade, que tem como condição psicológica prévia a educação para a ascese e para a negação sexual. As tendências sexuais naturais que inclinam para o outro sexo e exigem desde a infância ser satisfeitas são substituídas essencialmente por sentimentos homossexuais e sádicos desviados e disfarçados, e em parte também por pendores ascéticos. Isso aplica-se por exemplo àquilo a que se chama o espírito de camaradagem nos campos de trabalho bem como à inculcação daquilo a que se chama o espírito de disciplina e de obediência. Têm por objectivo desviar para uma guerra anti-soviética todas as formas de brutalidade bem como o desencadear final de todos os impulsos brutais, assim produzidos e refreados, daqueles contra quem se dirigiam originariamente os sentimentos de ódio produzidos pela educação severa dos campos de trabalho. A fachada tem por nome: camaradagem, honra, disciplina consentida; nos bastidores contem-se revolta secreta, sentimento de opressão levado até à rebelião devida aos entraves a qualquer vida pessoal, em particular à vida sexual. Uma política sexual consequente deve esclai-

recer a grande privação sexual dos campos de trabalho; podera assim encontrar grande repercussão junto dos jovens. Num primeiro momento, isso só poderá despertar pasmo e embaraço ao dirigente fascista. Compreende-se sem dificuldade que seja muito mais fácil fazer aceder um rapaz à consciência da sua privação sexual do que fazer-lhe tomar consciência de que o seu trabalho de serviço civil faz afinal o jogo dos capitalistas. E contrariamente às afirmações de responsáveis de jovens que nunca experimentaram a coisa na prática, a prática do trabalho junto dos jovens ensina que o adolescente médio, em particular o do sexo feminino, apreende a sua situação de classe com muito mais rapidez, afectividade e boa vontade quando lhe é explicada por intermédio da tomada de consciências da sua repressão sexual. Basta para isso compreender a questão sexual de modo político e referenciá-la a uma situação social geral. Não devemos deixar-nos atemorizar por objecções ociosas, mas devemos-nos guiar apenas pela prática.

Que poderia responder a reacção política a uma interpelação da juventude alemã redigida mais ou menos nestes termos?

«A incorporação da juventude alemã no serviço civil obrigatório prejudicou fortemente a sua vida privada e sexual. Problemas urgentes exigem ser esclarecidos e resolvidos, na medida em que surgem por toda a parte inconvenientes graves e ameaças. A situação agrava-se pelas reticências e temor que têm geralmente os adolescentes em discutir os seus problemas pessoais mais candentes, ao que acresce que a direcção dos campos proíbe qualquer conversa sobre esses problemas. *E contudo eles são decisivos para a saúde física e moral da juventude!!!*

De que modo se apresenta a vida sexual da juventude nos campos de trabalho? A juventude dos campos de trabalho encontra-se em média na idade do despertar da sexualidade. A maior parte desses jovens estavam antes habituados a satisfazer a sua necessidade de amor natural numa relação amorosa com uma amiga. É certo que a vida sexual dessa juventude era já antes entravada pela falta de meios apropriados a uma vida amorosa saudável (crise de alojamento na juventude), pela falta de dinheiro necessário para comprar meios contraceptivos, pela hostilidade da autoridade estatal e dos meios reaccionários a uma vida amorosa sã da juventude de modo a que correspondesse às suas necessidades. O serviço civil só agravou essa situação difícil

Nenhuma possibilidade de encontrar raparigas, de manter as antigas relações amorosas.

Necessidade da continência ou da autosatisfação.

Por isso, tendência para a grosseria e depravação na vida erótica, pulular da libertinagem e das histórias porcas, desenvolvimento de representações fantasmáticas torturantes, mór-bidas, dissolventes, que paralizam a vontade e a energia (violação, cobiça lasciva, fantasma de golpes). Poluções nocturnas involuntárias que minam a saúde e não satisfazem.

Desenvolvimento de tendências e relações homossexuais entre rapazes que até então nunca tinham pensado nisso; aborrecimentos desagradáveis de parte de camaradas homossexuais.

Aumento do nervosismo, da irritabilidade, das dores físicas e das perturbações psíquicas diversas.

Consequências ameaçadoras para o futuro

Qualquer jovem que, tendo precisamente 17 a 25 anos mais ou menos, não tiver vida sexual satisfatória, está ameaçado de perturbações futuras na potência sexual e de graves afecções psíquicas, perturbações que arrastam sempre igualmente uma perturbação da aptidão para o trabalho. Quando um órgão ou uma função natural não são utilizados durante muito tempo, mais tarde apresentam dificuldades de funcionamento. Perturbações nervosas e psíquicas, perversões (aberrações sexuais) são geralmente consequência disso.

Qual a nossa posição frente às medidas e às ordens dos nossos chefes relativas a estes problemas?

Até agora, os dirigentes exigiram em termos muito gerais o «reforço moral da juventude». Não pudémos elucidar o que eles entendiam por isso. Ao preço de duros combates com a família e com os bonzos do sistema, os jovens alemães tinham começado a conquistar progressivamente no decorrer dos anos o direito a uma vida sexual sã, sem atingir, é claro, o seu objectivo, dadas as condições sociais em que se encontravam. Mas uma ideia era clara para muitos: a juventude tinha que travar um combate sem tréguas contra a tartufice sexual, contra a porcaria e a hipocrisia sexuais, consequências da submissão sexual da juventude. A sua ideia era que rapazes e raparigas deviam viver em boa camaradagem intelectual e sexual; a sua

ideia era que à sociedade cabia ordenar a sua vida e facilitá-la. Qual a posição do novo Reich sobre esse ponto?

As portarias que até agora adoptou estão em contradição flagrante com as concepções da juventude. Devido à proibição da venda livre dos meios contraceptivos, tornou-se impossível obtê-los. A medida adoptada pela polícia de Hambourg no plano dos costumes contra aqueles que se dedicam aos desportos náuticos, a ameaça de castigar com o campo de concentração o «atentado aos costumes e ao pudor» violam os nossos direitos. Existe atentado ao pudor quando um jovem dorme com a sua amiga numa tenda?

Perguntamos à direcção do Reich encarregado da juventude alemã: *Qual deve ser a vida sexual da juventude?*

Só há quatro possibilidades:

1. *A continência*: deve a juventude viver na continência, ou seja, abster-se até ao casamento de qualquer forma de actividade sexual?

2. *A auto-satisfação*: a juventude deve satisfazer-se por práticas masturbatórias?

3. *A satisfação homossexual*: a juventude alemã deve entregar-se a práticas homossexuais, e se sim, sob que forma? Pela masturbação recíproca ou pelas relações anais?

4. *A vida amorosa natural e as relações sexuais entre rapazes e raparigas*: a juventude alemã deve entrar na vida sexual natural e desenvolvê-la? Se sim:

Onde deve passar-se a vida amorosa (problema do alojamento)?

Como e com quê deve praticar-se a contracepção?

Quando deve processar-se essa vida amorosa?

O jovem tem o direito de fazer o mesmo que o seu dirigente?»

Essas questões têm a ver com o trabalho junto das crianças. Essa é uma tese invulgar, que muitos não compreendem, fundada contudo num facto que não poderia ser negado: *o trabalho revolucionário junto das crianças tem que ser essencialmente um trabalho de política sexual*. Recomponham-se do espanto e escutem a continuação com paciência. Por que razão as crianças são mais facilmente e mais adequadamente acessíveis aos problemas sexuais na época pré-pubertária?

1. Em todas as camadas sociais, incluindo o proletariado apesar da fome e das privações, o período infantil é, mais que todas as idades posteriores, repleto de preocupações sexuais. A isso acresce que a fome levada até à ruína física só atinge uma parte — hoje muito importante — das crianças que vivem em regime capitalista, enquanto que a repressão sexual atinge todas as crianças sem excepção. Desse modo o terreno de acção política alarga-se consideravelmente.

2. Os métodos habituais do movimento proletário para organizar as crianças são semelhantes aos que utiliza o trabalho burguês junto das crianças: desfiles, canto coral, uniforme, jogos de grupo, etc. Se não provém de pais já eles próprios dotados de uma sólida consciência de classe, o que só abarca uma minoria, a criança não faz distinção entre os conteúdos das formas de propaganda reaccionária e de propaganda revolucionária. Não é escarnecer da consciência de classe, mas satisfazer simplesmente ao primeiro imperativo de qualquer política proletária, a saber, não dissimular a realidade, afirmar que crianças e adolescentes desfilarão amanhã ao som das fanfarras nacionais-socialistas com a mesma alegria com que desfilam hoje ao som das do proletariado, exceptuando de novo a fraca percentagem de crianças já formadas à consciência de classe. Tanto mais que hoje, em regime capitalista, a reacção política pode organizar formas de propaganda colectiva junto das crianças muito melhor do que o movimento operário. Este fica sempre com handicap, o que se traduz na Alemanha pelo facto de que o movimento pioneiro foi por toda a parte extremamente fraco em comparação com o movimento burguês da juventude.

3. Se o movimento burguês da juventude está sempre mais bem colocado, há contudo uma coisa que ele não pode fazer em caso algum: *dar às crianças saber e clareza em matéria sexual, fazer-lhes tomar consciência da sua repressão sexual.* Isso, só o proletariado pode fazer, antes de mais porque não tem interesse na repressão sexual das crianças, muito pelo contrário, depois porque o campo proletário sempre foi o advogado de uma educação sexual das crianças coerente e sem mistério. Essa arma poderosa não foi até agora utilizada; deparou-se mesmo nos meios dirigentes do movimento pioneiro na Alemanha uma forte resistência, quando se tratou de transformar a educação sexual individual que se pratica habitualmente numa medida de massa. De modo tragi-cómico, é a Marx e Lênine que se referem os adversários de um trabalho político sexual junto das crianças para recusar a transformação de uma acção individual numa acção de massa. É claro que não há uma só palavra dessa política sexual em Marx e Lênine. Mas frente a isso

há o facto de que as crianças mesmo as do proletariado, devem necessariamente sucumbir em massa às manigâncias da reacção política, dado que o fascismo torna impossível qualquer organização de massa das crianças e que as crianças só excepcionalmente se interessam por propaganda económico-política na idade pré-pubertária. Em compensação, vemos que se abrem, apesar de imensas dificuldades, possibilidades insuspeitadas de desenvolver junto das crianças um trabalho em bases de política sexual, dado que podemos então contar seguramente com um interesse ardente por parte das crianças. Se se conseguisse um dia atingir as crianças e adolescentes *em massa* nas suas preocupações sexuais, então poderíamos opôr à contaminação reaccionária um contra-peso poderoso — e a reacção política tornar-se-ia desse modo impotente.

Aos cépticos, aos recalcitrantes e àqueles a quem preocupa por razões morais a «pureza» das lutas de classe, só poderemos contrapor aqui dois exemplos tirados da experiência prática e que têm valor igual a muitos outros.

É este o primeiro: a Igreja não tem tantas hesitações. Um adolescente de quinze anos que tinha passado de uma organização cristã para uma associação de juventude comunista contava que, na organização precedente, o padre tinha o hábito de falar com cada adolescente individualmente uma vez por semana e fazer-lhe perguntas sobre o seu comportamento sexual; perguntava-lhe regularmente se se tinha masturbado, o que naturalmente sempre acontecia e o que confessava com consciência culposa. «É um grande pecado, meu filho; mas ficas absolvido se trabalhares com aplicação para a Igreja e se amanhã fores distribuir estes folhetos». Esse é um dos aspectos da prática de política sexual da reacção política. Mas nós temos vergonha, somos «puros», não queremos ter nada a ver «com essas coisas». E depois espantamo-nos que a Igreja atinja trinta vezes mais adolescentes do que nós, nós que nos gabamos de fazer um «trabalho político adaptado junto da juventude».

Segundo exemplo: a comunidade de trabalho de política sexual em Berlim tinha-se comprometido num primeiro tempo com um trabalho de política sexual junto das crianças, e para esse fim tinha reunido uma colecção de narrativas intitulada: «O triângulo de giz, Associação para a exploração dos segredos dos adultos». Antes de ser impresso, esse escrito foi antes de mais discutido com os permanentes. Foi decidido ler a brochura ao grupo «Fichte» de crianças e observar a sua reacção. Ter-se-ia desejado que estivessem então presentes todos aqueles que encolhem os ombros com desdém quando ouvem falar de política sexual proletária, quando não vão ao ponto de entravar esse trabalho por todos os meios. Antes de mais, em vez

das vinte presenças habituais, havia dessa vez cerca de setenta. Ao passo que, segundo os relatórios dos permanentes, a atenção em geral era apenas parcial, que era difícil obter o silêncio, toda a gente escutava desta vez com atenção, os olhos brilhavam, todos os rostos na sala estavam fundidos numa única mancha clara. Em muitos lugares a leitura foi interrompida com um entusiasmo não dissimulado. No final convidaram-se as crianças a transmitir as suas opiniões e críticas. Muitas pediram a palavra. E diante dessas crianças a nossa hipocrisia envergonhou-nos. Aqueles que tinham dado à narrativa uma forma pedagógica tinham decidido não incluir a questão da contracepção, do mesmo modo que tinham resolvido nada dizer a respeito da masturbação infantil. Com grande rapidez surgiram as perguntas: «Por que razão não dizem nada do modo de evitar a procriação de filhos?», ao que um rapaz interveio rindo: «De qual quer modo, a gente já sabe». «O que é uma prostituta? Não se falou disso na história». «Amanhã vamos procurar os cristãos», diziam com entusiasmo, «estão sempre a falar de coisas desse género, com isso a gente vai apanhá-los!» «Quando sai o livro? Quanto vai custar? Será bastante barato para podermos comprá-lo e mesmo difundi-lo?» A primeira parte que se lhes tinha lido continha sobretudo esclarecimentos sobre a sexualidade, entremeados de política; o grupo de operários tinha contudo a intenção de juntar ao primeiro volume um segundo que, partindo desses problemas, devia dar às crianças algumas indicações precisas sobre os problemas da exploração e da luta de classe. Foi-lhes dito isso. «Quando sai o segundo volume? Também será assim divertido?» Um grupo de crianças alguma vez já reclamou brochuras políticas com tanto entusiasmo? Não deveríamos extrair daqui uma lição? Sem dúvida devemos fazê-lo absolutamente: *as crianças devem ser educadas no interesse pela política, pela evidenciação das suas preocupações sexuais e pela satisfação da sua curiosidade; devem adquirir o sentimento inabalável de que isso lhes não pode dar a reacção política.* E desse modo obtém-se a sua adesão em massa, conseguindo imunizá-las em todos os países contra as influências da Igreja, e — o que é mais importante — ser-lhes-á dada uma ligação afectiva profunda ao movimento revolucionário. Mas para chegar a isso, é necessário ultrapassar um primeiro obstáculo: não apenas a reacção política mas também os «moralistas» do nosso próprio campo.

Um outro campo importante do trabalho de política sexual é o esclarecimento da situação sexual que decorre do processo recente pelo qual as mulheres alemãs foram relegadas das empresas para as tarefas domésticas. Só se pode efectuar trabalho dando plenamente ao conceito da liberdade da mulher o conteúdo da liberdade sexual.

É necessário saber que muitas mulheres não são importunadas pela dependência material em relação ao homem no seio da família tomada em si mesma, mas essencialmente pelas restrições sexuais que implica. A prova é que as mulheres que conseguiram recalcar a sexualidade sem embaraço nem recriminação, não contentes em suportar essa dependência económica com facilidade e docilidade, vão ao ponto de a assumir positivamente. O despertar da consciência sexual dessas mulheres, a sua prevenção insistente contra as consequências da restrição da sua vida sexual, são as condições prévias essenciais à exploração política da sua dependência em relação ao homem. Se as organizações de política sexual não fazem bem esse trabalho, a nova vaga de repressão sexual da mulher que o fascismo implica esconder-lhe-á a consciência da sua escravização material. Na Alemanha e noutros países altamente industrializados, todas as condições prévias sociais objectivas para uma rebelião sexual impetuosa das mulheres e dos adolescentes estão dadas. Uma política sexual implacável, coerente e intrépida nesse campo faria desaparecer da superfície do globo um problema que continuamente preocupa os nossos livre-pensadores e os nossos políticos, sem que nunca encontrem a solução, a saber a predisposição incomparavelmente superior das mulheres e dos jovens para se voltarem para a reacção política. Não há campo que revele com maior clareza a função política da repressão sexual, a relação íntima que liga a vida sexual e a intensidade do recalçamento sexual às concepções e às inclinações da política reaccionária.

Para terminar, ainda uma objecção que me foi feita por uma pessoa competente depois de ler esta última parte, e cuja refutação não é coisa fácil. Eis os termos da objecção: certamente é exacto que as grandes massas estão preocupadas no mais elevado grau com as questões sexuais, que mostram por elas um vivo interesse, mas pode daí extrair-se sem mais ampla análise a conclusão de que esse interesse pode ser igualmente politizado no sentido da revolução social, que exige tantas renúncias e sacrifícios? As massas que foram atingidas pela política sexual não quererão fazer-se pagar imediatamente da letra que lhes tiver sido passada sobre a liberdade sexual? — Quanto mais o trabalho se torna difícil, mais cuidado devemos ter em escutar cada objecção que se apresenta, em reflectir nela, em dar-lhe uma resposta. Devemos evitar abandonar-nos aos nossos fantasmas revolucionários, julgando que qualquer coisa é realizável desde que tenhamos estabelecido a sua justeza teórica. O que determina o resultado do combate contra a fome não é a vontade de acabar com ela a qualquer preço, mas o facto de que sejam dadas ou não as condições prévias objectivas indispensáveis. As preocupa-

ções e a desgraça sexuais das massas de todos os países podem então ser convertidas em acção política contra o sistema social que as determina, à semelhança dos interesses materiais brutos? Apon-támos as experiências práticas tanto quanto as reflexões teóricas que incitam a pensar que aquilo que tem êxito em grupos e comícios particulares deve também necessariamente ser possível à escala das massas. Omitimos simplesmente até aqui ainda a explicação de algumas condições prévias *indispensáveis*. Para que a tarefa de integrar a política sexual à luta de classes possa ser levada a bom termo, de modo fecundo, é necessário antes de mais que seja realizada a coerência puramente política do movimento operário; sem essa condição prévia, o trabalho de política sexual só pode ser num primeiro tempo um trabalho preparatório; é absolutamente necessário por outro lado que seja criada uma sólida organização *internacional* de política sexual que instaure e garanta as possibilidades de realização prática; em terceiro lugar, é absolutamente necessário que os líderes do movimento recebam uma formação aprofundada. Quanto ao resto, não é aconselhável querer resolver antecipadamente cada problema particular. Isso só semearia a confusão e a paralisia. É da própria prática que decorrem as novas formas da prática em todos os seus pormenores. Este escrito não deveria ser atravancado com esses pormenores.

6. A apolítica

Para acabar, tratemos daquilo a que se chama a apolítica. Hitler não só baseou o seu poder no início graças a massas que até então eram pouco politizadas, realizou também na legalidade o último passo que o levava à vitória em Março de 1933 mobilizando nada menos de cinco milhões de pessoas que até então não votavam, de pessoas apolíticas portanto. Os partidos de esquerda tinham feito tudo para conquistar as massas indiferentes, sem se perguntarem em que consiste «ser indiferente ou apolítico».

Quando o proprietário de fábrica ou o grande proprietário de terras tem ideias políticas e é de direita, isso compreende-se imediatamente considerando os seus interesses económicos imediatos. Uma orientação política de esquerda opor-se-ia nele à situação social própria e deveria ser explicada unicamente pela psicologia, ou seja, ser relacionada com motivações irracionais. Quando o operário de fábrica tem uma orientação política de esquerda isso é também muito racional e consequente e tem raiz na sua posição económica e social na empresa. Mas quando operários, empregados ou funcionários

têm uma orientação política de direita, isso acontece na maior parte dos casos por falta de lucidez política, ou seja, por ignorância da sua posição social. Quanto mais se mostrar apolítico alguém que faça parte da grande massa dos trabalhadores mais será facilmente receptivo à ideologia da reacção política. Ora esse apolitismo não é, como se julga, algo como um estado psíquico de passividade, é um comportamento inteiramente activo, uma *defesa* contra a consciência política. A decomposição analítica dessa defesa contra a politização fornece dados muito claros que resolvem mais do que uma questão obscura levantada pelo comportamento das amplas massas apolíticas. Para a maioria dos intelectuais que «não querem ouvir falar de política» podem facilmente descobrir-se interesses económicos directos e angústias frente à existência, a qual depende da opinião que deles tem a grande burguesia, interesses e angústias a que sacrificam, do modo mais grotesco, saber e convicções. Entre as pessoas que se encontram num lugar qualquer do processo de produção e que, apesar disso, são apolíticas, podem distinguir-se do ponto de vista analítico dois grandes grupos. Entre os representantes de um desses grupos, a noção de política está inconscientemente associada à representação da violência e de um perigo físico, portanto a uma forte angústia que lhes proíbe orientar-se em função da realidade. Nos outros, que constituem o maior número, o apolitismo repousa no facto de estarem completamente prisioneiros de conflitos e dificuldades pessoais, entre as quais dificuldades sexuais que têm por efeito impedir que as dificuldades da existência desemboquem em consequências políticas. Quando uma jovem empregada, que tivesse razões suficientes no plano económico para ter uma consciência política, é apolítica, em 99 casos em 100 é por causa daquilo a que se chamam «histórias de amor», para falar mais seriamente porque ela está completamente prisioneira dos próprios conflitos sexuais. O mesmo exactamente acontece entre a pequena-burguesia apolítica que tem que empregar todas as suas forças psíquicas para dominar a sua situação sexual, o suficiente precisamente para que não desmorone completamente. Até hoje o comunismo desconheceu essa situação e tentou politizar as pessoas apolíticas procurando que tomassem consciência unicamente dos seus interesses económicos ainda insatisfeitos. A prática mostrou que é difícil fazer-se entender por essa massa apolítica que, pelo contrário, pode facilmente acolher os discursos místicos de um nacional-socialista sem que este lhe fale demasiado dos seus interesses económicos. Como explicar isso? Pelo facto de que os conflitos sexuais graves (no sentido mais amplo) entravam o pensamento racional na via do marxismo, que é inteiramente racional, tornam a pessoa em causa incapaz e angus-

tiada, afundam-se nas suas tripas psíquicas. Se encontra então um fascista, que utilize os meios da crença e da mística, portanto meios sexuais, libidinais, o seu interesse volta-se totalmente para ele, não porque o programa nacional-socialista lhe diga mais do que o programa comunista, mas porque, entregando-se ao «führer» e à sua ideologia, sente um alívio momentâneo da sua tensão interna permanente, porque assim pode inconscientemente dar ao seu conflito uma outra forma e desse modo resolvê-lo; isso permite-lhe mesmo eventualmente ver no fascista o comunista, em *Hitler* o *Lénine* alemão. Não é preciso ser-se psicólogo para compreender por que razão a forma do nacionalismo, fonte de excitação erótica, proporciona uma espécie de satisfação, deformada é certo, a uma pequena-burguesia desesperada no plano sexual, que nunca raciocinou em termos políticos, ou a uma juventude de balconistas que uma limitação intelectual, que os conflitos sexuais impediram de encontrar a via que leva aos rigores da política de classe. Devemos conhecer a vida, tal como decorre nos bastidores, desses cinco milhões de pequeno-burgueses apolíticos, que determinam o resultado das lutas, para compreender que papel subterrâneo, silencioso, a vida privada, ou seja essencialmente a vida sexual, desempenha na grande política ruidosa. Isso não pode ser entendido pelas estatísticas; de resto não somos adeptos fervorosos da pseudo-exactidão das estatísticas que passam ao lado da realidade da vida, enquanto *Hitler*, negando as estatísticas e explorando as escórias da miséria sexual, conquistava o poder.

O apolítico é a pessoa absorvida em conflitos sexuais. Querer conquistá-la eliminando a sexualidade, como aconteceu até agora, não só não tem saída como é o meio mais seguro de a lançar nos braços da reacção política que explora maravilhosamente as consequências da sua situação social e sexual. Um cálculo simples indica que não existe outra via a não ser politizar a sua vida privada, a sua vida sexual. Por banal que seja, essa consequência ter-me-ia feito saltar a mim também, e posso compreender que os economistas e os políticos profissionais tenham essa concepção por produto do cérebro atrofiado de um político de gabinete. Nesse caso seria necessário aconselhá-los a ir uma vez a uma reunião de política sexual e assim se convencerem de que em maioria esmagadora se trata geralmente de pessoas que até então nunca foram, ou só muito raramente foram, a uma reunião política, ainda menos a uma reunião comunista; ou de verificarem que as organizações de política sexual, a oeste da Alemanha por exemplo, são compostas em grande parte por pessoas inorganizadas e apolíticas. A presunção desses juízos é demonstrada do modo mais impressionante quando se considera o facto de que

a organização internacional do cristianismo, desde há milénios, realiza até no mais perdido centro do mundo, pelo menos uma vez por semana, uma reunião de política sexual à sua maneira — as reuniões na Igreja ao domingo não passam disso, com efeito. Desprezar ou mesmo negar esses factos significa hoje, onde já existem experiências de trabalho de política sexual e conhecimentos sobre as relações existentes entre a religião e a repressão sexual, trazer um apoio, que do ponto de vista do movimento proletário é reaccionário, à dominação da Idade Média do espírito e à exploração económica. Estamos prontos a empregar todos os meios para convencer os políticos proletários de que é necessário realizar acções neste domínio. Esperemos que a maioria dentre eles, e os mais importantes, tenham conservado a maleabilidade necessária na observação da realidade.

APÉNDICE

1. PSICOLOGIA DE MASSA DO FASCISMO, W. REICH E A UNIÃO SOVIÉTICA

A leitura atenta da notícia bibliográfica que a seguir inserimos mostra-nos desde logo o *carácter heterodoxo* de que se revestiu toda a actividade intelectual e militante de Wilhelm Reich, quer face ao movimento psicanalítico, quer perante a ortodoxia soviética do movimento comunista da época.

Durante muito tempo (até cerca de 1935, já depois, portanto, de ter sido expulso do partido comunista alemão (kPD), Reich, como muitos outros no movimento comunista mundial, encarou a revolução russa como um modelo que tinha conseguido pôr em prática, com êxito, um programa revolucionário, não apenas no campo social e político, mas ainda no campo sexual, o que assumia para ele grande importância. Em *Combate Sexual da Juventude* (1931), Reich cita, em apoio das suas próprias teses, a legislação progressista da Rússia relativa ao casamento, aborto e homossexualidade, bem como a protecção estatal aos infantários e jardins infantis.

Embora já desde 1929, quando da sua visita a Moscovo, Reich pudesse encontrar os primeiros sinais da oposição comunista às suas concepções psicanalíticas, só em 1933, em *O que é a consciência de classe?*, começa Reich a pôr em causa a direcção do partido comunista, mantendo ainda, no entanto, a distinção entre essa direcção e o partido propriamente dito, de tipo bolchevique, a que continuava ligado. Já depois de expulso, e embora por 1934 já tivessem sido reprimidos os últimos vestígios da revolução sexual russa e da sua legislação progressiva, Reich continua a acreditar no modelo soviético. Só em 1935, em *A nova vida na União Soviética*, analisa ele pormenorizadamente os pontos em que a revolução falhara na prossecução de novas formas de vida sexual e social, continuando no entanto a responsabilizar ainda, mais a direcção do partido do que propriamente as raízes políticas e económicas dessa contra-revolução, das quais se não apercebe então.

Na edição de *A Revolução Sexual* de 1945 (re-escrita por Wilhelm Reich já depois do seu período europeu, e reeditada em 1962 pelo Wilhelm Reich Infant Trust Fund, edição que serviu de base à tradução francesa da Librairie Plon, de 1968, e à sua reedição na colecção 10/18, em 1970), Reich dedica toda a segunda parte do livro ao tema «A luta pela *nova forma de vida* na União Soviética», começando por expôr as tentativas de abolição da família e de revolução sexual, com relevo para a legislação progressiva, para logo analisar de que modo se instalou a contra-revolução.

No início dessa segunda parte, Reich insere uma nota prévia acerca do «regresso aos métodos autoritários na U. R. S. S.». Aí ele fala do restabelecimento da lei punitiva da homossexualidade (1934) e da perseguição feita aos homossexuais; da dificuldade cada vez maior de que se revestia o aborto, cada vez mais combatido; das dificuldades da juventude soviética frente aos velhos médicos e altos funcionários e ao restabelecimento da ideologia ascética; do regresso à família coercitiva; do abandono das perspectivas pedagógicas libertadoras, do regresso aos métodos autoritários nas escolas. E conclui: «Em resumo, descobrimos *uma asfixia (Bremsung, inibição) da revolução sexual soviética, mais ainda, uma regressão à regulamentação moralizadora e autoritária da vida sexual*».

Psicologia de Massa do Fascismo na versão por nós editada, veio a público em 1933. Deverá portanto o leitor ter particularmente em conta *essa data*, para nela situar todas as referências do autor à União Soviética. Por outro lado, quando W. Reich fala de *comunismo* e de *Partido (s) comunista (s)* refere-se a conceitos e realidades que nada têm de comum com aquilo que predominantemente por essa forma se designa na actualidade.

P. E.

2. NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA SOBRE WILHELM REICH

- 1897 — Wilhelm Reich nasce a 24 de Março, na Galitzia, região ucraniana do império austro-húngaro, filho de camponeses de língua alemã.
- 1914 — Morte do pai. — Participa nos trabalhos do campo, ao mesmo tempo que prossegue os estudos.
- 1915 — Obtém o seu primeiro diploma em Ciências Naturais. — É mobilizado para o exército austríaco (nacionalidade que conservará até 1938) e perde todos os bens com o fracasso da guerra, se bem que se gradue em tenente.
- 1918 — Ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena, levando uma vida muito austera e estudiosa.
- 1919 — Janeiro: começa a frequentar o Seminário de Sexologia. — Pelo fim do ano é eleito director desse seminário. — Primeira visita a Freud.
- 1920 — Ingressa na Sociedade Vienense de Psicanálise, fundada por Sigmund Freud. — Estuda a especialidade de neuro-psiquiatria com o professor Wagner-Jauregg. — Publica o seu primeiro trabalho.
Der Koitus und die Geschlechter (O coito e os sexos) em «Zeitschrift für Sexualwissenschaft».
- 1922 — Recebe o título de doutor em medicina. — Abre um gabinete de psicanalista. — Torna-se primeiro assistente de Freud na Policlínica Psicanalítica.

1923 — Novembro: apresenta o seu primeiro estudo sobre o que viria a ser «A função do orgasmo», uma conferência intitulada «A genitalidade do ponto de vista do prognóstico e a terapêutica psicanalítica», que depara com sérias objecções. *Zur Trieb-Energetik* (Sobre a energética do instinto), em «Zeitschrift für Sexualwissenschaft».

1924 — É nomeado director do Seminário de Psicoterapia da policlínica, cargo em que se manterá até 1930), onde pronuncia conferências sobre as suas teorias bio-psiquiátricas a propósito da etiologia social das neuroses. — A sua exposição do conceito «potência orgástica» no Congresso Psicanalítico de Salzburgo constitui a sua primeira fissura com a psicanálise Ortodoxa.

Der Tic als Onanieäquivalent, (O tique como equivalente do onanismo) em «Zeitschrift für Sexualwissenschaft». *Ueber Genitalität* (sobre a genitalidade) em «Internationaler Zeitschrift für Psychoanalyse».

1925 — *Die Therapeutische Bedeutung der Genitallibido*, (O significado terapêutico da libido genital) em «Internationaler Zeitschrift für Psychoanalyse». *Der triebhafte Charakter — Eine Studie zur Psychopathologie des Ichs* (O carácter pulsional — Um estudo sobre a psicopatologia do Eu), «Internationaler Psychoanalytischer Verlag», Viena.

1926 — Dezembro: pronuncia uma conferência sobre a análise das resistências (courageas caracterológicas) à qual Freud assiste para, no fim, não admitir a sua teoria. — Orienta-se para uma profilaxia das neuroses pela liberdade sexual.

Über die Quellen der neurotischen Angst (Sobre a origem da neurose da angústia), em «Internationaler Zeitschrift für Psychoanalyse».

1927 — *Die Rolle des Genitalität in der Neurosen-therapie*, (A função da genitalidade na terapia das neuroses) em «All. Arztl. für Psychotherapie».

Ingressa no Partido Comunista austríaco. — Assiste ao X Congresso psicanalítico Internacional celebrado em Innsbruck. *Strafbedürfnis und neurotischer Prozes*, em «Internationaler Zeitschrift für Psychoanalyse».

Eltern als Erzieher, em «Zeitschrift für Psychoanalyse Pädagogik». *Die Funktion des Orgasmus — Psychopathologie des Geschlechtslebens* (A função do orgasmo — Uma psicopatologia da sexualidade), Internationaler Psychoanalytischer Verlag, Viena.

1928 — É nomeado subdirector da Policlínica Psicanalítica (sê-lo-á até 1930). — Funda, em Viena, uma «Sozialistische Gesellschaft für Sexualberatung und Sexualforschung» (Sociedade Socialista de Informação e Investigação Sexuais).

Ueber Charakteranalyse (A propósito da análise caracterial), em «Internationaler Zeitschrift für Psychoanalyse».

1929 — Janeiro: cria numerosos centros de higiene sexual em Viena, que ganham grande afluência de pessoas ansiosas por conhecer o sexo. — Viagem à U. R. S. S.

Der genitale und der neurotische Charakter (O carácter genital neurótico), em «Internationaler Zeitschrift für Psychoanalyse».

Sexualregung und Sexualbefriedigung (Tensão e satisfação sexuais), Münster-Verlag, Viena. *Dialektischer Materialismus und Psychoanalyse* (Materialismo dialéctico e psicanálise), Münster-Verlag, Viena (Publicado simultaneamente em «Under dem Banner des Marxismus» — Sob a bandeira do Marxismo —, Moscovo.

1930 — Setembro: estabelece-se em Berlim onde pronuncia conferências na Clínica Psicanalítica e na Universidade Operária dependente do P. C. alemão.

Geschlechtesreife, Enthaltbarkeit, Ehemoral — Eine Kritik der bürgerlicher Sexualreform (Maturidade sexual, continência, moral matrimonial — Uma crítica da reforma sexual burguesa), Münster-Verlag, Viena.

1931 — Funda a SEXPOL (Associação para uma política sexual proletária) que rapidamente se expande por toda a Alemanha até contar 20 mil membros (cifra que duplicará um ano mais tarde); chegará a ter ramificações em todos os centros industriais do país e o seu êxito causará alarme ao Comité Central do Partido, ocasionando inclusive a intervenção da polícia; Reich integra todas as suas preocupações: conciliar as descobertas do jovem Freud com a praxis revolucionária, fazer com que isso seja útil para o proletariado e conseguir que este lute pela sua emancipação económica e política ao mesmo tempo que pela sua libertação sexual.

1932 — Aumenta a tensão com os dirigentes do P. C., que tentam neutralizá-lo oferecendo-lhe um cargo — que ele recusa — num comité político. — Março: com o objectivo de se emancipar de qualquer tutela ou pressão funda a sua própria editora, a Verlag für Sexualpolitik (Edições de Política Sexual), que logo instalará em Copenhaga com o título de «Sexpol-Verlag». — Outubro: — o «Roger Sport» — diário das Juventudes Comunistas — toma oficialmente partido contra Reich proibindo a difusão dos seus textos, principalmente dos opúsculos nesse ano editados: «*O triângulo de giz — Revelação dos segredos dos adultos*», destinado às crianças, e «*Quando o teu filho te interroga*» destinado aos pais, que têm grande êxito nas bases do Partido, apesar da radical condenação emitida pela direcção cultural do mesmo. — Publica, precisamente numa revista dirigida por Freud, um artigo atacando a interpretação freudiana do masoquismo:

Der masochistische Charakter (O carácter masoquista), em «*Internationaler Zeitschrift für Psychoanalyse*».

Der sexuelle Kampf der Jugend (O combate sexual da juventude), Verlag für Sexualpolitik, Berlim, Viena, Leipzig.

Der Einbruch der Sexualmoral — Zur Geschichte der sexuellen Oekonomie (A irrupção da moral sexual — Sobre a história da economia sexual), Verlag für Sexualpolitik, Berlim, Viena, Leipzig.

1933 — A chegada ao poder dos nazis obriga-o a fugir da Alemanha em Abril: primeiro refugia-se em Viena, onde os colegas não lhe dão atenção por considerarem que a política nada tem a ver com a ciência, e onde até Freud o evita por ser «comunista» e porque usou a psicanálise «com fins alheios à sua essência»; na universidade, os alunos são aconselhados a não assistir às suas aulas, mas não lhe impedem a entrada. — 1.º de Maio: Chega a Copenhaga, depois de ter decidido abandonar Viena. — Viagem a Londres — encontro com Malinowski a afirmação do seu interesse pelas experiências de laboratório sobre o orgasmo — Paris, Áustria, Checoslováquia e Polónia. — Toma conhecimento de que foi expulso do P. C. alemão, por causa das suas críticas à actuação desse partido diante da irrupção do nazismo. — No final do ano é instado a abandonar a Dinamarca, acusado de suposto «agente provocador» pelo Comité do Partido e de indesejável revolucionário pelas forças direitistas. — O regime hitleriano inscreve no seu Índice de livros «*O Combate sexual da juventude*.

Charakteranalyse — Technik und Grundlagen — Für studierende und praktizierende Analytiker (Análise caracterial — A sua técnica e bases — Para analistas futuros e em exercício), Sexpol-Verlag, Copenhaga (A parte técnica data, no essencial, do inverno de 1928-1929).

1934 — Estabelece-se em Malmöe. Junho: depois de ser obrigado a abandonar a Suécia, estabelece-se em Oslo (onde residirá cinco anos, inicialmente com o pseudónimo de Peter Stein), em cuja universidade (Instituto de Psicologia) se entrega aos seus estudos de biogénese, crendo ter descoberto um fenómeno novo relativo à natureza bioeléctrica de certos influxos nervosos. — Agosto: assiste ao XIII Congresso da Associação de Psicanálise celebrado em Lucerna — ao qual traz uma comunicação sobre «Contacto Psíquico e Corrente Vegetativa» —, onde lhe comunicam que foi expulso da Associação alemã e da internacional.

Massenpsychologie des Fascismus — Zur Sexualoekonomie der politischen Reaktion und zur proletarischen Sexualpolitik (A psicologia de massas do fascismo — Sobre a economia sexual da reacção política e sobre a política sexual proletária), Sexpol Verlag, Copenhaga.

Was ist Klassenbewusstsein? — Ein Beitrag zur Diskussion über die Neuformierung der Arbeiterbewegung (O que é a consciência de classe? — Uma contribuição para o renascimento do movimento operário), em «*Politisch-psychologische Schriftenreihe*», número 1, Sexpol-Verlag, Copenhaga, Praga, Zurique. (publicado com o pseudónimo de *Ernst Parzall*). *Dialektischer Materialismus und Psychoanalyse* (Materialismo dialéctico e psicanálise), em «*Politisch-psychologische Schriftenreihe*», número 2, Sexpol-Verlag, Copenhaga, Praga, Zurique (Reedição do texto de 1929, acrescentado com novas notas e com «Sobre a aplicação da psicanálise à investigação histórica»).

Der Urgegensatz des vegetativen Lebens (A arqui-antinomia da vida vegetativa), em «*Zeitschrift für politische, Psychologie und Sexualoekonomie*», números. 1, 2 e 3/4.

1935 — Escorrega para um progressivo delírio, paranóico, produto do carácter implacável das suas descobertas, da constante atmosfera de polémicas e intromissões vividas desde 1925 e do êxito do fascismo a partir de 1933. — Entrega-se, com febril

paixão, às suas observações sobre o efeito produzido no potencial eléctrico da pele e das mucosas quando submetidas a excitações específicas, bem como à sua crescente obsessão pelo biológico, que o levaria até à biofísica e, finalmente, à física pura; entretanto, os seus escritos médicos e sociológicos tornam-se cada vez mais raros e abstractos.

Psychister Kontakt und Vegetative Strömung (Contacto psíquico e corrente vegetativa), em «Abhandlungen zur personellen Sexualoekonomie», núm. 3, Sexpol-Verlag, Copenhaga. Reedição aumentada de «A irrupção da moral sexual...» (publicado em 1932) Sexpol-Verlag, Copenhaga.

Religiön, Kirche Religionstreit in Deutschland (Religião, Igreja e querela religiosa na Alemanha), em «Politisch-psychologische Schriftenreihe», número. 3, Sexpol-Verlage, Copenhaga (Publicado com o pseudónimo de *Karl Teschitz*).

1936 — Descobre os biões.

Die Sexualität im Kulturkampf — Zur sozialistischen Umstrukturierung des Menschen (A sexualidade no combate cultural — A propósito da reestrutura socialista do homem), reedição, aumentada, de «Maturidade sexual, continência, moral matrimonial...» (publicado em 1930), Sexpol-Verlag, Copenhaga.

1937 — *Experimentelle Ergebniss über die elektrische Funktion von Sexualität und Angst* (Resultados experimentais a propósito da função eléctrica da sexualidade e da angústia), em «Abhandlungen zur personellen Sexualoekonomie», núm. 4, Sexpol-Verlage, Copenhaga. *Orgasmusreflex, Muskelhaltung und Körperausdruck — Zur Technik der charakteranalytischen Vegetotherapie* (Reflexo orgástico, tónus muscular e expressão corporal — Sobre a técnica da vegetoterapia caracterial) e *Der dialektische Materialismus in der Lebensforschung — Bericht über die Bion-Versuche* (O materialismo dialéctico na investigação sobre a vida — Informe acerca da experiência sobre os biões), em «Abhandlungen zur personellen Sexualoekonomie», núm. 5, Sexpol-Verlag, Copenhaga.

1938 — *Die Bione* (Os biões) em «Klinische und experimentelle Berichte» núm. 6, Sexpol-Verlag, Copenhaga.

1939 — Descobre o órgon cósmico. Aceita um convite do dr. Theodore P. Wolfe, porta-voz da Sociedade Americana de Medicina Psicanalítica, e muda-se para os Estados Unidos. — Trabalha como professor na New School for Social Research, de New York (até 1941). — Aprofunda as pesquisas biofísicas convencido de que as suas últimas descobertas «conferem às nossas investigações sociais uma base sólida de ciências naturais», e progressivamente renuncia ao ideal revolucionário marxista em favor de uma «democracia do trabalho», curiosa mistura de reformismo cientificista e de crítica radical da ordem autoritária.

Bion Experiments on the Cancer Problems. Drei Versuche am statistischen Elektroskop (Experiências sobre os biões a propósito do problema do cancro. Três ensaios com o electrosópio estático), em «Klinische und experimentelle Berichte» núm. 7, Sexpol-Verlag, Copenhaga.

1940 — Funda uma editorial, a «Orgone Institute Press» e uma revista intitulada «Orgone Energy Bulletin».

1941 — Janeiro: entrevista com Albert Einstein, que, ao que parece, não o tomou a sério. — O F. B. I. (Federal Bureau of Investigations) tomou, segundo as suas próprias palavras, «a investigação orgónica por uma actividade de espionagem alemã (ou russa?) e colocou-o sob custódia (como «estrangeiro inimigo»)... acusado de actividade subversivas».

1942 — Adquire uns terrenos em Forest Hills, New York, onde instala o seu laboratório do «Orgone Institute», graças aos importantes meios financeiros de que dispõe. — Funda o «International Journal of Sex-Economy and Orgone Research» (que se publicará até 1945). — A partir de então, constrói uma cosmogonia, aparentemente delirante (mas realmente inexplorada), baseada no órgon, essa espécie de cosmos de energia vital.

The Function of the Orgasm: Sex-Economic Problems of Biological Energy — Vol. I or The Discovery of the Orgone (A função do Órgasmo: A descoberta de Orgone. Problemas económico-sexuais da energia biológica), Orgone Institute Press, New York.

- 1944 — Parte da teoria das suas recentes descobertas à prática, lançando no mercado uns «acumuladores de orgones» destinados a abrir novos caminhos no diagnóstico e terapêutica da maioria das doenças funcionais («biopatias»), incluindo o cancro.
The «living production power, working power» of Karl Marx (A «força da produção viva, força de trabalho» de Karl Marx), em «International Journal of Sex-Economy and Orgone Research», núm. 3, Orgone Institute Press, New York.

Orgonotic Pulsation (Pulsação orgonótica), em «International Journal of Sex-Economy and Orgone Research», Orgone Institute Press, New York.

- 1945 — *The Emotional Plague* (A peste emocional) em «International Journal of Sex-Economy and Orgone Research», Orgone Institute Press, New York.

The Sexual Revolution—Toward a self-governing character structure (A revolução Sexual — Para uma autonomia caracterial do homem), versão americana — revista e corrigida pelo autor — de «A sexualidade no combate cultural...» (publicado em 1936), Orgone Institute Press, New York.

Analysis of Character (Análise do carácter), versão americana — revista e corrigida pelo autor — de «Análise Caracterial...» (publicado em 1933) e de «Contacto psíquico e corrente vegetativa» (publicado em 1935), aumentado com «O sofrimento emocional» (publicado nesse mesmo ano), Orgone Institute Press, New York.

- 1946 — *The Mass Psychology of Fascism* (A psicologia de massa do fascismo), versão americana — revista, corrigida e aumentada pelo autor com uma crítica das teses leninistas de «O Estado e a Revolução» e com uma análise do «capitalismo de Estado soviético» como antípoda da verdadeira «democracia do trabalho» socialista — do livro homónimo (publicado em 1934), Orgone Institute Press, New York.

- 1948 — *The Biopathy — Vol. II of the Discovery of the Orgone* (Biopatia do Cancro — A Descoberta do Órgon), Orgone Institute Press, New York.

Listen, Little Man! (Escuta, homem da rua!) (escrito em 1946), Orgone Institute Press, New York.

- 1949 — Os seus discípulos convertem «Orgone Institute na «Wilhelm Reich Foundation», que instalam em Rangeley, no estado do Maine.

- 1951 — *Ether, God, and Devil* (O Céu, Deus e o Diabo), Orgone Institute Press, New York.

- 1953 — *People in Trouble* (Gente Angustiada), autobiografia que vai desde 1927 até 1937 (escrita em Oslo), Orgone Institute Press, New York.

The Murder of Christ (O assassinio de Cristo), Orgone Institute Press, New York.

- 1954 — A «Federal Food and Drug Administration» instruiu-lhe, amparando-se — como justificação — nas leis federais sobre a venda de objectos terapêuticos, um processo de evidente cariz político e que pode considerar-se inserido na recém-iniciada «caça às bruxas» de MacCarthy. Reich não se apresenta no julgamento (alegando que se nega a ser «acusado» por questões de ciências naturais e biológicas, e que só responderá diante dos cientistas, não diante de juizes: envia um «Memorando ao juiz federal de Maine) e é condenado a cessar todas as suas actividades médicas, além de que *todos* os seus livros são proibidos.—A dura condenação, assim como a campanha de imprensa empreendida contra este ex-comunista e progressista estrangeiro, demonstram o excelente alvo que Reich constitui para extrema direita norte-americana.

- 1957 — 11 de Março: é preso na penitenciária federal de Lewisburg (Pensilvânia).

Contacte with Space (Contacto com o espaço), Orgone Institute Press, New York.

3 de Novembro: morre naquela penitenciária, com um enfarte.

- 1960 — 17 de Março: a condenação contra Wilhelm Reich é confirmada por decisão judicial e os representantes da «Federal Food and Drug Administration» queimam algumas das suas publicações.

Até hoje, a «W. R. Infant Trust Fund», herdeira testamentária da sua obra, controla e supervisa a reedição dos seus

textos, mantendo na obscuridade a maioria deles. Quanto aos primeiros — e melhores, segundo quem os conhece — escritos de Reich, editados em alemão, é como se tivessem desaparecido sem possibilidades de reedição.

* * *

Para tranquilidade da sociedade burguesa, o grande pensador e investigador corrosivo que foi Wilhelm Reich morrerá depois de «ficar louco», e a sua obra não tinha sido enterada, mas destruída para a posteridade, ante a impassibilidade e a indiferença do mundo. Contudo, não se esperava que um dia saíssem à luz as suas implacáveis teorias. Terá chegado esse dia? A obra deste homem, honesto como poucos, será correctamente aproveitada?

INDICE

5	<i>Prefácio à Primeira Edição</i>
	CAPÍTULO I
9	<i>A Ideologia como Poder Material</i>
	CAPÍTULO II
35	<i>A Ideologia da Família na Psicologia de Massa do Fascismo</i>
	CAPÍTULO III
73	<i>A Teoria Racial</i>
	CAPÍTULO IV
93	<i>O Simbolismo da Cruz Gamada</i>
	CAPÍTULO V
99	<i>Os Pressupostos de Economia Sexual da Família Burguesa</i>
	CAPÍTULO VI
109	<i>A Igreja como Organização Internacional da Política Sexual do Capital</i>
	CAPÍTULO VII
131	<i>Os Pressupostos da Prática de Política Sexual na Luta contra a Religião</i>
	CAPÍTULO VIII
149	<i>Alguns Problemas de Prática da Política Sexual</i>
	APÊNDICE
183	1. <i>A Psicologia de Massa do Fascismo, W. Reich e a União Soviética</i>
185	2. <i>Notícia Bibliográfica sobre Wilhelm Reich</i>